

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

FRANZ E. PASSOS PRÖGLHÖF JR.

LÁPIDES VIRTUAIS:
ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A MORTE NA REDE SOCIAL ORKUT

São Caetano do Sul
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

--

FRANZ E. PASSOS PRÖGLHÖF JR.

LÁPIDES VIRTUAIS:
ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A MORTE NA REDE SOCIAL ORKUT

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Elias Estevão Goulart

São Caetano do Sul
2013

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
Campus II – R. Santo Antonio, 50 – Centro – São Caetano do Sul – (SP)

Reitor:

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa:

Gestor do Programa de Mestrado em Comunicação:

Dissertação defendida e aprovada em 19/02/2013 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Elias Estevão Goulart

Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo

Profa. Dra. Elizabeth Moraes Gonçalves

EPÍGRAFE

*Who will tell the story of your life?
And who will remember your last goodbye?*

Black Veil Brides - In The End

AGRADECIMENTOS

Ao Oswaldo Mammana Neto, amigo, irmão e eterno companheiro, por todo o apoio incondicional;

À minha mãe, Maria Aparecida, por todo o carinho;

À Tita, à Tia Márcia e à minha avó Regina por tanto cuidado;

Aos meus irmãos Stephen Phillip e Tatiana Luiza pela presença e alegria;

À minha sobrinha Larissa pelos sorrisos;

Ao meu pai, Franz, pelas aventuras!

Às professoras Beth Gonçalves e Adriana Azevedo, que tanto me inspiraram;

Ao PET Comunicação UMESP pela maravilhosa experiência;

E, claro, a cada um dos ex-petianos!

Aos grupos COLING, ETICO e LEM-USP;

A todos os professores do Mestrado da USCS,

Elias, Priscila, Regina, Gino, Arquimedes, Herom, Roberto Elísio e João Batista;

E a todos os colegas de curso!

À Elaine Alves pelas reflexões;

À Juliana Milena pela ajuda;

À Adriana Peres pela simpatia;

E ao Lívio Lima, Eneida Aragão, à Ziza, à Mônica Hoera e ao João Vicente Bertomeu pelo incentivo!

À Faenac/Anhanguera pelas oportunidades;

Aos queridos Ewerton Visotto, Tânia Fukushima, Andrea Quirino, Thiago Bertoldo,

Moacyr Vezzani, Denis Tuono, Manoela Dalmazio, Karen Cruz, Aparecida Ribeiro,

Rosângela Orlandi, Deise Cavignato, Rogeria, Loly, Luciano, Vitória e Milani pelas

risadas e pela ótima companhia no dia a dia;

E aos amigos de festa, do presente e do passado recente!

A participação de vocês foi fundamental! Meus sinceros agradecimentos! ^^

DEDICATÓRIA

A todas vocês, pessoas fantásticas, que foram meus alunos entre 2005 e 2012.

Enquanto professor, espero ter contribuído de alguma forma com a construção do conhecimento em cada um de vocês! Mas enquanto pessoa, obrigado por tudo que me ensinaram no convívio dia a dia! Saibam que foi muito mais do que eu poderia lhes ensinar!

Encerro mais um belo período na minha vida e todo o aprendizado ao longo desses últimos 8 anos eu levarei comigo para sempre! 😊

RESUMO

Como parte das amplas transformações a que estão submetidas as sociedades pós-modernas, as tecnologias digitais da comunicação potencializam as capacidades humanas e expandem a produção e compartilhamento de capital social, sobretudo nos ambientes das redes sociais virtuais. A partir das apropriações tecnológicas, as noções de comunidade, identidade, cultura, vida, memória e até mesmo morte assumem contornos mais fluidos e possibilitam o desenvolvimento de inovações nas formas de interação e representação social, não mais restritas à territorialidade. A presente pesquisa analisa as narrativas produzidas a respeito da morte de usuários de redes sociais virtuais cujo perfil digital permanece disponível. O objetivo foi analisar uma relação de tópicos de um fórum baseado no Orkut para elucidar os discursos sobre a morte no interior da comunidade virtual 'Profiles de Gente Morta'. Para tanto, foi realizado um estudo de caso da comunidade e, a partir da composição de um *corpus*, as postagens do fórum foram submetidas à análise de discurso. Os resultados mostraram ricas e diversificadas abordagens do tema, ora aproximando os usuários da reflexão sobre a finitude, ora conduzindo-os às interdições que cercam a morte no imaginário.

Palavras-Chave:

Comunicação, Inovação, Tecnologias Digitais, Morte, Redes Sociais Virtuais.

ABSTRACT

As a part of the massive changes the post-modern societies are submitted to, the digital communication technologies potentializes human skills and expands the production and sharing of social capital, particularly in the environments of virtual social networks. Based on the technological appropriation, the concepts of community, identity, culture, life, memory and even death assume fluid outlines and enable the development of innovations in the ways of social interaction and representation, no longer restricted to geographical territoriality. This study investigates the narratives produced about the death of virtual social network users whose profiles remains available in digital interfaces. The objective was to analyze a topics compilation from Orkut's forum to elucidate the discourses on death within the virtual community 'Profiles de Gente Morta'. Therefore, was performed a case study of the community and, from the composition of a corpus, the forum posts were subjected to discourse analysis. The results showed rich and diversified approaches of the theme, sometimes nearing users into a reflection about the finitude, sometimes leading them to the interdiction that surrounds the death in the imaginary.

Keywords:

Communication, Innovation, Digital Technologies, Death, Virtual Social Networks

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Principais usos da Internet no Brasil	83
Tabela 02 – Classificação de comunidades virtuais	92
Tabela 03 – Categoria acidente	119
Tabela 04 – Categoria suicídio	119
Tabela 05 – Categoria enfermidade	120
Tabela 06 – Categoria homicídio	120

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Visitantes do Orkut e do Facebook (por 1000 usuários) _____	84
Figura 02 – Conexão e relações sociais na Internet _____	94
Figura 03 – Comunidade PGM – Profiles de Gente Morta do Orkut _____	105
Figura 04 – Grupo PGM do Facebook (fevereiro de 2012) _____	108
Figura 05 – Grupo PGM do Facebook (novembro de 2012) _____	108
Figura 06 – Nova comunidade Profiles de Gente Morta do Orkut _____	109
Figura 07 – Fórum da comunidade Profiles de Gente Morta _____	110
Figura 08 – Comunidade Moderação PGM _____	112
Figura 09 – Tópico -Paulla Ferreira- Complicações da Diabetes _____	122
Figura 10 – Tópico -Vanessa Gonçalves Neto- Câncer neuroendocrino _____	123
Figura 11 – Tópico -Priscila Foquinha Charpinel- Câncer _____	124
Figura 12 – Tópico -Israel Pereira Guski- Assas. pelo pai _____	125
Figura 13 – Tópico -Natália Neves- Suicídio _____	126
Figura 14 – Tópico -Beatriz Rangel- Pneumonia/Tuberculose – pt.01 _____	127
Figura 15 – Tópico -Beatriz Rangel- Pneumonia/Tuberculose – pt.02 _____	127
Figura 16 – Tópico -Natália Regiele- Coma alcoólico _____	128
Figura 17 – Tópico -Ketlyn Schiavi- Leucemia _____	128
Figura 18 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.01 _____	130
Figura 19 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.02 _____	132
Figura 20 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.03 _____	133
Figura 21 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.04 _____	134
Figura 22 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.05 _____	135
Figura 23 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.06 _____	136
Figura 24 – Tópico -Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.07 _____	138
Figura 25 – Tópico -Meryene Davassi- Suicídio – pt.01 _____	139
Figura 26 – Tópico -Meryene Davassi- Suicídio – pt.02 _____	141
Figura 27 – Tópico -Meryene Davassi- Suicídio – pt.03 _____	142
Figura 28 – Tópico -Meryene Davassi- Suicídio – pt.04 _____	143
Figura 29 – Tópico -Meryene Davassi- Suicídio – pt.05 _____	144
Figura 30 – Tópico -Meryene Davassi- Suicídio – pt.06 _____	145
Figura 31 – Tópico -Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.01 _____	148
Figura 32 – Tópico -Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.02 _____	149
Figura 33 – Tópico -Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.03 _____	151
Figura 34 – Tópico -Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.04 _____	154
Figura 35 – Tópico -Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.05 _____	155
Figura 36 – Tópico -Aline Zapora- Assassinada – pt.01 _____	157
Figura 37 – Tópico -Aline Zapora- Assassinada – pt.02 _____	158
Figura 38 – Tópico -Aline Zapora- Assassinada – pt.03 _____	159
Figura 39 – Tópico -Aline Zapora- Assassinada – pt.04 _____	160
Figura 40 – Tópico -Aline Zapora- Assassinada – pt.05 _____	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I. A MORTE NO IMAGINÁRIO SOCIAL	19
1.1. Breve História da morte no Ocidente	20
1.2. Representações da morte: da expectativa ao luto	31
1.3. (I)mortalidade simbólica: mitos, registro e esquecimento	35
II. IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	44
2.1. Fronteiras globais	45
2.2. Global x local: identidades fluidas	51
2.3. História, memória e patrimônio	58
2.4. Relatividade na comunidade	62
III. COMUNICAÇÃO E DESMATERIALIZAÇÕES NA REDE	69
3.1. Tecnologias: filias, fobias e extensões	71
3.2. Internet, interações e interfaces	75
3.3. Redes sociais na Internet	77
3.4. Redes sociais no Brasil	81
3.5. Perfis Digitais	85
3.6. Comunidade Virtual	90
3.7. Laço social e capital social	93
IV. ESTUDO DE CASO: PROFILES DE GENTE MORTA	97
4.1. Fantasmas e lápides virtuais	98
4.2. A (primeira) PGM	104
4.3. Profiles de Gente Morta não morreu	110
V. ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A MORTE	113
5.1. Plano de análise	114
5.2. Protocolo de análise	117
5.3. Detalhamento do corpus	118
5.4. Diagnóstico	120
5.5. Análise de discurso – Categoria acidente	128
5.6. Análise de discurso – Categoria suicídio	138
5.7. Análise de discurso – Categoria enfermidade	146
5.8. Análise de discurso – Categoria homicídio	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
ANEXOS	175

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, a humanidade foi convidada a repensar as mudanças, às vezes bruscas, ocorridas em estruturas e papéis sociais que outrora pareciam firmes e confortáveis: relações de trabalho, individualidade, coletividade, tempo, espaço, política, elos familiares, etnia, comunidade, sexualidade entre outros. Diversas transformações na esfera sociocultural são advindas dos processos de globalização e da expansão tecnológica.

Na chamada Sociedade Pós-Moderna nos deparamos com novos paradigmas socioculturais em cuja base protagonizam as tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Em contrapartida à rigidez da ordem até então vigente, as sociedades contemporâneas vivenciam uma situação de flexibilidade e fluidez (BAUMAN, 2001). A realidade e o presente se tornaram mais voláteis, inconstantes e dinâmicos e as ideias de identidade, memória e pertencimento são submetidas a processos de reconstrução. São constantes as lutas travadas entre tradição e inovação, fragmentação e homogeneização, desterritorialização e realocação, vida urbana e vida rural, democracia e espaços públicos para o seu exercício (VARGAS; GOULART, 2008).

O ser humano se relaciona com a tecnologia de maneira recíproca: ele a modifica e também é modificado por ela (MCLUHAN, 2005). O domínio da miniaturização de componentes de hardware, na década de 1970, e o desenvolvimento de software e sistemas operacionais com interfaces cada vez mais amigáveis, a partir da década de 1980, contribuíram para que a informática se tornasse cada vez mais acessível. A partir da apropriação desses recursos tecnológicos, o cidadão passou a ter à disposição inúmeras facilidades para o trabalho, dispositivos de armazenamento de dados (e de memória) e meios de entretenimento através dos computadores pessoais. Na década de 90, a popularização da Internet incrementou as possibilidades de interação social por meio do acesso à rede mundial de computadores, ignorando a questão geográfica como empecilho e colocando o usuário nos ambientes interativos de fóruns, *chats* e comunidades virtuais.

Posteriormente, a disponibilização de serviços de redes sociais virtuais e sua rápida aceitação por parte do público internauta foram responsáveis por inovações no

modo como nos comunicamos e como interagimos socialmente. As tecnologias da informação e da comunicação afetam a estrutura dos processos comunicativos e dos conteúdos simbólicos. Para Pereira (2011, p. 90), “tanto linguagens quanto tecnologias acabam por funcionar como extensões da memória e da comunicação”. Aceitar a mediação tecnológica na prática comunicacional cotidiana implica aceitação de suas contribuições, formatos, e peculiaridades no que tange à interação social, dinamizando os processos comunicativos e transformando a nossa forma de contemplar a realidade: vemo-nos cada vez mais transformados em/pela informação.

No gigantesco universo das redes sociais virtuais, a interação entre usuários se desenvolve por meio de seu(s) respectivo(s) perfil(is) digital(is), uma espécie de elemento representante criado, caracterizado e mantido pelo internauta no interior dos ambientes virtuais. O perfil digital funciona como uma segunda pele ou, conforme falava McLuhan (2005), como uma extensão do próprio corpo e mente do indivíduo. Muito além de um simples cadastro, é, simultaneamente, meio e mensagem (ibidem). Para que usuário tenha acesso à rede social é preciso criar esse ‘boneco’ de bits, que comumente reúne um pequeno acervo de informações hipermidiáticas e autobiográficas a respeito do seu proprietário.

Diante dessas características, uma pequena, porém delicada e incômoda, questão filosófica se instala: o ser humano é mortal por natureza, mas seus vestígios e representações na rede mundial de computadores são potencialmente permanentes. Nessa perspectiva, os registros deixados pelos falecidos nos perfis digitais, geralmente hospedados por tempo indeterminado em uma rede social na Internet, ‘estacionaram’ no tempo, pois não mais serão alimentados pelas cotidianas atualizações de status, fotos, notícias e vídeos.

Nessa situação, nem que seja por um curto período de tempo, a morte então retoma o centro das atenções. Os perfis de falecidos deveriam ser apagados e simbolicamente enterrados, assim como acontece com seu corpo físico? Ou devem ser mantidos no ciberespaço como uma recordação aos familiares e amigos? Tais questões, que envolvem valores deveras particulares, não serão respondidas no presente estudo, mas servem para ilustrar brevemente uma situação tecnossocial inovadora: os medos arcaicos, ritos, mitos e crenças sobre a morte, que povoam tanto o imaginário coletivo e quanto o inconsciente individual, emergem, no presente, também em ambientes digitais. Mas como esses elementos do imaginário em torno da morte se manifestam nas narrativas dos usuários de redes sociais? Essa é a questão norteadora da presente

pesquisa. A despeito da morte em nossas sociedades ter se tornado um tema interdito, evitado a todo custo e amplamente revestido por tabus (ARIÈS, 2003), é importante recordar que as redes sociais virtuais, não são habitadas por *software* e interfaces, mas por milhões de pessoas, que se auto-representam e se comunicam energicamente. É fato que muitas pessoas, usuárias ou não das redes sociais virtuais, morrem diariamente. A vida é finita por natureza, mas os vestígios dos usuários e suas representações digitais, armazenados nas redes sociais da Internet, são potencialmente permanentes, pois constituem um acervo de memória.

A noção espaço-temporal, tipicamente distinta em ambientes concretos e virtuais, é distorcida já que o perfil digital perdeu sua função vinculativa e se transformou em uma espécie de lápide virtual: um espaço reservado ao despertar de lembranças e reflexões (nem sempre agradáveis) e às postagens de homenagens à pessoa que se foi e que ali permanece representada. Os registros do falecido são então fragmentados, pois o contexto original de sua produção (e utilização) é uma realidade passada. Suas referências serão interpretadas em um novo contexto e os sentidos produzidos nesta nova situação serão distintos.

A presente pesquisa se debruça sobre o conteúdo verbal produzido por usuários da rede social Orkut que são membros da comunidade virtual ‘Profiles de Gente Morta’ (PGM), onde os membros postam notas de falecimentos de usuários de redes sociais com os respectivos *links* para acesso aos seus perfis digitais – agora transformados em lápides virtuais. O objetivo geral é analisar uma relação de tópicos de um fórum baseado no Orkut para elucidar os discursos sobre a morte no interior da respectiva comunidade virtual. Como objetivos específicos, pretende-se:

- Verificar a ocorrência de sincronias entre as mensagens armazenadas na comunidade e os paradigmas sociais contemporâneos a respeito da morte.
- Relacionar o conteúdo das narrativas, sobretudo no que diz respeito à situação de falecimento, com a fundamentação teórica referente à comunicação e cultura.
- Refletir sobre o papel das tecnologias da comunicação na construção de vínculos identitários por meio de perfis digitais.

Cruvinel (2008) considera o Orkut análogo a uma grande ‘cidade azul’ (em referência à cor predominante em sua interface), um espaço virtual utilizado diariamente por milhões de usuários brasileiros, tão vivo, caótico e diversificado em sua composição

quanto uma grande metrópole. É o mais antigo serviço de rede social virtual em atividade no Brasil e foi o maior até o final de 2011, quando foi ultrapassado pelo Facebook em número de acessos diários e em quantidade de usuários cadastrados.

O Facebook também possui um grupo¹ homônimo à PGM do Orkut e de mesmos propósitos. A opção pelo Orkut, no entanto, se manteve devido a dois fatores preponderantes: 1) a comunidade PGM do Facebook não organiza o conteúdo de modo acessível e concatenado como no Orkut (o que dificulta a coleta de dados) e 2) não possui uma estrutura formal de fórum de discussão, se assemelhando à estrutura de um chat.

A PGM, assim como qualquer uma das grandes comunidades virtuais hospedadas no Orkut, é um espaço simbólico de interação social que também armazena um gigantesco banco de dados de intrincada delimitação. O universo, nesse caso, assume características fractais (FRAGOSO; AMARAL; RECUERO, 2011), sobretudo se considerarmos as possibilidades de interferências dos moderadores da comunidade nas mensagens publicadas. Dada a impossibilidade de submeter todo o conteúdo à análise,

Na presente dissertação, o estudo das narrativas de internautas a respeito dos perfis de falecidos assume relevância pelo fato de tais comunicações armazenarem vestígios e valores culturais que evidenciam o imaginário a respeito da morte. Além disso, os usuários que nutrem interesse por investigar esses fantasmas e lápides virtuais não estão isolados na rede, mas sim agrupados em comunidades virtuais e fóruns bastante ativos. A título de curiosidade, a primeira comunidade PGM do Orkut (já extinta) chegou a possuir mais de 85 mil membros.

Vale recordar que não se trata de uma pesquisa com foco nos perfis, mas sim no capital social gerado a partir da comunicação *online* a respeito dos óbitos de usuários da rede social. O objeto de estudo são as narrativas sobre a morte no contexto de (re)apropriação dos perfis de falecidos (e não os ‘fantasmas virtuais’ em si).

A dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo os três primeiros predominantemente teóricos, o quarto um estudo de caso e o quinto essencialmente analítico. Os eixos teóricos são expostos a seguir: morte e imaginário, identidade e memória, redes sociais virtuais, cibercultura e análise de discurso.

Metodologicamente, a presente pesquisa é classificada como exploratória e baseia-se em pesquisa bibliográfica (dados secundários) para a elaboração dos três

¹ A denominação ‘comunidade virtual’ não é utilizada no Facebook, mas seus respectivos ‘grupos’ possuem funcionalidade equivalente.

primeiros capítulos, mais teóricos. Na sequência, foi elaborado um estudo de caso da comunidade virtual ‘Profiles de Gente Morta’ do Orkut (Capítulo IV) de modo a expor sua dinâmica e propósitos. Por fim, após um procedimento de coleta de dados primários (detalhado no Capítulo V) a partir dos tópicos do fórum da comunidade, foi realizada a análise de discurso das narrativas com base no corpo teórico exposto ao longo dos três primeiros capítulos. O presente estudo não pretende ser conclusivo, portanto, ao final da dissertação, são apresentadas apenas as considerações finais do autor.

A presente dissertação apresenta aderência ao grupo de pesquisa ETICO – Estudo das Tecnologias da Informação e Comunicação – liderado pelo professor Dr. Elias Estevão Goulart, que estuda as demandas, influências e convergências das tecnologias da informação e da comunicação digital sobre a sociedade. Vinculado à Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação da USCS, o projeto se insere na Linha de Pesquisa 1 – Transformações Comunicacionais e Comunidades – por investigar as narrativas em torno da temática morte no contexto das comunidades virtuais, espaços desterritoriais de interação típicos da sociedade e da cultura contemporâneas. Trata-se de uma abordagem inovadora, pois se propõe à análise de um fenômeno comunicacional peculiar: as novas possibilidades de narrar a morte, esta temática que desde os tempos mais remotos instiga o imaginário de nossas sociedades.

I. A MORTE NO IMAGINÁRIO SOCIAL

A morte é o gênio inspirador, a musa da filosofia. Sem ela ter-se-ia dificilmente filosofado. (...) Nascimento e morte pertencem igualmente à vida, e formam contrapeso; um é a condição da outra; são as duas extremidades, os dois polos de todas as manifestações da vida.

Arthur Schopenhauer
(1960, p. 97)

O tabu em torno da temática ‘morte’ se manifesta de diferentes formas na sociedade contemporânea. Tradicionalmente, as pessoas evitam falar no assunto, apelam às figuras de linguagem na busca por palavras mais suaves que possam defini-la, buscam nas religiões ou na ciência uma explicação, conforto, uma razão para o fim da vida. Durante o período conhecido como luto, a coletividade e a interação social com os amigos, parentes e conhecidos se tornam parte essencial do processo de superação da perda, mesmo diante das interdições interpostas às expressões de tristeza típicas da pós-modernidade.

Os rituais realizados por conta da ocasião do fim de uma vida se fundamentam na tradição, nos mitos e na religiosidade, ou seja, estão essencialmente inscritos no campo cultural. Mas muitos tiveram origem séculos atrás, ao longo dos processos históricos que datam que paulatinamente influenciaram as mentalidades de nossas sociedades a respeito do assunto. Por essa razão são amplas e diversificadas as maneiras de se dizer adeus: enquanto uma família pode optar por realizar uma cerimônia pública com a exibição do corpo devidamente tratado em uma capela, outra pode optar pela cremação e pela discricção. As lágrimas podem ser tanto desejáveis, simbolizando respeito à dor dos entes queridos, quanto condenáveis se, na visão dos que ficam, elas forem interpretadas como um empecilho à liberação da alma do falecido.

A despeito das variações nos eventos (missas, velórios, enterros etc) e nas indumentárias associadas à morte (flores, velas, incensos, alimentos etc), há elementos em comum, sobretudo no que tange à expectativa quanto à chegada da morte e ao seus significados para aqueles que perderam uma pessoa próxima. De acordo com Morin (1997b, p. 26), “(...) a morte é (...) uma espécie de vida que prolonga, de um modo ou

de outro, a vida individual”. As práticas culturais em torno dos ritos fúnebres e do enlutamento evidenciam a ânsia e, ao mesmo tempo, as dificuldades que temos em compreender a vida e a morte. Familiares, amigos e pessoas próximas buscam a preservação da memória e, para tanto, se valem de narrativas orais, de objetos deixados e de registros textuais e imagéticos em geral, tais como cartas e álbuns de fotografias do falecido. O presente capítulo abre uma fresta ao imaginário da morte em nossa sociedade.

1.1. Breve história da morte no Ocidente: construções culturais

No meio acadêmico encontramos um grande acervo de trabalhos relacionados à morte, tema que quase sempre encontra fortes reações tanto na coletividade quanto na individualidade quando se choca contra determinados padrões culturais da sociedade contemporânea. Funerais, ritos e mito, crenças, processo de luto, e outras práticas mortuárias inscritas na cultura estão presentes desde os tempos mais remotos, mas há sempre existiram ricas diferenças nas concepções do cessar da vida.

(...) a morte está presente durante a vida toda e se faz acompanhar de ritos. Desde o homem de Neanderthal são dadas sepulturas aos mortos. A morte faz parte do cotidiano, é concreta e fundamental. Qualquer grupo, mesmo os mais primitivos, não abandona seus mortos. A crença na imortalidade sempre acompanhou o homem (KOVÁCS, 2010, p. 29)

O local e a cultura influenciam diretamente os questionamentos que formulamos a respeito da morte. No que se convencionou chamar, genericamente, de ‘civilização ocidental’, a pergunta encontrada com recorrência é: ‘morreu de quê?’ – sendo que o que subjaz sutilmente nesta pergunta é ‘por que morreu?’. Diferentemente de muitas concepções tipicamente orientais, que acatam a morte de modo mais niilista, o questionamento dos porquês da morte está, de maneira geral, ligado à concepção judaico-cristã, que crê em um ser inteligente e criador que concorda em cessar a vida por um motivo, mesmo que por razões misteriosas. O presente subcapítulo visa expor um panorama sobre o desenvolvimento do imaginário ocidental sobre a morte e os elementos que lhe são fundamentais, ou que assim se tornaram devido a mudanças nas mentalidades.

O livro ‘História da Morte no Ocidente’, do historiador francês Philippe Ariès (2003), é praticamente uma leitura obrigatória para nortear os estudos contemporâneos sobre o tema, pois fornece um ótimo quadro das mentalidades sobre a morte ao longo do desenvolvimento temporal. É por essa razão que será utilizado como ponto de partida da presente discussão sobre as rupturas e permanências do comportamento do homem ‘ocidental’ perante a morte e seus elementos.

“Assim como a história e o homem estão em constante processo de mutação, a postura diante da morte também não é estável. Ao contrário, alterna momentos de linearidade com profundas transformações” (SOARES, 2010, p. 9). Tais mudanças decorrem da própria dinâmica cultural. No século XVII, a morte apresentava duas características simultâneas que são cruciais para a compreensão do imaginário medieval da morte no período: morrer era ao mesmo tempo um fato individual e comunal. A aparente contradição dessa afirmação é desfeita quando se verifica que o ato de morrer no século XVII acontecia por etapas. Não só o ritmo de vida na Idade Média era mais lento, como a morte e sua ritualística eram bem mais perceptíveis.

O ritual tradicionalmente pode ser tido como função social ao lembrar aos membros de um grupo seus princípios, pode ser ferramenta de construção de uma totalidade para o grupo, e também tem como características formar os indivíduos envolvidos no grupo (ARÉVALO, 2005, p. 6).

É praticamente impossível dissociar os ritos e costumes funerários da moderna concepção de família que se cristalizou no seio da chamada civilização ocidental; contudo, é possível encontrar variações no decorrer do tempo histórico. A família do século XVII, conforme é possível verificar nos testamentos e em outras fontes primárias e secundárias, é composta por todos aqueles que integram a casa do moribundo. Os parentes que não viviam sob o mesmo teto eram excluídos do íntimo círculo familiar, que ‘apoiava’ o enfermo e cumpria seus pedidos. Os servos e pessoas que não apresentavam vínculos sanguíneos com o ‘senhor’ (supondo que nosso moribundo seja o *pater familias* de um domínio), mas viviam sobre o mesmo teto podiam exibir o título de família. Vale recordar que o chefe de família também era um líder fundiário e que a atual divisão na figura de pai, chefe, patrão e líder era muito mais fluída do que na atualidade.

O século XVII foi um marco da postura do homem diante da morte porque o momento posterior, século XVIII, foi palco de mudanças importantes que auxiliam na

percepção do que havia se cristalizado no comportamento e do que se tratou de inovação ou mudança de perspectiva. A primeira modificação que permite delinear as características dos dois séculos diz respeito ao testamento. No XVII, a função religiosa do testamento era muito marcante e consistia em uma reflexão sobre a brevidade da vida e a meditação no além-túmulo: paraíso, purgatório e inferno. Encontramos nos testamentos do século XVII uma exaustiva tentativa do moribundo de afirmar a pureza de sua fé como forma de prestar contas com Deus. Isso se modifica no século XVIII.

Até o começo do século XVIII era o que sempre havia sido desde a Idade Média, ou seja, uma função religiosa. O objetivo do testamento era o de obrigar o homem a pensar na morte enquanto era tempo... o testamento não era mais um ato quase sacramental, continuava sendo um ato religioso, em que o testador exprimia, por formalidades mais espontâneas do que se pensava, sua fé e confiança (...) (ARIÈS, 2003, p.177).

O testamento era bem elaborado porque nele estava contida a reafirmação da fé, logo no início, a confissão dos pecados, a reparação dos erros, local da sepultura e as missas e rituais a se celebrar após a morte. O esmero e a excessiva precisão dos documentos são espantosos, mas na época eram consideradas culturalmente fundamentais para que se descansasse em paz sabendo que nenhum equívoco aconteceria.

É fato que o quarto do enfermo era público, porém ele estava, em essência, muito mais solitário do que podemos supor a partir do olhar atual. A família não tinha uma vontade ativa nas decisões finais do enfermo e, mesmo presentes, raramente entendiam ou participavam da complexa batalha que se iniciava entre o enfermo, sua consciência e a divindade. O testamento adquiria feições de um contrato de salvação no qual o moribundo deveria deixar estritamente claro suas vontades, ressalvas e determinações. A família mais assistia à peça onde o enfermo era o ator principal. Era comum, muitas vezes, que a família fosse proibida por diversas ocasiões de estar no quarto do enfermo quando esse estivesse com seu sacerdote em suas confissões e conversas espirituais com aquele que era visto como um mediador do Supremo Juiz.

O moribundo ficava bastante só (...). Só pode contar com ele próprio, tem que impor suas vontades aos herdeiros, mulher ou filhos, ao mosteiro ou à *fabrique*. Com o rigor do demandante que era todo o homem do Antigo Regime, não perdoa nenhum detalhe (...). Prescreve que todos os legados piedosos e sua destinação sejam afixados na igreja em material imperecível, pedra ou latão,

para enfrentar o esquecimento das gerações futuras. Raramente o testador se refere à competência de algum esposo ou amigo e, quando o faz é mais para demonstrar humildade e simplicidade do que confiança absoluta (ARIÈS, 2003, p.177-178).

É possível perceber no trecho acima que o homem do XVII nutria certa desconfiança de seus entes mais próximos, pois encarava o momento derradeiro como algo individual, talvez por entender a alma como individual. Aos parentes não era permitido influir no local da sepultura e outros acertos que deveriam ser feitos pelo enfermo. Em muitos casos o desejo de ser sepultado do lado de sua esposa ou mãe podia pesar em relação ao lugar da sepultura, mas em última instância era uma decisão individual.

No século XVIII encontramos algumas modificações, mas devemos salientar que a menção da família especificamente no testamento não se tornou mais frequente. O que modifica é o papel da família na execução de atos piedosos do moribundo. A família sai de coadjuvante para papéis principais. As exaustivas cláusulas religiosas do século XVII diminuíram, quando não desapareceram simplesmente, ao longo do XVIII. As palavras eram agora formais e breves. O testamento passou a possuir uma feição mais familiar aos dias atuais. Sua função era privada, com o objetivo de repartir os bens do falecido. A subtração de longas páginas dedicadas ao tema da religiosidade não pode ser explicada pela laicização das mentalidades do século XVIII.

As instituições religiosas realmente continuaram importantes. Por outro lado, existem, especialmente na França Meridional, sinais indiscutíveis da fidelidade do século XVIII às devoções da morte. Não, se pode, portanto, explicar o desaparecimento das cláusulas piedosas por uma laicização anacrônica do sentimento religioso (ARIÈS, 2003, p.178-179).

A origem da mudança não é a falta de religiosidade, mas sim uma alteração no papel do moribundo com sua família. Esta, antes excluída do derradeiro momento, agora passa a acompanhá-lo até o fim. A família passa a ocupar um papel importante e nessa nova mentalidade há o compartilhamento de anseios e processos que antes diziam respeito somente ao moribundo e a Deus. Naturalmente a crença em um Deus implacável, um juiz terrível atenuou-se. Porém o que marca esse período é o fortalecimento das relações de família. A desconfiança enfraquece e não mais são necessárias as rígidas provas, com testemunhas e formalidades do XVII. O moribundo, ao expressar suas vontades oralmente, tinha a esperança de que seria atendido por seus

familiares queridos. O moribundo agora concorda em fazer de seu monólogo solitário, uma cena na qual se entrega aos braços de seus familiares, descansando. Aqui então se estabelece um vínculo com a ideia do início do presente resgate histórico: a partir do século XVIII a morte passou a ser individual (influência do século antecessor), mas também comunal ou familiar.

A 'solidão' do homem do século XVII diante da ideia de morte é em termos, um reflexo do mistério da morte, herdado de séculos anteriores. A crença de um sono que terminaria por ocasião da nova vinda de Jesus ou da ressurreição dos mortos era ainda bastante difundida. O século XVII trouxe a ideia que cada alma passaria por um julgamento individual quando abandonasse o corpo, mesmo antes do 'fim do mundo'.

O fortalecimento da família no sepultamento do corpo do defunto não surgiu sem forças contrárias e poderosas. Houve um interstício temporal no qual a comunidade religiosa e a família disputaram o papel principal. A Igreja hesitou em permitir a escolha do local da sepultura à família e não à paróquia. Podemos concluir então que a escolha do local da sepultura entre os séculos XIV e XVIII pertencia a dois tipos de sentimento: o religioso e o familiar. "(...) A escolha da sepultura se inspira, portanto, em duas considerações, quais sejam, a devoção religiosa – à paróquia, a uma ordem religiosa, um santo ou uma confraria – e a devoção familiar" (ARIÈS, 2003, p.180).

Se indagados sobre a disputa religiosa ou familiar, focando a legislação eclesiástica da escolha da sepultura, pode-se afirmar que a família obteve vantagem. Contudo, conforme Ariès (2003), se esperava do papel da família uma ação pós-morte. A família não possuía tanta influência no cotidiano e sim em geral em momentos de crise, ou em caso de morte. Essa mentalidade se modifica no século XVIII, quando o sentimento familiar vai se inserir no imaginário do dia-a-dia do homem. Um observador desatento pode ver nos túmulos familiares um reforçar do papel da família, porém, segundo o autor (idem, p.181), isso se deve mais ao senso de coletividade do que a uma perspectiva anacrônica do reforçar da família.

Havia túmulos que consistiam em verdadeiros monumentos, majestosos e coletivos. Os chamados jazigos familiares ocuparam a atenção de historiadores da arte durante períodos inteiros, com suas minúcias e linguagem. As capelas funerárias tinham o objetivo de satisfazer o desejo dos piedosos de serem sepultados o mais próximo possível das relíquias, do altar e de onde se celebrava a santa missa. Havia capelas funerárias particulares e familiares, mas também as de confrarias. No fim do século XVIII, entretanto, houve o interdito do sepultamento em igrejas e no interior das

cidadelas. Espaços ao redor das cidades foram construídos com a finalidade de sepultar os mortos. Iniciou-se nesse período o ideário do contágio e do corpo morto como algo miasmático.

Quando chegamos ao XIX percebemos dois tipos de construções tumulares: uma menor, reservada a um indivíduo ou um casal, que apresentava sinteticamente os elementos da igreja como um altarzinho e uma parte interna, onde o visitante era convidado a se ajoelhar e rezar pelo falecido; e uma construção maior, simulando uma catedral gótica que pertencia à unidade familiar. Será nesse século que o jazigo familiar irá se tornar comum, dando início a uma adequação da antiga capela, que cada vez mais irá sendo simplificada até se tornar um oratório como exposto anteriormente. Efetivou-se a transformação das capelas em jazigos familiares patriarcais, onde todos os membros da família eram enterrados sob o mesmo teto.

O lugar do descanso final, sem dúvida, passa pelo status social dos falecidos. Quem tem mais poder reserva-se o direito de ser sepultado com mais pompa e em lugares próximos de onde o ideal do sagrado é forte. Os pobres eram enterrados o mais longe possível das igrejas e dos lugares onde os ricos eram enterrados. Retornando agora à época que ainda se sepultavam corpos em igrejas (século XVIII), são necessárias algumas ressalvas. Antes da proibição do sepultamento em igrejas, a prática era bastante difundida, fato que nos surpreende quando tentamos imaginar quantos corpos eram amontoados nas igrejas medievais.

Periodicamente, a fim de ganhar espaço, retirava-se do chão das igrejas e cemitérios os ossos, tão logo secavam, sendo esses empilhados nas galerias dos ossários, nos sótãos das igrejas, nas junções das abóbodas, ou ainda enfurnados em buracos inúteis, em paredes e pilares (ARIÈS, 2003, p. 189).

Muitos comportamentos medievais hoje nos parecem estranhos, contudo em alguns cemitérios haviam instaladas tendas que comercializavam os mais variados objetos. De acordo com Ariès (2003, p. 192),

a coexistência no mesmo local, no cemitério medieval, dos enterros e das reuniões públicas, das feiras ou comércio, das danças e jogos mal-afamados, já indicava que não se dedicava aos mortos o respeito que hoje lhe achamos ser devido. Vivia-se com eles em uma familiaridade que hoje nos parece quase indecente.

Para a mentalidade do homem mediano, a morte não era algo terrível a ser abjurado, e sim um processo natural muitas vezes aguardado com ansiedade para se conseguir a vida eterna. O alto índice de mortalidade abrandava o processo de luto e fazia com que o tema da morte fosse mais comumente abordado do que na atualidade.

Foi somente neste século (XX – acréscimo meu) que a morte de um filho tornou-se um acontecimento raro. Há evidências de que, em tempos passados, quando a maioria dos pais poderia esperar perder metade do número de filhos que tivesse, quando bebês ou na primeira infância, eles aceitavam essas perdas mais facilmente do que hoje (PARKES, 1998, p. 150).

Em relação às ossadas nas igrejas pode-se observar um fenômeno interessante: a oposição entre a instituição religiosa e a crença popular. Desde a Antiguidade romana havia fontes que indicavam proibições de enterrar corpos em espaços sagrados de templos. Com a introdução do chamado cristianismo primitivo, praticamente não houve alteração dessa proibição. Contudo o sentimento religioso popular contrariava as decisões oficiais da igreja, ou seja, havia a crença de que a proximidade do altar, da relíquia ou da igreja era preferível aos locais afastados. Desejava-se se possível sepultar os mortos dentro das igrejas. No embate do institucional com o popular, o sentimento popular foi o vencedor, levando em consideração o imenso número de ossos encontrados dentro das igrejas medievais.

A psicologia da importância do local era a de que se desejava beneficiar da aura do santo a quem determinada igreja foi consagrada. Tal significado, porém, vai se alterando devido a alguns contratemplos e intencionalidades. No século XVIII os membros do clero começavam cada vez mais a se incomodar com o fato de que a superstição estava tomando conta dos ritos funerários e começaram a modificar sua interpretação dessas superstições. A igreja, por ser um lugar de passagem, lembrava os vivos de rezar pelos mortos e evocava a transitoriedade da vida. A passagem dos séculos XVI, XVII até tomar forma definitiva no século XVIII, fez com que a Igreja Católica renovasse suas condenações às superstições funerárias sobre pressão da Contrarreforma. Começaram mais enfaticamente os discursos encorajadores do desprezo ao destino do corpo. Gradativamente começaram a pipocar cláusulas de humildade nos testamentos da época. A religião, portanto, não dava tanta importância ao túmulo ou a sua localização, mesmo seus limites pertencendo oficialmente à igreja, como sua propriedade.

O cemitério possuía, a partir de meados do século XVII, uma tendência à laicização. Uma maior intervenção jurídica laica poderia ser percebida cada vez mais forte, chegando a admitir-se em algumas ocasiões, o enterro sem cerimônia de excomungados e proscritos. No seio da Igreja Católica, preocupava-se com a erradicação das superstições primitivas e somente o simbolismo complexo e erudito era permitido.

A tendência do território do cemitério laicizar-se, como dito anteriormente, era forte, tanto que em 1763, instaurou-se um inquérito na França e ficou decidida a transferência do cemitério para uma área externa a Paris. Segundo Ariès (2003, p. 193).

Magistrados e eclesiásticos esclarecidos contribuíam para o debate com sua erudição e sabedoria, mostrando que o enterro nas igrejas era contrário ao direito romano, assim como ao direito canônico - um efeito tardio das superstições medievais. A Corte do Parlamento, por sua vez, intérprete da emoção geral, decidira ocupar-se da questão e ordenou, em 1763, um inquérito sobre o estado dos cemitérios parisienses e sua transferência para fora da cidade.

Esse período de meados do século XVIII é também aquele no qual o terror dos cadáveres decompostos e de seu miasma maligno se fortalece. As condições sanitárias dos cemitérios da cristandade eram péssimas, ainda mais com a imensa familiaridade com que os vivos e os mortos conviviam no século anterior. Essa mudança de postura em relação aos corpos mortos é um ponto importante na mudança da mentalidade do período. Oliveira (2009, p. 12) afirma que, “ao serem expulsos do interior dos templos religiosos, por questões relacionadas ao sanitarismo e à falta de espaço, os cemitérios arrastaram consigo o mobiliário da igreja”. Por esta razão encontramos, até os dias de hoje, uma presença significativa da estética religiosa nesses espaços.

Houve uma estranha contradição sobre os locais nos quais os cemitérios deveriam permanecer. Enquanto no século XVIII a opção pelo afastamento era a opinião geral, no XIX encontramos posições contrárias, em especial por parte dos positivistas. Os simpáticos ao pensamento de Augusto Comte organizaram os cidadãos em uma série de abaixo-assinados defendendo a conservação dos locais das sepulturas. Para eles, o cemitério era um espaço fundamental, inerente a uma sociedade civilizada. O cemitério, portanto, torna-se um local de agremiação de famílias que têm por objetivo honrar seus antepassados. Enquanto o que preponderou no século XVIII foi uma cidade

sem cemitérios, no XIX o mais adequado seria a impossibilidade de uma cidade sem cemitérios.

O culto ao túmulo permanece, hoje em dia, em nosso imaginário, contudo fortaleceu-se no final do século XVIII e início do século XIX. Observamos que nossa tradição contemporânea de visitação e veneração dos túmulos não tem em si a essência continuada da Antiguidade: apresenta, pois sim, muito mais elementos de natureza das classes abastadas e nobres do fim da Idade Média que conservavam seus defuntos em monumentos familiares ou nas capelas laterais às igrejas. Em períodos anteriores, o que pode-se contatar é um abandono dos mortos aos santos e   Igreja. Na evolução do pensamento, inclusive, era possível encontrar uma clara oposição entre corpo e alma.

Contudo, o preponderante no pensamento e na tradição ocidental contemporânea foi o culto aos mortos, praticamente única manifestação cultural fúnebre comum tanto às diversas religiões de origem cristã quanto aos ateus. Sua cristalização foi tão poderosa que muitas vezes chega-se ao ponto de negar sua origem historicamente recente (ARI S, 1990).

Em relação ao leito do moribundo cabem algumas considerações: em geral a família e os amigos se agrupavam junto a ele para a despedida. Era de praxe que um sacerdote fizesse orações fúnebres e algumas leituras sacras. O indivíduo tinha plena consciência de sua própria morte e todo o processo de agonia final era acompanhado pelos parentes até o último suspiro. Após o fim, anunciava-se o ocorrido e aqueles que tinham laç s de proximidade com o falecido eram convidados a visitá-lo. Era um último ato de consagração ao morto e consolação aos vivos. Nota-se que, enquanto o moribundo vivia, era ele quem comandava a orquestra fúnebre – e quando viesse a óbito ele permanecia com um papel central, protagonista das homenagens.

Duas grandes mudanç as aconteceram no tratamento da cena trágica do enfermo: ele perde a autonomia, se transformando em praticamente um deficiente mental que precisa de cuidados o tempo todo, e a comunicação com a família, já que ninguém mais fala sobre o derradeiro momento. As pessoas ao redor agem como se ignorassem sua morte, ou mesmo a negam: "chega então o momento em que (...) já não há mais ninguém em volta" (ARI S, 2003, p. 209).

Hoje vemos um comportamento diferente em relação   morte e ao morrer (...). A morte já não se passa na casa do doente, mas nos hospitais e da forma mais asséptica do ponto de vista emocional. É a morte que passa longe das vistas dos parentes e dos amigos. Um

corpo morto é algo profundamente incômodo e como tal é tratado. Evita-se de todas as formas que ele seja visto, já que pode trazer à consciência a ideia de nossa própria finitude (FRANCO et al, 2011, p. 36).

Aqueles sentimentos que antes eram exclusivamente monopólio do enfermo, gradativamente foram se transferindo à família do moribundo e roubando-lhe a cena. Atualmente, a família costuma evitar ao máximo falar sobre a morte com uma pessoa moribunda e, não raro, a trata como uma criança sem autonomia. Carvalho (*in*: FRANCO et al, 2011, p. 44), no entanto, discorda veementemente de tal comportamento: “não falar de morte para uma pessoa que está morrendo e que nos pede para falarmos é impedir o contato e deixa-la absolutamente só no processo de elaboração dos conteúdos desse momento”. É como fadá-la ao isolamento e à solidão justamente nos últimos momentos de sua vida. Para o autor, isso desencadeia fingimentos de todas as espécies, que prejudicam a comunicação e abalam a confiança: os parentes fingem que não sabem da situação de morte iminente; o indivíduo finge que não percebe que seus parentes já têm conhecimento da gravidade da situação. “Os familiares tendem a esconder a verdade do doente para protegê-lo do sofrimento. (...) Esta encenação raramente dá certo em sua totalidade” (PARKES, 1998, p. 194).

O consolo e a compaixão passaram a ser centrais para depois se modificarem em um sentimento estranho e inovador na postura do indivíduo diante da morte. Do direito ao consolo, a morte transformou-se gradualmente em um tema abjeto: passou a ser vergonhoso falar sobre a morte e expressar a dor que ela causa.

A morte se tornou objeto de um tabu, um tema sobre o qual não se deve falar. Em nome da piedade, convém manter o moribundo ignorante do seu destino por tanto tempo quanto seja possível. Do mesmo modo, as manifestações de luto devem ser evitadas ou pelo menos bastante contidas, de modo que os ‘sobreviventes’ possam retornar tão brevemente quanto possível a sua vida ‘normal’. A morte, assim, se opõe à vida de modo absoluto, e se cobre por um manto de fracasso e vergonha. Caracteristicamente, morre-se sozinho, no hospital, como resultado de um fracasso da medicina (que não foi capaz de “salvar” o morto) e – por que não? – do próprio morto, que ‘perdeu a luta contra a morte’ (ALBUQUERQUE, 2007, p. 6-7).

Ariès (1990) compara esse tabu no tratamento da morte ao do sexo e do prazer na sociedade em geral. A nova etiqueta indica que é preciso evitar a comoção e a fragilidade, como se não fossem sentimentos processuais da vida. Os sentimentos

devem ser negados, escondidos com a máscara da indiferença, como algo em que não se toca.

A cultura ocidental não incorpora a morte como parte da vida, mas como castigo ou punição. Notamos, de uma maneira geral, que o conceito de morte no Ocidente relaciona-se a uma ruptura, ancorada no modelo de vida que se projeta através da negação da ideia de impermanência (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 2).

Apesar de Ariès (1990; 2003) analisar, ao longo do tempo, o desenvolvimento de posturas diante da morte nas sociedades ocidentais de maneira geral, é bem verdade que elas podem ser mais facilmente constatadas no continente europeu, principal foco dos estudos do autor.

Junto à relativa hegemonia dos EUA no pensamento contemporâneo, aconteceu um fenômeno interessante relacionado à morte: a introdução de novos ritos funerários. Tais ritos influenciaram e são influenciados pelas miscigenações e especificidades culturais de cada região, ajudando o delineamento de comportamentos que caracterizam o século XX. A popularização dos filmes, seriados e quadrinhos norte-americanos exacerbaram um costume da sociedade norte-americana que é digna de menção no presente trabalho: o momento do enterro.

Inicia-se com a preparação do cadáver, sua limpeza e vários ritos novos como a maquiagem mortuária, que tem o objetivo de restaurar a aparência de vida no cadáver. A exposição do cadáver uma última vez em meio a flores e música com discursos religiosos e sentimentais, para ser sepultado em um cemitério planejado repleto de monumentos.

Gradualmente a morte, junto com toda a indumentária fúnebre, vai sendo transformada em produto rentável, sobretudo a partir do advento dos meios massivos de comunicação, mas isto já é tema para outro estudo. Retomando as duas posturas vigentes perante a morte, o culto ao túmulo e a interdição do tema no cotidiano são indícios de uma mudança na mentalidade que se consolidou, com maior ou menor intensidade, na sociedade pós-moderna.

Nossa cultura contemporânea é marcada por uma orientação ao consumo, ao prazer imediato e à preservação da vida a qualquer custo. Pouco tempo é dedicado aos temas mais complexos, aos momentos de reflexão e às questões existenciais. Afastamos as questões que nos despertam sofrimentos e fingimos que a morte não existe, mas isso não impede o convívio com a angústia de sua presença. A recusa em falar sobre o

assunto, conseqüentemente, reveste a morte de estranheza, perturbação e desintegração da vida – para não dizer oposição a esta. Mesmo os médicos, que costumam se deparar com a morte de modo mais cotidiano, costumam evitar reflexões sobre o assunto (FRANCO et al, 2011, p. 36).

1.2. Representações da morte: da expectativa ao luto

Kovács (*in*: FRANCO et al, 2011, p. 30-31) estabelece uma diferenciação entre as mortes simbólica e concreta. A morte simbólica envolve perdas diversas com as quais o indivíduo se depara ao longo de sua vida, capazes de desencadear uma carga de sentimentos análogos aos decorrentes da morte concreta de uma pessoa próxima (por exemplo, inconformismo, revolta e até mesmo luto). A pessoa sobrevive às mortes simbólicas e passa a ressignificar sua vida; não raro com questionamentos das crenças, mudanças na percepção de realidade e reconfigurações da própria identidade. Mas não há como vivenciar a morte concreta.

Chamada de morte de terceiro grau por Bauman (2008, p. 62-63), a morte simbólica é experimentada em situações de finitude não motivadas pela morte física de alguém próximo, mas sim pelo rompimento de um vínculo simbólico-afetivo ou de uma relação. Pode ser despertado pelo término de um casamento e pelo fim de uma amizade, por exemplo. Apesar de as situações como as apresentadas possuírem caráter reversível, a percepção do indivíduo acerca dos fatos pode levá-lo a encarar as perdas como mortes genuínas, trazendo à tona inconformismo, negação, esvaziamento de sentido e até mesmo luto.

Parkes (1998, p. 155) afirma que a velhice é um período que envolve uma multiplicidade de perdas (da autonomia, da autoestima, do vigor), não necessariamente ligadas a mortes reais, mais principalmente simbólicas e escatológicas, que podem também desencadear o luto e problemas de ordem psicológica. Diversas enfermidades podem deixar sequelas e limitações que trazem “a ideia de morte enquanto perda ou diminuição de funções, dificuldade para realização de atividades ou interrupção da carreira” (FRANCO et al, 2011, p. 18).

Explicações a respeito da morte concreta (KOVÁCS, 2011) ou morte de primeiro grau (BAUMAN, 2008), ou seja, a morte de si mesmo, costumam ser mais lacônicas e contrastantes, quando não especulativas.

E a morte concreta? Dela sabemos alguns fatos: que é universal, irreversível, porque assim nos disseram ou vimos acontecer com os outros. Podemos fantasiar, temer, desejar, evitar, mas não experienciamos nossa própria morte. Podemos representá-la como finitude, transição rupturadora, alívio, mistério, dor, fascínio, mas nada sabemos sobre suas possibilidades... só intuimos. Como humanos que somos, sabemos que a morte existe, e esse conhecimento dá significado à nossa vida (ibidem, p. 31).

Essas incertezas alimentam o imaginário social a respeito da situação de morte, tornando-o riquíssimo e variado. Isso interfere na própria concepção de vida e morte. Para Negrini (2010, p. 22), a vitória sobre a morte concreta não é possível por conta da própria constituição biológica do corpo humano: “como isso só é possível no campo simbólico ou no imaginário, uma estratégia para o homem desviar o pensamento da sua própria morte é a discussão acerca da morte do outro”.

No presente estudo, entende-se por ‘o outro’ aquele indivíduo desconhecido cujo óbito não desperta torrentes de comoção, já que ele não apresentava laços afetivos com o indivíduo vivo que tomou conhecimento de sua morte. É diametralmente diferente da perda de um amigo próximo, de um familiar ou de um membro da comunidade. Vivenciamos um “(...) colapso total quando a morte atinge alguém a quem amamos. Nossas esperanças, desejos e prazeres jazem na tumba com ele, não nos consolaremos, não preencheremos o lugar daquele que perdemos” (FREUD apud BAUMAN, 2008, p. 61). De acordo com Bauman (2008, p. 62), este é o mais próximo possível que podemos chegar da compreensão da morte, indiretamente experimentada a partir da perda de uma pessoa muito íntima, tal qual um companheiro, um filho ou um progenitor.

A típica situação da morte ‘do outro’ transborda em boa parte dos noticiários midiáticos (SONTAG, 2003). A morte pode ser interpretada como banal, tendendo a reforçar a fragilidade da vida e a sua insignificância. Anônimo para a grande maioria, o falecido se transforma em uma estatística, um dado numérico frio contabilizado em um obituário, sem grandes envolvimento sentimentais ou reflexões, tal como ocorre nas frias mensurações de índices de violência nos grandes centros urbanos do país ou nas ‘baixas civis’ em uma guerra, não importando “a amplitude dos números em que se expressa” (BAUMAN, 2008, p. 61). Em contrapartida, todos os aspectos mais viscerais e terrificantes da morte são escancarados quando a situação da morte é trágica, dolorosa, consciente, lenta demais ou demasiadamente inesperada. Há comoção, indignação e sérias dificuldades em lidar com este tipo de perda, que soa inaceitável por ter ocorrido de modo violento ou abrupto – principalmente se se tratar de uma pessoa próxima.

A morte pode ainda remeter à redenção e ao descanso eterno quando envolve sacrifício, confissão e arrependimento dos pecados, ou quando se ‘perde a batalha’ contra uma doença. Ou ainda, pode também assumir características de punição quando faz alusão à justiça (mortes de criminosos) ou a um capricho vingativo (alguns crimes passionais). Mas nenhuma situação de morte é tão desejável e idealizada em nosso imaginário quanto aquela que não envolve sofrimento físico e ocorre de modo rápido, limpo e inconsciente, de preferência ao final de uma vida plena de realizações.

(...) Todos nós temos a experiência de ter ouvido, incontáveis vezes, pessoas declararem que a morte ideal é aquela acontecida durante o sono, sem que se estivesse sequer doente, sendo a pessoa vitimada por algum mal súbito. Isso é o que a nossa cultura atualmente propõe: a morte como surpresa, sem que nos dê tempo de que a percebamos, de que soframos qualquer angústia em função do morrer (FRANCO et al, 2011, p. 39).

Não é difícil encontrar essas representações idealizadas da morte, coerentes com o simbolismo predominante no imaginário social contemporâneo tipicamente permeado pela ideia da morte interditada (ARIÈS, 1990). Um exemplo clássico pode ser visto no filme *Titanic*: a personagem Rose, após narrar a história do grande amor de sua vida, um segredo conservado até a velhice, e tornar pública, das trevas do esquecimento, a história do homem que se sacrificou por ela no grande naufrágio, ela se retira para dormir (morrer). A frágil senhora acorda no meio da noite e, descalça, e vai até uma extremidade do navio, de onde lança no mar a valiosa joia que representava seu amor. Ao voltar para a cama, a personagem adormece e morre. É uma morte praticamente inconsciente, pois ela falece dormindo (como se o além se emendasse nos sonhos); é indolor, pois a personagem estampa um sorriso discreto no rosto; ocorre em um momento mais aceitável para o seu ciclo vital, pois Rose já é bastante idosa e; conforme mostram os *closes* das câmeras sobre sua cômoda cheia de fotografias, teve uma vida feliz. O olhar da câmera, na sequência, parece mergulhar no oceano e ela, agora jovem, se reencontra com seu herói sacrificado a bordo do famoso transatlântico. Podem ser felizes por toda a eternidade.

Na situação supracitada, é perceptível a presença da ideia de imortalidade da alma (MORIN, 1997b), ou seja, de uma ‘nova vida’ em outra esfera de existência. “A angústia provocada pela certeza da morte existe, mas está mascarada pela perspectiva da

vivência da alma” (NEGRINI, 2010, p. 16). Para Kovács (2010), isso é uma das maneiras que temos de lidar com a morte: negando-a em alguns de seus aspectos.

Há muitas controvérsias no que diz respeito aos modos de se tratar uma pessoa enlutada, já que “(...) o apoio cultural varia de cultura para cultura” (PARKES, 1998, p. 185): a morte pode tanto ser lugar comum em determinado grupo social quanto um verdadeiro tabu em outros. Recriminação ou estímulo ao choro, isolamento ou excesso de socialização, tocar ou não no assunto da morte entre outros são comportamentos que ilustram as diferenças e dificuldades em se expressar quanto a esse assunto.

(...) cada morte é o fim de um mundo, e a cada vez um fim de um mundo único, um mundo que não pode jamais reaparecer ou ser ressuscitado. Cada morte é a perda de um mundo – uma perda definitiva, irreversível, irreparável. A ausência desse mundo é que jamais acabará – sendo, a partir de agora, eterna (DERRIDA apud BAUMAN, 2008, p. 60).

São inúmeros os antecedentes que podem interferir, positiva ou negativamente, na magnitude do processo de luto, tais como a intensidade da relação com o morto, o tipo de morte, vulnerabilidade pessoal, religiosidade e papéis desempenhados na família e na sociedade. Entretanto, dois elementos que envolvem a questão temporal merecem destaque: a idade e a (im)previsibilidade da morte (PARKES, 1998, p. 153). Diante do olhar social, a morte sempre parece mais presente – portanto mais aceitável – em pessoas com idades mais avançadas. Social e simbolicamente, há uma enorme diferença entre a morte de um idoso e o fim de um jovem que perde sua vida de modo repentino: no primeiro caso é comum associar a morte a uma passagem tranquila, um repouso após a longa vida; o segundo a perda é mais aviltante, por ser culturalmente considerada antecipada, e árdua, pois não foi possível preparar-se para ela. “(...) Quando a morte é considerada previsível, a pessoa enlutada prepara-se psicologicamente, mais do que quando a morte é inesperada ou prematura” (ibidem, p. 193). Vale lembrar que essa ‘previsibilidade’ de que trata o autor é deveras relativa, haja vista que é permeada por um altíssimo grau de subjetividade e imprecisão.

Para Parkes (1998, p. 145), “o pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado”. Porém, “a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado e respeitado, isto é, ‘único’, mais a dor é violenta” (SOARES, 2010, p. 4).

1.3. (I)mortalidade simbólica: mitos, registro e esquecimento

É presente no imaginário coletivo a interpretação da morte como sendo algo essencialmente mal (KOVÁCS, 2010, p. 4). A explicação, segundo Bauman (2008, p. 73-74), reside na inevitável vinculação do mal com o medo. O medo da morte é o arquétipo de todos os medos: todas as ameaças derivam do poder amedrontador da morte. Ela é capaz de reunir em torno de si uma horda de fantasmas: o da aniquilação, da inexistência, da dor, do sofrimento, da perda, da angústia, do perigoso, do desconhecido e do esquecimento. Para Kovács (2010, p. 15),

o medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso. (...) Nenhum ser humano está livre do medo da morte, e todos os medos que temos estão, de alguma forma, relacionados a ele.

Quando a autora fala em medo da morte, se refere a uma multiplicidade de sentimentos e ansiedades que podem ser despertados por conta de diferentes faces da morte: medo de morrer, medo dos mortos, medo de ser destruído, medo da extinção e da perda de consciência, do esquecimento, do sofrimento, da perda de outras pessoas, do desconhecido, do pós-vida, da morte prematura, insegurança, abandono, vingança e outras forças de destruição e desagregação são todos espectros da morte. Esse medo é “(...) expressão do instinto de autoconservação, uma forma de proteção à vida e uma possibilidade de superar os instintos destrutivos” (KOVÁCS, 2010, p. 24).

A autoconservação (nascimento, crescimento e reprodução) se liga ao que Freud (1969) chama de pulsão de vida (Eros), em oposição aos elementos desagregadores (desintegração, destruição e desaparecimento) que permeiam a pulsão de morte (Tanatos). Na coletividade, considerando a humanidade, Eros é o grande vencedor, pois a espécie de fato vence a morte ao se perpetuar ao longo de gerações. Entretanto, Tanatos sempre triunfa em âmbito individual haja vista que não há escapatória ao falecimento do próprio corpo (KOVÁCS, 2010). A visão de Schopenhauer (1960, p. 127) reitera tal pensamento: “é à humanidade e não ao indivíduo que se pode assegurar a duração. (...) O que é o sono para o indivíduo é a morte para a espécie”.

Para Kovács (2010, p. 27), o medo da morte se vincula às pulsões de vida, pois ele “tem um lado vital que nos protege, permite que continuemos nossas obras, nos

salva de riscos destrutivos e autodestrutivos”. Tal contraste expõe uma emblemática situação: o conhecimento de seus próprios limites existenciais versus sua crença em algum meio de imortalização.

Há algo que caracteriza o ser humano como tal e o diferencia dos animais: é a consciência da sua morte e finitude. Ele tem um nome, uma história, tem o status de um pequeno deus em relação à natureza. Por outro lado, possui um corpo que sente dor, adoece, envelhece e morre. O homem está bipartido: ao mesmo tempo que sabe de sua originalidade e poder de criação, reconhece sua finitude de forma racional e consciente. Vive toda a sua existência com a morte presente em seus sonhos, fantasias. Durante toda a sua existência, o ser humano tenta driblar esse saber, essa consciência, e age como se fosse imortal. (...) Eis o grande paradoxo humano (KOVÁCS, 2010, p. 25).

O ser humano busca subterfúgios no simbólico, amplamente permeado por sua cultura e imaginário, para superar o que Oliveira (2009, p. 9) chama de “estado de nadificação” do corpo diante da morte. Seria uma maneira de sustentar a própria psique ante a ideia do não-ser.

O nada é a via de negação da particularidade humana. Superar essa negação cria a necessidade de ritualizar o momento da morte e conduz à personalização da sepultura como local destinado a perpetuar a memória do morto. Sendo assim, o aniquilamento é interdito no plano narcísico, uma vez que o narcisismo possui uma incapacidade para aceitar o pertencimento à premissa aristotélica: ‘Todo homem é mortal’. Premissa que, no inconsciente, é registrada com ressalvas: todo homem é mortal, menos eu. Isso acontece porque a inadaptabilidade humana consiste em não aceitar seu destino no ciclo inexorável da existência. (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

Para Kovács (2010, p. 95), criamos elaboradas fantasias, no inconsciente individual ou no imaginário coletivo, em torno da crença na imortalidade: reencontros com pessoas queridas que já se foram, encontro com anjos, Deus ou outras entidades superiores, ida para paraísos cheios de prazeres e ausentes de dor, retorno ao corpo da mãe-natureza (analogia ao sepultamento), entre outras. Soares (2010, p. 9) endossa tal pensamento: “os comportamentos do homem diante da morte, ainda hoje, mesmo em menor grau do que em épocas anteriores, permanece eivado com a ideia de continuação da vida após a morte, e com recusa do aniquilamento total”.

O cuidado com os mortos suscita sentimentos contraditórios e as situações de descaso com as ritualísticas culturalmente estabelecidas no imaginário diante da morte alimenta os mitos dos ‘mortos que não descansam’ (MORIN, 1997b), que também podem ser considerados alegorias vinculadas à negação da morte.

(...) A não realização dos rituais (fúnebres) implica desarmonia à vida comunitária. A ordem só estará garantida se o defunto realmente “morrer” através dos rituais, realizando a passagem para a comunidade de seus antepassados. Observa-se não ser suficiente a morte biológica, ela só existirá se for demarcada no plano simbólico. Sem este atestado, não há morte, por isso a dificuldade em realizar a morte de desaparecidos, já que essa não foi ritualizada (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

Todos os mortos-vivos são ameaçadores à vida individual e coletiva: não é à toa que a Morte é comumente representada por um esqueleto animado (morto-vivo) de vestes negras (remetendo ao luto ou ao mal) e esfarrapadas (decomposição) que porta uma foice dar fim à vida (KOVÁCS, 2010, p. 8) de modo inevitável, inadiável, irreversível e imprevisível.

As identificações projetivas em figuras diabólicas, na morte como um ser aterrorizante, com face de caveira e seu cajado, se interligam a pavores de aniquilamento, desintegração, dissolução. Essas fantasias se confundem com a loucura, a psicose (...) (KOVÁCS, 2010, p. 95).

Há o medo da contaminação com o corpo morto, da decomposição, como se a morte fosse uma espécie de doença. Também criamos as mais elaboradas metáforas para nos referirmos à morte de modo mais sutil de modo a não chocar o outro ou atrair ‘coisas ruins’.

Fantasmas, zumbis, múmias e vampiros existem na mitologia de povos diversos e, sendo todos vinculados à morte ‘malsucedida’ ou perturbada de um indivíduo, reforçam o temor às consequências do desrespeito à religiosidade e às tradições mortuárias. Além disso, todos se relacionam de um modo alegórico com ideia de existência prolongada ou imortalidade no mundo dos vivos.

A preocupação precípua de enterrar os mortos atesta o nascimento da civilização, marca a vitória do simbólico sobre a morte. Em uma tentativa de duelar contra a deteriorização do corpo ao longo dos tempos, o homem cede à inserção simbólica,

pois ela garante representação e sentido ao nada. É a putrefação da carne a grande inimiga que precisa ser combatida. Assim, manter o real a determinada distância ameniza o impacto que a morte provoca na realidade (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

No imaginário popular, os fantasmas e as almas penadas conseguem preservar minimamente a consciência e a identidade, mas são caracterizados pela total ausência do corpo físico. Frutos de uma morte violenta ou injusta, eles conservam lembranças e memórias dolorosas da vida e mantêm uma existência atormentada: não conseguem abandonar o mundo material em consequência de algum tipo de serviço inacabado ou apego a uma pessoa ou território. Os sentimentos que movem o fantasma geralmente são a indignação face à injustiça, inconformismo com a morte ‘antes do tempo’, a melancolia e, em alguns casos, o ódio e a punição. Quando tais sentimentos são manifestados aos vivos, temos a aparição ou a assombração, que pode, implicitamente, representar uma alegoria ao processo de luto.

Já o zumbi, uma representação híbrida, é metade morto e metade vivo, pois ele ainda preserva minimamente seu corpo físico a despeito da completa destruição de sua autonomia, consciência e identidade. É desprovido de sentimentos de humanidade e o que o move é apenas um instinto ligado a uma fome insaciável por humanos. Em nosso imaginário, a mordida de um zumbi desencadeia infecção, ou seja, espalha a ‘doença’ ou ‘maldição’ – o que é análogo à ideia de periculosidade iminente à situação de contato entre vivos e cadáveres. No imaginário, o morto-vivo personifica o horror ao processo de decomposição e endossa a urgência em proceder com o desaparecimento do corpo, seja por meio de enterro (aprisionamento do corpo na terra) ou cremação (destruição). No caso de uma cremação, o corpo é destruído de uma só vez. O enterro segue um protocolo: orações, despedida, fechamento do caixão, entrega do caixão à cova junto de flores, cobertura com terra, construção da sepultura e da lápide. Além de se configurar em um “(...) meio de assegurar a memória póstuma dos entes queridos, a escrita lapidar possui um paradoxo sintomático, ela reivindica a memória e, ao mesmo tempo, se constitui como um atestado de morte, assegura o ponto final” (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

O vampiro pode ser considerado um tipo especial de morto-vivo: tem seu corpo, consciência e autonomia preservados, mas vivem em conflito entre humanidade e bestialidade. O que o caracteriza é a imortalidade – desde que para tal esteja disposto a se alimentar do sangue (ou da vida) de inocentes e a viver longe da luz do dia, ou seja, em trevas, em situação de isolamento. Tal transformação demandaria o fim de uma

identidade para o desenvolvimento de outra, alheia ao meio social e condizente com sua malignidade.

As histórias relacionadas às múmias comunicam um significado distinto à sociedade: deixemos os mortos em paz: os cemitérios, as criptas e sarcófagos não devem ser perturbados. As múmias, que possuem o corpo minimamente preservado, só passam a vitimar os vivos se tiverem sido anteriormente perturbadas em seus territórios físicos, o que desencadearia perturbações no mundo dos mortos e faria com que eles voltassem para se vingar. O mito da múmia também reforça a ideia da ritualística metódica com o corpo do falecido, do monumento em recordação aos que se foram e da necessidade em se respeitar o ‘espaço dos mortos’, bem como seus ‘pertences’ e sua memória – ou arcar com as consequências de sua violação.

(...) os mortos sempre mobilizaram riquezas, inspiraram monumentais construções dedicadas às suas memórias, servindo, assim, ao imaginário dos vivos, que vislumbravam possíveis retornos espirituais e materiais. As efígies, a mumificação e os monumentos atestam o desejo de conservar, de alguma maneira, o antepassado (SOARES, 2010, p. 10).

Para Le Goff (2003, p. 526), monumento é uma forma de materialização da memória cuja finalidade reside na conservação de determinado elemento do passado. Os monumentos funerários são destinados a “perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”. Daí emerge o desafio da preservação, as inúmeras tentativas de sobrepujar uma das características mais incômodas da mortalidade: o esquecimento. Soares (2010) chama de “morte escatológica” o esquecimento por parte da comunidade ao longo do tempo.

(...) a inserção simbólica mais expressiva para assegurar a individualidade post mortem é a criação de locais como os cemitérios, para reverenciar a memória do morto. Se o estado ocasionado pela morte produz o não-ser, a representação simbólica associada à lembrança do mesmo garante sua plenitude póstuma. Além disso, os cemitérios são fontes que revelam o gosto artístico, a história e a ideologia religiosa da comunidade. É possível apreender e desvelar parte significativa da história de um povo conhecendo seu cemitério, percorrendo seus jazigos e observando o discurso epigráfico e iconográfico das lápides e das esculturas (OLIVEIRA, 2009, p. 11).

O espaço reservado à recordação no decorrer das gerações é essencialmente ambíguo, pois pode tanto condensar apenas os aspectos positivos de uma história de vida quanto condenar o indivíduo à eterna injúria. Em ambas as situações, os feitos memoráveis sobrevivem à morte e funcionam como uma expansão da própria vida, um elemento permanente que marcou aquela existência (BAUMAN, 2008, p. 52). Já que a imortalidade concreta não pode ser conquistada, pois pressupõe o ‘não morrer’, é constante a busca pela vida eterna na esfera simbólica da memória coletiva e da recordação – mesmo que ela não seja claramente identificada.

Nos meandros da 1ª Guerra Mundial as homenagens aos mortos ganharam uma nova configuração a partir dos ritos e simbolismos que passaram a envolver os inúmeros ‘Túmulos ao Soldado Desconhecido’ que se espalharam por diversos países “procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum” (LE GOFF, 2003, p. 460). Em uma situação como essa, o simbólico-representativo em torno do grupo sacrificado se sobrepõe à individualização em prol de um bem comunitário maior: não esquecer a importância daquele fato. A principal função das liturgias de rememoração é “criar coerência e perpetuar o sentimento de pertencimento, exorcizando a finitude do ser humano em geral e também do próprio eu” (SOARES, 2010, p. 8). Em tom mais cruento, Bauman (2008, p. 53) desfez:

A imortalidade despersonalizada (...) é oferecida como prêmio de consolação aos muito – inumeráveis – homens e mulheres que têm pouca esperança de realizar alguma coisa considerada importante e, assim, com reduzidas expectativas de obter por si mesmo um lugar na memória humana. (...) A existência anônima ganha uma chance de imortalidade (igualmente anônima). Sim, suas vidas serão esquecidas, mas ainda assim causarão algum impacto – não irão passar sem deixar vestígio.

Em oposição à imortalização anônima, há também a imortalização altamente centrada na personificação. Via de regra, celebridades, benfeitores, malfeitores, políticos e olímpicos (MORIN, 1997a) em geral já possuem um espaço previamente reservado nos anais da história. São figuras públicas – e isso sustenta a posteridade enquanto perdurarem a tessitura sociocultural no qual elas ganharam notoriedade ou os suportes artificiais de memória que conservam o registro de suas biografias.

Já os mitos dos heróis, grandes vencedores da passagem do tempo, quase sempre se fundamentam no sobrepujar da morte. “(...) O homem desafia e tenta vencer a morte.

Nos mitos e lendas essas atitudes são simbolizadas pela morte do dragão ou dos monstros. Os heróis podem conseguir tal façanha, mas os mortais não” (FRANCO et al, 2011, p. 11-12). Os monstros e as situações aterradoras enfrentadas pelos heróis são, respectivamente, personificações e referências indiretas à morte em si. Vencida a batalha ele pode partir – mas nunca morrer definitivamente – e conquista a imortalidade nas narrativas da história ou das lendas de um povo.

Nas representações figurativas os heróis são jovens, belos, fortes, predominando, sempre, a característica da impetuosidade. Não há lugar para a morte, que representa a derrota, o fracasso. (...) Aqui está representada a visão atual da morte: fracasso, derrota, incompetência (KOVÁCS, 2010, p. 5).

Para Campbell (1990, p. 135), a função primordial de um herói é “salvar um povo, uma pessoa, ou defender uma idéia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade (...)”. Segundo Morin (1997a, p. 69), “a morte trágica de um herói integra na relação estética (...) as virtudes de um dos mais arcaicos e universais ritos mágicos: o sacrifício”, o que o elevaria ao patamar da imortalização – pelo menos no que tange aos aspectos mnêmico e simbólico.

Uma das coisas que impulsiona o homem, a sua criação e frenética atividade é o terror diante da morte. O heroísmo pode refletir esse medo, uma forma de ação que funciona como se ele não existisse (...). Se estivéssemos conscientes o tempo todo de nossa morte e do nosso terror, seríamos incapazes de agir normalmente, ficaríamos paralisados. Agimos como se fôssemos imortais, acreditamos que nossas ações são perenes, pois este é o nosso desejo supremo, e temos ilusões de que deixaremos obras garantindo nosso não-esquecimento. (...) Não podemos olhar diretamente para a morte o tempo todo, mas também não podemos ignorá-la, pois ela impõe sua presença (KOVÁCS, 2010, p. 24-25).

A memória, “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

A história é o correlato opositor, como narrativa unificadora ela separa e seleciona os fatos. Petrifica, congela e, sobretudo, mata os momentos de memória, pois coloca o passado como algo distante e misterioso, portador de uma aura que deve ser sempre analisada, criticada e revista. A história cria uma identidade universal que

precisa ser absorvida em contraposto às várias identidades fragmentadas, cada qual com sua memória específica (ARÉVALO, 2005, p. 3).

Ricoeur (2010) afirma que o tempo e a memória são narrativas. Em uma vida inteira colecionamos as memórias de nossos feitos, sejam elas boas ou ruins. Na morte desejamos ser recordados da melhor forma possível. No entanto, o espaço reservado à recordação ao longo de gerações é essencialmente ambíguo, pois pode tanto condensar apenas os aspectos positivos de uma história de vida quanto condenar o indivíduo à eterna injúria. Em ambas as situações, os feitos memoráveis sobrevivem à morte e funcionam como uma expansão da própria vida, um elemento permanente que marcou aquela existência (BAUMAN, 2008, p. 52).

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, um passeio pelo passado não é simplesmente um processo desencadeador da carga de significado de uma determinada memória, mas principalmente uma nova oportunidade contextual para reinterpretar aquela recordação à luz da subjetividade do momento presente (SARLO, 2005). “O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios” (CHANGEUX apud LE GOFF, 2003, p. 420).

Os processos individuais de recordação podem tanto ser ativados por ação racional, quando, por exemplo, nos propomos a abrir um álbum de fotografias, quanto por motivação involuntária, quando nos defrontamos ao acaso com um aroma ou uma música que desencadeia a rememoração (SARLO, 2005, p. 9).

Para Le Goff (2003, p. 466), o álbum de família sintetiza a ideia de recordação social. Como as imagens são dispostas em ordem cronológica, traduzem ao receptor a ideia de unidade e coerência daquelas vidas expressas em sequências de imagens do passado. Caso se trate da fotografia de uma pessoa já falecida, as memórias referentes à sua vida estarão imiscuídas com o mal-estar da ausência. Isso sem falar na prática de produção dos retratos mortuários: “essa imagem produzida a partir do corpo do finado possui (...) uma função memorial que nasce no momento em que cada olhar saudoso repousa sobre ela” (SOARES, 2010, p. 6).

As imagens que representam o morto produzem, a cada novo olhar, uma lembrança reatualizada por parte dos familiares, fazendo brotar diferentes elementos de representação dos falecidos, a partir dessa consciência da realidade presente (SOARES, 2010, p. 5).

O revolver do passado, que nem sempre traz boas lembranças, é permeado pela fragmentação e pela descontinuidade das experiências vivenciadas ou testemunhadas. Envoltas na penumbra do inconsciente que, segundo Freud (1969), não é capaz de decodificar o tempo, passam a assumir novas formas e sentidos quando tais memórias são narradas no tempo presente. “O passado (...) se faz presente. (...) O tempo próprio da recordação é o presente: isto quer dizer que é o único momento temporal do qual a recordação se apodera, fazendo-o próprio de si” (SARLO, 2005, p. 10 – tradução livre).

Se por um lado a linguagem parece restringir a amplitude daquela realidade passada a um apanhado de informações concatenadas em uma história, por outro abre margem às mais diversas interpretações. O indivíduo interessado nessa narrativa traz consigo bagagem cultural distinta, experiências diferenciadas, pelo tempo e pelo convívio social, daquelas vivenciadas pelo(s) produtor(es) da mensagem. São processos comunicativos contextuais sobrepostos e desprovidos de finitude, em incessantes atribuições de sentido. “(...) A morte funciona como marco temporal, na medida em que comporta um limite de tempo, mas que pode ser estendido a partir da memória que se inclina ao intemporal” (REZENDE, 2010, p. 3).

Por mais fiel que possa parecer a recordação, como sugere a metáfora da ‘memória fotográfica’ (em princípio inquebrantável, nítida, precisa e estática), ela não corresponde à realidade dos complexos processos de memorização e rememoração, esteja amparada por suporte artificial ou não.

II. IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

*Não temos a realidade como ela é, mas como são nossas linguagens.
E nossas linguagens são nossas mídias, nossas mídias são nossas
metáforas, nossas metáforas criam o conteúdo da cultura.*

Neil Postmann
(apud SOUSA, 2001, p. 10)

A revolução industrial e a expansão do capitalismo, atreladas ao processo de globalização e ao desenvolvimento tecnológico, alteraram profundamente as estruturas sociais e culminam no que, hoje, chamamos pós-modernidade². Situada (se é que é possível situá-la, pois isso poderia significar limitá-la a um princípio, meio e fim) no final do milênio e no início do século XXI, consiste em um complexo processo global de re(des)organização dos espaços culturais, comunitários e comunicacionais no interior do qual até mesmo as concepções de território e pertencimento passam a ser flexibilizadas. A vida social está marcada por mutações identitárias, fragmentações das experiências e oscilações dos valores referenciais coletivos.

Tal panorama, no entanto, foi amplamente favorecido pelo arrefecimento de barreiras econômicas, políticas e culturais típicas dos processos de globalização e dos amplos avanços tecnológicos na área da comunicação, cada vez mais disseminados e acessíveis, sobretudo quando são associados às práticas de consumo.

A despeito da relativa previsibilidade do desenvolvimento tecnológico, não é possível prever seus usos sociais e culturais (VARGAS; GOULART, 2008). Nesse contexto, as pesquisas em Comunicação Social não mais se restringem apenas às mídias, mas às interações e produções de sentido que ocorrem no interior das esferas comunitárias, sejam estas presenciais ou não. Comunicação e cultura estão intimamente presentes nas interações sociais e nas manifestações simbólicas que se desenvolvem no cotidiano. Tanto o paradigma funcional-positivista – caracterizado pela racionalização metódica – quanto o pensamento marxista, crítico por natureza – parece não mais satisfazer a complexidade das transformações sociais contemporâneas. Mesmo os

² Para o presente estudo adotou-se a expressão pós-modernidade (HALL, 2005). Dependendo do autor e do posicionamento teórico adotados, este mesmo processo pode admitir outras denominações, tais como modernidade (GIDDENS, 1991) ou modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

estudos culturais, permeados pela interdisciplinaridade entre as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, caminham com cautela por esse território líquido (BAUMAN, 2001).

Nesse contexto, diversas definições consideradas clássicas deixam de se mostrar satisfatórias para abarcar a complexidade das relações humanas em tempos de globalização. Nas articulações entre o global e o local há tanto contrastes como sinergias e ambos eclodem, sobretudo, quando se analisa a hibridação cultural (CANCLINI, 2008) e as mutações na noção de identidade (GIDDENS, 2002; HALL, 2005). O presente capítulo visa estudar, de modo fundamentado, tais processos e transformações.

2.1. Fronteiras globais

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, a palavra globalização passou a figurar com destaque nos livros didáticos brasileiros sobre Estudos Sociais. Era a máxima da modernidade, da convergência de mercados, das tecnologias e sociedades por meio da comunicação e dos interesses econômicos. A parcialidade típica dessas abordagens, pautadas em métodos de ensino, há tempos questionáveis, não raro reforçava o entusiasmo com o processo, sobretudo pela força e velocidade com que ocorria. Um novo período de desenvolvimento e bem-estar parecia se anunciar, décadas depois dos primeiros projetos progressistas e vanguardistas do início do século XX. A homogeneização sociocultural, a cidadania global e a democratização das comunicações e do consumo eram grandes motes discursivos.

Protagonista da pós-modernidade, a globalização é uma questão-chave das pesquisas sobre o assunto, no entanto, não é possível defini-la com clareza sem esboçar os processos que a alimentam e as transformações que ela desencadeia em nosso mundo. O estudo da globalização admite centenas de contribuições de esferas tão diversas quanto a Sociologia, o Culturalismo, as Ciências Políticas e Econômicas, a História, a Geografia etc. A riqueza de tais contribuições reside justamente na diversidade de olhares, pois, longe de buscar (em vão) uma filiação científica, é importante ressaltar que o tema trata, sem dúvida, de uma pesquisa sobre a própria Humanidade em toda a sua complexa rede de deslocamentos materiais e simbólicos, interações sociais e práticas culturais.

Quando se trata de globalização, o que está em jogo “é uma ruptura histórica de amplas proporções, com implicações epistemológicas que exigem reflexão” (IANNI,

1998, p. 1). Diante disso, será mesmo relevante considerar que o processo teve início quando a primeira tribo decidiu se deslocar e teve contato com outra, a qual, até então, era desconhecida? Tal abordagem soa distante da(s) realidade(s) do(s) processo(s) vivenciado(s): parece remeter ao empoeirado livro didático tradicional se atendo a um imperativo imagético e a uma pretensa ordenação cronológica. Extrair ideias conclusivas de um estudo sobre globalização, por sua abrangência e complexidade, parece tão temerário quanto trocar o pneu de um carro em movimento.

Para dar início ao estudo desses processos globais de transformação, é necessário ter consciência de que a globalização não aconteceu (no passado), ela envolve todos e permanece dinâmica. A globalização realiza mudanças consideráveis em nossas sociedades e culturas: nós, como sujeitos inseridos em nosso momento histórico-social, temos nossa percepção de tempo, espaço e realidade diretamente afetada pelas oscilações oriundas dessa inconstante movimentação.

A globalização do mundo pode ser vista como um processo histórico-social de vastas proporções, abalando (...) os quadros sociais e mentais de referências dos indivíduos e coletividades. Rompe e recria o mapa do mundo, inaugurando outros processos, outras estruturas e outras formas de sociabilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades (IANNI, 1998, p. 1).

A revisão das noções tempo-espaciais e a questão da delimitação do local também se fazem presentes na explicação de McGrew (apud HALL, 2005, p. 67): a globalização faz referência aos “(...) processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espaço”.

A ideia de fronteira, geralmente, remete ao “encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície” (PESAVENTO, 2002, p. 35-36). No entanto, cada vez mais, acompanhamos de camarote (por intermédio da comunicação midiático-massiva e/ou nodal) o arrefecimento das fronteiras geográficas, políticas, culturais e comunicacionais no mundo afora e em nossos círculos locais de sociabilidade. As novas configurações territoriais endossam a maleabilidade do conceito de fronteira, que hoje admite o caráter essencialmente simbólico sobreposto aos marcos físico, natural e nacional. Para Ortiz (2000, p. 77), “(...) não é o fim das fronteiras, é o

fim de determinadas fronteiras e a abertura de novas”. Bauman (2005, p. 57) aponta para o acelerado derretimento das nossas estruturas e instituições sociais:

Estamos agora passando da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’. E os ‘fluidos’ são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.

Contrariando a ideia corrente que se costuma atribuir à palavra local, Bourdin (apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 144-147) expõe a fragilidade do elemento fronteiriço na sua composição, ao relativizar o termo: o local geográfico não coincide com os locais político e informacional, assim como o local histórico não coincide com o local comunitário ou cultural. A unicidade dos espaços é aparente e efêmera, pois também está sujeita a alterações de acordo com sua representação. O autor classifica ainda três tipos de local: o necessário (permeado pelos elementos históricos, étnicos e antropológicos), o herdado (considera a genealogia e as relações familiares) e o construído (permeado pela relação privilegiada com o local).

A legitimidade histórica em torno da formação das nações, da genuinidade étnica e do direito à posse de determinados territórios sempre foi revestida de contradições e trespassada por intencionalidades valorativas. Tal panorama se vislumbra tanto no distante expansionismo de Alexandre sobre a Pérsia a partir de 334 a.C. (e nas subsequentes incorporações territoriais) quanto nos conflitos entre israelenses e palestinos, que continuam a se arrastar pelo início do terceiro milênio.

No entanto, diante da globalização, tais contradições ressoam simultaneamente mais próximas do que antes, já que os espaços simbólicos se alteraram e se tornaram mais evidentes, pois não raro envolvem o suplantar dos aspectos simbólico-culturais em prol do político-econômico. Para Leenhardt (2002, p. 29), “(...) os interesses dos Estados não coincidem necessariamente com aqueles das comunidades; eles não são um produto de um cotidiano imemorial cristalizado nas práticas culturais, mas de novos projetos geopolíticos abertos (...)”.

A esse respeito, é possível resgatar a análise de Geary (2005, p. 11-12) sobre a formação da Comunidade Europeia. A unificação monetária, as facilidades comerciais e a livre circulação de cidadãos eram projetos envoltos em expectativas (positivas e negativas) por parte dos países-membros. O nome do bloco, no entanto, está envolvido em uma dupla polêmica, sendo uma para cada palavra que o compõe. Comunidade

pressupõe uma ideia de homogeneização indesejada, haja vista que as questões nacionais, a composição étnica e a língua, nos países europeus, são pautadas pela distinção regional e não pela equalização no imaginário coletivo. Já a palavra europeia remete à abrangência de toda uma região geográfica continental, sem excluir os países dissidentes da União Soviética. Na situação ilustrada, a despeito dos benefícios e prejuízos da formação geopolítica e econômica em torno da Comunidade Europeia, “(...) o conceito de fronteira já avança para os domínios da construção simbólica do pertencimento a que chamamos de identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença” (PESAVENTO, 2002, p. 36). Consequentemente, levando em conta a validade de tais argumentos, nota-se que a plena consonância vinculativa entre os europeus (interpretados como um mesmo povo) passa a assumir caráter utópico.

É possível olhar para a globalização a partir de outro viés, mais pessimista: o da pasteurização cultural. Trabalhemos com o exemplo das perspectivas ocidentais e orientais³ de organização do estado. Para a maior parte dos países ocidentais existe uma clara separação entre a religião e o Estado, fato que não encontra eco em muitos países árabes, onde a religião também dita normas de organização social e política. O que para nós está sacramentado na laicidade do Estado não faz sentido em alguns outros locais. Porém, quando contrapomos essas duas visões de política e sociedade nas dinâmicas internas de outros países pelo mundo, podemos facilmente entender a capacidade potencial da comunicação digital em acirrar as disputas entre culturas e modos diferentes de pensar. A propagação dos modos de vida ocidentais ilustra a argumentação supracitada: a globalização pode, em determinadas circunstâncias, ressoar como uma ameaça a culturas não ligadas tão diretamente ao consumo e às convicções mercadológicas predominantes.

Para Ortiz (2000, p. 73), a multiplicidade e a diversidade cultural tentam se afirmar em um mundo acostumado com a hierarquização social. É importante salientar, entretanto, que o fenômeno da globalização não apresenta somente aspectos bons e justos, pois ao se exportar formas de se viver, os modos de vida considerados menos desenvolvidos pelos grupos hegemônicos podem ser descaracterizados. A cultura, como “modo de vida global de determinado povo ou grupo social” (WILLIAMS, 2000, p. 11),

³ Vale lembrar que as denominações ocidental e oriental também remetem, por convenção, a determinadas posições geográficas, mesmo que, curiosamente, trate-se de uma divisória empregada com recorrência para apontar distinções de natureza cultural.

é dinâmica por natureza e determinante para a nossa concepção de realidade. Conseqüentemente não é possível hierarquizar certas práticas culturais em patamares de superioridade ou inferioridade.

Para Barbero (2003, p. 60-61), a globalização não pode ser pensada como simplesmente homogeneização: ela inaugura novos modos de representação e de participação social. Não se pode afirmar, categoricamente, que a globalização, considerada por uns como a “(...) grande utopia possível, a de um só mundo compartilhado, e por outros como o mais aterrorizante dos pesadelos, o da substituição dos homens por técnicas e máquinas” (ibidem, p. 58), tenha destruído as raízes culturais locais; assim como parece igualmente míope a visão de que as práticas culturais são passíveis de preservação nos mesmos moldes tradicionais de outrora. Camponez (apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 147) afirma que esses são erros comuns em muitas abordagens da relação entre local e global. O local, porém, não deixa de existir por conta dos avanços no processo de globalização. O que ocorre é uma reconfiguração de espaços que atribui significados novos às noções de local e global. Barbero (2003, p. 60) reforça: “não se pode confundir mundialização com padronização dos diferentes âmbitos da vida. (...) Estamos diante de outro tipo de processo que se expressa na cultura da modernidade-mundo, que é uma nova maneira de estar no mundo”. Deve-se evitar tanto o otimismo excessivo da ideia de uma única sociedade global, conectada e desprovida de discrepâncias, quanto o catastrofismo da destruição do espaço local e das tradições por conta de contatos culturais tão distintos.

(...) Não resta dúvida de que não é possível habitar no mundo sem algum tipo de ancoragem territorial, de inserção no local, já que é no lugar, no território, que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade – a história – da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade (...) (ibidem, p. 58).

Canclini (2008, p. XXXI) parece acenar para o fim das práticas culturais regionalmente isoladas, ao menos no que diz respeito ao conhecimento público, ao afirmar que os fluxos comunicacionais e as interações globais “diminuíram fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais”. Para Barbero (2003, p. 59), “(...) mesmo atravessado pelas redes do global, o lugar segue feito do tecido das proximidades (...)”, pois os antigos centros se mesclam com as periferias e as ideias de vínculos afetivos, pertencimento e identidade não mais se atrelam à presença físico-material.

Pode parecer paradoxal, mas é possível usufruir as vantagens do mundo globalizado ao mesmo tempo em que se (re)estabelecem relações com o local. O espaço público parece estendido a dimensões planetárias, mas é a partir da interação entre o transnacional e o local que se desenrolam as percepções coletivas e individuais da realidade. As diferentes culturas desenvolvem seus intercâmbios no interior dos processos de comunicação que, com todas as suas facilidades e empecilhos característicos, afetam os modos de convívio social.

Essa interação entre povos, etnias, tribos, grupamentos sociais diferentes, seja por ocasião de uma guerra passada ou por encurtar de distâncias por meio das comunicações digitais, propicia os contatos de natureza cultural. Isso mantém ativa a dinâmica das trocas simbólicas em suas diversas manifestações, desde o cotidiano exercício da comunicação por meio da Língua, influenciada por palavras e sotaques estrangeiros, até a mais densa ritualística funerária, cuidadosamente conduzida de modo a não ferir princípios ligados às diferenças religiosas dos entes queridos que agora velam o corpo.

A chamada cultura de massa, originada a partir das apropriações sociais dos inúmeros produtos culturais disseminados pelo rádio e cinema (e, posteriormente, pela TV), também “constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária. (...)Ela se acrescenta à cultura nacional, à cultura humanista, à cultura religiosa, e entra em concorrência com estas” (MORIN, 1997a, p. 15-16). Ao longo do século XX, os meios massivos de comunicação centralizaram a distribuição de conteúdo informativo, quase sempre mesclado à ideologia consumista⁴ inerente à lógica do sistema (ADORNO apud HANKE, 2004).

Outros fatores entraram no jogo mais recentemente para contribuir com a dinâmica da pós-modernidade: os novos modos de lidar com a informação baseados em sistemas digitais de codificação e a gradativa convergência tecnológica em torno de sistemas comuns de transmissão, processamento e armazenamento de informações digitalizadas (THOMPSON, 2001). Diferentemente do cenário das comunicações massivas, durante praticamente todo o século passado, tais articulações de conteúdo não ocorrem exclusivamente no seio de grandes corporações difusoras, mas também, de modo pulverizado, nas imbricadas redes informáticas de comunicação, nas quais

⁴ Na concepção frankfurtiana clássica, a cultura de massa pouco tem a ver com uma cultura propriamente dita, visto que produtos culturais são “fabricados de maneira mais ou menos planejada, estando direcionados ao consumo pelas massas e determinando esse consumo” (ADORNO apud HANKE, 2004, p. 98).

relações humanas supraterritoriais são ambientadas em interfaces digitais, transcendendo substancialmente as fronteiras geograficamente delimitadas. A digitalização facilitou a produção, o tratamento e o compartilhamento de mensagens.

Nesse contexto, uma “cultura de convergência” (JENKINS, 2008) ou, no entender de Santaella (2003), uma “cultura das mídias”, híbrida por natureza, desenvolve-se a partir de amálgamas entre o local (culturas regionais/tradicionais), o virtual (interações em rede) e o massivo (cultura pop).

(...) a cultura virtual não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de ‘cultura das mídias’. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso (SANTAELLA, 2003, p. 24).

2.2. Global x local: identidades fluidas

O processo de globalização, inerentemente ligado às questões culturais, conduz o estreitamento das relações entre sociedades diferentes. Tal contato entre realidades, valores culturais e concepções de mundo diferenciadas gera uma relação particularmente complexa, que se configura na ressignificação de diversos conceitos, práticas e ideologias. Tal assunto, porém, também faz referência à valoração cultural porque – por mais que nos posicionemos pretensamente indiferentes ou neutros às manifestações culturais – desde o nascimento, somos ensinados, pelo processo de socialização, a valorizar um tipo de cultura em detrimento de outras. Desde as comunidades primitivas, a ratificação do pertencimento a determinado clã ou tribo esteve ligado, inconsciente e coletivamente, à apologia a determinados modos de vida e, portanto, à negação de outros valores que venham se chocar com aqueles que foram introjetados no início dos ritos de pertencimento a determinado grupo étnico. A analogia da cultura como lente para o mundo endossa a ideia de porto seguro no interior dos espaços comunitários contra os perigos externos.

Entretanto, a globalização causou um verdadeiro caos nessa relação porque reorganizou os espaços, encurtou as distâncias e estabeleceu vastos processos comunicacionais, os quais nunca antes foram imaginados na dinâmica de sociedades que sempre estiveram separadas física e simbolicamente entre si.

O fortalecimento do capitalismo contemporâneo, o fracasso do modelo sociopolítico e econômico do socialismo e a ausência de alternativas válidas para contrapor os interesses do capital conduziram diversas comunidades à busca pela preservação cultural, supostamente ameaçada pela lógica homogeneizante do consumo e do mercado que norteiam as relações capitalistas. Para Hall (apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 143), o contato com outras culturas tende a gerar uma reação defensiva mais forte em nome da preservação da identidade: uma reação à desordem global. Algumas manifestações mais radicais, como o terrorismo, podem ser vistas como uma resposta desesperada ao que foi decodificado como uma tentativa de destruição cultural de uma civilização, considerada inferior por um oponente expansionista.

Na atualidade, muitas relações que, anteriormente eram construídas obedecendo a lógica do espaço, estão desterritorializadas como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação, entre eles a Internet. Hoje, não é mais necessário o contato físico entre as pessoas para que padrões de comportamento e valores culturais se manifestem. *Blogs, sites, chats*, redes sociais virtuais e bancos de compartilhamento podem ser acessados em qualquer lugar do mundo, abrindo portas não somente para imagens, conteúdo audiovisual, notícias e entretenimento, mas também para novos conceitos, interações sociais, valores, formas de vida e de organização de sociedades. São novos espaços públicos que entram em cena para re(des)ordenar a socialização humana.

Além dos (re)mapeamentos territoriais espaciais e simbólicos, a vida social na modernidade é marcada por mutações identitárias, fragmentações das experiências e pelas oscilações dos valores referenciais coletivos. As praticamente inegáveis implicações da globalização desencadeiam reconfigurações nas esferas comunitárias, sobretudo no convívio social, nos elos de pertença e na produção cultural de sentido.

Nesse horizonte, alteram-se as condições históricas e teóricas sobre as quais se desenvolvem os contrapontos, os nexos, as simultaneidades, as descontinuidades, desencontros e tensões entre dado e significado, aparência e essência, parte e todo, passado e presente, história e memória, lembrança e esquecimento, tradição e origem, território e fronteira, lugar e espaço, singular e universal. Alteram-se mais ou menos drasticamente as condições, as possibilidades e os significados do espaço e do tempo, já que se multiplicam as espacialidades e as temporalidades (IANNI, 1998, p. 2).

Para o pensamento vigente ao longo do século XIX, a mistura entre povos, materializada na miscigenação étnica e cultural, era considerada com desconfiança, pois supostamente poderia prejudicar o desenvolvimento social (CANCLINI, 2008, p. XXI). O panorama cultural – anteriormente delineado e concebido a partir das raízes da tradição, da família, do gênero, da religiosidade e do senso de pertencimento, comunidade, nação e etnia – era apresentado e amplamente defendido como paradigma racional-desenvolvimentista do progresso das sociedades. Até pouco tempo, tais parâmetros eram não apenas referenciais para a localização dos papéis dos sujeitos em sociedade, mas também elos de constituição de suas identidades e modos de perceber, conceber e significar o mundo em seu entorno. O sujeito ou homem do Iluminismo (HALL, 2005, p. 10) era visto como um ser racional, pensante, consciente, estável, autônomo e plenamente centrado. Sua essência estava na própria identidade, que o acompanharia de modo inalterado por toda a vida, desde o nascimento até a morte. É simultaneamente único e unificado.

Hall (2005, p. 11) também distingue um segundo momento, compreendido a partir da concepção sociológica no decorrer do século XX, no qual

a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.

Nessa ótica, a identidade seria a conexão entre o universo público (exterior) e o privado (interior), pois “costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2005, p. 11).

É importante ressaltar que, partindo da ótica sociológica, a identidade não é estática, pois está exposta às alterações na percepção do sujeito sobre si, seja por conta das suas novas experiências ou mesmo por uma mudança no próprio meio social. Conforme afirmam Peruzzo e Volpato (2009, p. 151),

as identidades são construídas numa íntima relação com as condições em que as pessoas vivem. Portanto, são históricas e transitórias, permanecem e se renovam no contexto das inter-relações estabelecidas no local e na conectividade estabelecida no mundo.

Dáí emana a proximidade entre os conceitos de comunidade e identidade. Hall (2005, p. 7) afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Ainda segundo o autor (ibidem), essa crise de identidade

parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Para Hall (idem, p. 69), as identidades culturais da pós-modernidade oscilam entre ao menos três cenários possíveis:

1) as identidades nacionais se desconfiguram e declinam na mesma medida em que avançam as forças homogeneizadoras de cultura provenientes, sobretudo, do processo maior a que comumente chamamos de globalização.

2) as identidades nacionais e locais se fortificam para fazer frente à globalização e aproveitam sua torrente para obter visibilidade. O carnaval brasileiro, por exemplo, representado nas largas avenidas dos sambódromos carioca e paulistano é um palco global de exposição de elementos identitários nacionais transmutados e efervescentes. Pode tanto simbolizar a amálgama cultural constituída pela parceria entre tradições e meios de comunicação de massa (BELTRÃO, 2001) quanto representar a máxima da espetacularização midiática e da reificação do indivíduo (DEBORD, 2003).

3) identidades híbridas estão florescendo. O sujeito pós-moderno é caracterizado pela multiplicidade identitária:

(A identidade é) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005, p. 13).

Para Giddens (2002, p. 54-57), antecipando Hall, a versatilidade identitária se caracteriza pela mutabilidade diante das experiências vivenciadas, estando intimamente ligada à continuidade narrativa que o indivíduo é capaz de sustentar a respeito de sua

biografia imaginada. A relação da identidade com seu criador é, não raro, considerada simultaneamente frágil – devido à dinâmica diversificada das vivências ao longo do tempo – e firme, visto que resiste à maioria das intempéries sociais. A identidade, nessa concepção, invariavelmente demandaria reflexões e atualizações conforme a necessidade do indivíduo de modo a sustentar um quadro mais ou menos fiel ao que ele considera sua visão de si.

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13): se o sujeito consegue conceber a si como um ser unificado é porque construiu uma confortável estória para lhe dar suporte, uma espécie de narrativa do eu, que se fundamenta apenas naqueles elementos criteriosamente selecionados⁵ no intuito de endossar um discurso de plena coerência a respeito da vida do indivíduo.

(...) A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a modelagem e a remodelagem das relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (ibidem, p. 71).

A respeito da construção e sustentação de narrativas identitárias nacionais, Canclini (2008, p. XXIII) afirma que:

(...) não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. (...) Em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais.

Hall (2005, p. 60-62) afirma destemido, que toda nação moderna é um híbrido⁶ cultural, pois, desde sua formação até os dias atuais, convive com a diversidade de grupos étnicos, gênero e classe social – todos com suas respectivas contribuições culturais, hegemônicas ou não. Para Canclini (2008, p. XIX), as identidades repensadas

⁵ É importante ressaltar que mesmo este processo de seleção de fatos, memórias, ideologias e crenças, que irão compor a estória do indivíduo, é influenciado pela percepção individual de realidade social e cultural. Tal visão de sujeito também admite convivência com variáveis incontroláveis do ser humano, por exemplo, a insólita participação do inconsciente na tomada de decisões (FREUD, 2001).

⁶ O termo híbrido parece pressupor a combinação ou o sincretismo entre dois ou mais elementos puros, no entanto, tanto Hall (2005) quanto Canclini (2008) ressaltam que essas mesmas estruturas foram também resultantes de outros processos de hibridação ocorridos no passado.

a partir de hibridações são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Esses incessantes e variados processos relativizam a noção de identidade que, por sua vez, já não é delimitável com clareza para o sujeito e a sociedade.

A tradição e as culturas nacionais estão sujeitas a mudanças no interior dessas transformações estruturais, já que práticas antigas são ressignificadas e postas em confronto com as novas disposições globais. Para Ortiz (2000, p. 71), “a questão nacional já não tem o mesmo peso que teve há alguns anos. Isso porque o processo de globalização enfraquece, debilita a própria questão da identidade nacional”.

Entra em cena, ainda que de modo gradativo, um cidadão global que, por não ser unicamente vinculado ao berço, contribui para a desmitificação da sacrossanta instituição nacional. Sangue, local de nascimento e habitat continuam a ser levados em conta para explicar os elos comunitários, mas não exclusivamente. É sabido que a nacionalidade não está geneticamente ou biologicamente assinalada no corpo de cada bebê que nasce em determinado território⁷, ainda que pareça fazer parte da natureza do sujeito. Sem considerar o caráter legal da questão, a nacionalidade – assim como ocorrem com a língua, os valores, as normas de convívio social, as ideologias, as crenças, entre outros – é culturalmente aprendida. A cultura nacional assume vestes de um discurso, do qual a identidade nacional é uma narrativa.

(...) não importa o quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural, para representa-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (...) Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural. (...) A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta (HALL, 2005, p. 59).

Thompson (2001) afirma que a formação de um estado costuma preceder a formação de um forte sentido de identidade nacional no interior de suas fronteiras. É pelo viés das fronteiras que “se confrontam as percepções de alteridade e da identidade,

⁷ Teorias relacionadas aos determinismos biológicos em seres humanos, a despeito de sua relativa importância em tempos passados e de sua persistente ressonância em tempos presentes, não encontrarão novos ecos no presente estudo, haja vista que os instintos e a adaptação corporal ao meio, ainda que existentes em humanos, não são determinantes na constituição do sujeito social.

ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se os ‘outros’ com relação a ‘nós’ e vice-versa (...)” (PESAVENTO, 2002, p.36).

Valores dominantes em prol da coesão social, do patriotismo, da religião majoritária e das tradições familiares endossam o sentimento de pertencimento e alimentam um senso comum de identidade nacional, mas, em contrapartida, por serem generalizantes, camuflam a pluralidade constitutiva da sociedade.

O processo de globalização insere todas (...) identidades numa situação nova. As diferentes identidades não vão acabar, mas elas vão se exprimir dentro deste novo contexto. Em alguns momentos serão expressões complementares, em outros serão expressões conflitivas (ORTIZ, 2000, p. 71).

Em tom de denúncia, Thompson (2001) pontua que as instituições detentoras dos poderes político (governos e estruturas políticas), econômico (empresas, bancos e instituições financeiras), coercitivo (militares e polícias) e simbólico-cultural (mídias, igrejas, famílias, escolas e universidades) podem atuar como aparelhos repressores e ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1985). Quando se unem para favorecer um governo no endosso de sua legitimidade perante a população, contribuem para a desarticulação de movimentos de resistência e separatismo.

Uma ressalva: longe de suprimir a importância da cultura e da história nacionais como agentes constitutivos de comunidades e norteadores de identidades, as colocações anteriormente apontadas visam relativizar sua predominância diante das reestruturações simbólico-sociais. Tais dilemas e perspectivas são assim expostos por Ortiz (2000, p. 71):

a crise que temos hoje é uma crise do Estado-nação. As pessoas têm dificuldade de aceitar isto porque o Estado-nação foi pensado como uma forma social mais avançada de realização do progresso, da industrialização, da urbanização e da consciência humana. (...) Estamos vivendo um momento em que o Estado-nação começou a perder, não a vigência, mas a sua centralidade.

Vale lembrar que o mesmo senso patriótico – ora questionado à luz instável das dúvidas da modernidade, ora fortalecido quando se alia à correnteza das mudanças globais – pode tanto despertar as mais nobres ações de solidariedade em prol do coletivo, quanto desencadear as mais pífidas atitudes xenofóbicas. Além do fator ação

humana, a interpretação coletiva ou individual do simbólico-representativo é o que lhe fornece seus sentidos, não raro ambíguos.

2.3. História, memória e patrimônio

A memória e o conhecimento sempre andaram lado a lado. A partir dos registros de experiências – sejam eles de natureza intelectual ou material, demarcados na esfera dos sentidos ou da linguagem, individuais ou coletivos – alimenta-se a rede de conhecimentos de que hoje dispõe a humanidade. Enciclopédias, bibliotecas, escavações arqueológicas, videotecas, pinacotecas e (claro) a Internet são grandes acervos da memória coletiva em diferentes suportes.

Para Nora (apud LE GOFF, 2003, p. 467), a memória coletiva encontra lugar para se desenvolver tanto no simbólico (celebrações e ritos) quanto nas esferas topográfica (acervos de bibliotecas), monumental (cemitérios e construções) e funcional (registros historiográficos). As tradições se fundam na memória coletiva que, por sua vez, constitui-se em patrimônio cultural. A necessidade de preservação do patrimônio cultural advém da conservação histórica e da união social.

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos (CANCLINI, 2008, p. 160).

Toda sociedade se preocupa com a conservação de determinados bens arcaicos essencialmente simbólicos, como o folclore, ou simbólico-materiais, como os monumentos. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469). Tal prática se inscreve na preservação de um patrimônio cultural, objetivando que este seja mais resistente a mudanças e sirva como referência estética e simbólica para os sujeitos que integrarão as gerações seguintes (CANCLINI, 2008, p. 161).

Os modos de construção, narração e apropriação desse legado cultural, não raro, são motivos de conflitos espaço-temporais. Para Sarlo (2005, p. 13, tradução livre), todos os vislumbres do passado são construções, pois o tempo do passado não pode ser

eliminado: “sua irrupção no presente é compreensível na medida em que se possa organizá-lo mediante os procedimentos da narração”. Falamos do passado sem dissociá-lo das ideologias, da cultura e dos referenciais do presente, que norteiam a edificação de uma continuidade e legitimidade. Tal ponto de vista endossa a visão de Santo Agostinho (apud RICOEUR, 2010), para quem a divisão do tempo em três instâncias – o passado, o presente e o futuro – apresentaria um centro necessariamente a partir do tempo presente: “é o presente que explode em três direções, reduplicando-se, a cada vez, de certa forma. (...) Ora, o presente do passado é a memória; o presente do presente é a visão; o presente do futuro é a expectativa” (ibidem, p. 364).

Um dos modos mais imprecisos e descomprometidos de abordar um determinado momento histórico está no emprego da palavra antigamente que por si só já escancara o referencial presente do comunicador. Tanto em âmbito coletivo quanto individual, as linhas do tempo passado parecem mais facilmente digeríveis do que a face das discontinuidades, das contradições e dos conflitos que pouco a pouco, são esquecidos.

(...) Grandes esquemas explicativos são relativamente independentes da matéria do passado sobre a qual se impõe uma linha superior de significados. A potência organizadora desses esquemas se alimenta do ‘sentido comum’ com que se coincide. A esse modelo também responderam as ‘histórias nacionais’ de difusão escolar: um panteão de heróis e um grupo de excluídos, em uma linha de desenvolvimento unitário que conduzia até o momento presente (SARLO, 2005, p. 15-16, tradução livre).

Para Hall (2005, p. 47-53), a gama de mitos nacionais, ritos de passagem, antigas tradições, grandiosas conquistas, terríveis catástrofes, imagens ufanistas, eventos de arte, entre outros, fornece a carga de simbolismo que gera sentido a esta grande comunidade imaginada chamada nação.

Para Le Goff (2003), no intervalo compreendido entre os séculos XIX e XX, dois importantes desenvolvimentos de ordem tecnológica contribuíram para remodelar a noção de memória da humanidade: respectivamente a técnica fotográfica e a memória eletrônica. O autor (ibidem, p. 460) afirma que a fotografia multiplica e democratiza a memória, dando-lhe “uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” em um álbum de família, por exemplo.

O álbum de família exprime a verdade na recordação social. As imagens são dispostas em ordem cronológica e merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos momentos de sua unidade passada, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente (LE GOFF, 2003, p. 466).

Para Barthes (1984), semiólogo francês, a fotografia é uma linguagem e, como tal, está necessariamente sujeita à intervenção humana. Sem entrar no mérito da pós-produção, a manipulação dos resultados passa por diversos elementos que afetam o resultado final, desde a consciência do fotografado de que sua imagem está sendo capturada até a escolha metódica de ângulos, iluminação, filmes e do instante exato do clique por parte do fotógrafo. Tais características, no entanto, não obstruem o principal objetivo da fotografia: a criação de uma imagem-registro (de um dado momento de uma realidade passada) que tem o potencial de se eternizar.

Essa imagem-registro é fragmentada (SONTAG, 2007), pois o contexto original de sua produção é uma realidade passada que não pode ser novamente vivenciada. Suas referências serão interpretadas em um novo contexto e os sentidos produzidos nesta nova situação são imprevisíveis, podendo tanto despertar uma memória adormecida (e seus subsequentes sentimentos) quanto causar apatia ou desconhecimento. Um álbum de fotografias sempre será mais significativo para quem viveu as experiências ali retratadas do que para quem as ouve narradas por terceiros.

(...) Todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas. Durante a luta entre sérvios e croatas no início das recentes guerras nos Bálcãs, as mesmas fotos de crianças mortas no bombardeio de um povoado foram distribuídas pelos serviços de propaganda dos sérvios e também dos croatas. Bastava mudar as legendas para poder utilizar e reutilizar a morte das crianças (idem, 2003, p. 14).

No caso desta última citação, a identidade se sobrepõe ao fato, pois atrela um valor simbólico específico (verídico ou não) ao acontecimento e o contextualiza no interior da esfera sociocultural.

Para Sontag (2003, p. 24), a fotografia flerta com a morte desde a sua invenção: “como uma imagem produzida por uma câmera é, literalmente, um vestígio de algo trazido para diante da lente, as fotos superavam qualquer pintura como lembrança do passado desaparecido e dos entes queridos que se foram”.

Em seu contexto de produção, a fotografia pode ser simultaneamente uma transcrição imagética de um momento da realidade quanto uma interpretação dessa realidade. Já no contexto de recepção, para Woolf (apud SONTAG, 2003, p. 26), fotografias têm a capacidade de evocar a memória do passado a partir do olhar presente. Ainda de acordo com a autora, objetividade e subjetividade se mesclam em aparentes “truques ilusionistas” ricos no despertar de interpretações.

A verdadeira revolução da memória se desenvolve a partir da década de 1950 (LE GOFF, 2003). Muitos equipamentos concebidos na aurora do desenvolvimento tecnológico resultante da 2ª Guerra Mundial passam a ter outras finalidades de caráter não bélico, sobretudo as imensas máquinas de calcular, os futuros computadores, que foram aprimoradas para permitir operações mais complexas, transmissões de dados de modo mais eficiente e maior capacidade de armazenamento de informações. Além dos ganhos em termos de comunicação, delineava-se o que Le Goff (2003, p. 462) chamou de “memória eletrônica”.

A memória eletrônica, em termos funcionais, constitui-se em uma das operações básicas de um microcomputador. A capacidade de registro de informações em um disco rígido ou em uma mídia removível, por exemplo, é limitada ao espaço disponível no *hardware*, assim como ocorre em um caderno de anotações. Já o potencial de armazenamento em rede cresce exponencialmente e é praticamente incomensurável. Esse tipo de memorização é mais estável e preciso que a memória humana, pois esta é tipicamente maleável⁸. Apesar de a memória eletrônica se assemelhar à permanência dos registros feitos em livros, ela apresenta “uma facilidade e evocação até então desconhecida” (LEROI-GOURHAN apud LE GOFF, 2003, p. 463). A estruturação do conteúdo em bancos de dados digitais, associada aos mecanismos de pesquisa, permite o rápido acesso aos documentos memorizados.

Em contrapartida, a memória eletrônica não é autônoma e tampouco é capaz de abarcar a complexidade da memória individual humana ou da memória coletiva social, assemelhando-se, assim, a uma ferramenta de registro ou a uma extensão da própria memória do ser humano. “(...) O homem é conduzido progressivamente a exteriorizar faculdades cada vez mais elevadas” (ibidem, p. 463).

⁸ Para Halbwachs (1990, p. 28), as imagens “que nos são impostas pelo nosso meio modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida”.

2.4. Relatividade na Comunidade

A noção de comunidade, nos dias de hoje, está permeada pela ideia de segurança e proteção contra o estranho, o desconhecido, o externo ou o aparentemente incognoscível. A partir do ponto de vista das comunidades tradicionais – ou seja, daquelas que são regionalmente e geograficamente delimitadas e relativamente padronizadas em sua produção simbólica interior – o mundo atual sempre parecerá desordenado, caótico, individualista e autodestrutivo. São elementos de contrapartida à ordem, à segurança, à coletividade e à preservação que permeiam o imaginário dos sujeitos que se consideram membros dessa comunidade e que nela enxergam um verdadeiro mecanismo social de defesa. Castells (2006b) afirma que a valorização dos espaços local e comunitário são respostas aos movimentos homogeneizantes da globalização.

É necessário, no entanto, retomar algumas contribuições clássicas da Sociologia para dar prosseguimento à análise do termo e de seus sentidos, em tempos de modernidade. Comunidade, na visão de Weber (apud SOUSA, 2006, p. 03), seria a “(...) relação social quando a atitude na ação social inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo”. Sociedade, em contrapartida, seria uma “(...) relação social quando a atitude na ação social inspira-se numa compensação de interesses por motivos racionais (de fins ou valores) ou então numa união de interesses com idêntica motivação” (ibidem). Esse sentimento compartilhado acaba sendo racionalizado para a manutenção da coesão e do bem comum – por esta razão o autor contrapõe o senso comunitário à noção de luta por mudanças drásticas.

Os tipos de comunidades podem variar de acordo com a natureza das relações que as originaram e que as mantêm. Tönnies (apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 141), a despeito de sua visão orgânica da comunidade, afirma que a ênfase das relações comunitárias está concentrada nos laços sociais de parentesco (consanguíneo), vizinhança (compartilhamento de locais em comum) e amizade (afetividade e modo comum de pensar). Já em Buber (apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 142), verifica-se a busca pela comunidade ideal ou, melhor dizendo, pelo ideal de comunidade. Para o autor, a comunidade é fonte de vida, pois o sentido e o valor desta só pode se manifestar com plenitude no interior daquela. Os limites traçados pela sociedade, como as fronteiras territoriais, são alvo de críticas por parte do autor, que afirma que não apenas

o sangue e o local de nascimento e criação deveriam ser levados em conta para explicar o elo comunitário.

Para Sousa (2006, p. 4), “o sentimento de pertencimento se amplia e se diversifica em suas significações à medida que também se amplia o de comunidade, não se restringindo mais à oposição inicial entre comunidade e sociedade”. Tal sentimento está vinculado a um estar junto social e é um dos elementos constitutivos da identidade. É um conceito diretamente associado ao de comunidade que surge da Antropologia e da Sociologia, motivadas pela necessidade de explicar a organização e o funcionamento dos processos humanos de socialização. Basta observar como as pessoas descrevem a si, ao se apresentarem a desconhecidos: dizem seu nome e sobrenome (indicador do vínculo genealógico), local de nascimento (espaço geográfico que, indiretamente, já traz consigo toda uma bagagem cultural), idade (elemento temporal que se liga às experiências vivenciadas), profissão (um de seus papéis na sociedade) e assim por diante.

Para Beaud (apud SOUSA, 2006, p. 10), quando relacionamos o sentimento de pertencimento aos espaços públicos, plurais por conta de seu caráter político e social, nota-se uma ampliação das fronteiras: “cada um é chamado a pensar enquanto indivíduo social em relação às novas formas de pertencimento social e de sua integração”. Trata-se de uma objetivação em si, um verdadeiro mecanismo de realização do pertencimento.

É nesse contexto de uma sociedade desigual que soa intrigante e contraditório entender vinculações crescentes entre comunicação e cultura desde a perspectiva de comunidade como que retomando a dualidade tradicional entre comunidade e sociedade (SOUSA, 2006, p. 01).

Canclini (apud SOUSA, 2006, p. 06) vincula o sentimento de pertencimento à identidade, comunidade e cidadania. Ser cidadão não significa ter os direitos reconhecidos pelo Estado ou nascer em um determinado local, pois é nas práticas sociais e culturais que se constrói o sentido de ser cidadão. As reformulações nos padrões de convivência, sobretudo nos espaços urbanos, redefine o senso de pertencimento e identidade.

Castells (apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 144) afirma que as comunidades são engendradas sobre interesses e anseios dos membros e, por esta razão, são geradoras de identidades. A identidade comunitária, no entanto, não é estática: está sujeita a momentos de fortalecimento e enfraquecimento do *status quo*, sobretudo como

forma de reação (de resistência ou de condescendência) às mudanças nas noções de sociedade, comunidade e pertencimento, diante dos movimentos globalizantes.

Já Hall (apud SOUSA, 2006, p. 07) defende que passamos por uma verdadeira crise identitária por conta do pensamento descentrado e da perda de referências: estão fragmentadas as “paisagens culturais de classe, gênero e sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”.

As comunidades e as mediações entre o simbólico e o material, o público e o privado, o local e o global, o vivido e o imaginado compõem o campo de estudo de Silverstone (ibidem, p. 08). Para o autor, as comunidades são em boa parte imaginadas, pois se constituem num corpo de símbolos que reside no pensamento das pessoas que as nutrem. Silverstone, no entanto, não desconsidera a existência da “comunidade real”, vivida e localizada no tempo e espaço, que vem sendo desconstruída pela modernidade.

Barbero (apud SOUSA, 2006, p. 05) afirma que o sentimento de pertencimento se vincula não apenas ao espaço e ao simbólico, mas também aos hábitos de consumo, seja para a integração na produção de sentidos ou para a objetivação de desejos. O autor também aponta para a desespacialização das cidades e o desafio da busca de identidade em uma sociedade tão fragmentada:

se a televisão atrai é porque a rua expulsa, é dos medos que vivem os meios. Medos que provêm secretamente da perda do sentimento de pertencimento em cidades nas quais a racionalidade formal e comercial acaba com a paisagem em que se apoiava a memória coletiva.

Para Maffesoli (2006, p.151), a sociedade “vive e se organiza (...) através dos reencontros, das situações, das experiências, no seio dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e popularidades muito diversificadas”. Em outras palavras, um mesmo indivíduo pode oscilar entre diversas microcomunidades, experimentando a realidade social a partir de cargas simbólicas variadas. É o que o autor sintetiza em sua metáfora de tribo.

É para dar conta desse conjunto complexo que proponho usar, como metáfora, os termos de ‘tribo’ ou de ‘tribalismo’. Sem adorná-los, cada vez, de aspas, pretendo insistir no aspecto coesivo da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que

estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais.

No contexto de conjunto social, a formação dessas tribos provém da projeção dos valores coletivizados. Como estruturas privilegiadas para a troca de bens simbólicos, toda tribo é regida por valores e cultura próprios. Basta olhar para as variadas manifestações e grupamentos da então nascente cultura juvenil, os quais efervesciam no caldeirão contracultural da década de 60: grupos *hippies*, ativismo *black power*, movimento feminista, entre outros.

A afetividade que envolve o sentimento de pertença é uma espécie de cimento cultural. Para que perdure e mantenha unida a comunidade – seja ela originária de uma mesma ideologia, crença, raiz étnica ou convenção geográfica – devem ser mantidas as práticas simbólicas de rememoração de sua história, legitimação de seus laços e consagração de seus membros. Tais situações podem ser visivelmente verificadas em feriados comemorativos, ritos de passagem, festas típicas, no folclore e na mitologia, nos monumentos, nas religiões e, até mesmo, em determinados hábitos de consumo.

Segundo Thomas (apud MAFFESOLI, 2006, p. 48), o ritual é um local de confraternização e interação, porém, também é a evidência de certo esgotamento da energia criativa da comunidade. É um indício de que ela já admitiu a validade de boa parte dos valores que a constitui e de que é o momento de cultivar esses valores – e não de buscar novas experimentações que possam, porventura, descaracterizar sua formação.

Isso não significa, absolutamente, que as comunidades sejam fechadas e permanentes. Ao contrário, elas tendem a ser dinâmicas, sujeitas à mudança e à ressignificação de seus símbolos, estética e práticas, sobretudo diante das mídias de massa e das redes digitais de informação. Na definição de comunidade de sentido, de Janotti Jr (2003, p. 4), nota-se com clareza o destaque concedido à comunicação e, novamente, ao consumo:

(...) comunidades de sentido são determinadas agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. É a vivência desses sentidos, através do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um

indivíduo reconhecer seus pares, seja um skatista, um punk, um headbanger, um clubber; independentemente do território em que esses sentidos se manifestam.

As comunidades de sentido não necessariamente dependem de um espaço físico para existirem como microgrupos que compartilham dos mesmos elementos norteadores. Por sua maleabilidade, são condizentes com a versatilidade simbólica típica das identidades partilhadas de que trata Hall (2005).

Os termos comunidade de sentido e identidade partilhada serão recorrentes ao longo do presente trabalho por duas razões: são passíveis de aplicabilidade às relações comunitárias, diante das novas interações globais, e, por contemplarem a desterritorialidade, também podem ser utilizados para abordar a emergência das comunidades virtuais na Internet (*blogs*, redes de relacionamentos e outros grupos de discussão *online*) e dos perfis digitais. Em essência, ambos os termos e as situações ilustradas são parte de um mesmo processo, que já foi contemplado no presente capítulo: a pós-modernidade.

As novas tecnologias da informação e comunicação, ao mesmo tempo em parecem ter propiciado ao indivíduo certo isolamento físico (TURKLE, 2005), também permitem novas formas de interação, mais inovadoras e sensivelmente mais abundantes, com outros indivíduos pertencentes a comunidades longínquas. Com a gradual descentralização dos territórios físicos e das identidades (HALL, 2005), os atributos essenciais que integram os membros de determinadas comunidades transitam por outros espaços, desencadeando contatos culturais talvez inéditos e contribuindo com mais uma pequena etapa em um processo de maior amplitude. Para Ianni (1998, p. 1), “todas as realidades sociais, desde o indivíduo à coletividade, ou povo, tribo, nação ou nacionalidade (...), passam a ser influenciadas pelos movimentos e pelas configurações do globalismo, e a influenciá-lo”.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias, e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (...) dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2005, p. 75)

A presença dos atores sociais em espaços físicos também pode, gradualmente, perder força por conta das possibilidades de interlocução por meio das novas mídias.

(...) A comunicação mediatizada exerce seu papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade, em espaços públicos plurais, onde formas distintas de acesso, individual ou coletiva, de alguma forma interferem na criação e na circulação de sentidos, na configuração de práticas, donde seu lugar, enquanto comunicação mediatizada, na construção dessas práticas, e por isso mesmo, práticas públicas com apropriações e canais de acesso diferenciados (SOUSA, 2006, p. 15).

Diante das redes comunicacionais e da possibilidade de novos intercâmbios culturais, nota-se o despontar de uma aparente ausência de fronteiras para a circulação simbólica em espaços físicos ou não. Ambos os espaços, no entanto, admitem fronteiras – ainda que inconstantes: assim como uma grande cidade cosmopolita apresenta limites municipais e barreiras naturais, a Internet também possui entraves linguísticos, culturais, políticos e econômicos, que impõem limites aos fluxos informacionais e restringem as possibilidades de interação.

As delimitações físico-geográficas não se prestam a entender os espaços em questão no mundo contemporâneo, ao menos não como critérios únicos. Comunidade e região estão inseridas numa complexidade social que não abandona as delimitações físicas, mas também não se limita a elas (CASTELLS apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 151).

É fato que a ideia contemporânea de comunidade não pode fazer referência exclusiva aos espaços físicos, pois mesmo em ambientes virtuais, como nos serviços de redes sociais virtuais, é possível constatar a existência de vínculos afetivos com intensidade, sentimento de pertença e valores compartilhados (RECUERO, 2010). Além das fronteiras dos territórios físico-geográficos existem os espaços simbólico-culturais, também passíveis de emoção e subjetividade.

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencana-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face a face) por outro (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas (PALÁCIOS apud PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 143).

Para Castells (2006a, p. 51), a crescente integração entre mentes e máquinas altera “fundamentalmente o modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos”. Ainda segundo o autor, “os contextos culturais/institucionais e a ação social intencional interagem de forma decisiva com o novo sistema tecnológico, mas esse sistema tem sua própria lógica embutida”: a incessante e acelerada transformação da informação.

O Capítulo III, a seguir, trata das desmaterializações especiais, compartilhamentos simbólicos em rede e das mudanças nas esferas culturais desencadeados a partir do avanço e das apropriações das TIC.

III. COMUNICAÇÃO E DESMATERIALIZAÇÕES NA REDE

Cada tecnologia que entra em cena na história da humanidade acaba por funcionar como uma nova linguagem, a qual estrutura mensagens de uma forma nova e particular; tanto linguagem como tecnologias acabam por funcionar como extensões da memória e da comunicação.

Vinícius Andrade Pereira
(2011, p. 90)

Algumas características das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) – tais como velocidade, imediatismo, interconectividade e descentralização – foram utilizadas como argumento para sustentar uma suposta distinção entre mundo físico e mundo virtual, principalmente na década de 1990. A legitimidade das relações estabelecidas na Internet é, muitas vezes, questionada por defensores mais assíduos das relações presenciais. Vale lembrar, contudo, que a exigência da presença física dos interlocutores para que se estabeleça uma relação de interação já não é indispensável desde a invenção do telégrafo e, mais adiante, do telefone. Em última instância, o e-mail se assemelha muito ao envio de recados e correspondências a distância, prática que remonta a tempos imemoriais da história humana. É fato que a velocidade de transmissão e a digitalização dos dados não podem ser responsabilizadas pela suposta criação de outro mundo, externo ao físico.

Cada vez menos, demanda-se a presença física para que se estabeleça uma situação de convívio social legítimo. A aparente oposição entre mundo físico e mundo virtual reserva uma verdadeira armadilha ao pesquisador que pretende estudar comunicação e Internet. Físico (ou presencial) e virtual apresentam naturezas distintas, mas se atrelam a um mesmo processo quando são analisados a partir da ótica cibercultural: são partes da sociabilidade humana no universo da comunicação em rede. Em essência, o virtual existe (LEVY, 1996).

Não se deve dar início às pesquisas sobre a Internet sem antes considerar o caráter mutável e efêmero das mensagens na comunicação *online* – além da necessidade de contextualização e fundamentação adequada, de modo a não perder de vista a credibilidade da pesquisa (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011). A

transitoriedade é parte indissociável das comunicações e das construções simbólicas na sociedade informacional.

Com a dissolução das categorias espaciais e temporais na modernidade, a sociedade em rede é caracterizada por uma mudança de territorialidade e por uma sociedade funcionalmente integrada a um mundo de fluxos efêmeros e virtuais de conhecimento e experiência. É uma sociedade em rede onde o domínio cultural está especialmente orientado por sistemas integrados de mídia eletrônica (CHAMBERS, 2006, p. 131, tradução livre).

Os estudos sobre a Internet ainda são um campo em pleno desenvolvimento e se faz necessário deixar de lado a pesquisa profética, as especulações e a tendência de alguns estudos em dissociar a Internet (por sua virtualidade) da realidade da comunicação social.

A Internet pode ser analisada a partir de diferentes olhares, mas o presente estudo salienta dois elementos: sua capacidade de interação e sua propriedade de armazenamento de dados. Em qualquer um dos casos, deve-se também evitar o partidarismo autoral e o pensamento enviesado que, não raro, rotulam a rede como uma grande salvação ou terrível perdição para a humanidade.

Muito se discute a respeito do papel exercido pelo uso das redes sociais virtuais na Internet: elas influenciam seus usuários rumo ao individualismo e isolacionismo ou ao comunitário e participativo? Não há consenso no questionamento e, longe de responder a tão controversa questão, vale sublinhar, conforme o faz Recuero (2010, p. 141), as aproximações e divergências conceituais entre alguns dos principais pesquisadores no assunto no intuito de traçar possíveis caminhos. Em linhas gerais:

Wellman e também Castells acreditam que a mediação pelo computador, no contexto da globalização e da 'sociedade em rede' proporcionaram uma mudança essencial na sociabilidade. Os autores creditam o formato de rede a uma ascensão do individualismo, ao contrário de Maffesoli, Lemos e Bauman, que veem na atualidade um retorno ao comunitarismo.

O acesso à tecnologia por si só não modifica o indivíduo, mas lhe fornece novos instrumentos para descortinar possibilidades de crescimento. Nunca é demais recordar que o homem se relaciona com a tecnologia de maneira recíproca: ele a modifica e também é modificado por ela em contextos de apropriação dinâmicos, que não se

pautam pela previsibilidade. Esse é um dos motivos pelos quais não se deve olhar para a tecnologia de modo isolado, tanto em sentido positivo quanto negativo.

3.1. Tecnologia: filias, fobias e extensões

Nos estudos na área da cibercultura oscilam tensões entre o pessimismo cultural e o otimismo societário apoiado no desenvolvimento tecnológico. São duas extremidades que se enfrentam no campo de batalha dos usos e apropriações da tecnologia. Isso ocorre porque a Era da Informática evoca contrastes e aparentes contradições em nossos meios sociais: liberdade e prisão, esperança e horror, coletividade e individualidade etc.

Rüdiger (2007, p. 15) discorda tanto de tais posicionamentos extremos quanto da visão simplista do senso comum que evoca a neutralidade das tecnologias, dado o seu caráter instrumental e objetivo: “neste âmbito, ainda vigora a concepção segundo a qual meios e fins são, uns em relação aos outros, elementos independentes”. Tal ótica só é possível a partir do momento em que rompe, teoricamente, o vínculo entre o humano e o tecnológico – o que na prática é inconcebível, pois a tecnologia não pode ser separada de seu uso concreto, dado que se origina no ser humano diante de suas “condições históricas e sociais determinadas” (RÜDIGER, 2007, p. 16).

Os pensadores chamados tecnófilos (RÜDIGER, 2007) são aqueles que defendem o aspecto emancipatório e positivo das tecnologias. Para esse grupo, o progresso da humanidade está condicionado aos avanços tecnológicos – como se estes tivessem a propriedade de solucionar seus próprios problemas e as consequências de seu uso. O panorama delineado nesta vertente é sempre favorável aos desenvolvimentos tecnológicos como se fossem importantes em si, como portais de acesso automático e imediato ao conhecimento e ao progresso social.

No entanto, a ode ao determinismo tecnológico se contrapõe ao ódio do fatalismo tecnológico: a corrente chamada tecnófoba (RÜDIGER, 2007) assume contornos mais niilistas e apocalípticos diante das conturbadas relações entre o ser humano e as tecnologias. Moraes (2006), por exemplo, em tom crítico, afirma que a sociabilidade encontrou uma nova força motriz que utiliza a tecnologia como fundamento da lógica do relacionar-se: a tirania da velocidade. Para o autor, os sempre novos apetrechos tecnológicos de comunicação, tais como celulares, relógios, mensageiros, GPS, analistas do tempo, salas de *chat*, pontos de acesso à Internet,

televisores e outros recursos caracterizariam uma pulsão esquizofrênica e sistemática em direção ao consumismo de novas tecnologias, subordinadas à velocidade e à criação permanente de novidades. Nesse sentido, as relações humanas estariam passando por um processo de superficialidade e deterioração. Os aparatos tecnológicos, em seu movimento progressivo rumo à substituição e até à superação de algumas atividades tipicamente humanas, reduzem a iniciativa e o potencial criativo de homens e mulheres a números, variáveis e engrenagens de uma máquina social supostamente capaz de racionalizar até mesmo a ética, a autonomia e a dignidade. Sua essência destrutiva e homogeneizante compõe a pauta das pesquisas de caráter tecnófobo, que pode ser verificada na demonização da Internet como grande responsável por uma suposta dissolução dos laços afetivos em nossa sociedade.

Alguns autores, com um otimismo talvez exagerado, vêem, no acesso generalizado às novas tecnologias, uma oportunidade acrescida para o desenvolvimento, para o avanço da participação das populações nas decisões políticas, para o desabrochar da economia e a promoção de seus valores culturais, enquanto outros autores, mais reservados, consideram as mutações tecnológicas do nosso tempo como a morte das culturas tradicionais, da diversidade de seus modos de vida, e a perda da espontaneidade das diversas experiências do mundo que fizeram a riqueza das civilizações (RODRIGUES apud RÜDIGER, 2007, p. 18).

Tanto uma extremidade quanto a quanto a outra são parte de uma mesma mitologia. “(...) Tecnicismo e humanismo se mesclam no processo histórico” (RÜDIGER, 2007, p. 21), portanto, a contraposição entre estas duas maneiras de se pensar precisa ser dialeticamente relativizada. Na intersecção dos tecnófilos com os tecnófobos, encontramos uma demasiada atribuição de poder e autonomia à técnica em detrimento do poder e autonomia do humano sobre esta.

A partir de uma perspectiva mais voltada à antropologia, o ser humano seria o grande agente criador e transformador da natureza e o faz de acordo com as suas necessidades e arbítrios. Utensílios, ferramentas e máquinas foram desenvolvidos por meio da aplicação material de conhecimentos, projetando, portanto, as faculdades humanas para o exterior do corpo. Tal pensamento foi apoiado por McLuhan (2005). Das extensões materiais dos órgãos e sentidos dependeu a sobrevivência da espécie: alteramos a natureza para desfrutarmos de uma realidade cada vez menos hostil e mais cômoda, mas, em contrapartida, tornamo-nos mais dependentes das mesmíssimas tecnologias que geramos. A dimensão simbólica é indissociável da tecnologia, dado que

a criação de técnicas, como parte da cultura, trespassa os elementos materiais, orgânicos, funcionais e mnêmicos.

Em sua transição da natureza à cultura, o ser humano compreendeu que precisava exteriorizar suas memórias e saberes, de modo a preservar os conhecimentos mais complexos desenvolvidos. Pereira (2011, p. 84) afirma que:

(...) diante de um radical crescimento da complexidade das operações proto-humanas, os padrões mnêmicos herdados geneticamente não puderam mais dar conta de guardar o conjunto de mensagens interessantes para uma hipotética sociedade de homínidas. Neste sentido, uma pressão na direção da elaboração de linguagens artificiais foi condição *sine qua non* para a emergência da cultura e da função simbólica.

Para McLuhan (2005, p. 60), o sistema nervoso central é responsável pelas nossas ações e percepções e o próprio corpo é um prolongamento protetor e utilitário das capacidades mentais do ser; assim como as roupas e as casas representam extensões e blindagens da pele.

O desenvolvimento de uma extensão humana, contudo, demandaria também um processo de autoamputação. Quando o homem produz uma extensão de si como resposta a uma pressão ou irritação, a exemplo de um carro para percorrer mais rapidamente longas distâncias, ele autoamputaria seu órgão original, no caso, os pés, para imbuí-lo de novas funções adaptadas à nova ferramenta. De maneira semelhante, tal processo de mutação também se desencadearia no âmbito coletivo.

Contemplar, utilizar ou perceber uma extensão de nós mesmos sob forma tecnológica implica necessariamente em adotá-la. Ouvir rádio ou ler uma página impressa é aceitar essas extensões de nós mesmos e sofrer o ‘fechamento’ ou o deslocamento da percepção, que automaticamente se segue. É a contínua adoção de nossa própria tecnologia no uso diário que nos coloca no papel de Narciso da consciência e do adormecimento subliminar em relação às imagens de nós mesmos. Incorporando continuamente tecnologias, relacionamo-nos a elas como servomecanismos (MCLUHAN, 2005, p. 64).

Na mitologia grega, Narciso era um jovem de beleza inimaginável, filho de um deus com uma ninfa. Um sábio profetizou que Narciso teria uma longa vida, desde que nunca se olhasse no espelho. Transformou-se em um adulto individualista e não se deixava levar pela paixão – o que teria despertado a ira das moças, que cobraram

providências de Nêmesis. O deus conjecturou para que Narciso, descansando à beira de um rio, pudesse vislumbrar seu reflexo no espelho d'água. Sem conseguir se desvencilhar, apaixonou-se por sua própria imagem e, hipnotizado por ela, afogou-se no rio.

Em sua analogia entre o mito de Narciso e o fascínio do homem pelas suas extensões, McLuhan (2005, p. 59) afirma que o reflexo que Narciso enxergou na água era nada menos que uma extensão de si em outro suporte, o que lhe causou um efeito narcótico⁹ de falsa identificação. Arquetipicamente, o mito de Narciso é deveras negativo, pois representa o isolamento, as relações superficiais, a vaidade e a ruína. Para o autor, “a extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida. (...) Ele estava sonado. Havia-se adaptado à extensão de si mesmo e tornara-se um sistema fechado”. Nesse sentido, as reproduções ou ampliações funcionais em suporte diferente de si teriam o potencial de despertar esse deslumbramento.

(...) qualquer nova estrutura para codificar a experiência e portar informação, seja o alfabeto ou a fotografia, tem o poder de impor sua característica estrutural e princípios sobre todos os níveis de nossas vidas privadas e sociais – mesmo sem promover pensamentos ou aceitação consciente. (...) Isso é o que eu sempre quis dizer com ‘o meio é a mensagem’ (MCLUHAN apud PEREIRA, 2011, p. 112).

Turkle (2005, p. 279, tradução livre) também faz referências ao narcisismo aplicado às nossas relações com a tecnologia: “o novo espelho atende pelo nome de computador” e se relaciona com a construção da identidade.

Castells (2006b, p. 417) reconhece o caráter inovador nos estudos de McLuhan a respeito das simbioses entre sociedade e tecnologia, mas faz uma ressalva à linguagem hiperbólica, amplamente utilizada pelo autor em seus livros. Algumas metáforas de McLuhan, por vezes, parecem soar revolucionárias e até pessimistas na relação homem-máquina, sobretudo por conta de alguns termos de impacto amplamente utilizados em sua obra, tais como anestésicos, cirurgias e amputação. O tom de sua narrativa pode ser verificado na citação a seguir:

Hoje dispomos de anestésicos que nos permitem executar as mais terríveis operações físicas. Os novos meios e tecnologias pelas

⁹ A origem do termo narcótico está no mito de Narciso.

quais nos ampliamos e prolongamos constituem vastas cirurgias coletivas levadas a efeito no corpo social com o mais completo desdém pelos anestésicos. Se as intervenções se impõem, a inevitabilidade de contaminar todo o sistema tem de ser levada em conta (MCLUHAN, 2005, p. 83).

3.2. Internet, interação e interfaces

Com a popularização da Internet e, mais especificamente, das redes sociais virtuais, novas formas de interação foram disponibilizadas e gradualmente alteraram, em maior ou menor grau, os modos como nos comunicamos e como concebemos a interação.

A palavra interação é, muitas vezes, empregada como sinônimo de comunicação social e pressupõe uma relação de reciprocidade. Antes de dar prosseguimento ao estudo, no entanto, faz-se necessário pontuar algumas considerações a respeito da interação e da interatividade em ambientes virtuais. É deveras comum encontrar uma diferenciação rígida entre ambos os conceitos, bem como observar o uso indiscriminado da palavra interatividade em estudos na área para denominar processos caracterizados por mera manipulação técnica de equipamentos ou interfaces.

O conceito de interatividade admite múltiplas interpretações e é, por vezes, utilizado de maneira difusa. Isso, por vezes, prejudica a pesquisa, principalmente quando se pretende dar conta das interações promovidas em ambientes digitais.

Primo (2000; 2005) propõe o uso dos termos de forma mais apropriada para desconstruir as possíveis armadilhas discursivas que possam se alocar no caminho. A imprecisão dos termos pode esvaziar seus significados e, conseqüentemente, comprometer seus empregos. Para o autor (2005, p. 08), “(...) a interação não deve ser vista como uma característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os interagentes”.

(...) no atual estágio da evolução tecnológica a interação mútua pode se estabelecer em ambientes informáticos enquanto o computador serve de meio de comunicação. O computador como interagente ativo e criativo, com percepções e interpretações verdadeiramente contextualizadas e inteligentes, ainda é um projeto do campo de pesquisa da inteligência artificial. (...) Por enquanto o que se estabelece na relação homem/máquina é uma interação do tipo reativa (PRIMO, 2000, p. 12).

Nesse sentido, a interatividade pode ser concebida como um processo de multi-interação, na medida em que apresenta simultaneamente elementos da interação reativa¹⁰ e da interação mútua – esta sim relacionada à ação recíproca e contínua dos agentes intercomunicadores em contextos dinâmicos semelhantes aos experimentados na interação humana presencial (PRIMO, 2005, p. 13-14).

Para Primo e Cassol (1999), os estudos com interatividade não devem focar apenas no elemento máquina, devendo sim valorizar o elemento humano. Daí a importância do desenvolvimento de interfaces amigáveis, cada vez mais intuitivas na navegação, interativas, com linguagem de fácil decodificação e com simulações visuais cada vez mais próximas da realidade material experimentada. Os primeiros *tablets* enfrentaram um desafio considerável na tentativa de tornar a leitura dos e-books (e de outros conteúdos textuais digitais) mais próxima da experiência de se ler um livro impresso. As simulações animadas de *flip page*, a redução na dimensão e no peso do equipamento, as adaptações de conteúdo para a hipertextualidade e a telas de alta resolução com tecnologia *touchscreen* não foram apenas investimentos na máquina em si, mas, sobretudo, na interface ou linguagem, entre a máquina e o usuário.

(...) o processo atual da transformação tecnológica expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida (CASTELLS, 2006a, p. 50).

Naturalmente, a interação entre os usuários, conduzida no interior das interfaces também se adapta aos novos formatos e às linguagens disponíveis, principalmente nas redes sociais virtuais. O Twitter demanda síntese na escrita, se o usuário quiser publicar sua mensagem, pois restringe o conteúdo textual de cada *post* a 140 caracteres. Muitos *blogs* possuem personalização mais restrita, tanto em cotas de espaço quanto em possibilidades de *layout*.

A Internet criou “um ambiente que ignora definitivamente a noção de tempo e espaço como barreiras” (GROTH; FERRABOLI, 2009, p.06), ampliando as capacidades de ação, criação e interação dos seus usuários. As redes sociais virtuais

¹⁰ A interação reativa está ligada aos aspectos técnicos dos canais de troca de informações e, sobretudo, à comunicação homem-máquina estabelecida no manuseio de funções, botões e interfaces pré-programadas para apresentar um número limitado de possibilidades ao usuário.

alteraram não apenas o modo como nos comunicamos, mas também inovaram nossos modos de contemplar a realidade da comunicação tecnologicamente mediada.

Sem dúvida, as mídias sociais englobam uma interação contínua e dinâmica entre os fluxos individuais e coletivos de produção de sentido, interpretação e uso. Assim, nas várias instâncias de expressão dos usuários e associação ecoam, discursivamente, (re)negociações de identidades sociais, códigos e relações. O desafio aqui é o fato de que esses processos são executados através do cruzamento de diferentes aspectos da experiência sociocultural. As divisões micro e macrosociológicas, entre privado e público, *online* e *offline*, estão em questão e, como resultado, o interesse vai além da compreensão, simples e linear, de como usar as mídias sociais. Em vez disso, precisamos (...) investigar as maneiras como os atores sociais se transformam em processos comunicativos ao mesmo tempo em que tentam moldá-los à sua própria imagem (VATIKIOTIS, 2011, p. 317, tradução livre).

Nesse sentido, o YouTube, por exemplo, incentivou não apenas o hábito de assistir a vídeos pela Internet, mas, sobretudo, o hábito de compartilhar os vídeos pessoais, que não raro já são gravados pensando nesta finalidade. Para Quiñones (2011, p. 117), “a percepção do público e do privado não é mais aquela da sociedade burguesa. Os ‘nativos digitais’ exibem suas vidas com uma perseverança que não era vista desde o tempo do Rei Sol, Luís XIV (...)”. O comportamento expansivo e exibicionista dos habitantes das redes sociais virtuais se difere muito da intimidade peculiar ao capitalismo industrial. Não é raro ouvir que, com o advento das mídias sociais, gradativamente, tornamo-nos mais informados – contudo, mais curiosos, exibicionistas, voyeuristas e proativos, tanto na disseminação de mensagens quanto em sua produção.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 2006a, p. 50-51).

3.3. Redes sociais virtuais na Internet

A sociedade contemporânea é marcada pela emergência de uma nova tipologia com relação aos fluxos comunicacionais de produção, armazenamento e circulação de conteúdo: Todos - Todos. Um de seus marcos está na chamada Internet 2.0, quando

efetivamente passamos a reconhecer os seus usuários não apenas como navegadores ou desbravadores em meio a um mar manso de informações, mas sim como interagentes que, simultaneamente, recebem, articulam, produzem e compartilham conteúdo de modo tão efervescente quanto os grandes grupos midiático-empresariais de massa, que ao longo de boa parte do século XX detiveram o poder da comunicação Um - Todos. A valorização e enriquecimento das práticas *Web*, usualmente descritas como a mudança da Internet 1.0 para a Internet 2.0, significou sua imersão no social. A dimensão social da *Web* foi atribuída principalmente à expansão do grau de interação e colaboração entre seus usuários, processo que contribuiu de forma significativa para a tecelagem do próprio conteúdo da rede. Neste contexto, a *Web* fornece a plataforma da sua autopoiese, ou seja, constitui-se em um sistema organizado e autossuficiente que produz, mantém e recicla seus componentes, transformando-se (VATIKIOTIS, 2011, p. 313, tradução livre).

A sinergia entre o usuário (social) e a *Web* (tecnológico) é refletida na criação e modificação de aplicações baseadas na Internet, que são desenvolvidos de um modo participativo. Diferentes bibliografias adotam termos distintos para designar tais processos de geração de conteúdo pelos e para usuários finais: mídias sociais, redes sociais virtuais, práticas colaborativas, cultura em rede etc. Nesse universo circulam alguns dos mais recentes fenômenos da comunicação em rede: Facebook, Youtube, Orkut, WordPress, Twitter, Wikipédia, World of Warcraft, Second Life, Flickr etc (VATIKIOTIS, 2011, p. 313, tradução livre).

Para Levy (1999, p. 63), vivenciamos um período de convivência entre os modelos Um - Todos (centros difusores de informação massiva), Todos - Todos (comunicação em rede) e Um - Um (comunicação dialógica, mediada ou não). Isso representa uma ampla gama de possibilidades para a interação social, haja vista que a comunicação pode se desenvolver de modo contíguo, ou seja, fazendo-se uso dos três sistemas anteriormente expostos.

Para Castells (2006a, p. 565), as redes "constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura". Wellman (apud RECUERO, 2010, p. 142), ressalta que o fato de estabelecer conexões em rede com outras pessoas não significa, necessariamente, coletividade:

quando a comunicação de alta velocidade, de lugar-para-lugar, suporta a dispersão e a fragmentação de organizações e comunidades, a comunicação de alta velocidade, pessoa a pessoa, suporta a dispersão e a fragmentação dos papéis de grupos de trabalho e de casa. A mudança para a personalização, o mundo sem fio, suporta o individualismo em rede (...). As pessoas permanecem conectadas, mas como indivíduos, mais do que estando entre as bases de casa ou do trabalho.

As redes sociais, se considerarmos seu sentido *lato*, são tão antigas quanto a própria comunicação entre seres humanos. A interação social humana, a despeito das tentativas abstratas de enquadrá-la em um processo comunicacional linear, desenvolve-se, na prática, por meio de processos dinâmicos, complexos, nodais, simultâneos, sobrepostos, contextuais e, certamente, não-lineares. O modelo matemático da comunicação proposto, originalmente, por Shannon (apud MATTELART; MATTELART, 2001), na década de 40, soa inocente diante das variáveis contextuais introduzidas por Bateson (apud BORELLI, 2005) e pela Escola de Palo Alto. Falar em redes de interação social e de significação para tratar a comunicação humana é mais coerente do que concebê-la ponto a ponto, com princípio, meio e fim.

Essa nova comunicação é encarada não como ato individual, resultante de uma ação puramente cognitiva, mas como uma instituição cultural, que se realiza num determinado contexto social. O indivíduo seria, então, não algo em si, mas um sistema de relações. A comunicação não seria, assim, fundada na singularidade do eu, mas em algo que está nas relações entre – em nós (eu e os outros) (BORELLI, 2005, p. 79).

Contudo, as ocorrências a que costumamos fazer referência quando empregamos casualmente o termo redes sociais, geralmente, poderiam ser melhor representadas pelo termo redes sociais virtuais na Internet, que pode ser empregado:

1. Para designar uma prestadora de serviços de redes sociais virtuais disponível na Internet, como é o caso do Orkut, do Twitter, do Facebook, do MySpace, do Google+, entre outros. De maneira geral, os sites de redes sociais virtuais são aplicações para Web, voltadas principalmente ao uso pessoal, que facilitam a conexão entre os usuários, permitindo-lhes construir relações e compartilhar informações, interesses e atividades (VATIKIOTIS, 2011, p. 314, tradução livre);

2. Para fazer referência às redes virtuais de relacionamentos, ou seja, ao conjunto de conexões e interações sociais entre atores, sejam usuários, instituições ou comunidades virtuais (RECUERO, 2005).

Lenhart (apud CORREA; HINSLEY; ZÚÑIGA, 2010, p. 248, tradução livre) afirma que “90% dos usuários de redes sociais virtuais utilizam os serviços para manter contato com pessoas já conhecidas”. No entanto, da mesma forma que a rede social virtual na Internet pode funcionar como mais um canal de relacionamento entre pessoas que já se conhecem e interagem na esfera presencial, também é plenamente possível o estabelecimento de laços duradouros e presenciais a partir de um encontro originalmente virtual entre pessoas até então desconhecidas. A vertiginosa expansão do uso da Internet e das redes sociais virtuais não apenas viabilizou novos meios de contato entre conhecidos como também proporcionou o desenvolvimento de outros tipos de relações, formados sem a necessidade de sequer um contato face a face (CHAMBERS, 2006, p. 134, tradução livre). Uma amizade baseada em Internet, possibilitada pelo desenvolvimento de afinidades em uma sala de *chat* ou na interface de um software de comunicação instantânea, por exemplo, pode tanto permanecer apenas na esfera *online* quanto pode desencadear encontros presenciais. Segundo Barbero (2003), hoje as redes também são um “lugar de encontro de multidões”:

o novo sentido que o local começa a ter nada tem de incompatível com o uso das tecnologias comunicacionais e das redes informáticas. Nas grandes cidades, o uso das redes eletrônicas tem permitido a criação de grupos que, virtuais, em sua origem, acabam territorializando-se, passando da conexão ao encontro e do encontro à ação (ibidem, p. 59).

A TV nos presenteia com inúmeras reportagens para ilustrar tais situações (não raro fastidiosas) entre os mundos físico e virtual, tais como casamentos a partir de sites de encontros; amizades a distância, que se tornam verdadeiras; reencontros de parentes, após muitos anos etc. Tais situações, por serem, cada vez mais, frequentes em nossa sociedade, gradualmente, perdem o caráter de ineditismo tão valorizado pelas mídias de massa.

(...) Estudar redes sociais na Internet é estudar uma possível rede social que exista na vida concreta de um indivíduo, que apenas utiliza a comunicação mediada por computador para manter ou

criar novos laços. Não se pode reduzir a interação unicamente ao ciberespaço ou ao meio de interação (RECUERO, 2010, p. 143-144).

O terreno multifacetado das mídias sociais define o usuário como agente ativo nos processos de mediação, facilitando seu engajamento em atividades discursivas. É uma espécie de entidade vibrante e complexa, em que se misturam práticas individuais e coletivas e dialogam os mais diversificados interesses (VATIKIOTIS, 2011, p. 314).

3.4. Redes sociais virtuais no Brasil

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios e Empresas, realizada pelo CGI.BR (2010, p. 163), “o desenvolvimento da Internet no Brasil, de seus serviços e de suas aplicações consolidou uma infraestrutura digital de comunicações propícia para o estabelecimento de redes sociais”. No Brasil, as primeiras interações entre usuários por meio da Internet se iniciaram, de modo discreto, em meados da década de 1990, com trocas de e-mail e salas de *chat*. Os serviços de comunicação instantânea por meio de software específico, sobretudo MIRC e ICQ, são destaque a partir da segunda metade da década de 1990, quando se populariza definitivamente a prática do bate-papo descompromissado pela Internet. Os fóruns temáticos *online* e os primeiros *blogs*, os diários virtuais, começavam a ganhar espaço e linguagem próprios e a prática de troca de músicas no formato MP3 assumiam proporções preocupantes para a indústria fonográfica.

O MSN Messenger (atualmente Windows Live Messenger), da Microsoft, trouxe inovações estruturais, ao vincular seu comunicador à base de usuários cadastrados no serviço de e-mail Hotmail e ao portal MSN. No quesito estético, apresentava uma interface mais funcional e amigável do que seus principais concorrentes, com a incorporação de fotos de identificação (recurso inexistente no MIRC e nas primeiras versões do ICQ), salas coletivas de *chat*, videoconferência, correio de voz, troca intuitiva de arquivos, *templates* e outros recursos audiovisuais. Proporcionando uma experiência mais intensa de imersão e simulação de contato direto, rapidamente assumiu a liderança e deixou para trás o ICQ. Em paralelo, *blogs* passaram a incorporar recursos de personalização da interface e, com o exponencial aumento da capacidade de armazenamento de dados, passaram a funcionar também como álbuns públicos de fotos digitais e ampliaram as possibilidades interativas. Os perfis digitais passaram a ser mais

complexos e valorizados, pouco a pouco, contribuindo com a flexibilização de uma cultura da privacidade na Internet, que desestimula a prática do anonimato.

Logo no início da primeira década do século XXI, os avanços tecnológicos possibilitaram conexões, cada vez mais, velozes e com maior capacidade de processamento de dados, o que, por sua vez, abriu caminho para o compartilhamento e a visualização de vídeos de qualidade considerável pela Internet.

Os serviços de rede social virtual, tal qual os conhecemos nos dias de hoje, incorporaram diversos recursos que antes eram utilizados de modo mais fragmentado.

Como uma grande plataforma interativa, quase todos mesclam caracterização de perfis, grupos de interesse e comunidades virtuais, *chat*, fórum, armazenamento de fotos e vídeos, compartilhamento de arquivos e *links*, jogos (solo ou *multiplayer*), aplicativos e recursos que permitem acompanhamento de atualizações da rede de contatos.

As práticas sociais que emergem da apropriação de seu uso originaram-se na popularização do uso de e-mails, das salas de bate-papo e das aplicações de compartilhamento de ideias, como fóruns e *blogs*, e se desenvolveram em aplicações disponibilizadas em sites de relacionamentos, como o Orkut, o Facebook, o *LinkedIn*, o Twitter, o YouTube, o Flickr, etc (CGI.BR, 2010, p. 163).

De acordo com a *ComScore* (2012), aproximadamente 97,5% dos 46,272 milhões¹¹ de brasileiros que fazem uso da Internet a utilizam para acessar redes sociais virtuais. O Brasil apresenta um dos maiores crescimentos de população *online* do mundo (aumento de 16%, ao longo de 2011), com altos níveis de envolvimento e crescente tempo de dedicação às redes sociais virtuais. Isso posiciona o país entre os sete países com o maior número de usuários da Internet no mundo, à frente da Inglaterra (37,504 milhões) e França (43,009 milhões). Ainda segundo o estudo, além das redes sociais virtuais, o brasileiro faz uso considerável da Internet para acesso de portais, navegação ou utilização de mecanismos de busca, entretenimento *online* e visualização de *blogs*, conforme mostra a Tabela 01.

¹¹ Desconsiderando os internautas com 14 anos ou menos, de acordo com os critérios metodológicos da *ComScore Media Metrix* (COMSCORE, 2012).

Tabela 01 – Principais usos da Internet no Brasil

ATIVIDADE	PERCENTUAL	COLOCAÇÃO
Portais	99,3	1º
Mecanismos de Busca / Navegação	99,1	2º
Redes Sociais	97,5	3º
Entretenimento / Jogos	97,5	3º
Blogs	95,9	4º
Compras / Vendas Online	87,7	5º
E-mail	84,6	6º
Notícias	74,4	7º
Acompanhamento de Esportes	71,2	8º
Comunicação Instantânea (messenger e chats)	70,7	9º

Tabela adaptada a partir do Relatório 2012 *Brazil Digital Future in Focus: ComScore Media Matrix, Visitors Age 15- Home/Work Location*, Dez-2011.

Dentre os gigantes das redes sociais virtuais hoje se destacam, respectivamente, Facebook, Twitter, *LinkedIn*, MySpace e Google+, que figuram entre as mais movimentadas e lucrativas do mundo. De acordo com os indicadores da Socialbakers¹², o Brasil atualmente (2012) conta com cerca de 58,5 milhões de usuários cadastrados no Facebook (o que coloca o país em 2º lugar no ranking, atrás apenas dos EUA), atingindo níveis de penetração de 29% da população total e 77% da população brasileira *online*.

No Brasil, o primeiro serviço de rede social a se popularizar e ganhar notoriedade foi o Orkut, lançado em 2004 pelo Google. Inicialmente, era preciso ter um convite para realizar o cadastro na rede social – o que concedia ao serviço certo ar de exclusividade, já que o único modo de obter um convite era possuir um amigo ou conhecido que já usufruísse do serviço. Ao concluir o cadastro, o usuário é convidado a personalizar seu perfil digital, cuja existência é pré-requisito para ingresso no serviço. Com o tempo, o sistema foi se flexibilizando e se tornou menos restrito, absorvendo um número crescente de usuários brasileiros e difundindo um novo formato de interação em rede.

A liberdade de acesso às informações de um perfil digital depende das configurações do usuário, que pode definir gradações de privacidade. Apesar das possíveis restrições na sua visualização por terceiros, um perfil digital possui, de maneira geral, área para foto ou imagem de identificação, página com a descrição do usuário, mural de recados, álbum de fotos, página de vídeos, relação de usuários aceitos

¹² Disponível em: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>. Acesso em 4/10/2012.

como amigos e relação de grupos a que pertence. Outros recursos possíveis são a incorporação de jogos e aplicativos, exibição de atualizações e históricos e personalizações estéticas diversas.

A criação de uma comunidade pode ser feita por qualquer usuário do serviço e o ingresso de um novo usuário na comunidade é feito mediante a mensagem de solicitação e confirmação. Trata-se de uma agremiação por vínculos de afinidade, cuja intensidade dos laços afetivos pode se mostrar bastante variável. O Orkut hospeda centenas de milhares de comunidades virtuais em Português e as mensagens trocadas em seus fóruns permanecem armazenadas e acessíveis na rede por tempo indeterminado¹³.

O Orkut funciona basicamente através de perfis e comunidades. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indicam também quem são seus amigos (onde aparece também a rede social conectada ao ator). As comunidades são criadas pelos indivíduos e podem agregar grupos, funcionando como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta do assunto) (RECUERO, 2010, p. 167).

O Orkut foi a rede social mais popular do país por anos, até ser ultrapassado pelo Facebook, em dezembro de 2011. De acordo com a Figura 01, era perceptível a liderança, aparentemente isolada, do Orkut no Brasil até o final do ano de 2009; entretanto, pode-se verificar um crescimento notável no número de acessos diários no Facebook já no decorrer dos primeiros meses de 2010.

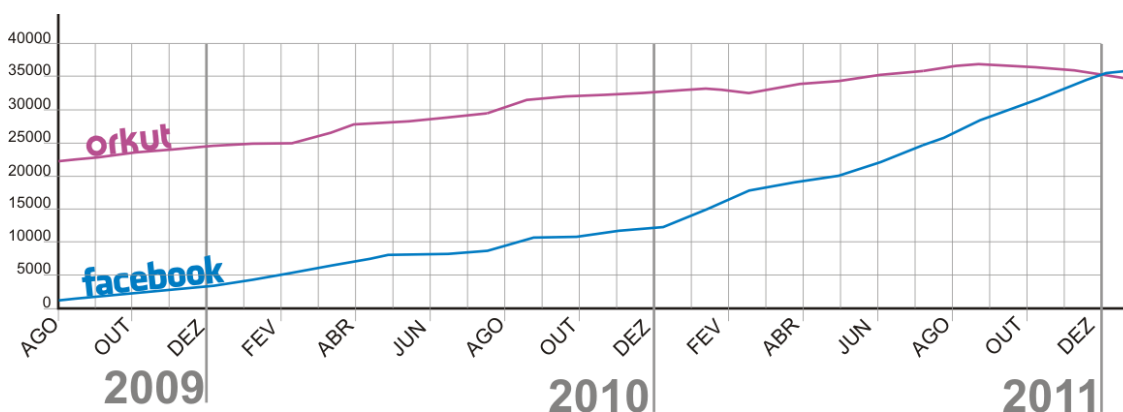


Figura 01 – Visitantes do Orkut e do Facebook (por 1000 usuários)

Fonte: Adaptação a partir de *ComScore Media Metrix* (Ago. 2010 – Ago. 2011; Jun. 2011; Dez. 2010 – Dez. 2011)

¹³ Vale ressaltar que o usuário criador/moderador da comunidade tem autonomia para apagar conteúdos em seu ambiente. Caso conclua que houve desrespeito às normas de convívio pré-estabelecidas, por exemplo, eles podem apagar mensagens e tópicos de fóruns e até mesmo banir usuários da comunidade.

Em junho de 2011, cerca de 21 milhões de pessoas visitaram simultaneamente o Orkut e o Facebook, o que indicava que muitos usuários, à época, apresentavam perfis ativos em ambas as redes sociais virtuais, sinalizando uma possível migração de um serviço para o outro. A tendência se confirmou a partir de dezembro de 2011, quando o Facebook, após acumular crescimento de 192% no ano, ultrapassou seu principal concorrente no Brasil, que registrou um crescimento de apenas 4% - muito abaixo do aumento médio do número de usuários de Internet no país.

A despeito das inovações no *layout* e das incorporações de inúmeros aplicativos e jogos no sistema, o Orkut começava a perder, cada vez mais, usuários, em meio a inúmeras reclamações por conta de *spams*, *fakes* e desordem nas comunidades. De acordo com a *Experian Hitwise*, de julho de 2012, o Facebook foi considerado o serviço preferido por 55% dos usuários brasileiros de redes sociais virtuais. O Orkut contava com 12% da preferência no mesmo período, atrás do Youtube (18%), mas à frente do Twitter (2%) e do Windows Live (2%).

3.5. Perfis digitais

Com a popularização das TICs e, mais especificamente, das redes sociais virtuais, novas formas de interação foram disponibilizadas e, gradualmente, alteraram, em maior ou menor grau, os modos como nos comunicamos e como nos concebemos como indivíduos.

Em uma interface que simula um ambiente cheio de amigos, onde é possível trocar cartas, vídeos, fotos, músicas, jogos e outras formas de entretenimento, a desmaterialização proposta por McLuhan (2005) na metáfora da amputação incide sobre o corpo e a mente do usuário: o perfil digital funciona como substituto de ambos nesse espaço virtual, pois ele age por ordem do usuário, ao mesmo tempo em que o representa. Daí a importância de se estudar os elos identitários incluídos no perfil digital durante o processo de sua criação.

Os avanços das tecnologias de comunicação em rede e a virtualização das relações proporcionaram uma abundância de facilidades às experimentações extensivo-identitárias em um novo tipo de material mais sutil e de simples manuseio e difusão: o *bit*. Entra em cena um novo agente social: o eu virtual que, tal qual um *cyborg* (LEMONS, 2011), um ser híbrido composto tanto por carne quanto por códigos

tecnológicos, que é capaz de romper as distâncias e a noção tradicional de tempo quando faz uso de sua forma binária – o perfil digital – para circular pelas vias globais de informação.

A criação de um perfil digital é pré-requisito para integrar uma rede social. Esse perfil age por do internauta, ao mesmo tempo em que o representa nas interfaces virtuais, ou seja, ele pode funcionar como um extensor ou amplificador do corpo e da mente do usuário (MCLUHAN, 2005; CASTELLS, 2006a).

O perfil digital também possui sua *home*, ou seja, sua página de rosto, sediada em um determinado local no ciberespaço, no interior do serviço de rede social escolhido pelo usuário. Consequentemente, apresenta um endereço para busca e acesso por parte de terceiros – o que não necessariamente o configura como uma página pública, já que o mais comum são as gradações de acesso às informações do perfil de acordo com as preferências de privacidade do usuário que o criou. As possibilidades de personalização desse espaço individual são múltiplas.

De maneira geral, o acesso a um perfil digital permite a visualização de algumas referências e postagens pessoais (conteúdo textual, imagético, audiovisual e/ou hipertextual), das redes de contatos do usuário (outros perfis com os quais ele estabelece conexões) e dos grupos virtuais que ele integra. O grau de complexidade, a quantidade e a fidelidade das informações disponíveis em um perfil digital são bastante variáveis, dependendo do quanto o usuário deseja mostrar na rede e das próprias limitações do serviço e da interface. Os dados pessoais publicados no perfil podem fornecer desde informações mais elementares e imediatas – tais como nome, nascimento, gênero e aparência – até informações mais complexas e dedutivas, como filosofia de vida, posicionamentos ideológicos e oscilações diárias de humor.

Além de se constituir em um espaço cibernético, o perfil digital do indivíduo pode ser o meio pelo qual sua presença, participação e interação são possibilitadas, ao mesmo tempo em que o próprio perfil pode ser considerado a mensagem em relação ao conteúdo informativo a ele associado e que, assim, definem quem é este usuário ou como quem ele gostaria de ser reconhecido.

Quando o usuário faz uso do perfil para estabelecer comunicação, esta ocorre tanto com as interfaces quanto com as pessoas por detrás dos perfis – o que configuraria um caso de autêntica interatividade (PRIMO, 2005). A linguagem é hipermidiática, caracterizada pelo conjunto de objetos dinâmicos, textos, imagens, vídeos etc.,

interligados por meio de elos lógicos (os *links*), velhos conhecidos dos internautas desde a época quase longínqua da Internet 1.0.

Essa tecnologia da comunicação permite que pessoas de qualquer localidade geográfica possam experimentar a autorrepresentação de modo mais ou menos descompromissado. Nota-se uma erosão na distinção rígida entre representação e realidade em ambientes virtuais, prolongando processos de autodeterminação e recriação: “o sujeito tem controle quase ilimitado sobre a construção e reconstrução de si e da experiência de tal posicionamento” (VATIKIOTIS, 2011, p. 315, tradução livre).

Para Chambers (2006), a comunicação pela Internet não proporciona um contato direto (é sempre intermediado) e o próprio meio estimula o uso de máscaras para a preservação da própria identidade dos usuários. Essa metáfora também é adotada por Lemos (apud RECUERO, 2010), quando afirma que a atuação do internauta no interior das comunidades virtuais na Internet assume um caráter ritualístico e se dá por meio de uma espécie de máscara, usada especificamente para aquela finalidade.

Para Rheingold (apud CHAMBERS, 2006, p. 135, tradução livre), “a gramática da conversa mediada pelo computador envolve a sintaxe de um jogo de identidades: novas identidades, identidades falsas, múltiplas identidades etc”. Isso é condizente com a ideia de identidade flexível de que trata Giddens (2002): a Internet é um ambiente propício para realizar brincadeiras identitárias. De acordo com Mocellim (2007), isso contribui para a definição de uma identidade maleável, que é, constantemente, influenciada não apenas pelo que o usuário publica, mas também pelas interações que ele estabelece com os demais usuários que integram seus contatos.

Um mesmo usuário pode manter diversos perfis digitais, cada um com um determinado propósito. Para Lenhart (apud CORREA; HINSLEY; ZÚÑIGA, 2010), cerca de 50% dos usuários de redes sociais virtuais possui dois ou mais perfis digitais em atividade. O grau de fidelidade entre o usuário e o perfil que o representa dificilmente pode ser mensurado. A subjetividade e profundidade de tal colocação são evidentes: trata-se de ambientes distintos para o exercício das representações sociais e do jogo de múltiplas identidades.

Com a Internet, os processos de construção identitária vêm ganhando uma nova forma. A rede possibilita, a um número maior de pessoas, a oportunidade de se relatar. Garante maior liberdade de mostrar ou construir a própria identidade. Dispor de um lugar no ciberespaço. Este fenômeno se potencializou com o surgimento dos

blogs, fotologs e das comunidades virtuais (MEUCCI; MATUCK, 2005, p. 03).

Com a expansão das redes sociais virtuais, nota-se que é cada vez mais popularizado o discurso em torno da arte de saber separar a vida particular da profissional de modo a não prejudicar a percepção que os demais usuários e que a sociedade têm de alguém. As ações observadas, seja por meio de uma conversa no escritório ou de uma fofoca no Facebook, gradualmente se constituirão em imagem, o meio-irmão da identidade de um indivíduo. Isso estimula o usuário a ser mais cauteloso em relação ao conteúdo disponibilizado e, invariavelmente, instiga a vigilância constante das informações tornadas públicas e até mesmo da criação de perfis alternativos ou anônimos¹⁴ de acordo com a situação. Para não revelar a intimidade, praticamente, todos os serviços de redes sociais virtuais oferecem diversas gradações de privacidade ao usuário. É possível utilizar o fácil acesso e uso da tecnologia como uma oportunidade para experimentar a transformação, a vivência de ser algo diferente do que se é (TURKLE, 2005). Castells (2006b, p. 23), no entanto, afirma que:

a sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento. As pessoas, na sua maioria, não disfarçam a sua identidade na Internet (...). As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades.

Os perfis digitais são tão dinâmicos quanto a própria fluidez da comunicação pela Internet e são suscetíveis a alterações ao longo de curtos períodos de tempo. Vale ressaltar que os usuários que (re)constróem seus perfis digitais não estão passando o tempo todo “(...) por uma constante reformulação de si e das coisas que se identificam; mas, sim, que reformulam a forma como falam de si de acordo como se sentem em diferentes momentos” (MOCELLIM, 2007, p. 04-05).

Nos ambientes virtualizados os perfis digitais admitem diversas gradações de fidelidade. Como o usuário é responsável pela construção e manutenção de seu perfil digital – que ele sabe ser sua representação na rede social virtual – a seleção de fotos, vídeos, textos, *links* e laços costuma¹⁵ ser criteriosamente elaborada para que

¹⁴ Boa parte dos atuais serviços de redes sociais desestimula o anonimato e, em muitos casos, não permite esta possibilidade (CORREA; HINSLEY; ZÚÑIGA, 2010, p. 252).

¹⁵ A não ser que se trate de um *fake*, ou seja, um perfil digital intencionalmente construído, de modo que não faça referências identitárias e imagéticas ao usuário que o criou.

componham o corpo de um relato autobiográfico hipermidiático. Essa autobiografia pode passar por incontáveis alterações, mais ou menos intensas, dependendo das preferências do usuário-proprietário.

Desde a criação de interfaces simplificadas para veiculação de conteúdos *online*, os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por usuários/as não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de identidade e de individualidade (BRAGA, 2011, p. 97).

Em situações de testemunho ou de autobiografias, o extravasar de uma emoção se mescla à lógica concatenada exigida no emprego da linguagem em um verdadeiro “(...) reordenamento ideológico e conceitual do passado e de seus personagens” (SARLO, 2005, p. 20, tradução livre). Ao descartar, conscientemente ou não, os elementos mais banais daquelas recordações e enfatizar, intencionalmente ou não, os mais importantes, o narrador retoma contato simbólico com um contexto cultural passado e expõe elos constituintes de identidade.

Para Turkle (2005), somos inseguros na tentativa de nos compreender, daí emana uma preocupação constante que nos conduz a buscar novas maneiras de enxergar o eu. O *self* não é apenas descentrado, mas multiplicado, sem limites, a partir de novos olhos e olhares. É uma oportunidade sem precedentes para brincar com a própria identidade e para experimentar (TURKLE apud VATIKIOTIS, 2011, p. 315).

O *self* está sendo reconfigurado por novas formas de socialização: novas comunidades de gênero, redes de amizades, novos movimentos urbanos e novas formas de comunicação global. Novos discursos de pertencimento estão sendo abertos. Algumas dessas subjetividades emergentes são mediadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (CHAMBERS, 2006, p. 6, tradução livre).

Um usuário do Facebook ou do Orkut pode, por exemplo, preferir não atualizar seu status de solteiro para relacionamento sério, independentemente de ter, de fato, iniciado um novo namoro. A imagem digital reservada para ilustrar sua face pode tanto ser uma fotografia tirada há muitos anos quanto uma ilustração sem qualquer referência visual ao usuário. Ele pode omitir seu local de nascimento e aniversário ou mesmo mentir sua idade. É possível ainda a criação de um perfil digital que destoa

completamente do indivíduo-criador: o famoso perfil *fake* (ou falso). Quanto maior o grau de fidelidade da representação, mais ela se aproxima da ideia de avatar.

Sarlo (2005, tradução livre) afirma, no entanto, que os relatos autobiográficos devem ser devidamente desconstruídos. Não pode ser tomado por fato o conteúdo autorreferenciado pelo eu. Quando olhamos para nós enxergamos uma máscara. A autobiografia não é plenamente verdade, pois, segundo a autora, é constituída por uma voz produzida por meio da boca da máscara que diz dizer sua verdade.

3.6. Comunidade virtual

A formação de comunidades virtuais provém da projeção dos valores coletivizados sobre o conjunto social, possibilitada pelas novas ferramentas comunicacionais derivadas dos avanços tecnológicos. As comunidades virtuais são comunidades simbólicas, já que seus “membros estão conectados primariamente pelas trocas simbólicas (no caso, eletrônicas), mais do que pela interação face a face” (SMITH apud RECUERO, 2010, p. 137). Para Levy (1999, p. 127), estas se constituem “sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. A configuração desse tipo de agrupamento social não depende impreterivelmente de elos presenciais ou de ideologias norteadoras, basta uma temática em comum e o ímpeto de ingressar, mediante um clique, em um dos fóruns como participante ativo ou simplesmente como um leitor curioso.

Toda forma de organização social – e isso inclui agrupamentos de usuários em redes sociais virtuais – advêm da necessidade intrínseca ao ser humano de se socializar, de interagir com os demais e constituir pertença, sobretudo com aqueles grupos de afinidade e semelhança.

(...) reivindicações sobre pertencimento, representação e participação em termos mediados não são exatamente novas, (...) mas, quando consideramos as mídias sociais, o terreno para essas questões é bem mais aberto e contraditório (VATIKIOTIS, 2011, p. 316).

Recuero (2010, p. 135) afirma que “a estrutura básica da comunidade na rede social é aquela de um cluster, ou seja, de um aglomerado de nós com maior densidade de conexões”. Na prática isso significa que aqueles mesmos usuários interagem entre si,

com relativa recorrência, no interior daquele determinado circuito de interações. Tal concepção vai ao encontro da ideia de Rheingold (apud RECUERO, 2010, p. 137) a respeito das comunidades virtuais: “são agregados sociais que surgem da Rede, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”. Difere, entretanto, da concepção de Lemos (apud RECUERO, 2010, p. 138): “as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”.

Rheingold (apud CHAMBERS, 2006, p. 114) foi um dos primeiros a falar em comunidade virtual para designar os agrupamentos sociais que se constituem em ambientes *online*, sem o qual tais comunidades simplesmente não existiriam. Apesar da popularização do termo em diversos estudos sobre o assunto, Chambers (2006, tradução livre) faz uma crítica contundente a Rheingold:

Enquanto é certo que a Internet tem o potencial de promover aberturas, democratização discursiva e promoção de ações coletivas, a ideia de uma ‘comunidade virtual’ pode ser enganosa por remeter dois mundos: um real e um virtual. Rheingold evoca a ideia de uma divisão entre a realidade mediada e a não-mediada ao invés de uma convergência entre as relações virtuais e face-a-face. A ascensão de uma comunidade virtual, que ocuparia o lugar de uma comunidade real, sugere que as pessoas são retiradas da vida cotidiana e inseridas dentro de um mundo virtual (ibidem, p.114).

O nível de envolvimento dos sujeitos com os demais em ambientes virtuais ou a intensidade das relações (laço afetivo) é, para Lemos (apud RECUERO, 2010) o elemento distintivo entre as agregações eletrônicas comunitárias e não-comunitárias:

(...) as primeiras são aquelas onde existe, por parte dos seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, cujo compartilhamento de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para a coesão do grupo. O segundo tipo, refere-se a agregações eletrônicas onde os participantes não se sentem envolvidos, sendo apenas um locus de encontro e compartilhamento de informações e experiências de caráter totalmente efêmero e desterritorializado (ibidem, p. 138-139).

Na primeira situação, de agregações eletrônicas comunitárias, pode ser enquadrada boa parte das chamadas comunidades do Orkut, dos grupos do Facebook e

das outras agremiações de usuários de redes sociais virtuais que, além da afinidade e do território simbólico, também são caracterizadas pela permanência por um tempo considerável. A partir dessa classificação, por exemplo, os *chats* passam a ser considerados como agregação eletrônica não comunitária, haja vista que a participação daquela determinada composição de usuários na interface virtual é pontual, temporária e essencialmente frágil no que tange à intensidade de vínculos afetivos. Tal situação diverge da definição de Fernback e Thompson (apud RECUERO, 2010), que consideram o *chat* uma comunidade virtual, já que se trata de uma “relação social forjada no ciberespaço, através do contato repetido no interior de uma fronteira específica ou lugar que é simbolicamente delineada por tópico de interesse”.

Vale lembrar que nenhum dos autores supracitados defende o isolacionismo da comunidade virtual em relação às interações face a face. Uma situação não exclui a outra – pelo contrário: ambas as formas de interação coexistem e se inter-relacionam o tempo todo.

Em contrapartida, interação e pertença não necessariamente coexistem em todas as chamadas comunidades virtuais. Diversas configurações são possíveis e não nem sempre demandam interação entre os seus membros. Recuero (2010) propõe que as comunidades virtuais na Internet sejam identificadas a partir de três classificações: comunidades de associação, comunidades emergentes e comunidades híbridas. A Tabela 02 foi compilada de modo a sintetizar a visão da autora a respeito dos diferentes tipos de comunidades virtuais.

Tabela 02 – Classificação de comunidades virtuais

COMUNIDADE VIRTUAL	ORIGEM	CLUSTERS	TAMANHO DA REDE	CONTATO SOCIAL (PREDOMINANTE)	VÍNCULO / LAÇO	OBSERVAÇÃO
Emergente	A interação social mútua se desenvolve e se ramifica até gerar uma comunidade	1 cluster central intensamente conectado com a periferia	Geralemente pequena e mais restrita	Interação Social Mútua (diálogos e conversações)	Relacional: sentimental, pessoal, íntimo, intenso	Sua formação pode ser consequência de um vínculo afetivo interacional iniciado em um território físico.
Associativa	A criação da comunidade (espaço) é anterior ao início das interações sociais mútuas (se é que chegarão a existir)	Vários clusters descentralizados e não necessariamente interconectados	Comporta um grande número de associados e não costuma ser muito seletiva	Interação Social Reativa (acompanhamento e pertencimento)	Associativo: formal, frágil, distante, facilmente desfeito	Fazer parte da comunidade não pressupõe interação com seus membros, mas tal possibilidade também não é descartada
Híbrida	Comunidades emergentes que perdem força ou associativas cujas conexões se condensam	1 cluster central não necessariamente grande que convive com outros clusters	Variável	Interação social mútua (próximo ao cluster central) e Interação social reativa (na periferia)	Relacional e Associativo	Tal situação mistura pertencimento e construção do grupo social. Costuma ocorrer em fotologs pessoais.

Fonte: adaptação gráfica a partir de Recuero (2010, p. 153-163).

3.7. Laço social e capital social

Um dos pontos mais controversos na esfera da cibercultura emerge quando se cruza a comunicação em rede, por meio da Internet, com a sociabilização: trata-se da questão do laço social. A esse respeito, diversos autores apresentam posicionamentos deveras distintos, longe da ideia de consenso.

Laços de amizade na Internet começam a ser visualizados como expressões da intimidade que parecem substituir o senso de integração social associado ao conceito de comunidade, sobretudo em um mundo que demonstra, cada vez mais, expulsar os cidadãos do convívio coletivo nas ruas para a segurança e individualidade de seus respectivos lares: “a erosão da responsabilidade, moralidade e confiança nas relações pessoais e na vida cotidiana alimenta a sensação de temor em relação a uma sociedade individualizada” (CHAMBERS, 2006, p. 04, tradução livre).

Para Lampe, Ellison e Steinfield (2007, p. 01, tradução livre) as redes sociais virtuais “(...) permitem aos usuários a criação de perfis que descrevem a si mesmos e que estabelecem vínculos explícitos com outros usuários, descritos como ‘amigos’ pelo sistema”. Ainda segundo os autores, o usuário crê, quase por intuição, que o perfil reforça o senso de presença na rede, o que facilita o compartilhamento de informações.

Amizade se tornou um termo ambíguo e fluido diante das apropriações das tecnologias da comunicação via Internet (CHAMBERS, 2006, p. 02). Podem ser denominados amigos tanto aqueles com quem o usuário mantém vínculos fortes ou fracos, exclusivamente *online* ou *online* e *offline*. Diante da abrangência, flexibilidade e extensão do termo, torna-se fácil acumular centenas (senão milhares) de amigos, muitos dos quais o usuário nunca conheceu pessoalmente (BOYD apud QUIÑONES, 2011). Tanto contatos desenvolvidos e mantidos exclusivamente por intermédio da Internet quanto amigos de longa data, parentes, paqueras, colegas de trabalho, rivais e até mesmo *fakes* podem ser indiscriminadamente classificados como amigos no território das interfaces das redes sociais virtuais. Tais situações oscilam entre a simulação e o simulacro.

A simulação, para Baudrillard (apud BAUMAN, 2008, p. 63), “imita as características da realidade e, assim, inadvertidamente, reinstitui e reconfirma a supremacia desta”; o simulacro, em contrapartida, “nega a diferença entre realidade e a sua representação, anulando a oposição entre verdade e falsidade ou entre imagem e sua distorção”. Chambers (2006, p. 5) afirma que uso da palavra amizade soa atraente, pois

remete a um tipo de relacionamento entre iguais com pouco senso de hierarquia ou diferenciações de status.

Muitos convivem nesse grande espaço virtual, mas a intensidade das interações ocorre de modo mais forte e recorrente nas interconexões que se estabelecem no interior de seus círculos sociais, ou seja, com determinados amigos e grupos. Nessas microcomunidades se desenvolve o capital social, uma espécie de trama de relações sociais oriunda do pertencimento a um grupo e das interações. A partir das sobreposições de interações e compartilhamento de valores ao longo do tempo, podem surgir gradações de proximidade e relações de confiança e segurança, mesmo diante das aparentes informalidades, efemeridade e inconstância dos fluxos na Internet.

Recuero (2005) estabelece uma distinção entre os participantes e elementos constitutivos de uma rede social: os atores e as suas conexões. Os atores representam pessoas (usuários), grupos (por exemplo, comunidades virtuais) ou instituições (empresas, ONGs, governos, universidades etc.). Já a conexão entre dois atores pode ser chamada de laço social que, por sua vez, é composta por relações sociais. A intensidade do laço, conseqüentemente, pode ser mensurada a partir da recorrência de relações estabelecidas no interior da rede social. A Figura 02, a seguir, sistematiza tais elementos, de modo a facilitar a localização destes elementos em uma estrutura de rede social.

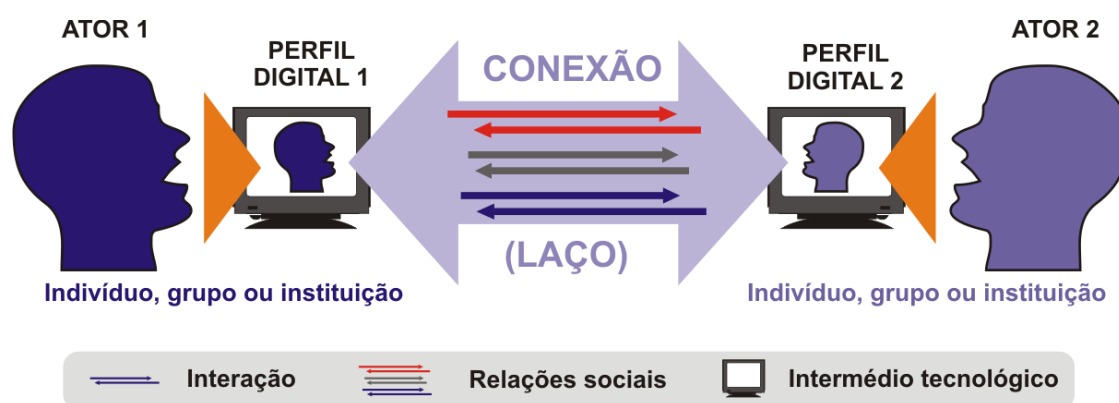


Figura 02 – Conexão e relações sociais na Internet
 Fonte: Adaptação gráfica a partir de Recuero (2005).

Uma relação social, seja *online* ou *offline*, é mantida a partir das interações sociais e o do conjunto de dados, informações, conteúdo e sentimentos compartilhados no interior dessas interações, tudo isso é denominado capital social. Para Chambers

(2006, p. 2, tradução livre), o capital social “faz referência a formas de organização social que aumentam a cooperação entre indivíduos para vantagens mútuas”.

Reiterando o abandono à perspectiva da separação entre o indivíduo e meio e recorrendo novamente a McLuhan (2005), Castells (2006a) e Pereira (2011), é importante frisar que o que se denomina no presente estudo conexão nada mais é do que o espaço desterritorial, tecnologicamente mediado, no qual se desenvolvem as relações sociais entre os atores, sejam eles indivíduos, grupos ou instituições. A interação é possível graças ao processo de expansão de algumas das faculdades comunicativas desses atores para a esfera digital por meio de um perfil, que possui sua própria gramática hipermidiática. Parte do engajamento, da reputação e da solidariedade, que compõem o capital social, pode ser visualizada no conteúdo compartilhado, que, quando é acessível, materializa o capital social desenvolvido no interior de um processo de comunicação em uma rede social.

Uma vez que tais serviços de rede social dispõem de uma maneira de armazenar, organizar e resgatar boa parte desses discursos, referentes a um determinado período de tempo, eles assumem papel de um banco de dados, que articula e preserva os registros daquelas interações. Pereira (2011) afirma que a linguagem desempenha um duplo papel, mnêmico (meios de memória) e comunicacional (meios de comunicação):

(...) da mesma forma devem ser consideradas as tecnologias comunicacionais, uma vez que também estas se organizam como linguagens. (...) Linguagens e tecnologias irão se aproximar desde que se pense tecnologia não como um objeto concreto e alheio ao humano, mas como um dispositivo pelo qual se ordena a própria comunicação e memória (ibidem, p. 89).

A informática e, mais especificamente, a Internet impuseram essa nova ordenação de linguagem de que trata Pereira (2011, p. 102-103). Essa “metalinguagem eletrônica” pode ser definida como a “(...) capacidade de um novo padrão codificante se constituir a partir de um anterior, com o intuito de, em um outro meio, ganhar eficiência e velocidade nas operações de comunicação e memorização (...)”. Ainda segundo o autor (2011, p. 104), isso acarreta em novas maneiras de produzir mensagens, compartilhá-las e memorizá-las. Esses padrões organizacionais estendem suas interferências para os sistemas comunicacionais – mediados ou não – cognitivo-

perceptivos e culturais, ligando linguagens, tecnologia e interação. É inevitável não fazer referência à célebre frase de McLuhan (2005): o meio é a mensagem.

(...) a imposição de um novo padrão organizacional (...) rearranja as informações disponíveis e, com isso, permite a evidência de aspectos novos, outrora ocultos, pelo formato com que as informações se organizavam. (...) Quando esse conjunto informacional é disponibilizado de um só golpe, como na TV ou com os computadores em rede, um processo de tradução das culturas pode se dar como uma grande rede holística, poliglota e instantânea. A consciência se exterioriza e assume (...) a dimensão de subjetividades múltiplas, conectadas (PEREIRA, 2011, p. 115).

Aplicando tais conceitos ao perfil digital, nota-se que este pode ser simultaneamente mnêmico e exercer o papel de armazenador, preservador e organizador de informações; além de ser tradutor – por converter uma linguagem-suporte em outra – comunicacional, por possibilitar a interatividade com interfaces e atores (grupos, indivíduos e instituições) – e identitário, nas circunstâncias em que sustenta uma autobiografia do seu criador. Tais funcionalidades, entretanto, são viradas pelo avesso quando um usuário se depara com a seguinte situação: um perfil digital abandonado em decorrência do falecimento de seu proprietário. Tal tema será abordado no capítulo seguinte.

IV. ESTUDO DE CASO: PROFILES DE GENTE MORTA

É bastante comum que os perfis do Orkut sobrevivam aos seus usuários e se transformem, assim, em (...) fantasmas do mundo virtual. Sua insistente permanência em meio aos vivos apresenta sérios problemas para o processo de luto: como se despedir de alguém que não vai embora?

Afonso Albuquerque
(2007, p. 15)

As práticas ancestrais de divulgação pública de falecimentos, bem como as referências a ritos fúnebres e manifestações de luto e religiosidade, hoje, encontram eco também nos territórios simbólicos da Internet, sobretudo nas redes sociais virtuais.

Conforme visto no Capítulo I, a morte se tornou uma temática interdita em nossa sociedade (ARIES, 1990): falar sobre ela suscita mal-estar, repreensão e censura. Acontece cada vez mais em hospitais, distante da família e dos laços de afetividade (KOVACS, 2010; FRANCO et al, 2011). O corpo é maquiado em funerais e o tempo necessário à digestão do fato, tão importante nos processos de luto (que, por sua vez, estão cada vez mais individualizados), nem sempre é respeitado em face à velocidade do cotidiano pós-moderno. Nesse sentido, tornam-se, no mínimo, instigantes as práticas comunicacionais de publicizar falecimentos e promover o debate sobre a morte nos espaços públicos da Internet. Essas formas de compartilhar sentimentos *online*, muitas vezes com desconhecidos, praticamente, delineiam novos rituais em formação no seio social, mediados pelas tecnologias de informação e comunicação.

As comunidades virtuais são “(...) espaços de construções de práticas sociais” (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 11). Isso inclui, pois, o desenvolvimento de práticas inovadoras de ritualística fúnebre, expressadas de modo hipermidiático e interativo nos ambientes ciberespaciais de comunicação e memória. O presente capítulo se debruça sobre a formação, manutenção e dinâmica da comunidade virtual Profiles de Gente Morta¹⁶, uma espécie de obituário *online* hospedado no Orkut, que tem por propósito divulgar informações a respeito do falecimento de pessoas cujo perfil digital ainda

¹⁶ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122228887>. Acesso em: 19 de nov. de 2012.

esteja disponível para visualização na rede social.

As novas tecnologias da informação parecem contribuir para uma ressignificação da morte nas sociedades ocidentais a partir da digitalização do ‘corpo morto’, como manutenção de um laço de interatividade, presença e lembrança de um sujeito então ausente. Experiências que utilizam o ‘corpo morto’ na Internet, como as comunidades virtuais de mortos do Orkut, indicam, a nosso ver, as transformações no comportamento humano diante de uma presença de morte, a partir das tendências articuladas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação, sob o império das imagens (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 3).

4.1. Fantasmas e lápides virtuais

Rezende e Barbosa (2007, p. 13) afirmam, com todas as letras, que “existe (...) uma nova produção discursiva acerca da morte, ou seja, uma nova forma de se relacionar com o fato de que todos somos mortais”. Em nossa sociedade pós-moderna, o conceito de morte – permeado pelo imaginário social, pelas crenças, pelas tradições e pela religiosidade – e os rastros digitais do corpo e da identidade do falecido, em toda a sua aparente imaterialidade, inter-relacionam-se em uma arena tecnológica e cultural de hibridações, coexistências e (re)apropriações simbólicas.

Temos o século XXI assistindo a expressões de luto, que transbordam do real para os espaços virtuais, tentando ajustar seus rituais mortuários do mundo *offline* para o *online*. Os ritos fúnebres permanecem arraigados à cultura humana e participam do desatar de vínculos e do enfrentamento da angústia que a consciência da finitude humana gera. Rituais emprestam formas convencionais para organizar certos aspectos da vida social celebrando nossa solidariedade, partilhando sentimentos e emprestando sensações de coesão social (SILVESTRE; AGUILERA, 2008, p. 5).

As funerárias e os cemitérios também estão na rede global de comunicação, com seus tradicionais descontos na compra casada e antecipada de jazigos, caixões, transporte e flores. Mas muitas empresas e sites desenvolveram serviços fora do convencional, desde os singelos altares *online* que permitem a oferta de velas, flores e incensos virtuais, até a mórbida gravação de testemunhos – só disponibilizada aos e-mails de parentes e amigos quando o indivíduo vier a óbito. Apesar das mensagens de pêsames e das páginas de homenagens já existirem em sites de cemitérios desde meados da década de 90 (TOMASI, 2011, p. 4), foi a partir da popularização das redes sociais

virtuais que tais práticas ganharam volume e visibilidade. Uma breve pesquisa no Orkut é suficiente para “encontrar uma grande quantidade de perfis de pessoas mortas. Usuários falecidos continuam ‘vivos’ em seus perfis pessoais e são cada vez mais numerosos (...)” (ibidem, p. 5).

O modo de lidar com tais situações varia de um serviço de rede social virtual para outro. No Orkut, o perfil digital de um falecido não é automaticamente excluído, independentemente de ter ficado longos períodos sem uma única atualização. Há apenas duas maneiras de se apagá-lo: a) caso algum parente ou amigo possua a senha¹⁷ do perfil em questão, poderá acessá-lo e cancelá-lo; b) preenchimento do “Formulário de remoção de perfil de usuário falecido no Orkut” (vide Anexos), que demanda o envio da Certidão de Óbito ao Google juntamente com a URL do perfil em questão.

Após a morte, muitos familiares e amigos do falecido decidem pela exclusão do seu perfil, mas outros permanecem *online*. Muitas destas páginas pessoais continuam intactas durante anos, sem alterações nos perfis, com fotos do falecido, lembrete de aniversário de nascimento e os recados deixados antes e após a morte, como se o falecido ainda sobrevivesse (TOMASI, 2011, p. 5).

A título de curiosidade, o Google+ e o Facebook também possuem formulários semelhantes, mas o primeiro se reserva o direito de apagar um perfil inativo após alguns meses e o segundo oferece a opção de transformar a conta do usuário falecido em uma página memorial¹⁸ (vide Anexos), mediante solicitação e envio de comprovante do falecimento.

Os registros deixados pelos mortos nos perfis digitais, hospedados por tempo indeterminado no Orkut, funcionam como um acervo hipermediático de informações a respeito do seu criador. Esse perfil, no entanto, estacionou no tempo e, por razões óbvias, foi completamente desprovido de uma de suas principais funções: servir como meio de interação entre o seu proprietário e outros usuários da mesma rede social virtual.

¹⁷ De maneira geral (e por razões óbvias de privacidade), não é de praxe divulgar a terceiros a senha pessoal de acesso ao perfil digital nas redes sociais.

¹⁸ O perfil transformado em memorial perde automaticamente suas funções interativas, funcionando apenas como um espaço onde amigos e parentes podem postar comentários e homenagens. As operações automatizadas do antigo perfil digital são suspensas e ele deixa de ser localizável pelo mecanismo de busca do Facebook. Ao confirmar a morte do usuário e se imortalizar no ciberespaço, torna-se, oficialmente, uma lápide virtual e não pode mais ser alterado ou apagado, nem mesmo pela família.

Em inúmeros aspectos, os mortos orkutianos se parecem muito com os vivos. Suas fotografias freqüentemente apresentam pessoas cheias de vida, flagradas em festas, viagens e na companhia de amigos. Os seus perfis e comunidades indicam uma vida psicológica rica e diversificada: um gosto e uma sensibilidade próprios, sonhos, frustrações e planos para o futuro. As listas de amigos, recados e testemunhais dão ao morto um lugar nas relações sociais. Naturalmente, em todos estes aspectos destaca-se o espectro de uma lacuna: aquela pessoa não existe mais, seus amigos não podem mais contar com ela; seus planos perderam, de súbito, todo o sentido. Os mortos orkutianos permanecem congelados em um eterno presente desprovidos de futuro (ALBUQUERQUE, 2007, p. 7).

A função representativa permanece e o perfil do morto comunica algo àquele que o visualiza no Orkut, mas, da mesma forma que não é possível estabelecer uma comunicação dialógica com uma fotografia, ele deixou de ser um canal.

Sontag (2007, p. 85) afirma que “as fotos declaram a inocência, a vulnerabilidade de vidas que rumam para a própria destruição, e esse vínculo entre fotografia e morte assombra todas as fotos de pessoas”. De modo análogo, os rastros deixados por um internauta já falecido em um ambiente *online* têm o potencial de despertar o mesmo mal-estar que o deslocamento o qual se sucede à exibição de um registro fotográfico de uma pessoa já falecida. Ambos expõem, em um novo contexto sociocultural de apropriação e com base em outros referenciais simbólicos, a implacável lembrança da passagem do tempo e da mortalidade do ser.

O perfil digital de um falecido se apresenta ao receptor de modo fragmentário, misterioso e incômodo, já que remete a um corpo digital vazio, sem alma. Tal qual um fantasma ou *shade* (MORIN, 1997b) envolvido por traços identitários do ser humano que outrora estava vivo, esse perfil abandonado vaga pelo ciberespaço das redes sociais virtuais, já que ele não só não desaparece como ainda pode realizar algumas ações de modo autônomo dependendo das configurações e aplicativos previamente selecionados pelo seu criador.

Para Rezende (2011, p.5), a ideia de “corpo duplo”, presente tanto no discurso de Ariès (1990) quanto de Morin (1997b), hoje, faz referência não apenas à alma ou à sombra, mas ao corpo digital. Este, como parte integrante do *cyborg* (LEMOS, 2011) originalmente composto pelo homem carnal + códigos binários, torna-se meramente um vestígio fragmentado da vida do indivíduo quando, em razão da morte final, é despido de seu corpo físico. É tal qual uma peça errante de uma narrativa descontextualizada.

É neste sentido que o presente estudo propõe as analogias dos perfis digitais dos

falecidos com fantasmas e lápides virtuais. São entidades digitalmente fantasmagóricas – quando são analisadas a partir do viés dos elos identitários remanescentes, típicos do duplo – a vagarem pelo ciberespaço, despertando sentimentos controversos por envolverem um tipo especial de morto que não repousou. Albuquerque (2007, p. 11) completa:

dado que o morto não desaparece da vista dos demais usuários, torna-se difícil definir os termos apropriados para lidar com eles. É indelicado deixar de falar com ele? Qual a forma mais apropriada de demonstrar os sentimentos diante de alguém que já sei foi, mas permanece incomodamente presente? Como se dirigir ao amigo morto? Como amigo ou como morto?

Ao mesmo tempo, o endereço URL do perfil do falecido se constitui em um local (desterritorial, mas ainda assim um local) imbuído de uma aura de respeitabilidade, para onde outros indivíduos podem se locomover e depositar suas homenagens e reflexões àquela pessoa que se foi (tal qual ocorre em situações de visita ao túmulo), na forma de narrativas hipermidiáticas.

Essas narrativas pertencem, ainda, a tentativa de produzir memória, na intenção de trazer esses mortos a uma presença, ainda que virtual, combatendo o esquecimento, por meio dos vestígios, traços e fragmentos deixados pelo usuário naquela plataforma quando vivo. As biografias transformam-se em depositórios de lembranças, mesclando narrativas construídas pelo usuário quando vivo (a partir de textos, fotografias, vídeos, sons, etc) às narrativas continuadas pelos outros, que, em certo sentido, tornam-se ‘produtores de memória’ e agentes comemorativos (REZENDE, 2011, p. 5).

Em suma, lápide virtual corresponde à caracterização do perfil quando este faz alusão ao espaço e ao suporte de narrativas. Fantasma virtual, em contrapartida, remete aos fragmentos de identidade e de representação embutidos no perfil que o usuário, outrora vivo, utilizava para interagir. Uma ressalva: a despeito de algumas ambiguidades na terminologia, optou-se pela palavra lápide virtual ao invés de túmulo/sepultura virtual para evitar associações à ideia do corpo físico sepultado naquela determinada localidade. Além disso, o conceito de lápide se aproxima mais da ideia de suporte de uma narrativa póstuma construída por entes queridos ou mesmo mista, já que muitas lápides em cemitérios também trazem epitáfios escolhidos pela pessoa ainda em vida. No ambiente das redes sociais virtuais, é bastante comum que as

últimas atualizações cotidianas no perfil digital se tornem, sem querer, o próprio epitáfio (no caso de falecimento do usuário).

A “corporalização no ciberespaço”, segundo Albuquerque (2007, p. 3), transcende a velha e simplista ideia dicotômica entre os mundos virtual e material e é “um elemento fundamental para explicar os problemas bastante particulares que a morte do usuário apresenta neste espaço”. O usuário do Orkut possui um rosto digital oficial, representado pela foto principal que ele adiciona ao espaço reservado para a imagem ou o avatar no interior do seu perfil (ibidem, p. 3). Entretanto, a premissa de que o indivíduo pode se desconectar (ficar, de fato, *offline*), ao deixar a interface, não é completamente verdadeira pela seguinte razão: mesmo que o usuário não esteja conectado naquele exato momento ao Orkut, ele permanecerá continuamente representado por seu perfil digital na rede – sua sombra ou persona permanece visível aos demais. A menos que o usuário opte por suspender por completo sua conta no Orkut, seu perfil continuará recebendo normalmente as atualizações e mensagens dos amigos virtuais – independentemente do indivíduo estar presente para responder a tais conteúdos. O estar *online* apenas seria efetivo se considerarmos exclusivamente a esfera da interação com outros atores, mas não a da representação de si na rede social virtual.

O Orkut (...) oferece o ambiente de uma imersão parcial: paradoxalmente, o usuário está e não está presente nesse espaço o tempo todo. Ele está continuamente presente para os demais usuários, que podem vê-lo e interpelá-lo mesmo quando ele está *offline*; do ponto de vista da experiência do usuário, contudo, essa presença é apenas parcial. Nem mesmo para o usuário mais contumaz, o Orkut resume toda a sua existência (ALBUQUERQUE, 2007, p. 14).

Contanto que o perfil digital do morto permaneça existindo, ele pode ser expandido indefinidamente, de modo contributivo. As mensagens postadas por amigos, familiares, conhecidos e até mesmo por desconhecidos se constituirão em um discurso biográfico póstumo que, de modo recortado, será acrescentado aos relatos autobiográficos do criador do perfil. Para Rezende (2011, p. 3), “(...) o percurso, traçado até então pelo usuário agora morto, passa a depender da construção constante da narrativa de quem acessa aquele espaço, que perpetua a memória do morto”. Vale lembrar que todo perfil digital é permeado por essa amálgama: é parcialmente constituído pela narrativa autobiográfica de seu proprietário e parcialmente constituído pelas atualizações e mensagens dos seus amigos.

Nesse contexto, se hibridizam as narrativas autobiográficas e biográficas, na medida em que, enquanto vivo e ativo naquele espaço (na rede social), o usuário constrói seu duplo por meio da produção de discursos sobre si mesmo, das trocas de mensagens com os demais usuários e de uma imensa acumulação de recursos audiovisuais (fotografias, vídeos, mp3, etc) que ele dispõe naquela plataforma digital a fim de configurar seu perfil, de montar sua identidade naquele ambiente. No entanto, com sua morte, a narrativa traçada pelo usuário torna-se vestígio para a formulação de novas narrativas desenvolvidas por outros, que passam a acessar aquele espaço, ora como fonte de informação para a formulação de novos textos (...) com a finalidade de ‘ressuscitar esses mortos’ por meio da discussão nos fóruns, das mensagens e depoimentos deixados para os mortos em seus perfis, entre outros atos comemorativos (REZENDE, 2011, p. 2-3).

Por meio de mensagens tornadas públicas, os outros usuários, além de “(...) contribuir para a construção biográfica do indivíduo, eles escrevem para os mortos, prática não usual no ambiente exterior ao ciberespaço” (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 12). No interior das páginas de perfis digitais, os álbuns de fotos, que possuem um espaço para que os visitantes insiram comentários, também se tornaram locais de expressão de luto e melancolia (TOMASI, 2011, p. 7). A partir da curiosidade mórbida por esses perfis digitais é que se desenvolveram, por extensão, comunidades virtuais que reúnem internautas interessados em acompanhar tais fenômenos.

A Internet, por meio das comunidades virtuais, constrói a representação da morte e desenvolve uma espécie de cerimônia em torno de mortos desconhecidos do ‘grande público’. (...) A morte celebrada nas comunidades virtuais da Internet publiciza, através de imagens fotográficas e textuais, a celebração do ‘corpo morto’, numa espécie de cortejo ‘eterno’ (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 6-7).

No caso específico da Profiles de Gente Morta do Orkut, sua proposta é noticiar a morte de um usuário de rede social, divulgar o *link* de acesso ao seu perfil e promover uma reflexão sobre a morte.

(...) observar um ‘local’ para a discussão da morte, como a comunidade ‘Profiles de Gente Morta’, é uma oportunidade de evidenciar um espaço onde as pessoas podem se ver livres das interdições que a sociedade coloca para tratar a temática e expor suas curiosidades, anseios, angústias, enfim, tudo o que pensam sobre a finitude (NEGRINI, 2010, p. 16).

Diferentemente do que costuma acontecer nos círculos presenciais de interação, “a comunidade (virtual) acaba sendo um espaço legitimado para que o ser humano possa expor tudo o que pensa sobre a morte sem ter medo de sofrer restrições da sociedade e da cultura” (NEGRINI, 2010, p. 30).

A digitalização da morte (...) passa a estabelecer uma espécie de diálogo de forma mais efetiva e interativa entre os grupos estabelecidos em torno do morto. Isso ocorreria porque, numa realidade marcada pela midiática das relações socioculturais, a morte não escapa à formatação midiática de sua performance: é necessário eternizar esse corpo, mesmo morto, e ativar relações comunicativas a seu redor a fim de conservar a presença do falecido (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 5).

Para dar prosseguimento ao presente estudo, é necessário realizar alguns apontamentos antes de delinear o funcionamento da Profiles de Gente Morta, de modo a evitar possíveis confusões. A saber:

- a) Inicialmente, é importante destacar que essa comunidade de discussão do tema não está solitária: há várias réplicas, que não raro são homônimas;
- b) Os membros dessas comunidades não necessariamente são os mesmos – com raras exceções àqueles usuários populares ou aos atores sociais cujo laço social seja mais intenso;
- c) Comunidades virtuais semelhantes também permeiam redes sociais distintas, tais como Orkut, Facebook e MySpace;
- d) O grau de permanência de *links*, postagens e outras narrativas em seu interior é flutuante, pois estão sujeitos a normas de conduta da comunidade e, em última instância, ao bel-prazer do criador e dos moderadores da comunidade.

4.2. A (primeira) PGM

A primeira comunidade virtual do Orkut organizada visando debater a morte nas redes sociais nos parâmetros anteriormente apresentados foi a PGM – Profiles de Gente Morta¹⁹, criada em dezembro de 2004 pelo usuário identificado como Guilherme Dorta. Na época da fundação desta primeira PGM, as redes sociais virtuais ainda eram uma novidade no Brasil, tão novas quanto o incômodo panorama que se apresentava diante dos olhares dos internautas brasileiros: como lidar com o perfil digital de alguém que já

¹⁹ Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>. Acesso em: 3 de mar. de 2012.

morreu? Recapitulando a ideia de que as tecnologias se articulam com culturas e memória em constantes (re) apropriações (PEREIRA, 2011), até então praticamente não havia precedentes que pudessem parametrizar o comportamento diante de tão inusitada situação. Vale lembrar que, conforme visto anteriormente, no Capítulo I, nossa sociedade evita pensar na morte em seu dia a dia (ARIÈS, 1990).

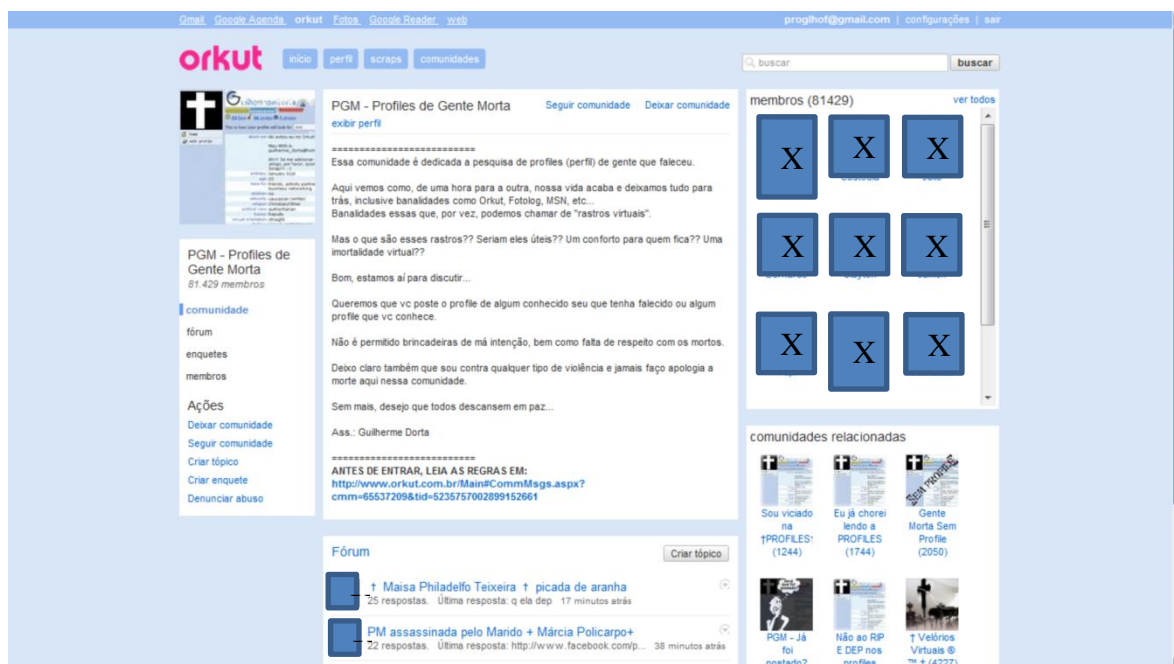


Figura 3 – Comunidade PGM - Profiles de Gente Morta do Orkut.

Fonte: Orkut.

A Figura 3 ilustra a página de rosto da PGM, onde é possível verificar a grande quantidade de usuários cadastrados até fevereiro de 2012: quase 81,5 mil membros que noticiavam e disponibilizavam *links* dos perfis digitais dos falecidos, sediados no Orkut ou no Facebook, para quem quisesse visitar, bisbilhotar, refletir sobre a morte ou postar mensagens direcionadas aos amigos, familiares e, em alguns casos, ao próprio morto.

A partir da postagem do perfil do falecido, visitas são feitas a este perfil e comentários e análises sobre a pessoa são dispensadas, além de serem postadas informações sobre a forma que morreu e de serem dados votos de descanso a ele em uma possível vida eterna. É considerável observar que as mesmas pessoas que fazem comentários na comunidade muitas vezes vão ao perfil do morto e lá também deixam o seu recado, como se o lembrete pudesse ser visto pela ‘alma do falecido’ (NEGRINI, 2010, p. 23).

Com um grande em número de membros, a PGM estava longe de ser um espaço virtual abandonado, como ocorre com muitas outras comunidades do Orkut, que ficam

por longos períodos sem atualizações. As postagens eram diárias, seja para a criação de novos tópicos no fórum ou para a discussão de assuntos preexistentes. Em um único dia, Tomasi (2011, p. 10) chegou a contabilizar mais de cinquenta novos tópicos destinados à divulgação de perfis de falecidos.

Os participantes promovem celebrações e ritos em torno do morto, dando presença a uma ausência, de maneira mais interativa entre os usuários e estabelecendo vínculos, quase que diários, com os mortos, por meio de textos (orações, mensagens, poemas), imagens e arquivos de música. (...) O corpo inanimado do cadáver ‘retorna’ em forma de pixels. As visitas aos cemitérios e túmulos, pouco frequentes na morte moderna, retornam em outro espaço na morte contemporânea: a ‘morte digital’. Mesmo o corpo cremado pode ter seu duplo no ciberespaço, possibilitando aos parentes e amigos um ‘fragmento de vida’ (REZENDE; BARBOSA, 2007, p. 10).

Vale lembrar que, a despeito do grande número de usuários que acessava a comunidade simplesmente para acompanhar as últimas notas de falecimento (e não para interagir), raramente algum tópico criado ficava sem comentários – nem que fosse apenas um breve descanso em paz.

Os números se tornam ainda maiores se considerarmos as outras comunidades virtuais relacionadas ao mesmo tema que, por diferenças de posicionamento ou simplesmente concorrência, foram criadas e são mantidas dentro da mesma plataforma Orkut: †PGM†²⁰ (6645 membros, desde 07/08/2005), PGM Investigações²¹ (1866 membros, desde 26/04/2007), Eu já chorei lendo a PROFILES²² (1678 membros, desde 31/03/2006) Sou viciado na †PROFILES†²³ (1238 membros, desde 22/12/2005), entre outras. Para Rezende e Barbosa (2007, p. 9), as comunidades virtuais destinadas aos mortos “promoveram uma espécie de retorno à cerimônia pública, só que em vez dessa cerimônia ser organizada pelo próprio moribundo, ela é construída, diariamente, por seus usuários”. Albuquerque (2007, p. 13) complementa:

(...) Sob alguns aspectos, essas comunidades parecem desempenhar funções tradicionalmente atribuídas à religião, tais como

²⁰ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=4024643>. Acesso em: 18 de nov. de 2012.

²¹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=31361054>. Acesso em 18 de nov. de 2012.

²² Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=11027682>. Acesso em 18 de nov. de 2012.

²³ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7267631>. Acesso em 18 de nov. de 2012.

intermediar a relação entre vivos e mortos e, em termos mais amplos, fornecer explicações acerca do próprio sentido da vida e da morte. Em especial, essas comunidades promovem um tipo de interpretação sensacionalista da morte, uma vez que ela é centrada no ato de morrer e enfatiza as suas circunstâncias dramáticas e chocantes.

Há mais algumas dezenas de comunidades semelhantes, mas muitas já contabilizam meses desde a última publicação: nestas especificamente as interações se tornaram escassas e praticamente não há mais circulação de capital social novo, seja pelo esgotamento do tema – uma moda passageira – ou por consequência do gradual desuso do Orkut.

Visando acompanhar o acelerado ritmo de migração de usuários do Orkut para o Facebook, foi criado um grupo PGM – Profiles de Gente Morta (Oficial)²⁴ também nesta plataforma. Apesar de ser mais recente, já cresceu substancialmente em número de usuários, passando de 200 membros, em fevereiro de 2012, para quase 1000, em novembro do mesmo ano, conforme mostram as Figuras 4 e 5. É um grupo bastante movimentado (sempre apresenta mais de uma notícia de falecimento por dia), mas boa parte das postagens provém dos mesmos usuários.

Outra extensão da PGM digna de nota é o Pgmsite, URL externa ao Orkut, que contém um banco de dados dos tópicos postados na PGM, desde junho de 2006, organizado por ordem alfabética ou por data. Cada item pesquisado nesse arquivo apresenta o *link* para o respectivo tópico no Orkut ou no Facebook, facilitando a busca por uma pessoa falecida específica ou pelos falecimentos ocorridos em um determinado período.

²⁴ Disponível em: <http://www.facebook.com/groups/pgm.official/>. Acesso em: 18 de nov. de 2012.



Figura 4 – Grupo PGM do Facebook (fevereiro de 2012).
Fonte: Facebook.

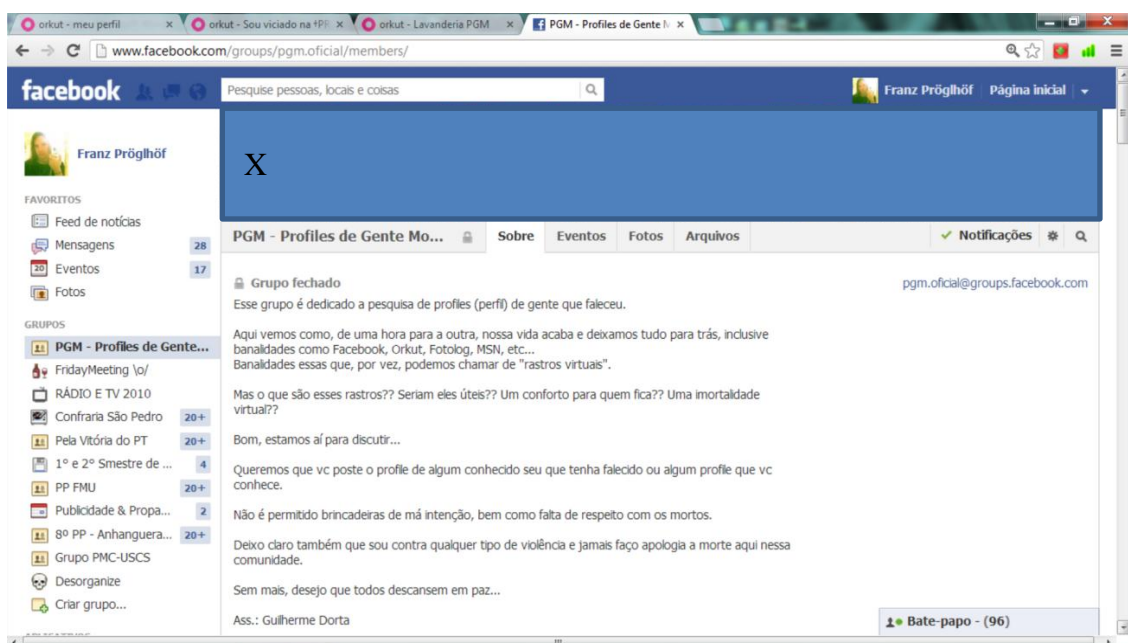


Figura 5 – Grupo PGM do Facebook (novembro de 2012).
Fonte: Facebook.

Tanto a morte de usuários de redes sociais quanto a PGM original já protagonizou (e ainda figuram) diversas produções científicas no país por conta do crescimento dos estudos em cibercultura e do reconhecimento do valor das redes sociais virtuais como espaços de interatividade e preservação de memória, sobretudo ao longo

dos últimos anos.

Entretanto, na contramão dessa valoração, o Google, mantenedor do Orkut, fechou a comunidade PGM, em 26 de abril de 2012, sob pretexto de a mesma ter violado os Termos de Uso (vide Anexos) no que tange à questão do uso de perfis *fake*. Tal ação apagou por completo o acervo das narrativas trocadas entre usuários da comunidade ao longo de seus praticamente 8 anos de existência. O Pgm-site, conseqüentemente, também perdeu sua funcionalidade, já que todos os *links* que direcionavam o internauta para os tópicos da comunidade no Orkut foram invalidados.

Na mesma data, 26 de abril de 2012, o mesmo usuário criador da PGM e o seu grupo de moderadores reabriram a comunidade, com o nome de Profiles de Gente Morta, no Orkut. Com novo layout de capa e com o propósito de substituir a anterior, a nova comunidade cresceu rapidamente enquanto absorvia parte dos usuários órfãos da antiga PGM, atingindo 1305 membros, em um período de aproximadamente sete meses (desde a sua criação até 21 de novembro de 2012). Esse número, contudo, deve ser relativizado, pois corresponde a um índice de migração de apenas 1,6%, se comparado aos quase 81,5 mil membros que a primeira PGM possuía – o que, em parte, reforça o argumento do Google da presença de muitos *fakes* e perfis abandonados. A Figura 6, a seguir, ilustra a nova Profiles de Gente Morte, foco do presente estudo.

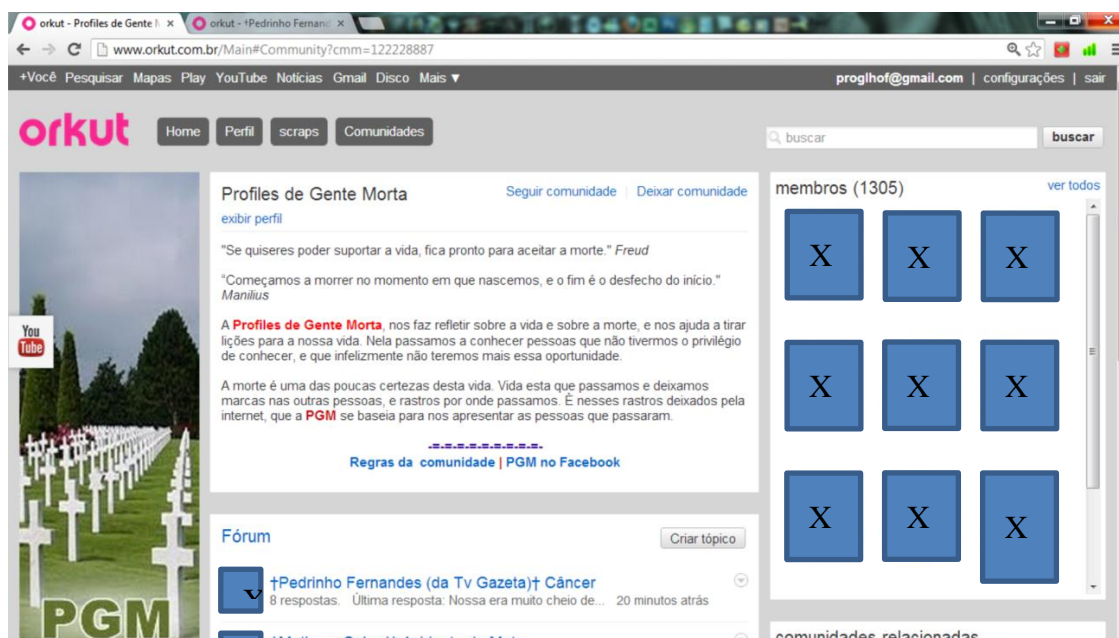


Figura 6 – Nova comunidade Profiles de Gente Morta do Orkut (novembro de 2012).

Fonte: Orkut.

4.3. Profiles de Gente Morta não morreu

Da mesma forma que ocorria com a anterior, o ingresso na nova comunidade Profiles de Gente Morta também demanda que o internauta tenha uma conta válida no Orkut e envie uma solicitação de participação ao dono da comunidade. Tal procedimento é simples (basta pressionar um botão) e, após realizado, permite o acesso aos recursos oferecidos aos membros.

A estrutura da comunidade basicamente é composta por uma área para foto ou imagem de capa, uma página de descrição da comunidade, um *box* de perfis dos usuários-membros, um *box* de outras comunidades relacionadas à mesma temática, uma área de fórum, o histórico de tópicos do fórum (organizado de modo decrescente, a partir da data e do horário da atualização mais recente, conforme Figura 7), um mural de eventos (raramente utilizado) e um mural de enquetes (raramente utilizado). Logo na página inicial da Profiles de Gente Morta é possível visualizar também um *link* com as regras da comunidade (vide Anexos) que, quando não são seguidas, pode ocasionar a exclusão de tópicos e a expulsão de membros. Ofensas a membros, aos falecidos ou aos seus familiares, por exemplo, são proibidas, bem como o uso do fórum como sala de *chat* ou espaço para fazer propaganda.

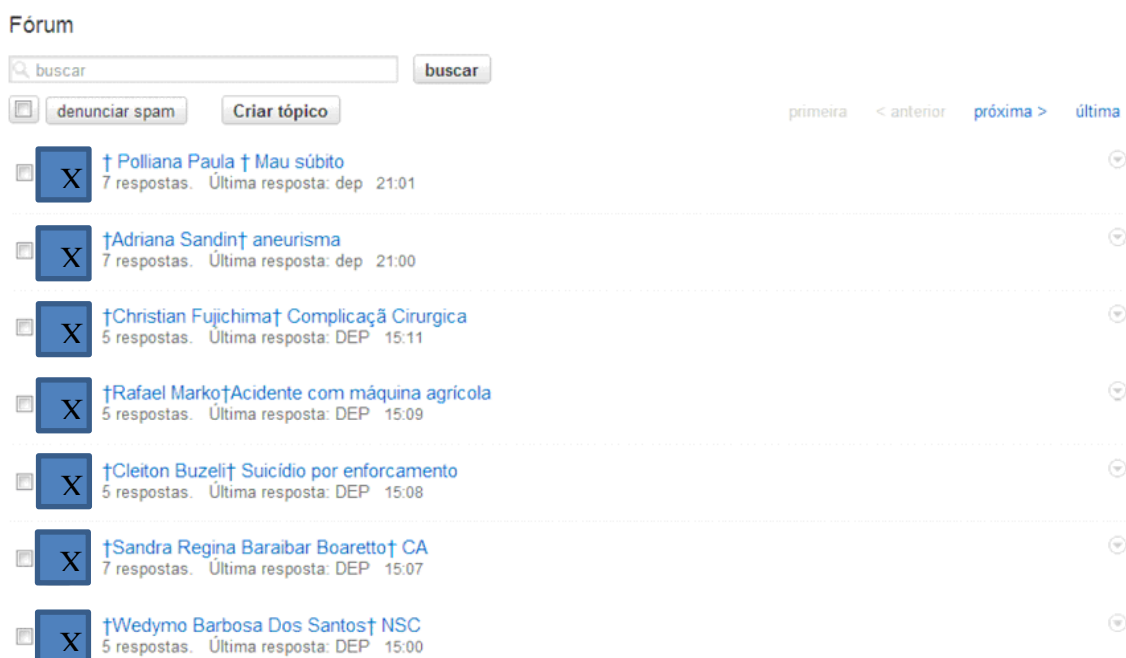


Figura 7 – Fórum da Comunidade Profiles de Gente Morta.
Fonte: Orkut.

De acordo com a regra da comunidade nº 12, os títulos dos novos tópicos devem

seguir uma estrutura padrão, de modo a facilitar a organização do fórum e a busca do conteúdo: “+Nome da pessoa+ Causa da morte”. Dentro do tópico criado, deve-se detalhar a causa da morte, apresentar o *link* para o perfil digital do falecido (no Orkut ou no Facebook) e, de preferência, apresentar o *link* para uma notícia que comprove o óbito, de modo a evitar blefes e informações tergiversas no interior do fórum. O tópico então está pronto para receber comentários (postagens) dos membros que desejarem falar a respeito do assunto.

Tal estética da produção da mensagem pauta as postagens de tópicos, formatando-os aos padrões de familiaridade do grupo. A noção de tempo é relativizada no interior da comunidade, que contém, em si, uma ordenação temporal própria: os tópicos exibidos como mais recentes não necessariamente são os últimos criados, mas sim os últimos a receber comentários do grupo. Como não é possível personalizar o modo como os tópicos no fórum são organizados, nota-se uma valorização da relevância do tópico (ou de sua capacidade de despertar o debate na comunidade) em detrimento da cronologia de sua produção.

O tempo e o espaço virtual do fórum, que miscigena arquivamento e interação, permitem a construção coletiva das narrativas. Além disso, segundo Rezende (2010, p. 13), a comunidade oferece “(...) às consciências individuais um contexto de respaldo para que estas possam nele dispor e reencontrar suas lembranças, encontrar seus mortos, até porque, para evocar essas lembranças, os usuários se apoiam na memória do grupo”. A descrição da comunidade em questão endossa as observações da autora: “a Profiles de Gente Morta, (*sic*) nos faz refletir sobre a vida e sobre a morte, e nos ajuda a tirar lições para a nossa vida (...)” (PROFILES DE GENTE MORTA, 2012).

A nova Profiles de Gente Morta também herdou da antiga ao menos duas outras comunidades auxiliares, verdadeiras ferramentas que contribuem para a organização e administração da comunidade principal: Moderação PGM – que, segundo a própria descrição, é “destinada aos Registros dos Atos de Moderação na Comunidade Profiles de Gente Morta”²⁵, de modo a justificar aos membros as expulsões, advertências e exclusões de tópicos (ver Figura 8) – e a JFP-PGM²⁶ (sigla para ‘Já Foi Postado’), que organiza os perfis postados na Profiles de Gente Morta em ordem alfabética para que seus membros possam fazer uma consulta livre antes de criar um novo tópico, evitando

²⁵ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122325895>. Acesso em: 27 de out. de 2012.

²⁶ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122330883>. Acesso em: 27 de out. de 2012.

conteúdo replicado desnecessariamente. Em ambos os casos não se pode afirmar que sejam propriamente comunidades virtuais no sentido discutido no Capítulo II, haja vista que não são permitidas a interação e a filiação (apenas os moderadores são membros). Meramente funcionais, tratam-se de espaços para tornar públicos esclarecimentos e devolutivas aos membros da Profiles de Gente Morta, tal qual as estruturas de funcionamento de um organismo social.

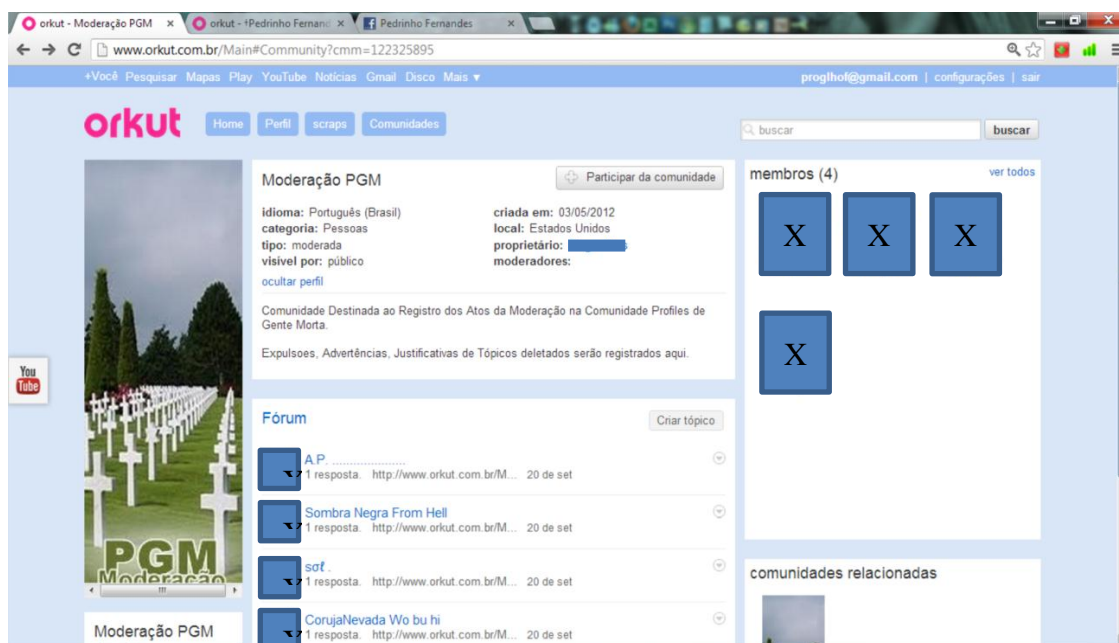


Figura 8 – Comunidade Moderação PGM.
Fonte: Orkut.

Abreviações e siglas são bastante recorrentes nos comentários dos tópicos, sendo algumas delas relacionadas nas regras da comunidade: DEP (Descanse em Paz), JFP (Já Foi Postado), NSC (Não Sei a Causa), TI (Tópico Inútil), JFT (Já Foi Tarde) e BBBM (Bandido Bom é Bandido Morto). Nota-se que as duas últimas são trespassadas por um considerável juízo de valor, proveniente de um senso comum conivente com possíveis atitudes de hostilidade contra o falecido. Tal como escreveram Morin (1997b) e Sontag (2003) a respeito da confortável posição do espectador diante morte do outro – sobretudo quando por outro se considera uma pessoa menos significativa. Albuquerque (2007, p. 12) endossa: “as circunstâncias da morte do usuário são um elemento importante para o julgamento do seu caráter”. Tal exposição será retomada adiante, no Capítulo V, para a definição dos procedimentos de coleta dos dados.

V. ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A MORTE

É a morte que confere à ideia de fim seu significado inteligível. Todos os outros usos vernáculos do termo são apenas referências diretas ou oblíquas desse significado. As representações da morte são demonstrações daquilo que o fim – que de outra maneira permaneceria incompreensível para nós (...) – realmente significa.

Zygmunt Bauman
(2008, p. 60).

Os serviços de redes sociais virtuais, tais como o Orkut e o Facebook, disponibilizam ramificadas ferramentas, em plataformas desterritorializadas e interfaces hipermidiáticas, para o exercício de novas práticas comunicacionais e mnêmicas. Tais espaços cibernéticos, constantemente atualizados de modo a oferecer recursos mais atraentes e interativos, são conglomerados de canais a serviço da inovação nos modos como nos comunicamos na pós-modernidade.

Já as redes sociais virtuais constituídas dia após dia, minuto após minuto, postagem após postagem, pelos incontáveis atores interconectados são também inovadoras na medida em que ressignificam práticas sociais e culturais. Integrados às TICs, os indivíduos desenvolvem milhões de conexões, geram laços de afetividade e comunidades digitalmente ambientadas, reproduzem e reinterpretam *online* seu próprio *self*, expandem capital social, apropriam-se das hibridações típicas da cibercultura e (re)constroem continuamente narrativas a este respeito.

Dada a amplitude do tema, não é possível conhecer por meio da presente pesquisa até que ponto a inovação digital e tecnológica, que permeia comunicações em redes sociais, influencia as manifestações e posturas do homem diante da morte na pós-modernidade. Entretanto, a partir do estudo e da comparação entre as diferenças na produção discursiva na Profiles de Gente Morta de acordo com a situação de morte, é possível auferir a forma como os usuários especificamente desta comunidade se posicionam ante a finitude do ser humano e a permanência de seus rastros virtuais. Deste modo, também é possível delinear as características e funcionamento da própria comunidade em si.

A razão do estudo dessas narrativas no presente trabalho está no fato de elas armazenarem vestígios e valores culturais que evidenciam elementos do imaginário sobre a morte. A relativa liberdade para expressão na rede e a autonomia do usuário em trilhar os seus caminhos virtuais (CASTELLS, 2006a, p. 48-49) transformam as redes sociais em um espaço privilegiado para acompanhar tais narrativas, inovadoras em formato e estrutura, de discussão da quase proibitiva temática morte.

A análise do discurso é composta por métodos variados de prática e aplicação, mas seu ponto chave reside na preocupação em estudar os modos de dizer e não apenas o dito, o como e o porquê de determinado enunciado e não apenas seu conteúdo, a busca pela identificação do contexto social de produção de um texto e não apenas a sua interpretação imediata ou semântica. Desta forma, é possível compreender, dentre outros aspectos relevantes, as intencionalidades do produtor, a ideologia que permeia todo e qualquer discurso, o contexto sócio-histórico de produção e as relações interdiscursivas e intertextuais, por exemplo.

5.1. Plano de análise

A análise dos tópicos dos perfis de Gente Morta foi conduzida a partir do lugar de construção dos discursos (CHARAUDEAU, 2003) sobre a situação de falecimento para que se consiga determinar o lugar das condições de sua produção, buscando vestígios nas narrativas que evidenciem os interdiscursos atribuídos ao contexto sociocultural e ao imaginário pós-moderno a respeito da morte.

Os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discursos tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi (ORLANDI, 2005, p. 30).

Orlandi (idem, p. 21) afirma que, em essência, o discurso é uma estrutura mais complexa que a mensagem, pois, diferentemente desta, ele suprime os papéis de receptor e emissor para dar lugar aos sujeitos interlocutores – estes sim passíveis de

subjetivação, argumentatividade, significações e ressignificações no interior de um determinado contexto social dinâmico.

Na concepção de Brandão (1995, p. 12), “discurso é interação, e um modo de produção social”. No presente estudo, a análise de discurso incide sobre a mensagem (a narrativa, a expressão), mas sem perder de vista o meio (o suporte, o formato estético, a expressividade) e o contexto. As constantes alternâncias de fala entre os interlocutores também são contempladas na análise.

O recorte contempla um período de seis meses: de 1º de maio a 31 de outubro de 2012. O critério de seleção dos tópicos analisados foi temático: a partir da situação de morte identificada logo no título do tópico. As quatro situações de óbito mais recorrentes no fórum são: homicídio (em que se enquadram latrocínios e assassinatos em ocasiões diversas, premeditados ou não), suicídio, acidente (de trânsito, domiciliar, de trabalho, entre outros) e enfermidade (adoecimentos diversos).

Para a composição do *corpus*, foi considerado o critério de relevância de acordo com a repercussão do falecimento no interior do fórum da comunidade: ao longo dos seis meses, os 15 tópicos que geraram maior número de comentários nas temáticas preestabelecidas foram submetidos à análise de discurso, totalizando 60 tópicos²⁷. O objetivo é evidenciar o imaginário cultural subjacente à prática do usuário de acompanhamento, produção e divulgação das narrativas relacionadas à morte no interior da comunidade virtual Profiles de Gente Morta.

(...) o co-enunciador interpelado não é apenas um indivíduo para quem se propõem 'ideias' que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem acesso ao 'dito' através de uma 'maneira de dizer' que está enraizada em uma 'maneira de ser', o imaginário de um vivido (MAINGUENEAU, 1997, p. 48-49).

Por questões de metodologia e viabilidade do estudo, foram desconsiderados:

- Falecimentos que não tiveram comprovação por meio do *link* de uma notícia;
- Tópicos que não apresentaram o *link* para o perfil digital do morto, com sua página ainda ativa na rede social ou não;

²⁷ Vale lembrar que cada tópico é acompanhado pelos comentários (postagens) dos membros da comunidade. As postagens distribuídas nos tópicos não podem ser analisadas individualmente, pois isso significaria descontextualizá-las do espaço discursivo e dos diálogos que as originaram.

- Tópicos NSC (não se sabe a causa da morte), geralmente orientados para a busca da causa da morte;
- Tópicos OFF, ou seja, fora do padrão de postagem predeterminado na comunidade, geralmente utilizados para tratar uma situação peculiar, tal como a morte de uma celebridade ou o feriado de Finados.

Por se tratar de um fórum em que predominam as trocas de mensagens verbais, a análise de discurso incidiu sobre o conteúdo textual e sobre a estrutura das narrativas. Não foram analisadas as eventuais narrativas postadas diretamente no perfil dos falecidos, pois isso significaria a locomoção para uma URL externa ao ambiente da comunidade Profiles de Gente Morta. Quando for pertinente, as falas externas reproduzidas com literalidade no interior do tópico serão analisadas.

O universo discursivo pode ser definido como “(...) conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116). Apesar de finito, não é passível de análise como um todo, pois, por abarcar integralmente um arquivo de enunciações, não é passível de representação. A totalidade de narrativas sobre a morte existente nas redes sociais virtuais, por exemplo, pode ser considerada o universo discursivo para o presente estudo.

O campo discursivo é uma delimitação pertinente do universo, geralmente vinculada à definição de um gênero discursivo. Segundo Maingueneau (1997, p. 116-117), deve ser definido pelo pesquisador a partir da consideração dos “múltiplos parâmetros” envolvidos na pesquisa. Como o gênero discursivo no presente estudo é a comunicação dialógica e hipertextual desenvolvida em torno de situações de falecimento, o campo discursivo corresponde ao fórum, espaço em que se concentra a produção de conteúdo/narrativas da comunidade.

Além disso, cada tópico analisado corresponde a um espaço discursivo, já que armazena os registros das narrativas em torno de uma situação de falecimento específica. Esses espaços discursivos, por sua vez, são constituídos por postagens de membros da comunidade – aí se desenvolve o caráter dialógico da comunicação.

Maingueneau (2005, p. 85) afirma que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Conseqüentemente, a produção de narrativas, enquanto texto, está inserida em uma cena de enunciação (cenografia) específica, responsável por ambientar as interações e contextualizá-las em torno de um referente comum. Para a composição da cenografia, é

importante ressaltar que a tipificação de discurso apresenta o formato do fórum da comunidade virtual, com suas respectivas normas de postagem e conduta (vide Termos de Uso, em Anexos). Nesse sentido, pode-se afirmar que a elaboração dos discursos sobre a morte é encenada no interior da Profiles de Gente Morta, pois obedece, mesmo que minimamente, a parâmetros comunicacionais específicos e pré-determinados.

5.2. Protocolo de análise

O protocolo de análise ficou assim definido:

a) Etapa de diagnóstico

Após leitura de todo o material, os 60 tópicos selecionados foram submetidos a um diagnóstico, ou seja, uma análise preliminar das características gerais e de algumas peculiaridades de destaque.

b) Eleição dos tópicos emblemáticos

Para cada uma das quatro categorias, foi eleito um texto emblemático, ou seja, um único tópico escolhido para caracterizar e representar a categoria.

c) Análise de discurso

Os quatro tópicos emblemáticos foram submetidos à análise crítica de discurso, de modo a investigar com mais profundidade tanto o significado das intencionalidades das narrativas quanto de suas posições no espaço discursivo do tópico.

A conduta da análise discurso foi pautada pelos seguintes questionamentos:

a) Como?

Quais foram os modos de dizer mais significativos? Qual foi o tom utilizado nas enunciações? Houve ironias, adjetivações e figuras de linguagem envolvidas? Como se posicionaram e se comportaram os interlocutores? Seguiram a estrutura discursivo-cenográfica da comunidade?

b) O quê?

Qual foi o conteúdo, explícito e implícito, nas narrativas? Houve pressupostos e subentendidos? Qual foi a dimensão dos tópicos e a extensão do debate? Quem foram os objetos da enunciação: a situação de

morte, a finitude (morte em si), o morto ou os demais envolvidos (amigos, familiares, inimigos etc.)?

c) A quem?

A quem se direcionou a mensagem? Esta se dirigiu a um membro específico, a toda a comunidade virtual, aos moderadores, ao falecido ou à sociedade?

d) De que forma?

Os interlocutores fizeram uso de que recursos para se comunicar? Houve uso de *links*, incorporação de vídeos, falas alheias, abreviações, *smiles* e outros códigos? Qual foi a maneira como os autores dos textos se posicionaram frente à situação tratada? Como decorreu a estruturação dos diálogos discursivos, a concatenação textual e as contribuições externas, tais como argumentos de autoridade?

Em suma, a análise contemplou tanto a pesquisa da cena de enunciação – ou seja, da influência do campo discursivo (fórum), do espaço discursivo (tópico) e da posição do interagente no ambiente virtual – quanto a alternância de contextos nos diálogos (mudanças de assunto, falas tergiversas) e outros atributos referentes ao significado da mensagem.

5.3. Detalhamento do *corpus*

O *corpus* selecionado para o diagnóstico e a análise é brevemente descrito a seguir, de acordo com a categoria elencada. Mesmo se tratando de uma comunidade virtual considerada aberta – ou seja, não exige ingresso para fornecer o acesso à leitura do fórum – o nome dos membros interlocutores foi substituído por pseudônimos e suas fotos de identificação foram suprimidas para salvaguardar suas identidades.

A Tabela 3, a seguir, mostra a relação de tópicos que abordam situações de morte por acidente, categoria na qual se enquadram os acidentes de trânsito, afogamentos e outros. Não necessariamente os acidentes aqui expostos acarretaram em apenas um falecimento, mas, como de praxe na comunidade, o título do tópico exhibe apenas o nome de uma pessoa – que necessariamente possuía um perfil digital no Orkut ou no Facebook.

Tabela 3 – Categoria acidente

Nº DE CONTROLE	TÍTULO DO TÓPICO	DATA DE CRIAÇÃO	USUÁRIO	ÚLTIMA POSTAGEM	COMENTÁRIOS
1	†Ângelo Raota Endringer† Afogado em Lagoa	06/ago	PA	AGO	12
2	†Kassia Calegari†Ac de carro	29/jul	MY	JUL	14
3	†Thais Hellen† Caiu e bateu a cabeça	24/out	DIA	OUT	15
4	†Miguel Lucas de Abreu† Queda do Skate	20/mai	DIA	MAI	15
5	†Samuel Silva Bitencourt † Carbonizado/Acidente	10/set	JI	SET	15
6	†Camila Aparecida Pedri†Acidente de carro	10/set	MY	SET	17
7	†Felipe Garcia Coelho† Acidente	11/ago	PA	AGO	17
8	†Leonardo Lopes Couto† vítima acidente onibus	17/jul	SI	JUL	17
9	†Suellen Pinheiro† Acidente	20/mai	DIA	MAI	18
10	†Gustavo Berserk † A fogado	26/abr	MR	MAI	19
11	†Sabrina Magalhães† Acidente	03/jun	DIA	JUN	20
12	†Fabiano Silva † Queda Helicóptero	09/mai	DIA	MAI	22
13	†Maluzinha† bebê - acidente	15/mai	SI	MAI	24
14	†Solleon Menezes + 5† Acidente de carro	21/jun	JU	JUN	27
15	+ Gabriela Rodrigues + Acidente	30/jul	NY	OUT	81
TOTAL					333

Tabela 4 – Categoria suicídio

Nº DE CONTROLE	TÍTULO DO TÓPICO	DATA DE CRIAÇÃO	USUÁRIO	ÚLTIMA POSTAGEM	COMENTÁRIOS
16	+ Juliana Maciel + Suicídio	13/jul	AR	AGO	22
17	+Tatiane Fernandes+ suicídio	29/jun	ED	JUL	22
18	†Paula Oliveira† Suicídio	06/out	EL	OUT	25
19	† Dyego R. Garcia†suposto suicídio	10/mai	MY	MAI	25
20	†Rosangela Saucedo de Souza † Suicídio	11/mai	MA	MAI	26
21	†Kenedy Moreira Martins† Suicídio	25/mai	DIA	MAI	28
22	+Lilian Danieli Lameu Ildefonso+ suicídio	02/ago	ED	AGO	28
23	+ Jessica Valeria+ Suicídio	01/mai	EL	SET	28
24	† Dione Mari Cenci Scaravonato†Suicídio	02/ago	MY	AGO	28
25	†Demontie Leal† Suicídio em prédio da Faculdade	18/mai	DIA	MAI	33
26	†Bianca Ferreira Rizzardi† Suicídio por Queda	03/mai	DIA	MAI	33
27	† Meryene Davassi † Suicídio	08/set	VA	SET	40
28	†Natalia Neves † - Suicídio	01/mai	EL	SET	42
29	† Esther Moreira†Suicídio	22/jul	MY	AGO	52
30	†Jeanice Paula Ezequiel†Suicídio/Chumbinho	21/mai	ES	MAI	55
TOTAL					487

A Tabela 4 faz uma breve menção aos quinze maiores tópicos referentes a mortes por suicídio, publicados no fórum da Profiles de Gente Morta no período contemplado. A quantidade total de comentários é significativamente maior que a verificada nas outras três categorias, sobretudo por conta das polêmicas envolvendo a situação de morte em questão.

Os quinze tópicos que abordam falecimentos em razão de enfermidades, categoria que abrange as mortes em decorrência de complicações cirúrgicas, doenças em geral e mal súbito, são brevemente expostos na Tabela 5. Por fim, a Tabela 6 contempla as mortes por homicídio.

Tabela 5 – Categoria enfermidade

Nº DE CONTROLE	TÍTULO DO TÓPICO	DATA DE		ÚLTIMA	
		CRIAÇÃO	USUÁRIO	POSTAGEM	COMENTÁRIOS
31	†Vanessa Gonçalves Neto† Câncer neuroendocrino	10/ago	EL	AGO	14
32	†Ketryn Santos† Reação à Dipirona	09/jul	DIA	JUL	15
33	†Valdirene Campos†Morreu após lipo	31/jul	MY	JUL	16
34	†Luan Felipe Galvão† Influenza A (H1N1)	16/jul	DIA	JUL	17
35	†Rafaela Ghellere Espindola†Câncer no fígado	05/ago	EL	JUL	17
36	†Leticia Pereira† - Câncer nos ossos	23/mai	EL	JUL	17
37	†Ketlyn Schiavi† Leucemia	15/jul	DIA	JUL	19
38	†David Nagato Pain† Parada Respiratória	19/mai	DIA	SET	20
39	†Bianka Lorena da Rocha Capilé† Câncer	16/mai	DIA	JUL	20
40	†Paulla Ferreira† Complicações da Diabetes	20/mai	DIA	MAI	20
41	†Natália Regiele† Coma Alcoólico	30/jul	DIA	AGO	22
42	†HELEN PATRICIA BOCHNIE LENO†Cancer	19/jun	MY	JUN	22
43	†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca	24/ago	PA	AGO	28
44	†Beatriz Rangel†Pneumonia/Tuberculose	09/out	EL	OUT	34
45	†Priscila Foquinha Charpinel† Câncer	28/ago	EL	SET	42
				TOTAL	323

Tabela 6 – Categoria homicídio

Nº DE CONTROLE	TÍTULO DO TÓPICO	DATA DE		ÚLTIMA	
		CRIAÇÃO	USUÁRIO	POSTAGEM	COMENTÁRIOS
46	†Leandro Santiago† assassinado	22/ago	ED	AGO	21
47	†Alan Muniz†Assassinado pelo pai	15/jun	MY	JUN	21
48	†Mariana Predoná † Gravida assassinada	19/mai	NO	MAI	21
49	†Jaciene Ianca Faria dos Santos† Assassinada	15/set	PA	OUT	22
50	†Silvana de Sá Clementino† Sequestrada e Morta	09/mai	PA	MAI	23
51	†Bruna Marieth de Moraes†Assassinada	30/abr	MY	JUN	25
52	†Rafaela Fiorentinno† assassinada	16/ago	ED	AGO	26
53	†Mayara Campos Rasmussen†Assas.pelo namo	20/out	MY	OUT	26
54	†Israel Pereira Guski†Assas.pelo pai	21/ago	MY	AGO	27
55	†Marcielle Freitas (12a)† Esfaqueada	18/mai	DIA	SET	28
56	†Aline Zaporá†Assassinada	31/mai	MY	JUN	29
57	†Alini de Oliveira Gama†Assassinada	22/set	MY	SET	33
58	†Vitor Dias Neto† Assassinado	20/mai	DIA	MAI	40
59	†Raissa Lopes†Assas.pelo ex-namorado	12/set	MY	SET	41
60	†Lore Santana Váz † ENCONTRADA MORTA (DEGOLADA)	14/set	LU	SET	53
				TOTAL	436

5.4. Diagnóstico

Nota-se que a maioria das postagens admite textos parafraseados de outras fontes, tais como sites de notícias e perfis digitais dos falecidos ou de seus familiares, seguidos de comentários breves do membro da comunidade.

Os *links* externos para as notícias que atestam o falecimento são bastante comuns e, quando são ausentes, mobilizam os membros da comunidade na busca por indícios do ocorrido em fontes diversas, tais como o perfil digital do próprio falecido ou de seus entes queridos. Quando é encontrada a comprovação, ela é postada na comunidade em forma de *link* ou em sua forma literal, ou seja, é copiada da fonte e

diretamente colada no tópico. Quando não se encontra a fonte, o tópico é apagado pelos moderadores para evitar a interação dos membros em torno de uma possível morte *fake*, o que poderia comprometer a credibilidade da comunidade como um todo.

É comum à dinâmica do fórum da comunidade a postagem de tópicos que trazem não apenas *links* para o perfil, mas também fotos, frases e diálogos importados a partir do perfil digital do falecido ou de seus parentes e amigos. Esses discursos são descontextualizados de sua produção e disseminação originais para que sejam reapropriados no interior de um espaço discursivo distinto. A partir de então, novas narrativas são tecidas com base em conteúdos que já haviam sido disponibilizados em outros círculos mais íntimos de interação.

A abreviatura DEP é bastante recorrente, de modo que não há sequer um tópico, em meio aos 60 coletados, que não contenha ao menos uma postagem com a expressão. Por se tratar de um desejo de repouso cujo verbo se encontra conjugado no imperativo, trata-se de um discurso direcionado ao próprio indivíduo que faleceu. Tal desejo, culturalmente aprendido, remonta a ideia presente em nosso imaginário de que as pessoas que morrem precisam descansar de vez, buscar a paz, distanciar-se do mundo dos vivos – até para que não haja prejuízos a ambos, tal qual foi visto no subcapítulo 1.3. Pressupondo simultaneamente uma intensa atividade em vida e trevas no momento da morte, a expressão reflete a ideia de sublimação e desprendimento ao mesmo tempo em que enfatiza o caráter de irreversibilidade da morte.

É importante ressaltar, no entanto, que a despeito da expressão “descanse em paz” carregar em si uma considerável carga de significados, ela raramente foi escrita por extenso nos tópicos analisados. O DEP desempenha o papel típico da expressividade dos usuários de rede social, caracterizada pela velocidade de comunicação e pela valorização da síntese. Não raro, DEP acaba sendo o único comentário de alguns usuários no interior de um tópico (seguido ou não de ícones representativos de pesar), conforme mostra a Figura 9.



Figura 9 – Tópico Paulla Ferreira- Complicações da Diabetes
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

O Orkut automaticamente gera, ao final de cada postagem, um botão “Gostou?”, equivalente ao famoso “Curtir” do Facebook, e um botão “Citar”, que lembra a função “*retweet*” do Twitter. Caso um usuário goste da mensagem postada, ele pode simplesmente clicar em “Gostou?” para que sua opinião seja contabilizada ou em “Citar” para retransmitir a mensagem para outra página.

De maneira geral, a função “Gostar” é pouco utilizada no interior da comunidade analisada, o que pode ser facilmente explicado: as narrativas são portadoras de más notícias. Não há como gostar de saber que alguém faleceu, mesmo que a Profiles de Gente Morta se trate de uma espécie de obituário hipertextual e colaborativo. Entretanto, o referido botão não pode ser retirado, e, descontextualizado do teor das narrativas, permanece abaixo de cada postagem de falecimento, por mais abjeto que seja. Esta mórbida situação pode ser vista na primeira postagem da Figura 10: nota-se a presença do botão, mas nenhum membro da comunidade o acionou.

Em contrapartida, na mesma figura, é possível perceber que o comentário respondente, logo abaixo do principal, contabilizou 2 usuários que gostaram do que foi escrito. O nome da doença estava incorreto: o membro corrigiu o erro de Português e disponibilizou um *link* externo com explicações mais detalhadas acerca do raro câncer que se abateu não apenas sobre Vanessa, mas também sobre Steve Jobs. Nota-se uma sutil alternância de contexto, já que o assunto foi conduzido da falecida para a doença

em si e, na sequência, para outra de suas vítimas, mais famosa. Não há incoerências em acionar o botão “Gostou?” nesse caso.

P [Redacted] - 10/08/2012
 †Vanessa Gonçalves Neto† Câncer neuroendócrino
 FB.: <https://www.facebook.com/vanessa.goncalvesneto>

Vanessa Gonçalves Neto
 26 de Junho
 Hoje faz 2 anos q eu travei uma **luta contra um cancer neuroendócrino** e descobri q p viver a receita é uma só; FAZER AS PAZES COM VC MESMO, DIMINUIR SUA EXPECTATIVA QTO AOS OUTROS E ENTENDER Q A FELICIDADE NÃO É TER É SER. OBRIGADA MEU DEUS POR MAIS UM DIA JUNTO AOS Q AMO....

Gostou? ▾ [Citar](#)

Popular [Ver mais respostas populares](#)

P [Redacted] - 10/08/2012
 Sem querer corrigir só por vaidade, mas a título de informação...

O correto é "**neuroendócrino**" (neuro = cérebro) + (endócrino = glândula). Foi o mesmo câncer que matou o famoso **Steve Jobs**:

<http://saude.terra.com.br/raro-cancer-de-jobs-permite-sobrevida-ate-10-vezes-maior,97298c3d10f27310VgnCLD100000bbcc eb0aRCRD.html>

[Redacted] [Redacted]

Gostou? ▾ 2 [Citar](#)

Figura 10 – Tópico Vanessa Gonçalves Neto- Câncer neuroendócrino
 Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Para cada categoria elencada de acordo com a situação de morte, foram diagnosticadas peculiaridades nas narrativas dos membros. Nos casos de doenças fatais que vão se agravando com o tempo, como câncer e leucemia, a nota de falecimento costuma vir acompanhada das mensagens do moribundo no leito de morte: suas despedidas, seus agradecimentos e, sobretudo, mensagens ligadas à fé e à religiosidade. Invariavelmente, o sofrimento do enfermo e dos familiares na luta pela vida é pauta nos debates nesses espaços discursivos e, às vezes, é reproduzido na íntegra (ver Figura 11). É uma situação distinta dos casos de enfermidades fulminantes, tais como paradas cardiorrespiratórias e complicações cirúrgicas, em que a surpresa, a imprevisibilidade e a fatalidade da morte costumam ser os aspectos norteadores das discussões no interior do tópico.

EL [Redacted] - 01/09/2012
Cada vez que entro no perfil dela...dos comentários etc.... mais e mais motivos pra perceber e sentir...como era grande o amor, a fé a luta...e a sede pela vida!!!

[Redacted]
há 4 horas

A Pri era linda por dentro e por fora, era querida, doce, engraçada, divertida, adorava dançar (desde criancinha), tinha o cabelo mais lindo que já vi na vida, era completamente apaixonada pelo marido Fagundes, amava seus pais e suas irmãs, amava a Deus! Deus, nosso Deus maravilhoso que permitiu que ela ficasse entre nós por mais um tempo depois do primeiro câncer, contrariando e surpreendendo os médicos, foi um milagre! Nosso Deus que mais uma vez surpreendeu os médicos quando permitiu que a pequena e guerreira Vitória viesse ao mundo, tão pequenina, tão linda!! Lembro-me na primeira vez, que o Fagundes contou uma história falando sobre a palavra que Deus revelou a ele quando chegou no es.. não me lembro em qual passagem na bíblia mas dizia que "Deus o traria pra outra cidade, daria esposa e frutos" me lembro quando ele disse que tinha certeza que a Priscila não iria morrer da primeira vez porque Deus ainda não tinha cumprido a palavra, não tinha lhe dado frutos.. ontem quando estamos lá todos juntos um primo nosso, que é neurologista e acompanhou o caso da Pri disse que o médico dela disse a ele "tinha alguma coisa guiando aquela mãe até a criança nascer" porque pela medicina era pra ela ter entrado em coma antes.. e logo depois que a criança nasceu ela entrou em coma, Deus maravilhoso que faz tudo se cumprir.....

Gostou? ▾ [Citar](#)

LU [Redacted] 01/09/2012
Nossa, ate me arrepiei ao ler o post acima
=/
Gostou? ▾ [Citar](#)

Figura 11 – Tópico Priscila Foquinha Charpinel- Câncer

Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Em casos de homicídios, o acompanhamento dos membros da comunidade assume caráter mais investigativo: detalham as ações policiais, expõem o inconformismo dos familiares com a violência e, em alguns casos, postam o *link* para o perfil digital do suposto assassino. Também é comum encontrar manifestações de temor ao cotidiano urbano, críticas ao descaso político com a segurança pública e irritação com a ineficiência da Justiça. A descrição do assassinato nem sempre é detalhada no corpo das postagens, pois é comum a divulgação de inúmeros *links* para notícias a respeito dessas mortes. Os sentimentos que predominam nos discursos dos membros são a desesperança, a impotência e, em alguns casos, a vingança contra o homicida. A condição da vítima e seu grau de proximidade com o assassino também são fatores norteadores da produção discursiva, conforme mostra o fragmento a seguir (Figura 12).

Quando se trata de um suicídio a situação é mais delicada. Condenado por praticamente todos os credos religiosos, o suicídio perante a sociedade costuma ser permeado por opiniões conflituosas. Não por acaso, é a categoria que apresenta o maior número de respostas em tópicos. Se por um lado é visto como um ato egoísta, louco e nocivo à família; por outro pode ser concebido como um ato de coragem ou como consequência de uma depressão.

Pai????? que pai..... não vi pai nenhum nesse caso! Vi um monstro...covarde...cafajeste...ignorante! Que merece apodrecer na cadeia, no meio de estupradores e assassinos!

DEP Israel!!!
lindo garoto,

[mostrar mais](#)
Gostou? ▾ 6 [Citar](#)

MY

[\[Redacted\]](#) - 21/08/2012

Ontem via celular

Nao ha nada nesse mundo q se compara com uma perda de alguem de sua familia q ama muito!
... "luto"...

Gostou? ▾ [Citar](#)

SS

[\[Redacted\]](#) - 21/08/2012

Triste...
DEP...

Gostou? ▾ [Citar](#)

MJ

[\[Redacted\]](#) - 21/08/2012

Meu Deus q pai é esse...pobrezinho do Israel, o q não deve ter sofrido antes dessa tragédia,amo tanto meu pai q não dá nem pra acreditar q existam pessoas assim...q mundo é esse...DEP Israel

Gostou? ▾ [Citar](#)

Figura 12 – Tópico Israel Pereira Guski- Assas.pelo pai
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

No imaginário coletivo, a alma da pessoa que se mata não encontra descanso por ela ter ido contra os desígnios divinos. Tal postura é reforçada por vários membros da Profiles de Gente Morta, seja quando postam sua recusa a desejar DEP para o suicida ou quando citam trechos de livros sagrados condenando o ato. Porém nos tópicos analisados, não foram detectados ataques frontais aos suicidas – possivelmente por uma questão de respeito ou por conta da moderação da comunidade que não permite que se dirijam ofensas aos falecidos.

Conforme diagnosticado no *corpus*, é evidente, no entanto, que boa parte das mensagens publicadas nos tópicos de suicidas se dirige mais ao conforto à família do que ao bem-estar da alma do falecido (Figura 13).

DR

[\[Redacted\]](#) - 02/05/2012

Jeito estranho de chamar a atenção 0__0RIP

Gostou? ▾ [Citar](#)

DD

[\[Redacted\]](#) - 02/05/2012

vontade de deixar os pais culpados pelo resto da vida como castigo..

Gostou? ▾ [Citar](#)

Figura 13 – Tópico Natália Neves- Suicídio
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

De maneira geral, os acidentes, geralmente de trânsito, não impressionam muito os membros da comunidade – talvez por serem mais comuns. Entretanto, quando há mais de uma vítima envolvida (sobretudo se for da mesma família) ou quando se trata de um caso de embriaguez ao volante ou fuga policial, o tópico passa a receber maior número de comentários. Acidentes não necessariamente ligados a trânsito, como os afogamentos e acidentes domésticos, geram repercussão por serem mais incomuns.

Em todas as categorias, as mortes não convencionais estimulam a produção de narrativas permeadas por assombro, ironia e, em alguns casos, surpresa, como foi verificado no tópico “Thais Hellen - Caiu e bateu a cabeça”, cuja causa da morte da moça – queda da própria altura – causou estranheza até mesmo nos moderadores da comunidade que, em princípio, já tiveram contato com situações variadas de falecimentos no fórum.

O caráter punitivo da morte é ressaltado em circunstâncias nas quais o falecido ou seus parentes não eram, por uma razão ou outra, considerados boas pessoas. No caso da morte de Beatriz Rangel, por pneumonia, boa parte das narrativas não diz respeito à garota, mas à sua mãe, esposa de um conhecido traficante da Rocinha. A responsabilização da mãe pela doença e pelo óbito da filha pode ser conferida nas Figuras 14 e 15 a seguir.

JI [Redacted] - 11/10/2012
Tuberculose matando ainda nos dias de hoje? Deve ter havido uma outra consequência, com certeza! DEDEPI!
[Redacted]
Gostou? ▾ 1 [Citar](#)

DA [Redacted] - 11/10/2012
[Redacted] É gente, a vida é uma caixinha de surpresas. Quantas famílias a Danubia e o Nem não destruíram? Quantas mães já não choraram a perda de um filho ou filha por causa desses dois. As vezes a pessoa precisa ter uma rasteira da vida pra enxergar que o caminho não é por ai. Qts pessoas morreram e qts maldades já foram feitas pra ela ter toda essa grana e ostentar tudo isso? A Bia nada tinha a ver com os erros da família, Mas Deus com certeza a enviou na terra pra cumprir o seu tempo, e dar para a mãe uma provação que, talvez a faça abrir os olhos. Aqui, eu finalizo somente pedindo luz a Bia, Ao resto da família, que agunte a sua dor. Lembrando também da dor que causou em tantos outros.
Ontem às 18:01 · [Curtir](#) · 5
[Redacted] [mostrar mais](#)
Gostou? ▾ 2 [Citar](#)

Figura 14 – Tópico Beatriz Rangel- Pneumonia/Tuberculose – pt.1
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

†Beatriz Rangel†Pneumonia/Tuberculose - 34 respostas. Denunciar spam

Responder primeira < anterior 4 de 4 próxima > última

FE [Redacted] - 27/10/2012

Castigo divino??? Não creio ... Mas que a mente desta mulherzinha é pérfida, tenho certeza ... Agora culpa Deus, culpa os macumbeiros ... quando quem deve ter mais culpa é ela própria .. Se ela realmente cuidasse da filha a doença não chegaria ao estágio que chegou ... duas semanas com febre e depois que "resolveram" levar para o hospital? Assim é fácil né fia ???

Onde ela estava neste tempo todo? Com certeza se divertindo com os traficantes dela ...

Olha só o comentário da sujeita nesta foto: "mato e morro" ... depois não quer atrair coisa ruim ...

<https://www.facebook.com/beatrizrangel.355#/photo.php?fbid=129122327232846&set=a.110785295733216.18636.100004052392952&type=1&theater>

Gostou? ▾ 1 [Citar](#)

CO [Redacted] - 27/10/2012

DEP

Gostou? ▾ [Citar](#)

Figura 15 – Tópico Beatriz Rangel- Pneumonia/Tuberculose – pt.2
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

As críticas negativas, quase sempre sutis ou irônicas, também permeiam o fórum quando o óbito acontece durante ou após uma situação de transgressão. Ressalta-se a previsibilidade da tragédia e suas possibilidades de evitá-la, seja em um acidente de carro no qual o motorista dirigia embriagado, em um coma alcoólico desencadeado após abusos em uma festa, ou em uma cirurgia plástica que tenha gerado complicações fatais.

MJ [Redacted] - 30/07/2012

Essa morreu se divertindo, bebidas, homens, rrsrrsrs.
DEP

[Gostou? ▾ 1](#) [Citar](#)

OF [Redacted] - 30/07/2012

dep

[Gostou? ▾](#) [Citar](#)

JJ [Redacted] - 30/07/2012

Bom, essa história tá mal contada. Ela pode ter sido induzida a beber sim (apesar que ela já era adulta pra tomar decisões), mas o que essa menina foi fazer em uma festa "particular" com 11 MARINHEIROS? Isso pra mim tá com cheiro de outra coisa, mas pra não fazer pré julgamento dos fatos....que ela descanse em paz!!

[\[Redacted\] mostrar mais](#)

[Gostou? ▾ 3](#) [Citar](#)

BO [Redacted] - 30/07/2012

Geralmente quando alguém morre, temos a necessidade de colocar a culpa em alguém como se o falecido não tivesse culpa em nada. Como a reportagem diz...ela não foi a tal festinha forçada. Temos que parar com essa mania de santificar quem morreu. DEP!

[\[Redacted\] mostrar mais](#)

[Gostou? ▾ 3](#) [Citar](#)

Figura 16 – Tópico Natália Regiele- Coma Alcoólico
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Em alguns casos, há identificação do membro da comunidade com a situação vivenciada pela família de um falecido. O falecimento de uma criança em decorrência de leucemia, por exemplo, despertou comoção em outras mães, conforme ilustra a Figura 17:

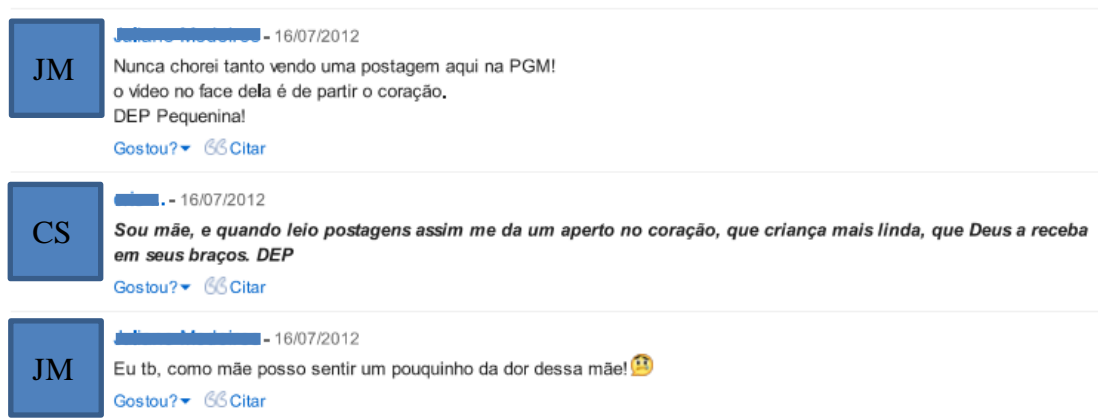


Figura 17 – Tópico Ketlyn Schiavi- Leucemia
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Outro ponto a ser destacado é o grande número de perfis *fake* na Profiles de Gente Morta, principalmente entre os membros com atividade interativa, ou seja, aqueles que não apenas acompanham os tópicos como também postam comentários. Muitos assumem nomes de personagens, nomes codificados e apelidos, além de escolherem por avatar imagens que, definitivamente, não correspondem ao próprio rosto. Tal prática, comum nas redes sociais digitais e especialmente recorrente no Orkut, permite ao usuário representar um papel no interior do fórum e desempenhá-lo com relativa liberdade

5.5. Análise de discurso – categoria acidente

O tópico selecionado para representar a categoria de mortes por acidente foi “Gabriela Rodrigues- Acidente”, criado pela usuária NY em 30 de julho de 2012. O tópico foi escolhido por ter recebido 81 respostas ao longo de mais de dois meses, ou seja, é o maior tópico da categoria e o que perdurou por mais tempo na agenda dos membros da comunidade.

De acordo com a primeira notícia postada no tópico, juntamente com o *link* para o perfil digital da moça no Facebook, Gabriela teria falecido após um acidente com o

carro que dirigia, em Goiânia. Ela teria brigado com o namorado naquela noite e deixou a boate, sozinha, aparentemente transtornada. Inicialmente, não é do conhecimento da perícia se ela usava cinto de segurança (apesar de ter sido arremessada para fora do veículo) ou se ela fazia uso de bebidas alcoólicas.

No segundo tópico postado, NY expõe um fragmento de uma notícia sobre o caso, o qual afirma que a investigação ainda está em aberto e que a velocidade do veículo ainda estava sendo mensurada pela perícia. Na sequência, NY deseja DEP para Gabriela e comenta: “Parece até *fake* de tão bonita que era!”. A beleza física de Gabriela, conforme pode ser verificado no decorrer da presente análise, torna-se um aspecto recorrente nos discursos, norteador de boa parte das narrativas expostas no espaço discursivo em questão. Inúmeras mensagens isoladas de DEP estão distribuídas ao longo do tópico em diferentes datas.



Figura 18 – Tópico Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.1
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Dois membros da comunidade, em particular, afirmam que possuíam algum vínculo (distante) com Gabriela: DA (“Não eramos amigos, mas a conheci já, era prima de uma conhecida”) e TH (“Eu a tinha adicionado no facebook uma semana antes da tragédia, nem deu tempo de bater um papo com ela”). Longe de se configurar em uma proximidade que pudesse desencadear um processo de luto em decorrência de seu falecimento, mas a colocação de tais argumentos coloca os dois usuários em uma

posição de destaque em relação aos demais, dado que, para eles, não se tratou da morte de uma pessoa completamente anônima ou desconhecida. Os papéis de ambos se diferenciam no cenário discursivo que aos poucos se delineia.

DA posta um novo *link* com o perfil digital de Gabriela Rodrigues no Orkut precedido por uma foto da moça em pose sensual, exibindo, como para constatar, sua boa aparência no interior do espaço discursivo. Ainda no mesmo dia, NY, a criadora do tópico, publica a última postagem de Gabriela em sua conta no Twitter: “Vai menina, fecha os olhos. Solta os cabelos. Joga a vida. Como quem não tem o que perder. Como quem não aposta..... :D”. A importância cedida às últimas palavras de uma pessoa falecida é parte de uma prática cultural que envolve tal discurso em uma aura de valor e misticismo – mesmo que se trate de suas últimas palavras no ambiente de uma rede social virtual. A colocação da jovem a respeito de jogar a vida “como quem não tem o que perder”, quando analisada a partir do contexto *post mortem* da comunidade virtual, parece revestir o seu discurso de um caráter premonitório. Tal colocação é reforçada a partir da postagem subsequente, onde NY comunica “dizem que as pessoas sentem que vão morrer...” e novamente reproduz um antigo *tweet* de Gabriela, que diz: “durmo com a tranquilidade de quem sabe q Deus já conhece e ordenou o dia de amanhã...”. Logo depois, a mesma usuária relaciona um *link* com o local da avenida onde Gabriela veio a óbito.

Longe de adentrar no mérito da suposta premonição, é importante ressaltar que a interdiscursividade e a construção de novas narrativas a partir de outras preexistentes são práticas comuns na Profiles de Gente Morta. São inseridas em novos contextos de recepção e reinterpretadas à luz do momento presente, distanciando-as de suas condições originais de produção. A busca pelas últimas palavras no leito de morte, últimas fotos tiradas, últimas atualizações de perfil na rede social, data, local e causa do óbito fazem parte do cotidiano dos membros da comunidade e os aproximam da busca pela compreensão das inúmeras faces que a morte pode assumir frente àqueles que permanecem vivos. Como diz Morin (1997b), nunca estamos tão distantes do vislumbre de nossa própria morte do que quando nos posicionamos diante da morte do outro.

Em 5 de agosto, TH realiza sua primeira postagem no tópico (na qual afirma que a tinha adicionado como contato em uma rede social) e inicia uma longa concatenação discursiva a respeito de Gabriela. Ele se diz chocado com o ocorrido e ressalta que a achava realmente muito linda. Considera “sinistro” o *tweet* premonitório de Gabriela e relaciona duas outras comunidades virtuais que ela integrava: “Dirijo melhor que muito

homem” e “Se bebê, não dirija”. Essa última colocação de TH acerca das comunidades virtuais revela uma ironia implícita em seu discurso, haja vista que a moça morreu justamente em uma batida de carro, cuja condução estava sob sua responsabilidade. Além disso, não estava confirmado se Gabriela havia ou não consumido bebidas alcoólicas naquela noite.

Os dois tópicos seguintes de TH relacionam *links* para vídeos que Gabriela fez para o Youtube, o que demonstra que o usuário empreendeu uma pequena expedição de busca aos rastros virtuais deixados por Gabriela em redes sociais diversas para apresentar tal resultado na comunidade.

Dissidente, a usuária DK nega que Gabriela fosse bonita e se posiciona no tópico com mais agressividade, conforme mostra a Figura 19. Ela demonstra surpresa com o fato de outros usuários terem achado Gabriela bonita e, debochada, aponta que isso não tem mais relevância agora, pois a moça “já era então DEP”. Dois outros usuários gostaram do comentário, o que demonstra concordância com DK ou protesto contra os membros que fazem odes à beleza física de uma moça já falecida.

No discurso da postagem seguinte de DK, nota-se uma narrativa permeada pela descontinuidade e até mesmo incompletude, a saber: “Poise, é feio julgar”. No início de seu discurso, DK parece concordar com alguém (não identificado) ao assumir que fez um julgamento precipitado – entretanto a postagem deste outro interlocutor não está disponível no tópico. Apesar de não ser possível conhecer exatamente o ocorrido, três possibilidades são mais proeminentes neste caso: 1) o interlocutor fez um comentário de reprovação no tópico e ele foi apagado²⁸; 2) o próprio usuário simplesmente mudou de ideia ou 3) o interlocutor fez um comentário de reprovação ao usuário em *off*, ou seja, fora do espaço da comunidade. O mesmo ocorre na continuidade de sua fala: “sim, eu não tinha notado mas o cabelo dela era lindo mesmo”.

²⁸ Conforme consta no rodapé das páginas que compõem o tópico Gabriela Rodrigues- Acidente, algumas respostas dos membros foram excluídas pelos moderadores da comunidade ou estão sob revisão – o que aponta para uma provável violação dos termos de uso da comunidade.



Figura 19 – Tópico Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.2
 Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Outra situação peculiar está no trecho “(...) ontem eu estava sobre a influência então fala demais :/”. A visível falta de coesão no discurso e o excesso de ambiguidade (que “influência” é essa?) dificultam a compreensão do sentido. Nota-se, porém, que se trata de um pedido velado de desculpas. No final, DK muda completamente de assunto e não volta a postar mensagens no fórum, o que reforça a ideia de que houve algum tipo de repreensão por sua conduta inapropriada na comunidade.

A partir do dia 6 de agosto, as postagens de TH praticamente monopolizam o tópico, mantendo-o ativo no fórum da comunidade por muito mais tempo do que o usual. As mensagens com elogios à beleza de Gabriela por parte desse membro só aumentam e ele simula uma situação de romance platônico. Tal situação invariavelmente nos remete às brincadeiras com experimentações identitárias e interativas nas redes sociais virtuais, já abordadas no Capítulo III da presente pesquisa. A análise que se segue faz uma breve explanação do funcionamento, na prática, dessa forma de representação e comunicação no Orkut.

Algumas postagens não sequenciais de TH foram reunidas na Figura 20. Nota-se que sua conduta recebeu aprovação de outros membros da comunidade (ver botão “Gostou?” abaixo dos comentários) e isso tornou TH mais destacado, estendendo a atividade do tópico, geralmente findo após dois ou três dias, para muito além da duração

convencional. TH adquire popularidade entre os demais membros na cenografia discursiva, mesmo que por um curto período de tempo.



Figura 20 – Tópico Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.3
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

O próprio usuário admite que nutre uma paixão *post mortem* pela vítima em um dos comentários e ri de sua situação. Muitos membros entram na brincadeira e sustentam a conversa em torno do assunto. JC, por exemplo, afirma que ela parecia ser legal – apesar de bela, deixando implícito que a beleza se opõe à simpatia: “ela era linda não parecia aquelas meninas bonitas e fúteis, parecia gente boa, que ela DEP”. Já MJ até chega a cogitar um futuro hipoteticamente diferente para a moça caso ela tivesse contato com TH ao invés do namorado que brigava com ela: “se ela tivesse te conhecido antes quem sabe não tinha acontecido o acontecido...”. Tal exposição deixa subentendido que Gabriela poderia ter sido salva da morte, tal qual uma princesa que encontra seu amado.

Apesar de parecer apenas besteira, o usuário aproveita a situação para coletar e postar o maior número possível de informações positivas a respeito de Gabriela, defendendo a construção de uma memória positiva e afastando as críticas. As conexões e interações sociais se intensificam em torno do romance que nunca aconteceu e, mesmo com a comunicação tergiversando cada vez mais para dentro de uma situação completamente fictícia, o número de postagens dispara. Alguns membros são surpreendidos pela mórbida afetividade forjada por TH e expõem seu desgosto, conforme ilustra a Figura 21:

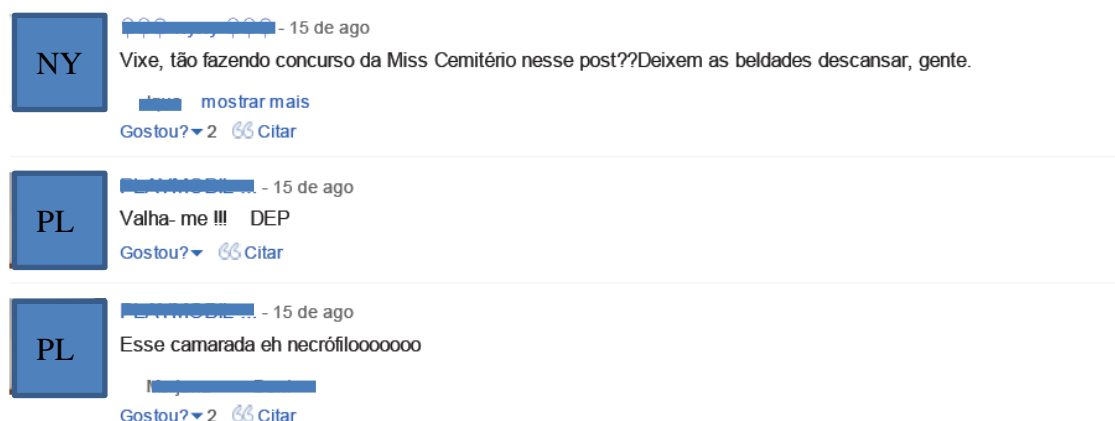


Figura 21 – Tópico Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.4
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Em 19 de agosto de 2012, TH parece radiante ao descobrir que Gabriela Rodrigues havia sido eleita, nas palavras dele, “gata do brasileiro 2008! Recordista de votos e tudo!”. Na mesma mensagem, o rapaz exibe um *link* para um novo álbum de fotos da moça e outro para o site das “Gatas do Brasileiro”. Entretanto, apesar de funcionar como um atestado de beleza de Gabriela, a mensagem não recebe comentários. Após mais de dez dias sem que qualquer postagem fosse feita no tópico, TH volta a deslocá-lo para o topo do fórum ao rememorar a data de aniversário de um mês do falecimento de Gabriela, em 30 de agosto, conforme mostra a Figura 22.

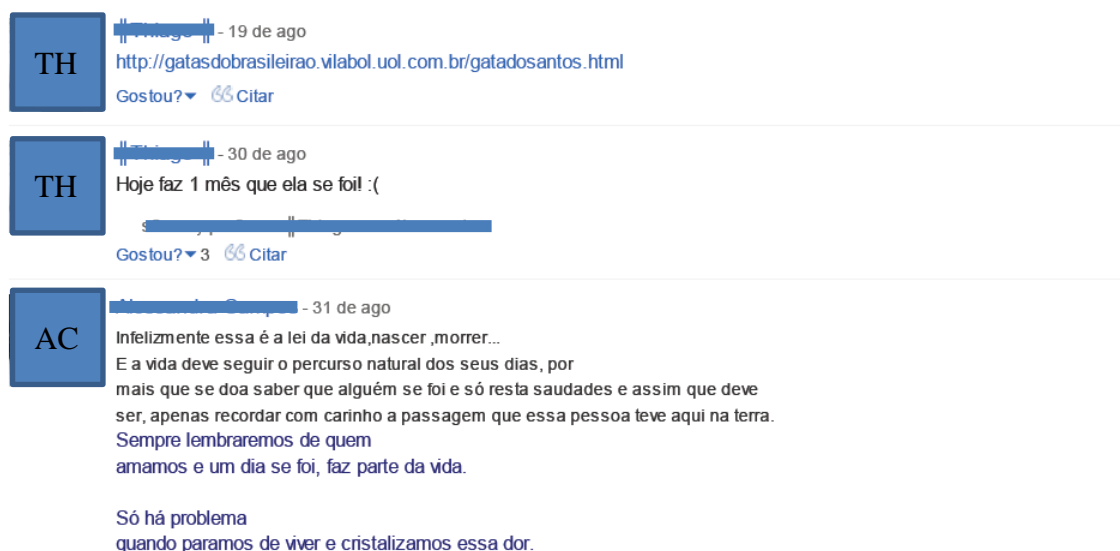


Figura 22 – Tópico Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.5
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

As datas de aniversário de morte são tradicionalmente sofridas para pessoas próximas do falecido que ainda estejam sobre influência dos processos de superação da

beleza física e da obsessão em torno do cadáver. Na mensagem de AC é possível detectar um misto de lamento e conformismo com o fato irrefutável da mortalidade, mas também superação da dor da perda de um ente querido somada à memorização dos bons momentos vividos ao lado daquela pessoa amada. O discurso de AC não é direcionado a Gabriela ou a TH, pelo contrário, parece bastante genérico – o que comportaria, inclusive, a suposição de que se trata de uma situação já vivenciada pela usuária. Ao final, ela afirma que “só há um problema quando paramos de viver e cristalizamos essa dor”, o que ressalta a necessidade de seguir adiante com a vida sem deixar que o sofrimento prevaleça. A postagem não repercutiu em novos comentários.

No dia seguinte, DA disponibilizou no tópico um texto supostamente atribuído a uma meia-irmã de Gabriela Rodrigues que a acusa de ser irresponsável e imatura por conta de sua criação. Além disso, ela deixa subentendido que a morte da jovem foi decorrente de inconseqüência e infantilidade. A postagem, porém, também não teve repercussões e o debate voltou a ser norteadado pela aparência de Gabriela. Ver Figura 23.

Na última postagem de TH, em resposta a outra usuária, o rapaz reveste seu discurso de poeticidade e exagera nos adjetivos enaltecedores. Se a moça que faleceu era ou não era bonita, isso não tem qualquer pertinência no presente estudo. O importante foram os processos de interação social *online* que formaram uma complexa rede de significados no entorno da protagonista. Uma memória-discurso de Gabriela foi paulatinamente sendo construída pelos membros da Profiles de Gente Morta a partir do momento da divulgação de sua morte na comunidade. Nela, o membro TH foi inserido na história como uma espécie de admirador secreto que protagonizou as narrativas póstumas a respeito da moça, tecidas por pessoas que não se relacionaram com ela e distanciando o imaginário da realidade crua e dolorosa da morte e da perda.

A cada nova postagem com *links* havia uma novidade a respeito da moça – não do acidente em si, que acabou sendo relegado a um segundo plano. A última menção ao acidente ocorreu em 8 de setembro, quando TH pergunta aos demais membros, sem obter resposta, se os exames toxicológico e alcoolemia já tinham sido divulgados. O usuário ressalta também que o prazo dado pelo IML já havia se esgotado há mais de uma semana.

Mais um longo período sem postagens a respeito de Gabriela Rodrigues se passou: mais de duas semanas, contadas a partir de 9 de setembro. Novamente TH reinaugura a discussão do assunto, que desta vez tem um tempo de duração mais breve no fórum. Em 25 de setembro, ele comenta que o perfil digital de Gabriela no Facebook

foi apagado e, no dia seguinte, é recriminado por OR: “desencana, brother..pqp...kkkkkkkkkk”. O modo coloquial como a orientação foi passada expõe uma informalidade característica ao ambiente do fórum e revela que TH, na opinião de OR, já deveria ter deixado de investigar o caso da morte da moça. O tom debochado é perceptível na abreviação utilizada (um sinal de impaciência) e na repetição da letra k, que na linguagem da Internet significa risos. Após exatos dois meses da morte de Gabriela, TH volta a postar uma mensagem de lamento pela ocasião, seguido por uma combinação de caracteres que reproduz um rosto choroso. Novamente OR responde: “2 meses sem a namorada do TH”. A réplica de TH, reproduzida na Figura 24, é a última postagem do tópico Gabriela Rodrigues- Acidente, um dos mais respondidos do fórum da Profiles de Gente Morta com suas oitenta e uma respostas distribuídas em nove páginas.

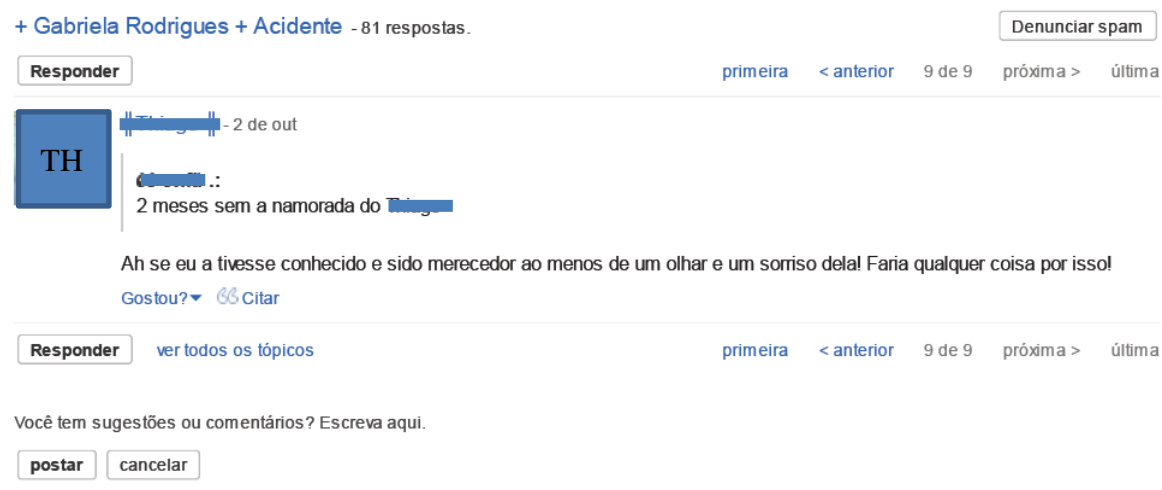


Figura 24 – Tópico Gabriela Rodrigues- Acidente – pt.7
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

O discurso tragicômico foi predominante no espaço discursivo estudado. O tópico permaneceu funcional enquanto os demais membros da comunidade mantiveram seu interesse em acompanhar o caso e a peculiar admiração declarada de TH pela vítima. Neste caso, um único usuário foi responsável pela retomada do mesmo tópico à pauta de atualidades do fórum em dois momentos distintos, mesmo se tratando de um falecimento que já tinha ocorrido há algum tempo.

É curioso observar que, no caso de Gabriela Rodrigues, diferentemente do que já ocorreu em outros tópicos do fórum, nenhum membro da comunidade cogitou explicitamente a possibilidade de a moça ter cometido suicídio – uma ilação admissível

haja vista que, aparentemente, ela estava sem cinto de segurança e disparou com o carro em uma avenida logo após uma briga com o namorado.

5.6. Análise de discurso – categoria suicídio

Com relação à categoria suicídio, o tópico emblemático selecionado foi Meryene Davassi- Suicídio, que foi criado em 8 de setembro de 2012 pela usuária VM e acumulou 40 comentários até o dia 27 de setembro. A escolha desse tópico em detrimento dos outros se deveu à diversidade discursiva em seu conteúdo, permeado por debates em torno de crenças religiosas, compartilhamentos de experiências de suicídio na família e discussões a respeito da forma como se comete suicídio. O tópico sintetiza, enfim, algumas das inúmeras polêmicas que revestem o imaginário das pessoas quando se trata de uma situação de morte conscientemente autoprovocada.

A primeira postagem segue a formatação já consagrada no espaço discursivo do fórum da comunidade: nome, causa da morte, *link* da notícia e *link* para o perfil digital da falecida. Inicialmente, o único diferencial foi a disponibilização de um *link* extra que direcionava a um vídeo, hospedado no Youtube, do resgate. Logo após esse momento de contextualização, VM se manifesta com apenas um “DEP” e abre espaço para que os demais usuários comentem sua postagem.

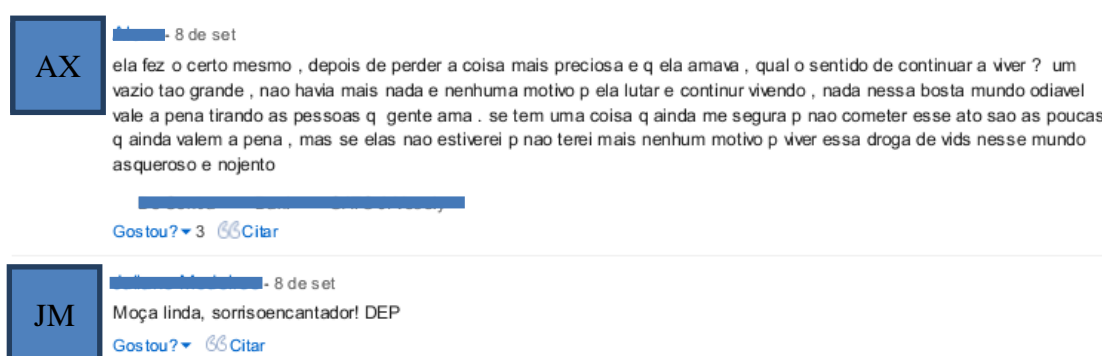


Figura 25 – Tópico Meryene Davassi- Suicídio – pt.1
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

De acordo com a notícia de falecimento, uma garota de 19 anos pulou de um viaduto na cidade de Matão e ainda estava com vida quando o corpo de bombeiros a resgatou. Ela estava deprimida e não conseguia superar a perda de um familiar. Ao contrário do que, geralmente, ocorre em casos de suicídio divulgados na Profiles de

Gente Morta, as narrativas do primeiro dia não crucificavam Meryene por ter tirado a própria vida: ou eram pretensamente neutras ou, pelo contrário, apoiavam o suicídio da moça sob tais circunstâncias. A Figura 25 reproduz o discurso de AX, analisado em seguida.

Contrariando claramente o senso comum, AX afirma que Meryene Davassi agiu corretamente ao se matar: “(...) depois de perder a coisa mais preciosa e q ela amava, qual o sentido de continuar a viver?”. O intuito do usuário foi polemizar – lembrando que, tradicionalmente, é comum a presença de debates mais intensos no fórum quando se tratam de mortes do gênero. Seu discurso traduz a seguinte opinião: a única razão de se viver reside no contato com as pessoas amadas – quando isto está ausente, o suicídio se torna aceitável. Tal ideia é reforçada quando AX complementa: “(...) um vazio tão grande, não havia mais nada e nenhuma motivo p ela lutar e continuar vivendo, nada nessa bosta mundo odiável vale a pena tirando as pessoas q a gente ama”. A redundância se soma ao tom nitidamente depressivo em seu discurso – o que também se reproduz em narrativas semelhantes expostas pelo mesmo usuário em outros tópicos ligados a suicídios. Apesar da falta de coesão no texto, é possível pressupor que ele defende que quando não há motivos para viver é melhor se deixar morrer.

A progressão da narrativa conduz, logo adiante, a uma autopromoção de tendências suicidas por parte de AX: “(...) se tem uma coisa que ainda me segura p não cometer esse ato são as poucas q ainda valem a pena , mas se elas não estiverei p não terei mais nenhum motivo p viver essa droga de vids nesse mundo asqueroso e nojento”. Ao afirmar que algo ainda o segura, está pressuposto, ou seja, linguisticamente marcado na fala do usuário, que um dia nada irá segurá-lo de também cometer suicídio. Outro traço marcante na tessitura da narrativa de AX é a revolta contra o mundo, generosamente caracterizado com adjetivos de asco e ódio. Três outros usuários apreciaram o comentário de AX, que recebeu três cliques de “Gostou?”.

A beleza de Meryene e seu “sorriso encantador” foram os pontos destacados por outra usuária, que desejou DEP, mas preferiu não comentar a polêmica postagem de AX, predecessora à sua. Vale lembrar que, novamente, a boa aparência volta a marcar presença no fórum da Profiles de Gente Morta. Na postagem subsequente, a criadora do

tópico posta um *link* para um vídeo²⁹ que Meryene criou em homenagem aos seus amigos, mas não o comenta. Como se fosse a mediadora de um debate, VM insere, em datas e momentos distintos, novas informações a respeito do caso de Meryene ou outros conteúdos relacionados a suicídio. Seu comportamento no espaço discursivo basicamente se resume a estimular a produção de comentários oriundos dos demais membros da comunidade, alimentando-os com temas e acompanhando o desenvolvimento da comunicação. É esse seu papel representado na efêmera cenografia discursiva do tópico Meryene Davassi- Suicídio.

O comentário de DZ, um pouco à frente, é explicitamente permeado pela linguagem infantil, conforme ilustra a Figura 26. À primeira vista, o uso da forma diminutiva de linda e avó, bem como a comunicação de “papai de ceu” ao invés de Deus, denota a ternura típica do tratamento de um adulto ao interagir com uma criança inocente. Entretanto, quando se considera a influência do senso comum e da religião, fortes referências culturais para o comportamento em sociedade, a sensibilidade na fala da usuária metamorfoseia em sarcasmo. Como DZ não realizou novas postagens, não é possível ter certeza do possível tom irônico de sua narrativa. Sabe-se, porém, que DZ reforçou seu possível pesar por meio de um ícone de tristeza e que seu comentário agradou a outros três integrantes da comunidade.

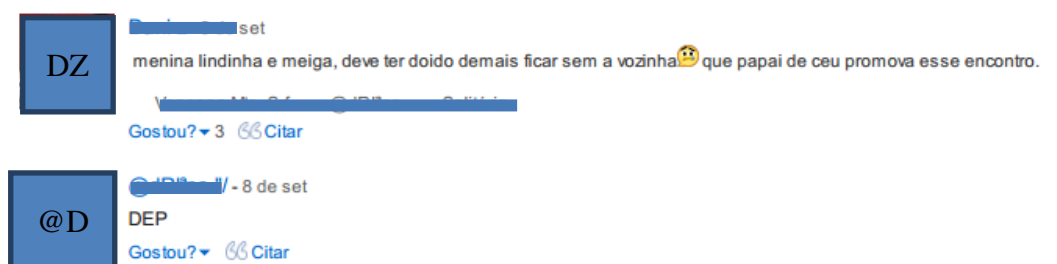


Figura 26 – Tópico Meryene Davassi- Suicídio – pt.2
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

É curioso observar que, em um único dia – o mesmo dia da criação – o tópico acumulou 12 comentários, mais do que a média dos tópicos criados na comunidade. O fato de a morte ter sido ocasionada em circunstância suicida, a pouca idade da falecida, o visível interesse de VM em manter a atividade no espaço discursivo e a boa aparência

²⁹ O vídeo não contém uma mensagem de despedida e não traz nenhum indício que a moça poderia estar pensando em se matar. Também não possui registro de data, podendo ser muito anterior ao suicídio de Meryene.

e simpatia de Meryene foram fatores que contribuíram com a popularidade de postagens. Conforme visto no Capítulo I, a morte é concebida com mais estranheza quando atinge pessoas mais jovens.

Ainda na mesma data de postagem, NA, sem entender as motivações que levam alguém a se matar, comenta: “nossa, mas o que anda acontecendo com as pessoas? Se não me engano, Matão é onde mais se ocorre suicídio...não sei onde fica, alguém sabe?” Explicando que não tem certeza de que se trata da mesma cidade, a usuária divulga um *link* com um outro caso de suicídio que a comoveu. Em seguida, NA critica tanto os comentários de AX quanto de DZ e é apoiada por PO, conforme mostra a Figura 27.

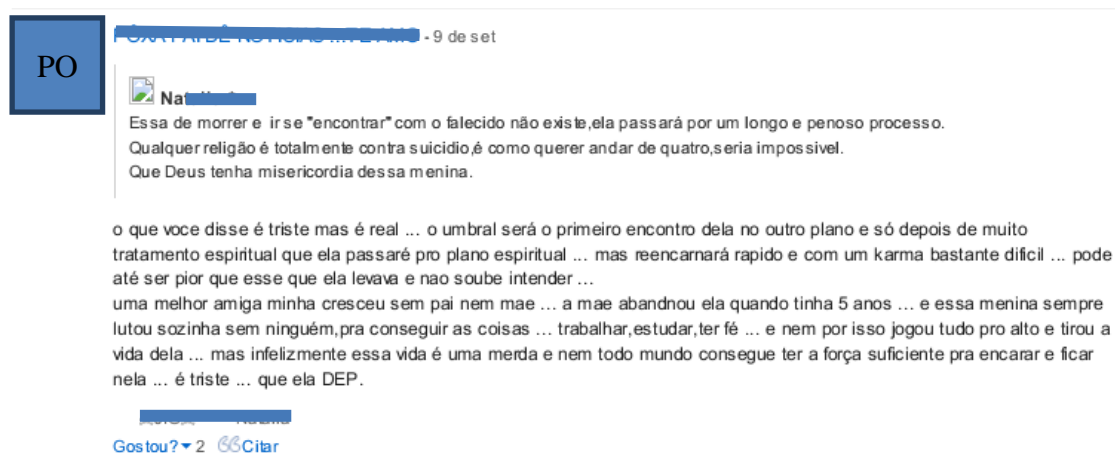


Figura 27 – Tópico Meryene Davassi- Suicídio – pt.3
 Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

O posicionamento de NA em relação ao comentário de DZ deixa em evidência sua crença na imortalidade da alma, no entanto, ao afirmar que a garota, ao cometer suicídio, não irá se encontrar com a alma de sua falecida avó, a usuária abre o precedente para a crença na existência de diferentes locais no além-vida. Ao expor que “Qualquer religião é totalmente contra suicídio”, NA endossa sua postura contrária ao suicídio e busca legitimar seu argumento com base na autoridade conferida pelas religiões. A elisão do tradicional comentário DEP, substituído por “(...) que Deus tenha misericórdia dessa menina”, deixa subentendido que a alma da moça se encontra imersa em trevas e pressupõe que ela necessita de auxílio divino.

Em resposta direta, a interlocutora PO concorda plenamente com NA e deixa transparecer sua crença, detectável graças ao repertório utilizado para a composição de sua narrativa: umbral, plano espiritual, reencarnação e *karma*, que são palavras

tipicamente vinculadas à fé espírita. A usuária demonstra, por meio de seu discurso, acreditar tanto na imortalidade da alma quanto no retorno à vida em outro corpo carnal. Cita como exemplo uma amiga dela que passou por muitas dificuldades – supostamente mais do que Meryene – e isso não a levou a atentar contra a própria vida. Do modo como a comparação foi colocada (“e nem por isso jogou tudo pro alto”), é possível deduzir que o sofrimento não justifica o suicídio na opinião de PO. Seu discurso, que não condena a alma da moça, está permeado por lamento. PO deseja DEP a Meryene e, no mesmo dia, TH é condescendente com a colocação da usuária: “Que Deus a tenha em um bom lugar” (Figura 28).



Figura 28 – Tópico Meryene Davassi- Suicídio – pt.4
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

A postagem de JI, logo em seguida, deixa de lado a religiosidade e a comoção para se focar no sofrimento ligado à possibilidade de uma tentativa de suicídio malsucedida: “(...) ia ficar em uma cadeira de rodas sem poder se mover... ia sofrer dobrado”. O usuário se posiciona de modo frio ao dizer que a decisão de cometer suicídio, caso já tenha sido tomada, deve conduzir de fato ao suicídio e não a tentativas. JI enumera duas razões para sua postura racionalmente fria: “ficar com sequelas é sofrer mais. Lembrar que você foi o causador de sua própria tragédia”. Por fim, ele deseja “que ela um dia encontre a luz”, o que inegavelmente pressupõe, de acordo com a construção do discurso, que ela ainda não encontrou a luz e que, quiçá, jamais a encontre.

Uma postagem anterior, de NA, acaba sendo retomada. Como alguns usuários não conseguiram acessar o *link* com a notícia postado por ela (referente a outro caso de suicídio supostamente ocorrido na mesma cidade, algum tempo antes), VM decide copiar na íntegra a matéria para exibi-la na comunidade. A matéria aborda a morte de uma mulher chamada Maria Cristina, que sofria de depressão e teria se enforcado. A

inserção de uma nova situação, ainda que relacionada ao contexto principal, abriu um precedente no ambiente de interações para que outros membros também narrassem suas experiências com o tema de modo mais livre, ou seja, não necessariamente seus comentários precisariam se relacionar à morte de Meryene Davassi.

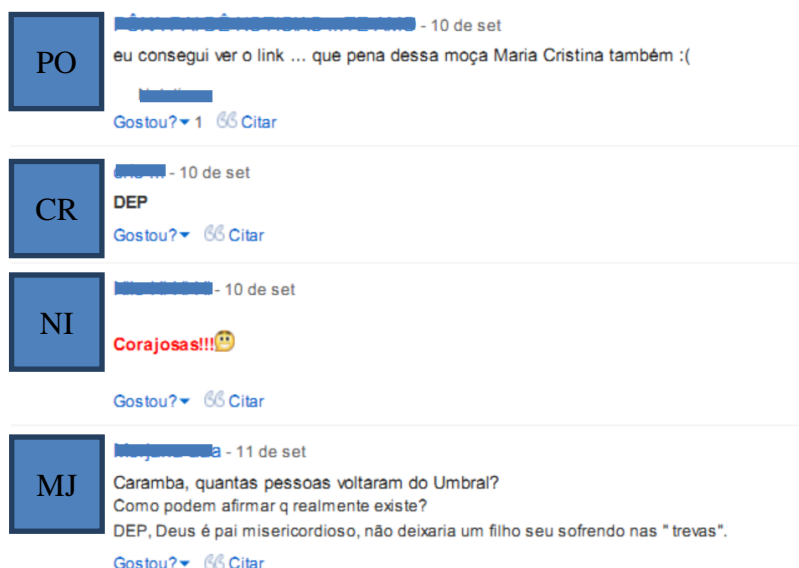


Figura 29 – Tópico Meryene Davassi- Suicídio – pt.5
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Conforme mostra a Figura 29, o suicídio de Maria Cristina também passa a ser pauta no espaço discursivo do tópico: PO também se compadece com a morte da outra moça e NI posta a palavra “corajosas”, no plural, para se referir a ambas as falecidas. Vale lembrar que, ao ressaltar a coragem que uma pessoa tem para tirar a própria vida, o discurso de NI, apesar de não ser neutro em meio aos debates, não se enquadra nem entre os abertamente defensores e nem entre os contrários ao suicídio. Ainda na mesma figura, a postagem de MJ se mostra desfavorável às colocações de PO acerca do umbral, pois questiona a existência de um lugar criado por Deus para punir os suicidas: “DEP, Deus é pai misericordioso, não deixaria um filho seu sofrendo nas trevas”.

A (f)ala dos membros com postura favorável ao suicídio ganha apoio a partir de 11 de setembro, quando BS insere comentários concordando com AX, para quem é preferível morrer do que viver em um mundo ruim, e com JI, que considera melhor se matar de uma vez do que sofrer com as tentativas.

A leitura que se faz das mensagens nos tópicos das comunidades virtuais do Orkut pode se alterar a cada minuto que passa, pois, conforme foi visto anteriormente,

trata-se de um ambiente fractal. Tanto os produtores da mensagem quanto os moderadores podem produzir alterações no arquivo mnêmico das interações realizadas por meio da rede social virtual, seja alterando um conteúdo já postado quanto apagando o mesmo, relegando-o ao esquecimento. Tal situação se aplicou ao tópico Meryene Davassi- Suicídio quando uma das moderadoras, EL, declara aos demais leitores e interlocutores do tópico que está fazendo alterações no encadeamento de postagens por violação das regras da comunidade (Figura 30). Sem citar nomes, EL informa que a consequência para o membro que continuar a desrespeitar as normas é ser banido (“BAN”) da Profiles de Gente Morta. Apesar de não ser possível resgatar tal conteúdo passível de repressão, pode-se deduzir que, por conta do acirramento do debate, provavelmente, houve manifestações ofensivas a uma das moças que se suicidou. A ação de EL foi aprovada por dois outros membros da comunidade.



Figura 30 – Tópico Meryene Davassi- Suicídio – pt.6
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

No dia 12 de setembro, LE informa que, logo na semana anterior, um rapaz cometeu suicídio nas proximidades – mas a usuária não indica seu parâmetro de proximidade (Seria do trabalho? De sua residência?). Ao expor que o homem era casado, tinha filhos e que trabalhava, fica subentendido que ele não tinha razões para cometer o ataque à própria vida. Pelas marcas em sua narrativa, LE se identifica com a

situação e teme que um caso de depressão seguido de suicídio se acometa sobre sua família. Com relação à Meryene, a usuária também destaca a beleza física da moça e o caráter precoce da morte de “uma menina tão linda, com tanta coisa ainda pra viver (...)”.

A última publicação do dia merece destaque, já que apresenta uma experiência de suicídio ocorrida com uma pessoa mais íntima: o próprio pai da usuária EM. O comentário está reproduzido na íntegra na Figura 30, mas, por se tratar de uma narrativa atípica na comunidade, já que não contempla uma situação de morte de uma pessoa desconhecida, não foi feita qualquer tentativa de análise do discurso nele contido.

A postagem se tornou a mais popular do tópico, com sete usuários clicando no botão “Gostou?”. Entretanto, por incrível que pareça, não desencadeou sequer uma resposta direta, por exemplo, de consolo, por parte dos membros. Houve três postagens subsequentes ao longo de dois dias, mas a mensagem era a mesma: apenas DEP.

O fato de EM ter narrado a sua própria história – a de uma filha que realmente perdeu seu pai por conta de um suicídio – provavelmente intimidou os interlocutores. A despeito das interações que unem tais usuários de rede social virtual em torno de um tema de interesse comum, não é possível notar laços intensos de afetividade – ao menos não a partir da ótica de análise proposta no presente estudo.

Após um intervalo de quase duas semanas, VM volta postar informações novas: o *link* para o acesso a outros perfis digitais que Meryene possuía nas redes Twitter e Formspring. A usuária GB posta a mensagem “^ credits by me”, o que significa, de acordo com o contexto em que está, que, provavelmente, ela teria encontrado os perfis digitais de Meryene e os repassou para que VM, criadora do tópico, pudesse postá-lo.

Nota-se uma relação hierárquica, pois, apesar de GB ter reclamado para si o crédito da informação, a divulgação da mesma ficou a cargo da pessoa que criou o tópico (como se fosse um direito adquirido). A usuária VM se posiciona como fomentadora dos debates. O tópico não recebeu novas postagens desde então.

5.7. Análise de discurso – categoria enfermidade

Após a leitura e análise inicial do material que compôs a categoria enfermidade, o tópico emblemático selecionado para representá-la foi “Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca”, com 28 respostas, criado pelo membro P. A escolha se deve à repercussão que o caso alcançou na mídia de massa pelo fato de a estudante de Ciências Contábeis ter falecido dentro de uma faculdade paulistana, que supostamente demorou demais para prestar socorro à vítima. No ambiente do fórum da PGM, o tópico recebeu comentários ao longo de quatro dias, de 24 a 27 de agosto de 2012.


A primeira postagem foi deveras descritiva, não contendo comentários originais do membro responsável por sua criação. É possível identificar o nome da falecida, a causa da morte, o *link* para seu perfil digital no Facebook e uma cópia da notícia de sua morte com a respectiva fonte.

A apropriação de um discurso na íntegra por outro interagente, neste caso, apresenta por intencionalidade iniciar o debate a respeito da morte da estudante. Ao selecionar determinadas matérias em detrimento de outras, o membro, em princípio, toma para si as opiniões ali expressas – a menos que venha a desmenti-las na sequência. A menção à fonte, prática usual dos membros da comunidade, concede credibilidade ao texto exposto, funcionando como um argumento de autoridade que tecnicamente endossa a veracidade não apenas do falecimento em si, mas também de suas causas. Ao disponibilizar o *link* ao perfil digital da falecida, o membro criador do tópico possibilita que os outros membros acessem, caso assim desejem, informações autobiográficas, fotos, vídeos, preferências etc. Seu espaço no Facebook, que outrora serviu à interação, agora foi transformado em lápide virtual.

A matéria jornalística afirma que a aluna morreu à espera de socorro – o que deixa subentendido que ela poderia ter sido salva caso a ajuda tivesse sido mais eficiente. O título da matéria diz: “aluna morre em sala de aula da FMU à espera de socorro. Estudante passou mal e só foi socorrida por bombeiros após 40 minutos”. A possibilidade de que tal morte pudesse ter sido evitada, nos conformes do que foi publicado na matéria em questão e, posteriormente, em outras notícias sobre o caso, tornou-se um dos principais focos dos debates entre os membros no interior do tópico, como será visto adiante.

†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca - 28 respostas. Denunciar spam

Responder Compartilhar primeira < anterior 1 de 3 próxima > última

 . - 24/08/2012

†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca

facebook:
<http://www.facebook.com/angelita.angel.carol>

notícia:
[Aluna morre em sala de aula da FMU à espera de socorro](#)
 Estudante passou mal e só foi socorrida por bombeiros após 40 minutos

Uma estudante de 28 anos morreu na noite desta quinta-feira no campus do Itaim Bibi das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). **Angelita Pinto** agonizou por 40 minutos até a chegada de uma ambulância do Corpo de Bombeiros. Ela começou a passar mal por volta das 21h30 na sala de aula. Quando os bombeiros chegaram, já era tarde demais. A estudante, segundo parentes, sofria de arritmia cardíaca e havia um mês que não tomava medicamentos.

O marido da universitária, José Carlos dos Santos, ao chegar na faculdade, foi informado pelos bombeiros, por colegas de Angelita e por policiais que não havia médico e enfermeira naquele momento na instituição. Ao ser indagado sobre o que a direção da faculdade disse, José Carlos afirmou: "Meus sentimentos', foi apenas o que me passaram. Eles não deixaram os colegas socorrerem minha mulher. Os bombeiros chegaram depois de 42 minutos. A gente vai entrar com processo, pois isso não pode ficar assim. Foi praticamente um homicídio", desabafou.

O caso foi registrado no 14º Distrito Policial, de Pinheiros, pelo delegado Pedro Ivo, como morte suspeita e omissão de socorro, pois, segundo o delegado, a faculdade deveria ter realizado por meios próprios os primeiros socorros, o que não ocorreu. A extensão do percurso feito de carro até o Hospital São Luiz, localizado na Rua Doutor Alceu de Campos Rodrigues, no mesmo bairro, é de cerca de 2 quilômetros.

Angelita cursava o primeiro semestre do curso de Ciências Contábeis. Santos informou também que a aluna reclamou a uma colega que não estava se sentindo bem e, sem seguida, desmaiou. Ao chegarem à sala de aula onde a estudante estava, os bombeiros ainda tentaram reanimá-la com massagem cardíaca, mas ela já estava morta. Além do marido, Angelita deixa uma filha de 10 anos de idade.

<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/aluna-morre-em-sala-de-aula-da-fmu-a-espera-de-socorro>

Figura 31 – Tópico Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.1
 Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Inicialmente, a culpa é atribuída aos bombeiros, mas logo adiante é transferida à faculdade, acusada de omissão de socorro pelo marido da vítima e por um delegado: “(...) a faculdade deveria ter realizado por meios próprios os primeiros socorros, o que não ocorreu” (Figura 31).

P, o mesmo membro responsável pela criação do tópico, realizou uma sequência de outras quatro postagens antes que outros usuários comentassem o falecimento. Na primeira postagem (excetuando-se a utilizada para a criação do tópico), ele adiciona mais dois *links* para vídeos sobre o caso, mas ainda não emite opiniões a respeito do assunto. Na segunda, ele apenas comunica DEP ao lado de um ícone de uma pessoa triste. Na terceira, ele comunica: “pro caso do perfil no facebook ser deletado, eis o ‘print’: <http://www.imageshack.us/photo/my-images/254/angelitapinto.jpg/>”. Neste caso, o usuário informa que fez uma cópia em *bitmap* da página principal do perfil digital de Angelita Pinto para se antever – caso a família da universitária quisesse apagar seus rastros virtuais no Facebook – o que acabaria por reduzir,

consideravelmente, o material para debate no fórum da comunidade, já que a sua lápide virtual deixaria de existir na rede social. Na última postagem de P, antes da intervenção de outros interlocutores no tópico, ele expõe o *link* de um segundo perfil digital de Angelita, este sediado no próprio Orkut.

EL - 24/08/2012
Coitadinha.... fico la agonizando... esperando, e o socorro... cadê??? Meu Deus 😞
DEP
Gostou? ▾ Citar

LU - 24/08/2012
DEP
Acabei de ver a reportagem no Balanço geral
=/
Gostou? ▾ Citar

P - 24/08/2012
Também, suspender medicamento pra arritmia é tenso, né?!
O marido conta que há cerca de um mês Angelita havia parado de tomar um medicamento para o problema de arritmia, que tinha desde criança. Ainda segundo Santos, o problema não era grave e não exigia intervenção cirúrgica. Como o remédio começou a provocar reações adversas e ela se sentia melhor, o médico disse que ela poderia suspender a medicação sem prejuízo para sua saúde. "Era um remédio fraquinho porque não era tão forte a arritmia dela, mas de um tempo pra cá ela não estava precisando mais. Ela estava levando uma vida normal", declarou.
<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/08/marido-de-aluna-morta-em-sala-de-aula-diz-que-vai-processar-faculdade.html>
Suspender o remédio não deu certo, não é, doutor?! 😞
Gostou? ▾ 1 Citar

TH - 24/08/2012
Como é que vc acham o perfil do orkut/facebook dos falecidos tão rápido, hien? kkk
Gostou? ▾ 1 Citar

Figura 32 – Tópico Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.2
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Na postagem subsequente (Figura 32), outro membro, identificado por EL, comenta o caso e inicia a dinâmica dialógica típica de ambientes de fórum virtual: “Coitadinha.... fico la agonizando... esperando, e o socorro... cadê??? Meu Deus! DEP”. Nota-se o compadecimento da usuária pela enferma, que supostamente teria agonizado durante um longo tempo antes que pudesse ser socorrida. EL, conseqüentemente, acatou a mensagem exposta anteriormente por P por meio das notícias. O uso excessivo de reticências caracteriza pausas na expressão, mas, neste caso, também parece demonstrar a emotividade de EL. Os três pontos de interrogação reforçam a indignação com a demora e “Meu Deus” insere a religiosidade pela primeira vez no tópico. EL também se utiliza da expressão DEP precedida de um ícone de uma pessoa triste.

O acompanhamento das notícias a respeito do caso pela TV ganha espaço no tópico: “DEP. Acabei de ver a reportagem no Balanço geral =/ ”. O sinal de igual (=) quando é seguido por uma barra (/) compõe o ícone de um rosto que representa tristeza. Tais combinações são típicas da linguagem adotada na Internet.

P retorna aparentemente bravo (por conta do ícone utilizado) para, por meio de um trecho de uma nova notícia, cogitar a possibilidade da morte de Angelita ter sido decorrente da interrupção do uso de um medicamento para arritmia. Além da faculdade e dos bombeiros, entra em cena um novo culpado em potencial: o médico. Acusando diretamente o médico, P dispara com sarcasmo: “Também, suspender medicamento pra arritmia é tenso, né?! (...) Suspender o remédio não deu certo, não é, doutor?!”. O emprego de “também” indica uma relação de causa e consequência, enquanto “né?!” ao final da frase proporciona uma abertura para que outros membros da comunidade comentem sua postagem.

Tergiversando, o membro TH sobrepõe um novo contexto conversacional ao já existente no cenário discursivo, ao perguntar: “como é que vc acham o perfil do orkut/facebook dos falecidos tão rápido, hien? kkk”. Em resposta direta a TH, LU ressalta que a velocidade de postagem dos *links* na comunidade também a deixou impressionada: “tbm fiquei de cara com a galera da comu...=D”. Como é típico da comunicação pelas redes sociais virtuais, o uso de gírias, abreviações, *smiles* icônicos e interjeições caracterizam a coloquialidade da expressão. Além disso, a inserção de novos assuntos, que não estão necessariamente vinculados à temática central do tópico, expõe a não-linearidade na composição discursiva, tornando-a mais imbricada. Se, por um lado, a alternância de produtores das narrativas é claramente delineada, já que cada discurso permanece exposto ao lado de seu respectivo produtor de modo organizado, por outro nada impede que assuntos distintos sejam inseridos de repente no meio de um debate. É típico da função referencial da linguagem e deveras parecido com o que ocorre em um diálogo não-mediado quando um dos interlocutores muda bruscamente de assunto. Retomando o tema central, JI afirma:

Acho que TODAS as faculdades, escolas em geral e empresas deveriam ter um ambulatório equipado para casos de urgência. Isso deveria ser LEI nesse país. Mais uma vida perdida por negligência. DEDEP!

Ao destacar determinados trechos de sua narrativa com fontes em caixa alta, JI enfatiza a entonação e direciona o olhar dos leitores para a importância de se instalar um espaço médico em todas as faculdades e para a urgência de isto estar previsto em lei. Quando opina que mais uma vida foi perdida por negligência, o membro reforça que tal morte poderia ter sido evitada e considera que a culpada foi a faculdade. Outro aspecto relevante a ser analisado no discurso em questão foi o emprego da palavra DEDEP ao invés de DEP. Conforme verificado no *corpus*, apenas JI apresenta a particularidade de escrever DEDEP no fórum da Profiles de Gente Morta. A causa parece remeter a um estilo próprio de narrativa no interior do ambiente comunitário do que propriamente a uma tradução literal – já que não faria sentido traduzir DEDEP em “Descanse em Paz”. O recurso estilístico de expressão do membro o caracteriza e o diferencia na comunidade (MAINGUENEAU, 2005).

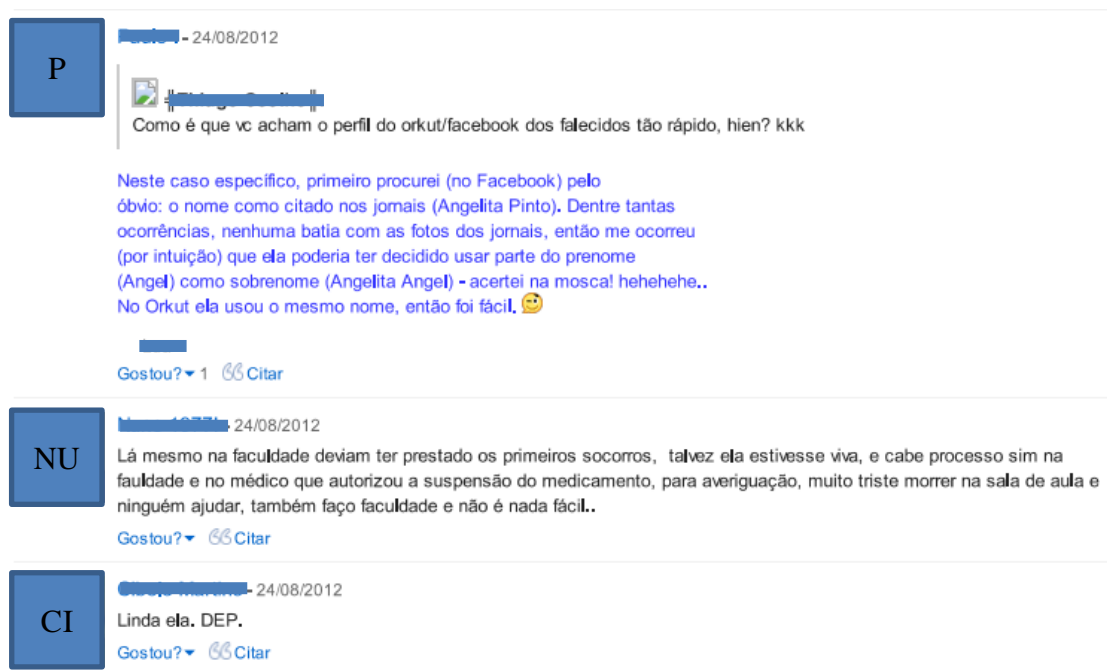


Figura 33 – Tópico Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.3
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Antes que o comentário de JI fosse respondido, P responde ao questionamento de TH a respeito da busca pelo perfil digital de Angelita, conforme mostra a Figura 33. Como os mecanismos de busca de usuários das redes sociais Orkut e Facebook costumam retornar inúmeras respostas, P foi bastante descritivo e didático em seu discurso. O detalhamento do procedimento de busca demonstra o seu interesse em

contribuir com o propósito da comunidade. A construção da narrativa do usuário unida ao significado e à estética da mensagem (sobretudo os risos e o *smile*) que ele postou no espaço discursivo em questão revelam satisfação e reconhecimento por seu esforço investigativo.

Conforme mostra a mesma Figura 33, o tom de lamento volta a se fazer presente no espaço discursivo, quando NU escreve seu comentário. Seu discurso, inicialmente redundante, reitera a culpabilidade da faculdade na morte da jovem e cogita a possibilidade de ela ter permanecido com vida, caso os procedimentos adequados tivessem sido tomados. Contudo, NU conduz sua narrativa por outro viés, ao apoiar o viúvo de Angelita que, segundo informações das notícias referenciadas no tópico, deseja processar tanto a faculdade quanto o médico. O usuário parte do pressuposto que os *links* das notícias foram todos acessados e lidos quando afirma “(...) cabe processo sim na faculdade e no médico”, pois não houve qualquer menção a processo jurídico no corpo do tópico – apenas nos *links* externos. O discurso se apresenta de modo lacônico, porém coerente já que, para que não haja incompletudes, é preciso que o leitor busque informações que estão além do espaço da comunidade, sobretudo nos perfis digitais da falecida e nas notícias. A argumentação hipermediática se constrói a partir da interdiscursividade e demanda simultaneamente relacionamento com os demais usuários e incorporação de conteúdos disponibilizados em fontes externas – neste caso, os sites de grupos empresariais jornalísticos. Vale lembrar que, conforme Recuero (2005), os laços sociais estabelecidos entre atores em ambientes virtuais envolvem não apenas usuários e comunidades, mas também instituições.

Por fim, NU, que também se declara universitário, parece ter se identificado com a vítima e faz um desabafo: “(...) muito triste morrer na sala de aula e ninguém ajudar, também faço faculdade e não é nada fácil..”. A análise desse discurso possibilita identificar um caso de ambiguidade: é muito triste morrer na sala de aula ou é muito triste ninguém ajudar ninguém na sala de aula? Essa possibilidade de dupla interpretação não se dissipa, pelo contrário, torna-se múltipla logo em seguida: não é nada fácil fazer faculdade ou não é nada fácil a falta de cooperação na faculdade? Os dois pontos que finalizam a colocação de NU cumprem o papel de reticências e deixam a resposta em aberto.

O comentário seguinte, no entanto, é simples, direto e não se vincula às duas últimas mensagens: “Linda ela. DEP”. Conforme verificado na etapa de diagnóstico do *corpus*, a questão da beleza física e jovialidade dos falecidos costumam ser mencionadas no fórum da comunidade em todas as categorias elencadas para a presente pesquisa.

A postagem seguinte relaciona uma nota de esclarecimento da FMU publicada na imprensa. Nela, a faculdade se defende e afirma que os primeiros socorros foram providenciados pelo Corpo de Bombeiros em menos de quinze minutos – diferentemente do tempo de quarenta minutos noticiado. A informação foi inserida no tópico por P, o mesmo usuário que o criou. Provavelmente, o intuito era o de olhar para todas as versões do ocorrido e estimular o debate entre os membros da comunidade. Apesar disso, não houve comentários referentes a tal notícia. O dia 24 de agosto se encerrou na Profile de Gente Morta com apenas mais um discreto DEP.

No dia 25 de agosto a usuária MY criou um comentário, reproduzido na íntegra na Figura 34, a respeito do caso. Dada a proximidade geográfica de sua residência com o local do ocorrido, MY narra a perspectiva a partir de seu cotidiano. Em tom dissertativo, ela afirma que, em princípio, achou que não houvesse qualquer anormalidade na movimentação nos arredores da faculdade e que só foi tomar conhecimento do ocorrido no dia seguinte. Fazendo uso de interjeições e de repetidos pontos de interrogação e pontos finais (com funcionalidade de reticências), a usuária manifesta tristeza e indignação, sobretudo por saber que havia hospitais próximos. MY, concordando com outros membros, acredita que se tratou de um caso de omissão de socorro, mas indiretamente nega que o médico seja culpado. Ao questionar “(...) será que foi o médico mesmo?” (quem suspendeu a medicação – *acrécimo meu*), a usuária abre o precedente para um subentendido: a possibilidade de a própria vítima ter interrompido, por conta própria, o seu tratamento. Continuando com a análise do fragmento narrativo de MY, quando ela expressa que “(...) tudo isso tem que ser averiguado.. Tadoo!!”, está partindo do pressuposto que muita coisa ainda não foi averiguada. MY é a primeira e única interlocutora no espaço discursivo a oferecer seus sentimentos à família de Angelita.

OF [Redacted] - 24/08/2012
dep
Gostou? ▾ Citar

MY [Redacted] - 25/08/2012
Gente triste esse caso..
*Moro do lado dessa Faculdade,inclusive no dia do acontecido meu marido chegou e disse que tinha acontecido alguma coisa na Faculdade,como moramos em prédio vimos a movimentação,mais como era dia de quinta-feira e sempre tem bebidas,zueira entre eles e praticamente o FDS deles começam na quinta,jamais pensei que fosse algo mais serio..Na manhã seguinte,qndo fui a padaria ,estava o carro de reportagem da Globo e Record,minha vizinha tava conversando com o segurança da FMU,passei por eles dei bom dia,e fui embora,logo em seguida ela veio atras de mim,e contou o acontecido..Nossa que tristeza..Gente,existe 2 hospitais bem prox da Faculdade,tem um que ã dá 3 minutos de carro,o outro deve ser no max 10 minutos de distância acredito que nem isso..Como ficaram aguardando por mais de 40 minutos o socorro??Tá na cara que é omissão isso aí..Outra coisa,é o fato do médico ter suspenido a medicação,será que foi o médico mesmo??Tudo isso tem que ser averiguado..Tudoo!!
Força aos familiares..*

[Redacted]
Gostou? ▾ 3 Citar

OC [Redacted] - 25/08/2012
Ehhh eles são ótimos !!!!!!!
Gostou? ▾ Citar

OC [Redacted] - 25/08/2012
DEP
Gostou? ▾ Citar

Figura 34 – Tópico Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.4
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Não foi possível situar o comentário de OC, feito logo depois do de MY, no contexto da conversação. Apesar da aparente ironia em “Ehhh eles são ótimos !!!!!!!”, trata-se de uma mensagem genérica e lacônica, que pode fazer referência a praticamente qualquer outro comentário já postado no tópico. Também não há como identificar a quem se refere o pronome empregado pelo usuário.

Ainda no mesmo dia, P insere mais três postagens consecutivas com notícias sobre o enterro de Angelita e sobre um protesto de estudantes em frente à faculdade. O membro comemora o fato de um dos veículos noticiosos ter finalmente publicado o nome completo da universitária. A última postagem do dia, não necessariamente vinculada às três anteriores, provém de outro membro, que apenas escreve uma mensagem rápida de DEP.

No dia 26 de agosto, já são perceptíveis alguns sinais de esgotamento do tema. Não foram relacionadas novas notícias e apenas duas postagens foram feitas, partindo da mesma pessoa: DA. Em ambas, a usuária responde à mensagem de EL, conforme pode ser verificado na Figura 35:

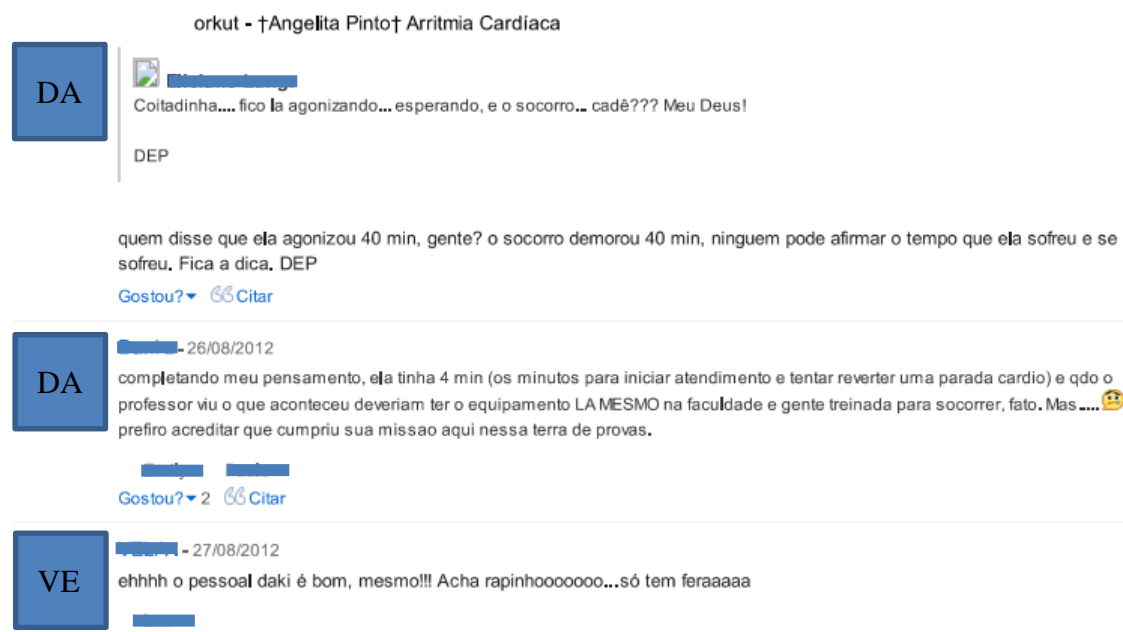


Figura 35 – Tópico Angelita Pinto- Arritmia Cardíaca – pt.5
 Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Em tom de desconstrução, DA questiona a informação de que Angelita teria agonizado por quarenta minutos e aponta que, na verdade, esta seria uma distorção interpretativa, já que o socorro teria demorado este tempo. Logo em seguida, ela ressalta que o tempo para reversão do quadro de parada cardíaca é curto e demandaria que a faculdade tivesse estrutura para prestar esse tipo de ajuda. Apesar de atribuir responsabilidade à faculdade, DA evita o confronto ao final de sua narrativa e assume uma postura mais conformista diante da situação: “(...) prefiro acreditar que cumpriu sua missão aqui nessa terra de provas”.

No último dia em que o tópico apresentou atividades, um membro tece elogios à eficiência dos demais membros da comunidade por conta da agilidade na busca pelos perfis de falecidos, dando continuidade ao assunto da postagem de TH, três dias antes. A última postagem foi feita por P e novamente apresenta um *link* para um vídeo que mostraria a demora no atendimento da estudante.

É importante ressaltar que, nesses quatro dias de interação social desenvolvida e arquivada no espaço discursivo correspondente ao tópico Angelita Pinto-Arritmia Cardíaca, os membros da Profiles de Gente Morta estabeleceram diversas outras interações no interior do mesmo fórum. Quatro dias são suficientes para a criação de algumas dezenas de novos tópicos na comunidade e para a postagem de mais algumas

centenas de comentários em tópicos já existentes. Possivelmente, por conta das contribuições da mídia massiva, que permaneceu com a exposição do caso por alguns dias, o referido tópico foi o terceiro mais comentado dentre os que abordavam mortes por enfermidade. Ainda assim, caducou com o tempo para ceder lugar às novas histórias de mortes de usuários de redes sociais no Brasil.

5.8. Análise de discurso – categoria homicídio

O tópico emblemático selecionado para representar a categoria de homicídios foi Aline Zapora- Assassinada, com 29 comentários ao longo de 12 dias, criado por MY. Vários fatores contribuíram para aumentar o número de postagens no tópico. A garota, menor de idade, tinha apenas 16 anos, e seu namorado (e assassino) era seis anos mais velho. Foi um crime passional, supostamente motivado por ciúmes, que acabou levando ao falecimento também do assassino, morto pela polícia. O crime impressiona pela violência, já que a vítima foi alvo de 30 facadas. Além disso, Aline já havia dado queixa à delegacia por violência doméstica.

Como de praxe, MY inicia a postagem com os *links* para os perfis digitais da vítima e com uma cópia da notícia, indicando a respectiva fonte. No segundo comentário, a usuária relaciona uma frase – deslocada de seu tempo, espaço e contexto originais – que foi retirada diretamente do perfil digital de Aline no Facebook: “amo muito esse homen”. Ainda no mesmo post, MY exhibe a mensagem de uma prima da vítima lamentando a perda. Logo em seguida cita o *link* de onde retirou tais informações, mas, em momento algum, tece comentários pessoais a respeito do caso que acabou de expor na comunidade. MY também se reveste do papel de mediadora e observadora do debate no interior do espaço discursivo por ela criado, já que seu papel se resume a inaugurar um contexto em que se torne propício o desenvolvimento dos processos de comunicação.

A interação social começa de modo tímido, com o tradicional DEP. Apenas a partir do dia seguinte à criação do tópico, quando os membros começam a tratar de algumas especificidades do caso, é que a comunicação efervesce. Primeiramente, o usuário EC destaca a diferença etária do casal: “ele com 22, ela com 16. Desperdiçou a

vida dela e a dele, possivelmente por ciúmes. Babaca”³⁰. A morte em plena juventude volta a ser representada no palco discursivo da Profiles de Gente Morta, pois, ao dizer que o assassino “desperdiçou” duas vidas, o membro deixa implícito e pressuposto que ainda havia muito tempo de vida a ser aproveitado.



Figura 36 – Tópico Aline Zapora- Assassinada – pt.1
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

O comentário feito por JI, exibido logo em seguida, trata do assassinato em si: “precisava de tantas facadas? Que brutalidade.... DEDEP”. Duas informações subjazem subentendidas no discurso em questão: a moça poderia ter sido morta com uma quantidade menor de facadas (o efeito seria o mesmo) e houve um exagero por parte do assassino. Apesar da aparente impassibilidade ao tratar do caso, o texto de JI evidencia seu choque com o crime, considerado por ele brutal. Em seguida, a usuária JN volta a reforçar a pouca idade da vítima e deseja “q ela DEP”.

Diversos posicionamentos coexistem na produção discursiva acerca do ocorrido. As primeiras mensagens estavam mais focadas na questão da diferença etária e na violência, mas, conforme mostra a Figura 37, gradualmente, são inseridas no espaço discursivo uma suposta irresponsabilidade de conduta e a narração de experiências vividas aos 16 anos.

³⁰ Lembrando que os números “22” e “16” fazem referência à idade. Trata-se de uma inferência, dedutível a partir do contexto e da posição que tal discurso ocupa em meio ao espaço de interações.



Figura 37 – Tópico Aline Zapora- Assassinada – pt.2
 Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

A usuária VV é a primeira a lançar uma mensagem de desaprovação à vítima ao sugerir que “(...) tanto ele como ela naum tinha nda na cabeça (...)”. A colocação de VV, essencialmente polissêmica, pode tanto ter sido decorrente de uma análise do conteúdo do perfil digital de Aline no Facebook quanto de um desconforto pelo fato de uma garota menor de idade ter ido morar com o namorado. Ainda na mesma imagem, nota-se que a narrativa de MD parte do específico para o global: “Relacionamentos hoje em dia estão cada vez piores (...)”. O usuário também retoma o tema do assassinato em si, previamente abordado por JI, e enfatiza a loucura permeada na atitude do assassino.

Pela terceira vez em um único dia, a questão dos 16 anos de Aline volta a ser mencionada, desta vez por MJ. Logo em seguida, a usuária começa a narrar algumas experiências cotidianas de quando ela tinha seus 16 anos de idade, abrindo o precedente para que outros membros da comunidade pudessem também expor suas vivências na juventude. Ao comentar “(...) será q o mundo tá tão evoluído a ponto de me chocar tanto um caso desses? E olhe q me considero moderna...será q havia maturidade nessa relação?”, MJ é claramente irônica no que tange à evolução do mundo. Sua posição narrativa acerca da maturidade do casal pode ser associada à tipologia (inter)discursiva conservadora de uma pessoa mais velha, preocupada com o bem-estar dos mais jovens. Mesmo que de forma branda, a antítese entre o moderno e o conservador se faz presente no discurso de MJ.

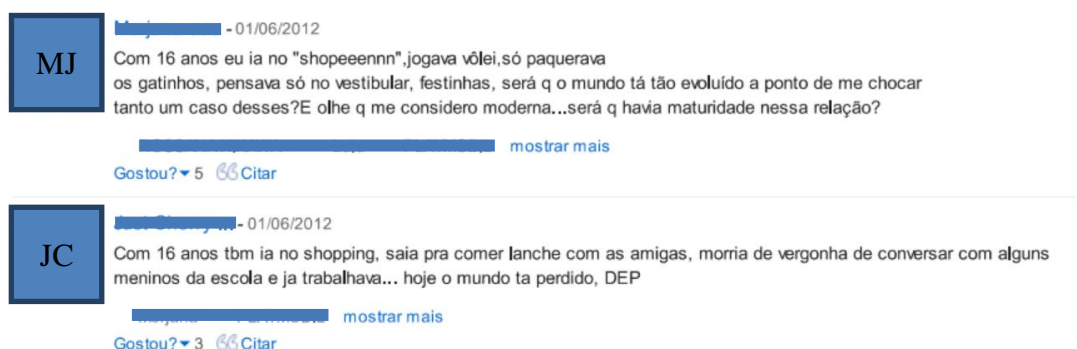


Figura 38 – Tópico Aline Zapora- Assassinada – pt.3
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

O discurso de JC está em plena sintonia com o de MJ, sendo praticamente mímico tanto no que se refere à narração de uma experiência quanto à crítica às mudanças no *modus operandi* do mundo: “Com 16 anos tbm ia no shopping, saia pra comer lanche com as amigas, morria de vergonha de conversar com alguns meninos da escola e já trabalhava... hoje o mundo tá perdido, DEP”.

Um dado novo a respeito do caso aparece no tópico quando MY contribui com mais uma notícia: Aline Zapora havia feito um boletim de ocorrência na Delegacia da Mulher de sua cidade, um dia antes de seu assassinato. Nele, a vítima relatou as agressões e ameaças sofridas por parte do namorado. No entanto, o conteúdo da postagem de NY referente à violência contra a mulher, um grave problema social no país, não teve nenhuma repercussão no tópico. A rememoração da época dos 16 anos, no entanto, volta a ter espaço com postagens de MM, reunidas na citação a seguir:

Já que é para falar dos nossos ‘16 anos’, quando eu tinha 16 anos, ia ao mercadinho do turco, ao bar do seu Zé e à padaria do portuga. Não havia shopping, hipermercado, mc’donald. (...) Ah, ia me esquecendo, também comia uma buchada de bode no bar do ceará.

A mensagem de MM não apenas contribui para descontextualizar o assunto principal do tópico como também ironiza as narrativas de JC e MJ, já que expõe uma realidade completamente distinta da vivenciada pelas usuárias. Seu discurso é repleto de estereótipos – o turco que tem um mercadinho, o português que tem uma padaria e o cearense que serve buchada em seu bar – e, possivelmente, não apresenta fatos

verídicos. Vale lembrar que MM, apesar de ser um usuário bastante ativo na comunidade, utiliza um perfil *fake* para se comunicar.

No decorrer das interações no espaço do tópico, é perceptível uma progressiva atribuição de culpa a uma suposta imaturidade da própria vítima, que, de acordo com algumas das narrativas, não deveria ter se exposto ao risco de ir morar com um namorado mais velho (Figura 39).

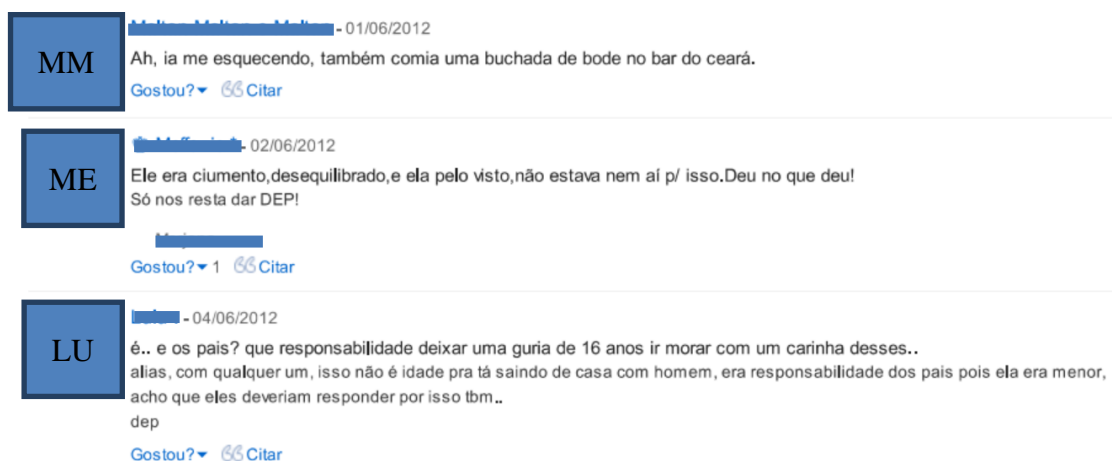


Figura 39 – Tópico Aline Zapora- Assassinada – pt.4
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

No discurso de ME, os atributos negativos do namorado destacados não impedem a usuária de repreender também a vítima: “ele era ciumento, desequilibrado, e ela pelo visto, não estava nem aí p/ isso. Deu no que deu! Só nos resta dar DEP!”. Quando ME afirma “(...) deu no que deu”, subentende-se que, diante das circunstâncias, a situação não poderia ter terminado de outra forma que não fosse a morte. O texto da usuária não estabelece relação de intertextualidade com uma postagem anterior de MY que afirmava que Aline estava sim insatisfeita com a conduta de seu namorado e que ia procurar ajuda na delegacia. Tal argumento é desconsiderado na narrativa de ME.

O tom conservador e recriminatório também permeia o discurso de UL: “(...) isso não é idade pra tá saindo de casa com homem (...)”. A interlocutora também acusa os pais da garota de terem sido permissivos e negligentes: “é.. e os pais? que responsabilidade deixar uma guria de 16 anos ir morar com um carinha desses (...)”. No fragmento discursivo destacado é possível subentender que os pais não deveriam permitir que sua filha fosse morar junto com um homem de má índole; além disso, verifica-se mais um caso de ironia, pois UL quis dizer “que irresponsabilidade”, ao falar

“que responsabilidade”. Em seu discurso, a usuária imputa parte da culpa aos pais pela morte da própria filha e opina que eles “(...) deveriam responder por isso tbm”, ou seja, subentende-se que devem responder criminalmente, assim como o assassino.

Na Figura 40, a usuária MR afirma que “parece q ela provocava tbm” e faz uso de uma fala de Aline Zapora, publicada em 9 de abril de 2012 no Facebook, para justificar seu argumento: “quero pegar todos os homens que eu puder”. Na sequência, seu discurso é rebatido por LM: “Uauuuuuuuuuu, ela provocava 30 facadas? doente isso (...)”. O tom do discurso é caracterizado pelo deboche à consideração de MR, claramente considerada um absurdo pela usuária. LM se posicionou favoravelmente a Aline, desconsiderando a ideia de ela ter sido a causadora da própria tragédia.

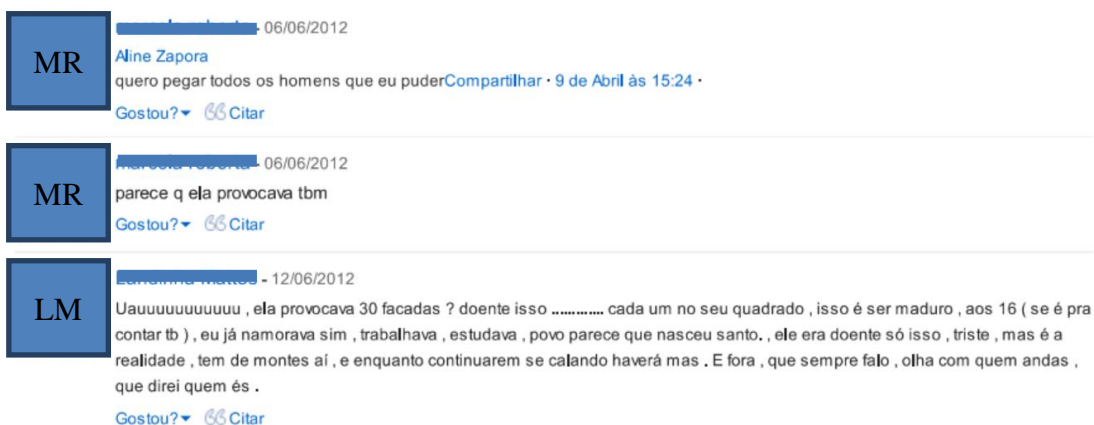


Figura 40 – Tópico Aline Zapora- Assassinada – pt.5
Fonte: Orkut / Profiles de Gente Morta

Ainda na mesma postagem de LM, ela faz uma contrapartida: “(...) cada um no seu quadrado, isso é ser maduro (...)”. A crítica é dúbia, podendo tanto se aplicar ao caso de Aline (ela e o namorado deveriam morar separados) quanto aos membros da comunidade que exageraram no julgamento do caso (maturidade é saber que cada um tem a própria vida para cuidar). A segunda possibilidade ganha força sobre a primeira por conta do tom irônico e desafiador de seu discurso: “(...) aos 16 (se é pra contar tb), eu já namorava sim, trabalhava, estudava, povo parece que nasceu santo (...)”. A usuária deixa claro que não vê problemas em namorar aos 16 anos de idade e que não aprova a postura conservadora professada por outros membros no tópico. A última colocação de LM, no entanto, é misteriosa e abre margem a dúvidas quanto à interpretação total de sua narrativa: “(...) olha com quem andas, que te direi quem és”. O tópico não recebeu novos comentários desde então.

As gradativas acusações contra Aline (provocadora, conformista, jovem e imatura) somadas às palavras amenizadoras que sutilmente se transformam em argumentos indiretos em prol do namorado (loucura, instabilidade, ciúmes e crime passionai) podem conduzir um leitor mais desavisado por um caminho perigoso: a inversão de papéis. Os discursos de alguns membros parecem querer justificar a atrocidade cometida contra Aline e se esquecem de que ela foi a vítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos de conceber a morte na Profiles de Gente Morta do Orkut são bastante diversificados e parecem, em certa medida, reproduzir a pluralidade de opiniões, pontos de vista, crenças e experiências com as quais nos deparamos no convívio presencial, ou seja, nas relações do dia a dia que não necessariamente demandam o intermédio das extensões comunicacionais das TIC.

Foi constatada a presença tanto dos discursos mais radicais, como as apologias ao suicídio e à vingança, quanto dos mais brandos e emotivos, com as mensagens de consolo e compadecimento. Mensagens ligadas à religiosidade e à fé dividiram espaço lado a lado com narrativas de inconformismo, para depois, na sequência, perderem espaço para piadas e banalidades. Longas notícias, na forma de texto ou de vídeos, faziam frente aos funcionais e descomprometidos desejos de DEP. E tanto as descontextualizadas fotografias quanto os fragmentados perfis digitais dos mortos, com seu pequeno acervo de conteúdo autobiográfico, foram reinterpretados a partir de novos olhares, dificilmente passando despercebidos já que cumprem uma função mnêmica e despertaram sentimentos. Independentemente de ser aversão, comoção, incômodo ou simplesmente curiosidade, instigaram por se constituírem em fios soltos na tessitura da narrativa da história de vida daquela pessoa que morreu. A vida pode ter se encerrado, mas os discursos a respeito dela, tal qual um monumento, prevalecem por muito mais tempo além.

No imaginário coletivo, nota-se tanto a retomada da ideia de imortalidade – mesmo que seja apenas na esfera da memória ou do registro – quanto da ideia da morte escatológica, ou seja, a aniquilação e o esquecimento. Congelados no tempo e praticamente estagnados em um ambiente virtual (que tipicamente é cercado por intensa atividade comunicacional), os perfis digitais podem perdurar e funcionar como uma lápide, que, apesar de não terem mais capacidade de interação, servem de suporte às lembranças e às homenagens àquela pessoa simbolicamente representada em sua superfície.

Boa parte dos significados que atribuímos à vida se desenvolve em relação à morte e vice-versa. O assunto é complexo, controverso, suscita longas discussões, mas ainda assim costuma ser menosprezado – para não dizer negado – nos círculos sociais

presenciais. Sabemos da existência da morte, mas não gostamos de pensar a respeito e a interditamos. Nesse sentido, ao abrir uma fresta para o debate do tema no cotidiano, cada vez mais afetado pela velocidade e produtividade típicas da cultura e sociedade pós-modernas, as inúmeras comunidades digitalmente ambientadas que se desenvolvem na Internet têm o potencial de possibilitar o compartilhamento de experiências e visões de mundo a respeito da morte, constituindo-se em capital social. Porém, a despeito da riqueza quantitativa de postagens na Profiles de Gente Morta, nota-se uma abordagem superficial do tema originalmente proposto à discussão e um ‘enviesamento’ do discurso.

A morte em si praticamente desaparece em meio às inúmeras especulações, investigações, brincadeiras, links externos e mensagens de desvio de assunto. As narrativas tergiversas são modos de interditar a morte, mesmo no interior de uma comunidade composta por usuários que, em princípio, estariam dispostos a falar sobre o assunto com menos bloqueios sociais. Entretanto, a morte parece ter servido apenas como pretexto para falar sobre a vida – alheia, cotidiana, própria ou imaginada. Não raro, os usuários criaram, coletivamente, realidades que simplesmente não existem a partir de um único fato real: a morte de um desconhecido.

Verificou-se que de fato as extensões tecnológicas da comunicação em uma rede social virtual proporcionam ao seu usuário tanto uma indumentária – o perfil digital (seja ele *fake* ou não) – quanto um local privilegiado – os espaços discursivos dos tópicos – para que ele possa expressar seus pensamentos acerca da morte com relativa liberdade. O campo discursivo do fórum virtual é propício para desenvolver tais debates, haja vista que, pelo fato de a Profiles de Gente Morta se tratar de uma comunidade associativa, não há fortes laços afetivos que possam, porventura, inibir um membro de realizar um comentário um pouco mais polêmico. Ao mesmo tempo em que regulam, os mediadores da comunidade também restringem a produção de narrativas em função das regras vigentes. As regras da comunidade são claras e conhecidas pelos membros há tempos, já que praticamente não se alteraram desde a primeira PGM do Orkut, de 8 anos atrás. Como os moderadores exercem sua atividade no fórum com considerável participação, não há muitas situações conflituosas explícitas.

Mesmo se considerarmos a possibilidade de um membro da comunidade ser banido por ter desrespeitado uma das regras de convivência, nada impede que ele crie um perfil *fake* no Orkut e regresse à Profiles de Gente Morta para acompanhar o obituário e fazer seus comentários. Revestido desta vez de outro papel, ou seja,

alterando sua conduta, linguagem e postura no interior do fórum, o usuário pode tanto realizar as experimentações de identidades de modo descontraído quanto aproveitar-se do semianonimato para se expressar. Independentemente do caso, seu perfil digital funciona como a máscara de atuação na rede social virtual, sendo, portanto, invariavelmente vinculado ao seu criador. O episódio do membro da comunidade que narrou seu suposto fascínio pela garota morta em um acidente é um exemplo de como pode funcionar esse jogo de identidades em uma rede social virtual.

Nenhuma das situações comunicacionais analisadas nos tópicos ao longo da presente pesquisa tratava da morte de pessoas com quem os usuários tivessem intimidade. Certamente os resultados teriam sido distintos, haja vista que, nesse outro contexto, o luto se faria presente de modo implacável. Já que não há vínculos afetivos diretos com os falecidos que batizaram os tópicos, os produtores desses novos discursos possuem um distanciamento que os garante certa margem de segurança emocional. Os falecimentos de que tratavam os membros da Profiles de Gente Morta se configuram como mortes ‘do outro’ e as narrativas construídas foram analisadas considerando tal cenografia discursiva. Nessas circunstâncias, os membros da comunidade não experimentam um processo genuíno de luto – já que não houve de fato uma perda. Eles se colocam na posição de espectadores, ou seja, estão virtualmente distante da ideia da própria morte. Por essa razão houve, inclusive, espaço para manifestações de entretenimento por parte dos usuários.

A análise mostrou que os deboches e ironias, encontrados em diversas ocasiões nos discursos publicados na Profiles de Gente Morta, evidenciam não apenas o deslocamento da narrativa para um momento de descontração, mas também a intencionalidade de descontextualizar o assunto, talvez para apaziguar a impressão negativa que a morte costuma desencadear. Quando esse era o intuito, se fizeram presentes no espaço discursivo tanto a ideia de negação da morte quanto o seguro papel de mero espectador diante da morte do outro. Em algumas ocasiões, as ironias foram também utilizadas para questionar as falas dos outros interlocutores.

O medo dos mortos, que desde as culturas mais antigas acompanha o ser humano, não foi detectado de modo explícito nas narrativas dos usuários da comunidade, mas foi possível notar, em algumas falas, a aflição diante de mensagens (textuais, fotográficas ou audiovisuais) contendo supostos presságios de morte – como se o indivíduo de algum modo soubesse que ia morrer em breve. Daí a valorização da busca por mensagens desse tipo em meio aos perfis de falecidos hospedados no Orkut,

no Facebook e no Twitter. Nesses novos contextos de apropriação, geralmente os interagentes discutiram acerca das últimas palavras publicadas nas redes sociais digitais da pessoa, vasculharam elementos premonitórios nas fotos e nas mensagens trocadas na rede, interpretaram sua relação com os familiares e com amigos, tentaram buscar explicações plausíveis para seu falecimento, acusaram, lamentaram e, com isso, (re)elaboraram discursos sobre a vida do indivíduo a partir do momento de sua morte. Claro que quando a história é contada de trás para frente, ou seja, partindo da morte para a vida, é muito difícil não enviesar as narrativas, construídas a partir de uma sobreposição de contextos difusos e de argumentações lacônicas. Contudo, a análise de discurso no presente estudo descortinou algumas características do funcionamento prático da comunidade virtual em questão. Como ela é formada em essência por pessoas – e não por frias contas virtuais – também serve de palco à exposição dos receios e expectativas do ser humano a respeito da morte, seja esta alusiva a si mesmo, a uma pessoa próxima ou a um completo desconhecido.

É curioso, mas já era previsível, que os tópicos com mais repercussão tenham sido aqueles que tratavam da morte de pessoas de pouca idade, boa aparência física e, supostamente, boa índole. Isso remete à percepção social de morte prematura, deixando subentendido que o bom, o belo e o jovem estariam mais distantes da mortalidade do que o mau, o feio e o velho. Conforme visto logo no início do presente trabalho, em nossa cultura e imaginário ocidentais a morte dos mais jovens é encarada como antinatural. Tal situação de estranheza social se confirmou na análise do fórum da comunidade.

A questão do gênero também exerceu seu peso: as mulheres falecidas, em detrimento dos homens, foram as principais protagonistas dos tópicos mais movimentados. A circunstância da morte, quando fornece contornos de um mórbido espetáculo, também potencializa a repercussão, bem como a exposição do ocorrido em meios massivos de comunicação, como a TV.

A dedicada investigação por informações a respeito dos falecidos em meio a notícias e perfis digitais pareceu representar uma busca pelo conhecimento sobre a vida através da interação social em rede por meio das tecnologias digitais de comunicação. Há milhares de anos o ser humano produz narrativas sobre a morte em sua tentativa de conhecê-la. A linguagem e os suportes variaram imensamente, desde os ancestrais pictogramas na pedra até os recentes códigos binários em interfaces digitais na rede, mas a motivação pouco mudou. A cultura da interdição do tema, responsável por

revesti-lo de tabus, reforçar superstições e fomentar atitudes preconceituosas relacionadas à morte, enevoam a busca pela sua compreensão. As indagações acerca dos diferentes modos de pesquisá-la devem sempre levar em conta as diferentes concepções culturais e as representações discursivas do imaginário, seja ele coletivo ou individual.

O presente estudo mostrou que a morte hoje também é passível de ser abordada em meio a novas práticas sociais, especificamente relacionadas à interação em comunidades virtuais por meio das redes sociais virtuais. As narrativas relacionadas ao tema, produzidas, distribuídas e visualizadas no interior de um campo discursivo propício – o fórum da Profiles de Gente Morta –, evidenciam tais práticas e apontam para mais uma dentre as inúmeras inovações que as tecnologias da informação e da comunicação, quando apropriadas pelo cotidiano das pessoas, são capazes de promover em âmbito social e cultural. Longe de se mostrar conclusiva, a presente pesquisa, por ora, se encerra na esperança de ter, de algum modo, contribuído com os inúmeros estudos já existentes sobre a morte nas redes sociais virtuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso. **Viver e morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço**. Intexto, v. 2, n. 17. Porto Alegre: UFRGS, jul-dez 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4229/4136>. Acesso em: 20 ago. 2012.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARÉVALO, Márcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto**. Revista História Hoje. v.3, n. 7. 2005. Disponível em: http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=62 . Acesso em: 9 out. 2012.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

BARBERO, Jesús Martín. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis de (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003;

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS , 2001

BORELLI, Viviane. **É impossível não comunicar: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação**. Diálogos Possíveis – Revista da Faculdade Social da Bahia, ano 4, n.2: ago-dez. 2005. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/7/06.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2012.

BRAGA, Adriana. **Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais**. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, n. 9, ago-dez 2011. Disponível em: http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/09%20DeD%20_%20n.%209%20-%20artigo%204%20-%20ADRIANA.pdf. Acesso em: 11 set. 2012.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito** (com Bill Moyers). Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 01 - A sociedade em rede. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

_____. **A Era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 02 – O poder da identidade. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.

CGI.BR – Comitê Gestor da Internet no Brasil. **TIC Domicílios e Empresas 2010**: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2011. Disponível em: <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2010.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.

CHAMBERS, Deborah. **New social ties: contemporary connections in a fragmented society**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **El discurso de la información: la construcción del espejo social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

COMSCORE. **2012 Brazil Digital Future in Focus: key insights from 2011 and what they mean for the coming year**. Mar. 2012. Disponível em: http://www.comscore.com/por/layout/set/popup/Request/Presentations/2012/2012_Brazil_Future_in_Focus_Webinar_PDF?req=slides&pre=2012-Brazil-Future-in-Focus-Webinar. Acesso em: 4 out. 2012.

_____. **Facebook blasts into top position in Brazil social networking Market Following Year of tremendous growth**. Press release, 17 jan. 2012. Disponível em: http://www.comscore.com/Insights/Press_Releases/2012/1/Facebook_Blasts_into_Top_Position_in_Brazilian_Social_Networking_Market. Acesso em: 18 out. 2012.

_____. **Orkut continues to lead Brazil's social networking Market**. Press release, 7 out. 2010. Disponível em: http://www.comscore.com/por/Press_Events/Press_Releases/2010/10/Orkut_Continues_to_Lead_Brazil_s_Social_Networking_Market_Facebook_Audience_Grows_Fivefold. Acesso em: 18 out. 2012.

_____. **The rise of social networking in Latin America: how social media is shaping Latin America's digital landscape**. Set. 2011. Disponível em: http://www.comscore.com/layout/set/popup/Request/Presentations/2011/The_Rise_of_Social_Networking_in_Latin_America?req=slides&pre=The-Rise-of-Social-Networking-in-Latin-America-. Acesso em: 4 out. 2012.

CORREA, Teresa; HINSLEY, Amber Willard; ZÚÑIGA, Homero Gil de. **Who interacts on the web?:** the intersection of users' personality and social media use. *Computers in Human Behavior*, vol. 26, nº 02, mar. 2010. Disponível em: http://utexas.academia.edu/TeresaCorrea/Papers/140382/Who_interacts_on_the_Web_The_intersection_of_users_personality_and_social_media_use. Acesso em: 21 ago. 2011.

CRUVINEL, Mônica Vasconcellos. **Rastros de uma morte (a)enunciada:** uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas brasileiras do Orkut. Dissertação de Mestrado. Campinas: Instituto de Estudos em Linguagem – UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/zeus/auth.php?back=http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000439597&go=x&code=x&unit=x>. Acesso em: 12 jan. 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil, 2003.

EXPERIAN HITWISE. **Top websites in computers and Internet:** social networking and forums by visits share. Jul. 2012. Disponível em: http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2012/noticia_00931.htm. Acesso em: 1 nov. 2012.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Maria Helena Pereira et al. **Vida e morte:** laços da existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund.** Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro: Imago. 2001.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações:** a invenção do nacionalismo. Tradução Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade.** Editora Zahar. Rio de Janeiro 2002

GROTH, Carlise Inês; FERRABOLI, Cynthia Raquel. **Entre o real e o virtual:** análise da sociabilidade vivenciada nos relacionamentos a distância e presenciais. BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. UFF, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/groth-ferraboli-entre-o-real-e-o-virtual.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HANKE, Michael. **A Teoria Crítica: dilemas e contribuições em relação à mídia e à comunicação.** In: LEMOS, André et al (Orgs.). Livro do XII Compós. Porto Alegre: Sulina, 2004.

IANNI, Octavio. **As ciências sociais na época da globalização.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 13, nº 37. São Paulo, jun. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002. Acesso em: 5 set. 2012.

JANOTTI JR, Jeder Silveira. **Da lama ao caos, do caos à lama: algumas propostas para a análise das comunidades e grupamentos contemporâneos.** In: Revista 404nOtF0und – Publicação do Ciberpesquisa. Salvador: UFBA. v. 01, n. 25, 2003b. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_25.htm>. Acesso em: 04 abr. 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LAMPE, Cliff; ELLISON, Nicole; STEINFELD, Charles. **A familiar Face(book): profile elements as signals in an online social network.** 2007. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.93.5298&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão et al. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEENHARDT, Jacques. **Fronteiras, fronteiras culturais e globalização.** In: MARTINS, Maria Helena (Org.). Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O Que é Virtual?.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso.** 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Novas tendências em análise de discurso.** 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MEUCCI, Arthur; MATUCK, Artur. **A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais**. Comunicação, Mídia e Consumo, vol. 02, nº 04, 2005. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/view/5128/4747>. Acesso em: 28 jul. 2011.

MOCELLIM, Alan. **Internet e identidade**: um estudo sobre o website Orkut. Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política, vol. 03, nº 02, jan. – jul. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13477>. Acesso em: 03 ago. 2011.

MORAES, Dênis de. **A tirania do fugaz**: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (Org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Manuad, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo – neurose. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997a.

_____. **O homem e a morte**. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.

NEGRINI, Michele. **A morte no ciberespaço**: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut ‘Profiles de Gente Morta’. In: Discursos Fotográficos. V. 6, n.8. Londrina, jan-jun 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/3468/5171>. Acesso em: 28 out. 2012.

OLIVEIRA, Lenise Grasielle de. **Da inscrição ao apagamento**: memória e morte. In: Memento: Revista do Mestrado em Letras, Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR. n. 1, v.1, jan-jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.unincor.br/index.php/memento/article/view/36/28>. Acesso em: 13 nov. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. Tradução Maria Helena Franco. 3ª Ed. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, Vinícius Andrade. **Consciência e memória como objetos da comunicação**: o approach de Marshall McLuhan. Revista FAMECOS. Porto Alegre: nº 24, julho de 2004.

_____. **Estendendo McLuhan**: da aldeia à teia global. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PERUZZO, Cilfília M. K.; VOLPATO, Marcelo de O. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferença. São Paulo: Revista Líbero, v. 12, n. 24, dez. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Além das fronteiras**. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PGM - Profiles de Gente Morta. Comunidade virtual da rede social Orkut. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>. Acesso em: 03 mar. 2012.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. 404NotFound, nº 45, 2005. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOfound/404_45.htm. Acesso em: 13 ago. 2011.

_____. **Interação mútua e interação reativa**: uma proposta de estudo. In: Revista da Famecos, nº 12, jun. 2000. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf. Acesso em: 14 ago. 2011.

_____; CASSOL, Márcio. **Explorando o conceito de interatividade**: definições e taxonomias. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 1999. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6286>. Acesso em: 12 nov. 2012.

PROFILES DE GENTE MORTA. **Comunidade virtual da rede social Orkut**. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122228887>. Acesso em: 19 nov. 2012.

PRÖGLHÖF JR., Franz E. P.; GOULART, Elias E. **McLuhan e os perfis digitais**: extensões dos internautas em ambientes virtuais. In: *Estudos de comunicação e linguagem: múltiplas experiências*. GONÇALVES, Elizabeth M. (Org.). São Caetano do Sul: Virgo, 2011.

QUIÑONES, Alvaro Gascue. **Facebook**: McLuhan's global village. In: *McLuhan Galaxy Conference*. Barcelona: Editorial Universidad Oberta de Catalunya, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs**. Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia. N. 28, v.1. 2005. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/66220_7499.PDF. Acesso em: 12 set. 2012.

REZENDE, Renata. **Conexões temporais**: o instante e a duração nos relatos da morte nas comunidades virtuais. *Anais do XXXIII Intercom / X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação*. Caxias do Sul, set. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3166-1.pdf>. Acesso em: 2 out. 2012.

_____. **Narrar e ser narrado:** a morte e os usos narrativos nas redes sociais. Anais do XXXIV Intercom / XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Recife: set. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2021-1.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2012.

_____; BARBOSA, Marialva Carlos. **Fragmentos de um corpo:** as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea. Anais do XXX Intercom / VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Santos, ago-set 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François (et. al.). 3ª Reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução às teorias da Cibercultura:** perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura:** o advento do pós-humano. Porto Alegre: Revista Famecos, n. 22, dez. 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>. Acesso em: 16 ago. 2012.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado:** cultura de la memoria y primera persona. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005

SCHOPENHAUER, Artur. **Dores do Mundo.** São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1960.

SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel Villalonga. **Morte e luto no ciberespaço.** Anais do II Simpósio ABCiber. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2006. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguile-ra%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>>. 2008. Acesso em: 22 set. 2011.

SOARES, Miguel Augusto Pinto. **As representações da morte:** imagens, memória e afeto. In: Conversas Interdisciplinares – Revista de Divulgação Científica da ULBRA Torres. Ano I, Vol. 1, 2010. Disponível em: revista.ulbratorres.com.br/site/images/anoI/artigo04.pdf. Acesso em: 11 Out. 2012.

SOCIALBAKERS. **Brazil Facebook statistics.** Disponível em: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/brazil>. Acesso em 4 Out. 2012.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre fotografia.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Mauro Wilton de. **Recepção mediática como linguagem de pertencimento:** entre o comum e o público. CD-ROM de Anais do XV Encontro da Compós (Unesp). Bauru, Jun. 2006.

_____. **Novas linguagens**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TOMASI, Julia Massucheti. **A morte no Orkut**: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). V Simpósio Nacional ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores de Cibercultura. UFSC, 2011. Disponível em: <http://www.abciber.org/simpósio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%204/4.E4/37-49-1-RV.pdf>.

TURKLE, Sherry. **The second self**: computers and the human spirit. Cambridge: The MIT Press, 2005.

VARGAS, Herom; GOULART, Elias. **Tecnologia, comunicação e produção cultural**: o exemplo da música popular. In: CAPRINO, Mônica Pegurer (Org.). Comunicação e Inovação: reflexões contemporâneas. São Paulo: Paulus, 2008.

VATIKIOTIS, Pantelis. **‘Global villagers’ and the ‘message’ of their play with media**. In: McLuhan Galaxy Conference. Barcelona: Editorial Universidad Oberta de Catalunya, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ANEXOS

REGRAS DA PGM

- 1- Morte Fake (de mentira) Proibido.**
- 2- Proibido postar fotos e videos com conteúdo pornográficos e chocantes.**
- 3- Proibido ofensas, discussões, palavras de baixo calão (palavrões) entre membros, direcionados aos falecidos ou familiares..tanto nos tópicos quanto no Chat.**
- 4- Proibido fazer os tópicos de bate papo, o Chat existe para isso.**
- 5- Tópicos sobre discussões Religiosas e Politicas serão aceitos, desde que haja Moderação e não infrinjam as Regras da Comunidade.**
- 6- Tópicos Fora do Assunto (TI), e postagem de notícias *sem profile* da vítima será deletado.**

Os profiles postados nessa PGM estão cadastrados nessa Comunidade, por ordem alfabética:

- 7- Tópicos em OFFs: Será aceito, se for relacionado ao assunto da Comunidade. Mortes de pessoas famosas, também será aceito, deixando claro que posteriormente se for postado com o perfil da vítima, o primeiro poderá ser deletado.**
- 8- A PGM não concorda com atitudes de membros que vão até os perfis de familiares/amigos das vítimas e fazem perguntas para obter informações sobre a pessoa.**
- 9- Fakes serão aceitos na Comunidade, desde que não seja perfis c/ conteúdo de pornografias, racismo, pedofilia ou para ofender alguém.**
- 10- Proibido Propagandas de qualquer tipo (Comunidades, empresas, etc..)**
- 11- Reclamações/sugestões devem ser feitas diretamente aos Moderadores, não é necessário abrir tópico.**
- 12- Ao postar um tópico ou um perfil, siga a padronização:**

†Nome da Pessoa†Causa

E se for postar um OFF, não esqueça de colocá-lo.

Se não souber fazer a "cruz" pode fazer com o sinal de (mais) +

Se não souber a causa, não tem problema.

* Favor postar somente Perfis (Facebook/Orkut) de brasileiros, estrangeiros somente se for pessoa Famosa.

OBS: A moderação poderá deletar qualquer tópico sem aviso prévio.

Membro que desrespeitar as regras citadas acima,será banido (Expulso) da Comunidade.

Contamos com a colaboração de todos!

Siglas usadas na Comunidade:

JFP= Já Foi Postado

DEP= Descanse em Paz

NSC= Não Sei a Causa

JFT= Já Foi Tarde

BBBM= Bandido Bom é Bandido Morto

TI= Tópico Inútil

Sugestões, opiniões, críticas sempre sao bem vindas para aperfeiçoar-mos as regras e adaptá-las a realidade atual.

Para lembrar a todos os membros da PGM

Não estamos aceitando tópicos de pessoas falecidas antes da criação da atual comunidade PGM!

Data: 26/04/2012

Somente se for algum caso, onde tenham notícias atualizadas a acrescentar.

Colocamos este item, porque senão serão postados vários tópicos de falecidos os quais já foram postados na comunidade anterior (excluída pelo google), sendo que as homenagens prestadas já foram efetuadas!

Obrigada a todos pela atenção, abraços!

MY

29/01/13

Pedido de remoção de perfil de usuário falecido no Orkut - Ajuda do orkut



orkut

Pronto para começar?

INSCREVA-SE NO ORKUT

Pedido de remoção de perfil de usuário falecido no Orkut

Por favor, preencha o formulário abaixo. Note que todos os campos são obrigatórios. Uma vez recebido seu pedido, nós o avaliaremos e tomaremos as medidas necessárias. Nós apenas entraremos em contato com você (normalmente em três dias úteis) se precisarmos de mais informações.

Seu nome legal *

Endereço de e-mail *

Endereço de email (confirme) *

Nome legal do usuário falecido *

URL do perfil do usuário falecido *

País de residência

Anexar certidão de óbito *

 Nenhum arquivo selecionado

Mensagem

Caracteres restantes: 500 / 500

Eu declaro, sob pena de perjúrio, que as informações neste formulário são verdadeiras.

 Eu concordo com os termos listados acima.

29/01/13

Pedido de remoção de perfil de usuário falecido no Orkut - Ajuda do orkut

* Campo obrigatório

orkut - Como entrar em contato - Ajuda para outros produtos do Google -
©2013 Google
- Página inicial do Google - Política de Privacidade - Termos de Serviço

E-mail ou telefone

Entrar

 Mantenha-me conectado[Cadastre-se](#)

Conecte-se e compartilhe conteúdo com as pessoas na sua vida.

Solicitação especial para a conta da pessoa falecida

Use este formulário para solicitar que a conta de uma pessoa falecida seja removida. Nós estendemos nossas condolências e agradecemos a sua paciência e compreensão ao longo deste processo. Observação: este formulário é exclusivamente para solicitar que a conta de uma pessoa falecida seja removida ou para solicitações especiais para transformar a conta em memorial. Solicitações não relacionadas recebidas através deste canal podem não receber uma resposta. Observe que para proteger a privacidade das pessoas no Facebook, não podemos fornecer informações de acesso de contas.

Seu nome completo**Seu endereço de e-mail****Nome completo na conta da pessoa falecida****Endereço de e-mail da conta da pessoa falecida**

O e-mail que pode ter sido usado para criar a conta

Endereço da Web (URL) da linha do tempo

Observe que exigimos verificação de que você é um membro direto da família ou testamenteiro para a remoção da conta ou solicitações especiais.

Grau de parentesco com a pessoa

- Familiar direto (esposo, esposa, pai, mãe, irmão, irmã, filho ou filha)
- Familiar (avós, tias, tios, primos)
- Não familiar (amigo, colega de trabalho ou colega de classe)
- Outro

Solicitação para remover a conta, solicitação especial ou pergunta**Verificação imediata de membro da família**

Certidão de óbito, Certidão de nascimento do falecido ou prova de autoridade

Informações adicionais

E-mail ou telefone

Entrar

 Mantenha-me conectado[Cadastre-se](#)

Conecte-se e compartilhe conteúdo com as pessoas na sua vida.

Solicitação de memorial

Use este formulário para solicitar que a conta de uma pessoa falecida seja transformada em memorial. Nós estendemos nossas condolências e agradecemos a sua paciência e compreensão ao longo deste processo. Observação: sob pena de falso testemunho, este formulário é exclusivamente para o relato da linha do tempo de uma pessoa falecida a ser transformada em memorial.

Nome completo da pessoa falecida

Conforme listado na conta

Endereços de e-mail listados na conta

Forneça o link para a linha do tempo da pessoa falecida. Para fazer isso, navegue até a linha do tempo da pessoa e copie o endereço da Web (URL) no topo do página.

Endereço da Web (URL) da linha do tempo que você deseja denunciar**Relacionamento com a pessoa falecida**

- Familiar direto (esposo, esposa, pai, mãe, irmão, irmã, filho ou filha)
- Familiar (avós, tias, tios, primos)
- Não familiar (amigo, colega de trabalho ou colega de classe)
- Outro

Prova de morte

Ex: um link (URL) para um obituário ou artigo de jornal

Ação solicitada

- Transformar conta em memorial

Seu e-mail de contato

Enviar

[Celular](#)
[Localizar amigos](#)
[Atalhos](#)
[Pessoas](#)
[Páginas](#)
[Locais](#)
[Aplicativos](#)
[Jogos](#)
[Música](#)
[Sobre](#)
[Criar um anúncio](#)
[Criar uma página](#)
[Desenvolvedores](#)
[Carreiras](#)
[Privacidade](#)
[Cookies](#)
[Termos](#)
[Ajuda](#)

Facebook © 2013 · Português (Brasil)

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Noticias Gmail Disco Mais ▾

proghof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.

Denunciar spam

Responder Compartilhar

primeira < anterior 1 de 9 próxima > última

X

- 30 de jul

+ Gabriela Rodrigues + Acidente

A designer de interiores Gabriela e Silva Rodrigues, 23 anos, morreu em um acidente de trânsito na Avenida T-10, em Goiânia. O Corpo de Bombeiros foi acionado por pessoas que passavam pelo local, mas a vítima não resistiu e morreu na hora. A ocorrência foi registrada na madrugada desta segunda-feira (30/7) quando a vítima, que dirigia um Citroen Air Cross cinza, perdeu o controle do veículo e bateu em um muro.

A colisão aconteceu em frente ao supermercado Bretas, no Setor Bueno. Gabriela foi lançada para fora do veículo através do pára brisa. O caso ficará sob a responsabilidade da Delegacia Especializada em Investigações de Crimes de Trânsito de Goiânia (DICT).

Segundo a delegada adjunta, Silvana Nunes Ferreira, amigos da vítima disseram que Gabriela teve uma briga com o namorado e saiu da boate Royal, situada na mesma avenida, muito exaltada. "Familiares disseram que a moça não fazia uso de bebida alcoólica, por isso acreditamos que o acidente foi causado pela alta velocidade", pontua.

Prefil: <http://www.facebook.com/gabi.gabirodrigues>

Gostou? ▾ Citar

Popular

Ver mais respostas populares

Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

X

- 30 de jul

Dizem que as pessoas sentem que vão morrer...

Gabi Rodrigues @gabibinick

Durmo com a tranquilidade de quem sabe q Deus já conhece e ordenou o dia de amanhã...

Gostou? ▾ 7 Citar

X

- 30 de jul

Notícia: (...) A linha de investigação ainda não foi concluída. A delegada explica que a policia vai aguardar o luto da família e só depois começar a ouvir testemunhas. O laudo do Instituto Médico Legal (IML) irá comprovar se a vítima não fez uso de álcool. A perícia deve identificar a velocidade do veículo. "A T-10 tem o que chamamos de linha verde, ou seja, todos os semáforos abrem quase que simultaneamente. A vítima pode ter saído da boate em alta velocidade e quando atravessou a T-15, via que é uma espécie de descida, o carro voou", disse Silvana.

Link: <http://www.aredacao.com.br/noticia.php?noticias=16187>

Gostou? ▾ Citar

X

- 30 de jul

DEP

Parece até fake de tão bonita que era!!

Gostou? ▾ 3 Citar

X

- 30 de jul

nyny

DEP

Parece até fake de tão bonita que era!!

Realmente...DEP

Gostou? ▾ Citar

X

- 30 de jul

Lindíssima mesmo.
Tadinha

DEP

Gostou? ▾ Citar

- 30 de jul

Não eramos amigos, mas a conheci já, era prima de uma conhecida.

21/12/12

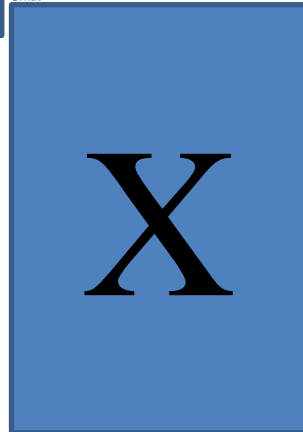
orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

Gostou? Citar



- 30 de jul

Orkut



<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=7681853286737329655>

Thiago

Gostou? 1 Citar



- 30 de jul

Isso de linha verde (vários semáforos em sequência e abertos ao mesmo tempo) é um perigo: uma tentação pra quem tá a fim de pisar na tábua.

DEP

Gostou? Citar



- 30 de jul

DEDEP

Gostou? Citar



- 30 de jul

ÚLTIMA POSTAGEM DELA NO TWITTER:

Gabi Rodrigues @gabibinick

Vai menina, fecha os olhos. Solta os cabelos. Joga a vida. Como quem não tem o que perder. Como quem não aposta..... :D

Gostou? 2 Citar

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 1 de 9 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Noticias Gmail Disco Mais ▾

proghof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profis de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 2 de 9 próxima > última

- X** [Redacted] 30 de jul
Dizem que as pessoas sentem que vão morrer...
Gabi Rodrigues @gabibinick
Durmo com a tranquilidade de quem sabe q Deus já conhece e ordenou o dia de amanhã...
[Redacted] mostrar mais
Gostou? 7 Citar
- X** [Redacted] 3 de ago
Onde ela morreu..
<http://instagram.com/p/NmlKvnpOCC/>
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 4 de ago
DEP
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 5 de ago
DEP
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 5 de ago
DEP
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 5 de ago
DEP
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 5 de ago
Era muito linda, meu Deus! Eu a tinha adicionado no facebook uma semana antes da tragédia, nem deu tempo de bater um papo com ela...ainda estou muito chocado com o ocorrido! :(
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 5 de ago
[Redacted]
Gabi Rodrigues @gabibinick
Durmo com a tranquilidade de quem sabe q Deus já conhece e ordenou o dia de amanhã...

Sinistro!
Gostou? Citar
- X** [Redacted] 5 de ago
Interessante que ela participava destas 2 comunidades:
Dirijo melhor que muito homem: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=839412>
Se bebê, não dirija: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103062000>
Gostou? Citar

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 2 de 9 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

acesse orkut.com | sobre o orkut | blog | desenvolvedores | central de segurança | privacidade | termos de uso | anunciar | ajuda desenvolvido por Google



buscar [input type="text"] buscar



Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membr

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete


Denunciar abuso

+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.


Denunciar spam



Responder

primeira < anterior 3 de 9 próxima > última


 [redacted] - 5 de ago
 Ela deixou alguns pequenos vídeos no youtube:
http://www.youtube.com/results?search_query=gabibinick&aq=gabibinick&gs_l=youtube.3...12183.17692.0.18075.43.20.1.0.0.6.983.4369.6j4j3j3j0j1j1.20.0...0.0...1ac.UGjv-nig68
 Gostou? ▾ Citar

 [redacted] - 5 de ago
http://www.youtube.com/watch?v=xnys-ZxQx_s
 Gostou? ▾ Citar

 [redacted] - 5 de ago
Linda?! Bonita??? *Nao vi nada demais nela, mt comum, mas ja' era entao DEP*
 [redacted] mostrar mais
 Gostou? ▾ 2 Citar

 [redacted] - 5 de ago

 Gabi Rodrigues @gabibinick
 Durmo com a tranquilidade de quem sabe q Deus já conhece e ordenou o dia de amanhã...
 Gostou? ▾ Citar

 [redacted] - 5 de ago
 DEP
 Gostou? ▾ Citar

 [redacted] - 6 de ago
Poise, e' feio julgar, ontem eu estava sobre a influencia entao fala demais :/
Sim eu nao tinha notado mas o cabelo dela era lindo mesmo. So' vi a foto que colaram aqui e nao vi nada demais... bla-bla-bla...
Mudando de assunto, whiskey com agua de coco?! ecaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
 [redacted]
 Gostou? ▾ 2 Citar

 [redacted] - 6 de ago
 Emagrece...???
 [redacted]
 Gostou? ▾ 1 Citar

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 3 de 9 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proghof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profis de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



n

etes

membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 4 de 9 próxima > última



- 6 de ago

Gabriela Rodrigues foi a mulher mais linda que já vi até agora na minha vida.

Gostou? ▾ 1 Citar



- 6 de ago

sem cinto?

q ela dep;

e o concurso miss continua V

Gostou? ▾ 1 Citar



- 6 de ago



Sãmala Grácia:

Camila Mendes dá de 10 a 0 nessa menina

<http://www.orkut.com.br/Main#AlbumList?uid=15178781162975905375>
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=103799941>

Voto na Camila....

mostrar mais

Gostou? ▾ 3 Citar



- 8 de ago

Nam, Gabi é a mulher mais linda do mundo!

Paixão post-mortem! hahahaha

Gostou? ▾ 1 Citar



- 8 de ago

Gostou? ▾ 1 Citar



- 8 de ago

pq não saiu minhas carinhas? de novo



Gostou? ▾ Citar



- 8 de ago

a ee agora sim 😊

Gostou? ▾ Citar

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 4 de 9 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

acesse orkut.com | sobre o orkut | blog | desenvolvedores | central de segurança | privacidade | termos de uso | anunciar | ajuda desenvolvido por Google

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Noticias Gmail Disco Mais ▾

proghof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profis de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 5 de 9 próxima > última

- X** [Redacted] - 8 de ago
Ela era linda não parecia aquelas meninas bonitas e futéis, parecia gente boa, que ela DEP
[Redacted] mostrar mais
Gostou? ▾ 3 Citar
- X** [Redacted] - 8 de ago
Vejam as fotos dela que restaram do facebook: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.237782099630580.56622.100001963747431&type=3>
[Redacted]
Gostou? ▾ 1 Citar
- X** [Redacted] - 9 de ago
Fazer o quê né? \. Não controlo meus sentimentos.
[Redacted]
Gostou? ▾ 2 Citar
- X** [Redacted] - 9 de ago
 [Redacted]:
Fazer o quê né? \. Não controlo meus sentimentos.
Se ela tivesse te conhecido antes quem sabe não tinha acontecido o acontecido...
[Redacted]
Gostou? ▾ 1 Citar
- X** [Redacted] - 15 de ago
 [Redacted]:
Se ela tivesse te conhecido antes quem sabe não tinha acontecido o acontecido...
É VERO
[Redacted]
Gostou? ▾ 2 Citar
- X** [Redacted] - 15 de ago
Vixe, tão fazendo concurso da Miss Cemitério nesse post??Deixem as beldades descansar, gente.
[Redacted] mostrar mais
Gostou? ▾ 2 Citar
- X** [Redacted] - 15 de ago
Valha- me !!! DEP
Gostou? ▾ Citar
- X** [Redacted] - 15 de ago
Esse camarada eh necrófiloooooooo
[Redacted]
Gostou? ▾ 2 Citar
- X** [Redacted] - 19 de ago
Ela já foi eleita gata do brasileiro 2008! Recordista de votos e tudo!
GABIII GATA DO BRASILEIRÃO 08: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=32797683>
Gabriela Rodrigues "Gabiili CAMPEÃ"!
GATA DO BRASILEIRÃO 2008
Ao participar, Promova essa CONQUISTA!
Veja fotos da gata, campanha e os detalhes na Sala de Troféus ou diretamente a Gabiili!

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente
www.gatasdobrasileirao.com/gabriela.htm

Parabéns Gabiiii!

A Recordista em pontos do GB!

Site Gatas do Brasileiro
www.gatasdobrasileirao.com

Gostou?  Citar

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder [ver todos os tópicos](#) primeira < anterior 5 de 9 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Noticias Gmail Disco Mais ▾

proghof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 6 de 9 próxima > última


X [redacted] - 19 de ago
<http://gatasdobrasileirao.vilabol.uol.com.br/gatadosantos.html>
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 30 de ago
 Hoje faz 1 mês que ela se foi :(
 [redacted]
 Gostou? ▾ 3 Citar

X [redacted] - 31 de ago
 Infelizmente essa é a lei da vida,nascer ,morrer...
 E a vida deve seguir o percurso natural dos seus dias ,por
 mais que se doa saber que alguém se foi e só resta saudades e assim que deve
 ser, apenas recordar com carinho a passagem que essa pessoa teve aqui na terra.
 Sempre lembraremos de quem
 amamos e um dia se foi, faz parte da vida.

Só há problema
 quando paramos de viver e cristalizamos essa dor.

[redacted]
 Gostou? ▾ 1 Citar

X [redacted] - 1 de set

<http://www.youtube.com/watch?v=oCGSI3Lb0yA&feature=youtu.be>

Tiago e impressao minha ou vc ja era ou depois q essa mocca faleceu se apaixonou por ela?o
 ela era mt linda msm q dep

[redacted]
 Gostou? ▾ 1 Citar

X [redacted] - 1 de set
 DEP
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 1 de set
<https://twitter.com/gabibinick>
<http://www.facebook.com/photo.php?pid=777959&l=04bb90c285&id=100001963747431>
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 1 de set
 AssinarAssinado · Atriz na empresa Contadores de Estórias · 1.480 assinantes
 É mentira que era filha única...Sou 10 anos mais velha e minha irmã e eu fomos negligenciadas pela mãe dela e pela fraqueza de
 meu pai de estarmos juntas como irmãs...minha madrasta é de fato má e a morte de Gabriela só mostra a incompetência DESTA
 MULHER DE CRIAR SUA FILHA SEM RESPONSABILIDADE, SEM DAR MATUREZADE, TRATANDO-A COMO UMA CRIANÇA
 BOBA...Gabriela era uma menininha sem experiência sem troca de afinidades sem maturidade...e o que aconteceu com ela tem o
 dedo de sua mãe que não soube conversar e lhe explicar que a vida tem obstáculos, e não é para jogar o carro neles...faltou a
 presença de suas irmãs que são mais velhas e poderiam ter dado mais suporte à sua experiência juvenil, porque afinal, quem
 nunca foi jovem?...faltou amor...AMOR À O QUE A VIDA TEM PARA DAR...eu e minha irmã sentimos muito...mas não podemos fazer
 mais nada. Alerta aos jovens: não saia por aí "revoltadinho (a)" só porque alguém pregou uma peça em vc...ou sua melhor amiga
 ou amigo provaram que não eram nada do que vc pensava...nem acelera o seu carro porque vc não admite perder...não se mate
 por causa disso...e nem por ninguém...e nem por nada...viva a vida!
 Responder · 1 · Curtir · Seguir publicação · 14 de Agosto às 13:22

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

Gostou? 1 Citar



- 1 de set

achei aqui <http://www.maisgoias.com.br/noticias/cidade/2012/6/30/25597.html?Morte+de+Gabriela+Silva+Rodrigues+deixa+familia+desolada>

Gostou? Citar



- 1 de set

DEP

Gostou? Citar

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder

ver todos os tópicos

primeira

< anterior

6 de 9

próxima >

última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar



buscar buscar



Profiles de Gente Morta
1.366 membros

comunidade



membros

Ações


- Deixar comunidade
- Seguir comunidade
- Criar tópico
- Criar enquete
- Denunciar abuso

+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.


Denunciar spam

Responder


primeira < anterior 8 de 9 próxima > última

- 


- 3 de set
<http://www.youtube.com/watch?v=QJMJdKsjs c&feature=plcp>
<http://www.youtube.com/watch?v=uolIH2h6fW&feature=endscreen&NR=1>
 Gostou? ▾ Citar
- 

- 3 de set
 Enfim...DEP!
 Gostou? ▾ 1 Citar
- 

- 8 de set
 Alguém sabe dizer quais foram os resultados dos exames toxicológico e de alcoolemia?? O IML deu um prazo de 1 mês, o qual já se esgotou dia 31/08.
 Gostou? ▾ Citar
- 

* - 8 de set
 Muito linda DEP
 Gostou? ▾ 1 Citar
- 

- 9 de set
- <https://www.youtube.com/watch?v=dOyQN3CFKKE&feature=relmfu>
 Gostou? ▾ 1 Citar
- 

- 25 de set
 Perfil dela no facebook foi deletado...
 Gostou? ▾ Citar
- 

- 26 de set
 Perfil dela no facebook foi deletado...
- Desencana brother..pqp...kkkkkkkkkk
 Gostou? ▾ Citar
- * ... - 26 de set
 Nossa que menina linda....DEP

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

Gostou? 1 Citar



30 de set
30 de setembro de 2012 - 2 meses sem Gabi : '(
Gostou? Citar



1 de out
2 meses sem a namorada do Thiago
Gostou? Citar

[Responder](#)[ver todos os tópicos](#)[primeira](#) < [anterior](#) 8 de 9 [próxima](#) > [última](#)

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

[acesse orkut.com](#) | [sobre o orkut](#) | [blog](#) | [desenvolvedores](#) | [central de segurança](#) | [privacidade](#) | [termos de uso](#) | [anunciar](#) | [ajuda](#) desenvolvido por Google

21/12/12

orkut - + Gabriela Rodrigues + Acidente

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Noticias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair



Home Perfil scraps Comunidades

buscar



+ Gabriela Rodrigues + Acidente - 81 respostas.

primeira < anterior 9 de 9 próxima > última



[Redacted] - 2 de out

2 meses sem a namorada do Thiago

Ah se eu a tivesse conhecido e sido merecedor ao menos de um olhar e um sorriso dela! Faria qualquer coisa por isso!

Gostou?

ver todos os tópicos

primeira < anterior 9 de 9 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



enquetes

membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

05/01/13

orkut - †Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Perfiles de Gente Morta

1.407 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade
Seguir comunidade
Criar tópico
Criar enquête
Denunciar abuso

†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca - 28 respostas.

Denunciar spam

Responder Compartilhar

primeira < anterior 1 de 3 próxima > última

X

- 24/08/2012

†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca

facebook:

<http://www.facebook.com/angelita.angel.carol>

notícia:

Aluna morre em sala de aula da FMU à espera de socorro

Estudante passou mal e só foi socorrida por bombeiros após 40 minutos

Uma estudante de 28 anos morreu na noite desta quinta-feira no campus do Itaim Bibi das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). **Angelita Pinto** agonizou por 40 minutos até a chegada de uma ambulância do Corpo de Bombeiros. Ela começou a passar mal por volta das 21h30 na sala de aula. Quando os bombeiros chegaram, já era tarde demais. A estudante, segundo parentes, sofria de arritmia cardíaca e havia um mês que não tomava medicamentos.

O marido da universitária, José Carlos dos Santos, ao chegar na faculdade, foi informado pelos bombeiros, por colegas de Angelita e por policiais que não havia médico e enfermeira naquele momento na instituição. Ao ser indagado sobre o que a direção da faculdade disse, José Carlos afirmou: "Meus sentimentos", foi apenas o que me passaram. Eles não deixaram colegas socorrerem minha mulher. Os bombeiros chegaram depois de 42 minutos. A gente vai entrar com processo, pois isso não pode ficar assim. Foi praticamente um homicídio", desabafou.

O caso foi registrado no 14º Distrito Policial, de Pinheiros, pelo delegado Pedro Ivo, como morte suspeita e omissão de socorro, pois, segundo o delegado, a faculdade deveria ter realizado por meios próprios os primeiros socorros, o que não ocorreu. A extensão do percurso feito de carro até o Hospital São Luiz, localizado na Rua Doutor Alceu de Campos Rodrigues, no mesmo bairro, é de cerca de 2 quilômetros.

Angelita cursava o primeiro semestre do curso de Ciências Contábeis. Santos informou também que a aluna reclamou a uma colega que não estava se sentindo bem e, sem seguida, desmaiou. Ao chegarem à sala de aula onde a estudante estava, os bombeiros ainda tentaram reanimá-la com massagem cardíaca, mas ela já estava morta. Além do marido, Angelita deixa uma filha de 10 anos de idade.

<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/aluna-morre-em-sala-de-aula-da-fmu-a-espera-de-socorro>

Gostou? ▾ Citar

Popular

Ver mais respostas populares

X

- 25/08/2012

Gente triste esse caso..

**Moro do lado dessa Faculdade,inclusive no dia do acontecido meu marido chegou e disse que tinha acontecido alguma coisa na Faculdade,como moramos em prédio vimos a movimentação,mais como era dia de quinta-feira e sempre tem bebidas,zueira entre eles e praticamente o FDS deles começam na quinta,jamais pensei que fosse algo mais sério..Na manhã seguinte,qndo fui a padaria ,estava o carro de reportagem da Globo e Record,minha vizinha tava conversando com o segurança da FMU,passsei por eles dei bom dia,e fui embora,logo em seguida ela veio atras de mim,e contou o acontecido..Nossa que tristeza..Gente,existe 2 hospitais bem prox da Faculdade,tem um que ñ dá 3 minutos de carro,o outro deve ser no max 10 minutos de distância acredito que nem isso..Como ficaram aguardando por mais de 40 minutos o socorro??Tá na cara que é omissão isso aí..Outra coisa,é o fato do médico ter suspenvido a medicação,será que foi o médico mesmo??Tudo isso tem que ser averiguado..Tudoo!!
Força aos familiares..**

Gostou? ▾ 3 Citar

X

- 24/08/2012

Vídeos de Reportagens:

<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/08/estudante-morre-dentro-da-sala-de-aula-em-faculdade-em-sao-paulo.html><http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/estudante-morre-dentro-de-faculdade-apos-passar-mal-e-nao-receber-socorro-2012-0824.html>

Gostou? ▾ Citar

X

- 24/08/2012

DEP

Gostou? ▾ Citar

05/01/13

orkut - †Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca



- 24/08/2012

Pro caso do perfil no facebook ser deletado, eis o "print":
<http://imageshack.us/photo/my-images/254/angellitapinto.jpg/>

Gostou? 1 Citar



- 24/08/2012

orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=7394969424041342781>

Gostou? Citar



- 24/08/2012

Coitadinha.... fico la agonizando... esperando, e o socorro... cadê??? Meu Deus!

DEP

Gostou? Citar



- 24/08/2012

DEP

Acabei de ver a reportagem no Balanço geral

=/

Gostou? Citar



- 24/08/2012

Também, suspender medicamento pra arritmia é tenso, né?!

O marido conta que há cerca de um mês Angelita havia parado de tomar um medicamento para o problema de arritmia, que tinha desde criança. Ainda segundo Santos, o problema não era grave e não exigia intervenção cirúrgica. Como o remédio começou a provocar reações adversas e ela se sentia melhor, o médico disse que ela poderia suspender a medicação sem prejuízo para sua saúde. "Era um remédio fraquinho porque não era tão forte a arritmia dela, mas de um tempo pra cá ela não estava precisando mais. Ela estava levando uma vida normal", declarou.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/08/marido-de-aluna-morta-em-sala-de-aula-diz-que-vai-processar-faculdade.html>

Suspender o remédio não deu certo, não é, doutor?! ☹

Gostou? 1 Citar



- 24/08/2012

Como é que vc acham o perfil do orkut/facebook dos falecidos tão rápido, hien? kkk

Gostou? 1 Citar

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 1 de 3 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

[acesse orkut.com](#) | [sobre o orkut](#) | [blog](#) | [desenvolvedores](#) | [central de segurança](#) | [privacidade](#) | [termos de uso](#) | [anunciar](#) | [ajuda](#) desenvolvido por [Google](#)

05/01/13

orkut - †Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Perfiles de Gente Morta

1.407 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca - 28 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 2 de 3 próxima > última

X

[Redacted] - 24/08/2012

Como é que vc acham o perfil do orkut/facebook dos falecidos tão rápido, hien? kkk

Tbm fiquei de cara com a rapidez da galera da comu...=D

Gostou? ▾ 0 Citar

X

[Redacted] - 24/08/2012

Acho que **TODAS** as faculdades, escolas em geral e empresas deveriam ter um ambulatório equipado para casos de urgência. Isso deveria ser **LEI** nesse país. Mais uma vida perdida por negligência . DEDEP!

Gostou? ▾ 3 Citar

X

[Redacted] - 24/08/2012

Como é que vc acham o perfil do orkut/facebook dos falecidos tão rápido, hien? kkk

Neste caso específico, primeiro procurei (no Facebook) pelo óbvio: o nome como citado nos jornais (Angelita Pinto). Dentre tantas ocorrências, nenhuma batia com as fotos dos jornais, então me ocorreu (por intuição) que ela poderia ter decidido usar parte do prenome (Angel) como sobrenome (Angelita Angel) - acertei na mosca! hehehehe.. No Orkut ela usou o mesmo nome, então foi fácil. 😊

Gostou? ▾ 1 Citar

X

[Redacted] 24/08/2012

Lá mesmo na faculdade deviam ter prestado os primeiros socorros, talvez ela estivesse viva, e cabe processo sim na faculdade e no médico que autorizou a suspensão do medicamento, para averiguação, muito triste morrer na sala de aula e ninguém ajudar, também faço faculdade e não é nada fácil..

Gostou? ▾ Citar

X

[Redacted] 24/08/2012

Linda ela. DEP.

Gostou? ▾ Citar

X

[Redacted] - 24/08/2012

O Complexo Educacional FMU lamenta, com muito pesar, o ocorrido na noite de 23/08, no campus Itaim Bibi, com a aluna, Angelita Pinto Simões Caldas, do curso de Ciências Contábeis e presta os seguintes esclarecimentos:

- **19h15:** Angelita chega ao campus para assistir aula.
- **20h40:** Após assistir a primeira aula, a aluna sai para o intervalo.
- **20h45:** No intervalo de aula, a aluna comenta com colegas de classe e com o professor que estava cansada, pois havia dormido pouco na noite anterior e relata ainda que tinha se alimentado de forma inadequada.
- **21h:** Todos os alunos retornaram para sala de aula, inclusive Angelita.
- **21h37:** Roberta Lima notou que sua amiga não estava passando bem. Nesse momento o professor foi ao encontro de Angelita e verificou que a mesma se encontrava em estado de mal súbito e imediatamente se deslocou para a administração do campus para pedir socorro.
- **21h40:** Foi acionado simultaneamente pela FMU o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar e o SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.
- **21h51:** O Corpo de bombeiro, que já estava no local, iniciou os primeiros atendimentos.
- **22h05:** Chegada do SAMU no local da ocorrência.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/08/fiquei-desesperada-diz-amiga-sobre-socorro-juvem-que-morreu-em-aula.html>

Gostou? ▾ Citar


www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=122228887&tid=5780149949504406314&na=3&npr=2...

1/2

05/01/13




orkut - †Angelita Pinto† Arritmia Cardiaca

 - 24/08/2012
dep
Gostou?   Citar

 - 25/08/2012
Gente triste esse caso..

*Moro do lado dessa Faculdade,inclusive no dia do acontecido meu marido chegou e disse que tinha acontecido alguma coisa na Faculdade,como moramos em prédio vimos a movimentação,mais como era dia de quinta-feira e sempre tem bebidas,zueira entre eles e praticamente o FDS deles começam na quinta,jamais pensei que fosse algo mais serio..Na manhã seguinte,qndo fui a padaria ,estava o carro de reportagem da Globo e Record,minha vizinha tava conversando com o segurança da FMU,passai por eles dei bom dia,e fui embora,logo em seguida ela veio atras de mim,e contou o acontecido..Nossa que tristeza..Gente,existe 2 hospitais bem prox da Faculdade,tem um que ã dá 3 minutos de carro,o outro deve ser no max 10 minutos de distância acredito que nem isso..Como ficaram aguardando por mais de 40 minutos o socorro??Tá na cara que é omissão isso ai..Outra coisa,é o fato do médico ter suspenoido a medicação,será que foi o médico mesmo??Tudo isso tem que ser averiguado..Tudoo!!
Força aos familiares..*


Gostou?   Citar

 - 25/08/2012
Ehhh eles são ótimos !!!!!!!
Gostou?   Citar

 - 25/08/2012
DEP
Gostou?   Citar

[Responder](#) [ver todos os tópicos](#)

[primeira](#) [< anterior](#) [2 de 3](#) [próxima >](#) [última](#)

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

[acesse orkut.com](#) | [sobre o orkut](#) | [blog](#) | [desenvolvedores](#) | [central de segurança](#) | [privacidade](#) | [termos de uso](#) | [anunciar](#) | [ajuda](#) desenvolvido por [Google](#)

05/01/13

orkut - †Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar

**Perfiles de Gente Morta**

1.407 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

†Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca - 28 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 3 de 3 próxima > última

X

- 25/08/2012

Corpo de estudante é sepultado em SP

Angelita Caldas, de 28 anos, morreu após sofrer um mal súbito dentro do campus da FMU, em São Paulo

O corpo da estudante [Angelita Pinto Simões Caldas](#) foi sepultado no cemitério Horto da Paz, em Itapeperica da Serra, na Grande São Paulo, na tarde desta sexta-feira. Angelita morreu após sofrer um mal súbito na noite desta quarta-feira dentro do campus da FMU, em São Paulo.

O caso foi registrado na polícia como omissão de socorro. O marido da vítima afirmou que o resgate demorou mais de 40 minutos para chegar ao local. A Secretaria Municipal de Saúde informou, no entanto, que o chamado de socorro foi feito às 21h46 e a ambulância chegou às 22h05.

Ainda segundo a pasta, a atendente passou todo o período na linha, dando instruções para a pessoa que solicitou o socorro.

Mais cedo, o Corpo de Bombeiros afirmou que o atendimento a aluna demorou cerca de sete minutos. Segundo a corporação, o chamado ocorreu às 21h49, e a chegada da viatura às 21h56.

A morte de Angelita foi constatada ainda no local. Em nota, a FMU lamentou o ocorrido e informou que está dando todo o apoio a família da estudante.

<http://www.band.com.br/noticias/cidades/noticia/?id=100000527998>

Finalmente, surgiu o nome completo da vítima. 🙄

Gostou? ▾ Citar

X

- 25/08/2012

Grupo protesta em frente à faculdade onde aluna morreu

Um grupo de estudantes protestou, na noite desta sexta-feira, em São Paulo, em frente à faculdade onde a estudante [Angelita Pinto Simões Caldas](#), 28 anos, morreu após passar mal. De acordo com a Polícia Militar, cerca de 50 pessoas participaram do ato, que foi realizado de forma pacífica. Segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), o trânsito na região não sofreu interrupções devido ao protesto.

<http://www.tribunahoje.com/noticia/37643/brasil/2012/08/25/grupo-protesta-em-frente-a-faculdade-onde-aluna-morreu.html>

Gostou? ▾ Citar

X

- 25/08/2012

Reportagem da Band:

<http://www.youtube.com/watch?v=ijRJKOYQ7Q>

Gostou? ▾ Citar

X

- 25/08/2012

DEP

Gostou? ▾ Citar

- 26/08/2012

05/01/13

orkut - †Angelita Pinto† Arritmia Cardíaca



Coitadinha.... fico la agonizando... esperando, e o socorro... cadê??? Meu Deus!

DEP

quem disse que ela agonizou 40 min, gente? o socorro demorou 40 min, ninguem pode afirmar o tempo que ela sofreu e se sofreu. Fica a dica. DEP

Gostou? Citar



26/08/2012

completando meu pensamento, ela tinha 4 min (os minutos para iniciar atendimento e tentar reverter uma parada cardio) e qdo o professor viu o que aconteceu deveriam ter o equipamento LA MESMO na faculdade e gente treinada para socorrer, fato. Mas.....

prefiro acreditar que cumpru sua missao aqui nessa terra de provas.

Gostou? 2 Citar



- 27/08/2012

ehhhh o pessoal daki é bom, mesmo!! Acha rapinhoooooooo...só tem feraaaaa

Gostou? 1 Citar



- 27/08/2012

Novo Vídeo de Reportagem:

<http://s.videos.globo.com/p2/player.swf?autoStart=false&midiaId=2108685>
(link direto pro vídeo)

[Vídeo mostra demora para atender estudante que morreu em faculdade](#)

Socorro chegou 40 minutos após ela passar mal.
Samu, Corpo de Bombeiros e faculdade desmentem lentidão.

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/08/video-mostra-demora-para-atender-estudante-que-morreu-em-faculdade.html>

Gostou? Citar

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 3 de 3 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.



buscar



Perfiles de Gente Morta

1.407 membros

comunidade



membros

Ações

- Deixar comunidade
- Seguir comunidade
- Criar tópico
- Criar enquete
- Denunciar abuso

† Aline Zapora†Assassinada - 29 respostas.

primeira < anterior 1 de 3 próxima > última

X [redacted] - 31/05/2012

† Aline Zapora†Assassinada

Facebook:<http://www.facebook.com/profile.php?id=100003598735558>
<http://www.facebook.com/profile.php?id=100003739820589>
<http://www.facebook.com/profile.php?id=100000417794486>

Um assassinato brutal, de uma jovem de 16 anos, movimentou a madrugada desta quinta-feira, em Jaraguá do Sul. Aline Zapora foi morta com mais de 30 facadas por um homem de 22 anos, que foi morto pela Polícia Militar. O crime ocorreu na rua Felistrino Machado, no bairro Vieira.

Era por volta da 1 hora da madrugada quando a irmã da vítima escutou gritos da quitinete onde a jovem morava. Ao ir no local, ela viu algumas marcas de sangue na parede e companheiro da vítima, Mauro Sérgio Santos Nascimento, 22 anos, com uma faca nas mãos. Ele teria partido para cima da moça, que conseguiu fugir e chamar a Polícia Militar.

Ao chegarem ao local, os policiais encontraram a porta da quitinete trancada e arrombaram a porta. Ao entrarem no imóvel, encontraram Mauro Sérgio no local e a vítima morta. Segundo relatório da PM, ele teria partido para cima dos policiais com a faca. Os militares revidaram com cerca de seis tiros contra o agressor.

Ele foi atingido no peito e depois levado para o Hospital São José, mas não resistiu aos ferimentos e morreu durante a madrugada. A vítima, de 16 anos, foi encontrada morta deitada num dos cômodos da moradia. O corpo foi levado para o IML de Jaraguá do Sul.

<http://www.ocorreiodopovo.com.br/seguranca/jovem-de-16-anos-e-brutalmente-assassinada-em-jaragu-do-sul-5239750.html>

Gostou? ▾

Popular

[Ver mais respostas populares](#)

- X** [redacted] 01/06/2012
- Com 16 anos eu ia no "shopeeennn", jogava vôlei, só paquerava os gatinhos, pensava só no vestibular, festinhas, será q o mundo tá tão evoluído a ponto de me chocar tanto um caso desses? E olhe q me considero moderna...será q havia maturidade nessa relação?
- [redacted] mostrar mais
- Gostou? ▾ 5
-
- X** [redacted] - 31/05/2012
- Aline Zapora** amo muito esse homen
18 de Maio às 19:42
- Thaynara Aparecida amava prima..hoje ela morreu com 35 facadas ele matou ela...indabm q ele morreu..alaine eu tiamo...vms senti saudades...tamos muito baladas e chorando
- há 7 minutos
- Gostou? ▾
-
- X** [redacted] - 31/05/2012
- Link da foto c/ os comentários acima:**
- <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=131050467029613&set=a.111201909014469.12904.100003739820589&type=3&theater>
- Gostou? ▾
-
- X** [redacted] - 31/05/2012
- DEP
- Gostou? ▾
-
- X** [redacted] - 31/05/2012
- DEP
- Gostou? ▾
-
- X** [redacted] - 31/05/2012
- PASSIONAL
- Gostou? ▾
-
- [redacted] - 01/06/2012
- dep

05/01/13

orkut - † Aline Zapora†Assassinada



Gostou? Citar



- 01/06/2012

Ele com 22, ela com 16. Desperdiçou a vida dela e a dele, possivelmente por ciúmes. Babaca.

Gostou? Citar



- 01/06/2012

Precisava de tantas facadas? Que brutalidade....DEDEP!

Gostou? Citar



- 01/06/2012

é 16 anos... q coisa!
q ela dep.

Gostou? Citar

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 1 de 3 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

[acesse orkut.com](#) | [sobre o orkut](#) | [blog](#) | [desenvolvedores](#) | [central de segurança](#) | [privacidade](#) | [termos de uso](#) | [anunciar](#) | [ajuda](#) desenvolvido por Google

05/01/13

orkut - † Aline Zapora†Assassinada

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profis de Gente Morta

1.407 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

† Aline Zapora†Assassinada - 29 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 2 de 3 próxima > última

X

[redacted] - 01/06/2012

que horror parece que tanto ele como ela naum tinha nda na cabeça né?
dep

Gostou? ▾ 1 Citar

X

[redacted] 01/06/2012

Relacionamentos hj em dia estão cada vez piores, 30 facadas, o cara deveria estar totalmente fora de si,

DEP

Gostou? ▾ 2 Citar

X

[redacted] - 01/06/2012

Triste estatística,16 anos...para o mundo q eu quero descer...DEP

Gostou? ▾ Citar

X

[redacted] - 01/06/2012

Com 16 anos eu ia no "shopeeeennn", jogava vôlei, só paquerava os gatinhos, pensava só no vestibular, festinhas, será q o mundo tá tão evoluído a ponto de me chocar tanto um caso desses?E olhe q me considero moderna...será q havia maturidade nessa relação?

Gostou? ▾ 5 Citar

X

[redacted] - 01/06/2012

Com 16 anos tbm ia no shopping, saia pra comer lanche com as amigas, morria de vergonha de conversar com alguns meninos da escola e ja trabalhava... hoje o mundo ta perdido, DEP

Gostou? ▾ 3 Citar

X

[redacted] 01/06/2012

Na quarta-feira foram registrados seis boletins de ocorrência na Delegacia da Mulher, em Jaraguá do Sul. Um deles foi de Aline Zapora, 16 anos. Conforme a delegada Milena de Fátima Rosa, naquele dia anterior ao crime, Aline havia relatado que vinha sofrendo constantes agressões por parte do companheiro Mauro Sérgio Santos Nascimento, 21.

A jovem relatou que o casal discutia, mas nunca procurou a polícia para fazer a denúncia. A delegada diz que foram realizados os procedimentos normais para esse tipo de caso. Por ser menor de idade, ela foi encaminhada ao Conselho Tutelar para fazer o corpo de delito.

Os exames estavam marcados para ontem. "Como não havia registros anteriores das ameaças, não foi necessário solicitar medida protetiva de urgência", explica a delegada. Esses procedimentos seriam a retirada do possível agressor do lar e também a delimitação de uma distância mínima entre eles.

<http://www.ocorreiodopovo.com.br/seguranca/jovem-morta-havia-denunciado-o-namorado-dia-anterior-ao-crime-6749817.html>

A facionista Priscila Gross, 25 anos, que mora na casa ao lado onde ocorreu o crime, conta que Nascimento aparentava ser ciumento, mas isso não impedia que passasse a impressão de tranquilidade. Priscila ouviu os pedidos de socorro da vizinha Aline durante a madrugada. "Quando meu marido pensou em ligar para a polícia, os policiais chegaram", afirmou.

<http://www.ocorreiodopovo.com.br/seguranca/novas-informacoes-sobre-a-jovem-de-16-anos-morta-brutalmente-5239750.html>

Gostou? ▾ Citar

X

[redacted] - 01/06/2012

DEP

Gostou? ▾ Citar

[redacted] - 01/06/2012

Já que é para falar dos nossos "16 anos", quando eu tinha 16 anos, ia ao mercadinho do turco, ao bar do seu Zé e à padaria

05/01/13

orkut - † Aline Zapora†Assassinada
do portuga. Não havia shopping, hipermercado, mc'donald.
Gostou? ▾  Citar



Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder ver todos os tópicos primeira < anterior 2 de 3 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar cancelar

05/01/13

orkut - † Aline ZaporatAssassinada

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profiles de Gente Morta

1.407 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade
 Seguir comunidade
 Criar tópico
 Criar enquete
 Denunciar abuso

† Aline ZaporatAssassinada - 29 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 3 de 3 próxima > última

X [redacted] - 01/06/2012
 Ah, ia me esquecendo, também comia uma buchada de bode no bar do ceará.
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 02/06/2012
 Ele era ciumento, desequilibrado, e ela pelo visto, não estava nem aí p/ isso. Deu no que deu!
 Só nos resta dar DEP!
 [redacted]
 Gostou? ▾ 1 Citar

X [redacted] 04/06/2012
 é.. e os pais? que responsabilidade deixar uma guria de 16 anos ir morar com um carinha desses..
 alias, com qualquer um, isso não é idade pra tá saindo de casa com homem, era responsabilidade dos pais pois ela era menor,
 acho que eles deveriam responder por isso tbm..
 dep
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] 04/06/2012 -, ↘
 DEP
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] 06/06/2012
 Aline Zapora
 quero pegar todos os homens que eu puder
 Compartilhar · 9 de Abril às 15:24 ·
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] 06/06/2012
 parece q ela provocava tbm
 Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 12/06/2012
 Uauuuuuuuuuu, ela provocava 30 facadas? doente isso cada um no seu quadrado, isso é ser maduro, aos 16 (se é pra contar tb), eu já namorava sim, trabalhava, estudava, povo parece que nasceu santo., ele era doente só isso, triste, mas é a realidade, tem de montes aí, e enquanto continuarem se calando haverá mas. E fora, que sempre falo, olha com quem andas, que direi quem és.
 Gostou? ▾ Citar

Responder ver todos os tópicos

primeira < anterior 3 de 3 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar cancelar

acesse orkut.com | sobre o orkut | blog | desenvolvedores | central de segurança | privacidade | termos de uso | anunciar | ajuda desenvolvido por Google

21/12/12

orkut - † Meryene Davassi † Suicídio

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair



Home Perfil scraps Comunidades

buscar [input type="text"] buscar



† Meryene Davassi † Suicídio - 40 respostas.

Denunciar spam

Responder Compartilhar

primeira < anterior 1 de 4 próxima > última

[X] [redacted] seus perfis do Google+ e do Orkut para compartilhar isto.

[X] † Meryene Davassi † Suicídio

Link da notícia =>

<http://www.noticentro.com.br/index.php?sec=noticias&funcao=vernoticia&id=18186>

Vídeo do resgate => http://www.youtube.com/watch?v=mk75f6UKvSc&feature=player_embedded

Perfil => <http://www.facebook.com/meryene.davassi>

Gostou? ▾ 1 Citar

Popular

Ver mais respostas populares

Perfiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

[X] [redacted] - 12 de set

Meu pai suicidou-se a 5 anos...Se enforcou...Ele perdeu o emprego e sua ex-mulher(que não é a minha mãe) sabendo da situação dele ainda entrou na justiça pedindo pensão,depois q ele foi preso e ficou 1 mes na cadeia saiu depressivo, mas não demonstrava e assim ficou difícil para nós detectar a depressão. No domingo ele saiu se despediu de todos os amigos e na segunda se enforcou...Foi e ainda é difícil pra mim e para minha avó e avô....="(

[redacted] mostrar mais

Gostou? ▾ 7 Citar

[X] [redacted] - 8 de set

DEP

Gostou? ▾ Citar

[X] [redacted] - 8 de set

ela fez o certo mesmo , depois de perder a coisa mais preciosa e q ela amava , qual o sentido de continuar a viver ? um vazio tao grande , nao havia mais nada e nenhuma motivo p ela lutar e continuar vivendo , nada nessa bosta mundo odiavel vale a pena tirando as pessoas q gente ama . se tem uma coisa q ainda me segura p nao cometer esse ato sao as poucas q ainda valem a pena , mas se elas nao estiverem p nao terei mais nenhum motivo p viver essa droga de vids nesse mundo asqueroso e nojento

[redacted] Gostou? ▾ 3 Citar

[X] [redacted] 8 de set

Moça linda, sorrisoencantador! DEP

Gostou? ▾ Citar

[X] [redacted] - 8 de set

Video que ela mesmo postou no youtube

21/12/12

orkut - † Meryene Davassi † Suicídio

Gostou? Citar



- 8 de set
Vixiiii.....=/

DEP

Gostou? Citar



- 8 de set

DEP

Gostou? Citar



- 8 de set
menina lindinha e meiga, deve ter doído demais ficar sem a vizinha que papai de ceu promoveva esse encontro.

Gostou? 3 Citar



- 8 de set

DEP

Gostou? Citar



- 8 de set

Tragédia!

Gostou? Citar

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 1 de 4 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

21/12/12

orkut - † Meryene Davassi † Suicídio

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair



Home Perfil scraps Comunidades

buscar buscar



† Meryene Davassi † Suicídio - 40 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 2 de 4 próxima > última



[Redacted] - 8 de set

Nossa,mas o que anda acontecendo com as pessoas...
Se não me engano,Matão é onde mais se ocorre suicídio..não sei onde fica,alguém sabe?
Lembrei desse caso,que fiquei morrendo de pena dela,faz uns anos já...mas será que é a mesma cidade?
DEP

<http://portal3.process.com.br/novo/modules.php?name=News&file=article&sid=15992>

Gostou? ▾ Citar



[Redacted] - 8 de set

Essa de morrer e ir se "encontrar" com o falecido não existe,ela passará por um longo e penoso processo.
Qualquer religião é totalmente contra suicídio,é como querer andar de quatro,seria impossível.
Que Deus tenha misericórdia dessa menina.

Gostou? ▾ 7 Citar



[Redacted] 9 de set

Nossa que gatinha!

Uma pena

D.E.P



Gostou? ▾ Citar



[Redacted] - 9 de set

Essa de morrer e ir se "encontrar" com o falecido não existe,ela passará por um longo e penoso processo.
Qualquer religião é totalmente contra suicídio,é como querer andar de quatro,seria impossível.
Que Deus tenha misericórdia dessa menina.

o que voce disse é triste mas é real ... o umbral será o primeiro encontro dela no outro plano e só depois de muito tratamento espiritual que ela passará pro plano espiritual ... mas reencarnará rapido e com um karma bastante difícil ... pode até ser pior que esse que ela levava e nao soube entender ...
uma melhor amiga minha cresceu sem pai nem mae ... a mae abandonou ela quando tinha 5 anos ... e essa menina sempre lutou sozinha sem ninguém,pra conseguir as coisas ... trabalhar,estudar,ter fé ... e nem por isso jogou tudo pro alto e tirou a vida dela ... mas infelizmente essa vida é uma merda e nem todo mundo consegue ter a força suficiente pra encarar e ficar nela ... é triste ... que ela DEP.

Gostou? ▾ 2 Citar



[Redacted] - 9 de set

DEP

Gostou? ▾ Citar



[Redacted] - 9 de set

Gostou? ▾ 1 Citar

Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



vídeos

membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

21/12/12

orkut - † Meryene Davassi † Suicídio

X [Redacted] - 9 de set
Que Deus a tenha em bom lugar!
Gostou? ▾ 0 Citar

X [Redacted] - 9 de set
Já imaginaram se ela sobrevive e fica paraplégica? la ficar em uma cadeira de rodas sem poder se mover...ia sofrer dobrado. Se é para se matar, que o suicídio seja certo. Ficar com sequelas é sofrer mais. Lembrar que você foi o causador de sua própria tragédia. Que ela um dia encontre a luz...
Gostou? ▾ 1 Citar

X [Redacted] - 9 de set
[Redacted]
Nossa,mas o que anda acontecendo com as pessoas...
Se não me engano,Matão é onde mais se ocorre suicidio...não sei onde fica,alguém sabe?
Lembrei desse caso,que fiquei morrendo de pena dela,faz uns anos já...mas será que é a mesma cidade?
DEP

<http://portal3.process.com.br/novo/modules.php?name=News&file=article&sid=15992>

Link NÃO encontrado!!!
Gostou? ▾ 1 Citar

X [Redacted] - 9 de set
[Redacted] 09/09/2012 22:04:31
X [Redacted]
[Redacted]
Nossa,mas o que anda acontecendo com as pessoas...
Se não me engano,Matão é onde mais se ocorre suicidio...não sei onde fica,alguém sabe?
Lembrei desse caso,que fiquei morrendo de pena dela,faz uns anos já...mas será que é a mesma cidade?
DEP

<http://portal3.process.com.br/novo/modules.php?name=News&file=article&sid=15992>

Link NÃO encontrado!!!

Com 36 anos, Maria Cristina Bigal Gorgatti, que tinha dado luz a uma menina linda no último dia 19 e completaria 37 no dia 26 de novembro, morreu e seu falecimento entristece a cidade.

Tina estava depressiva por causa da perda do marido e estava sendo tratada (como em toda a sua vida) com carinho pela família, mas infelizmente não conseguiu driblar a dor e se suicidou.

O pai, Lauro, acordou na madrugada desta quarta-feira por volta de 4h e escutou o bebê chorando. Ele foi ver o que estava acontecendo e se deparou com a filha pendurada em uma corda, no banheiro.

Ele a arrancou do local e fez massagem peitoral, tentando reanima-la, mas foi em vão. Filha de uma família extraordinária, em todos os aspectos, Tina, que sempre foi (e será) uma das mais lindas mulheres de Matão, deixa milhares de amigos e admiradores.

Ela que sempre esbanjou vigor, alegria, simpatia e educação, não resistiu a esta doença que infelizmente atinge muita gente, inclusive as perfeitas. Matão chora com sua morte, mas jamais esquecerá esta filha ilustre.

Mesmo em meio a essa tragédia, este repórter foi até a residência de Lauro, pouco depois da tragédia anunciada e foi recebido com educação, um hábito da família Gorgatti.

Tina pôde se orgulhar de ter pais maravilhosos, irmãs na concepção da palavra: Bel e Heloísa, demais familiares e amigos. Seu rosto jamais será esquecido. Peço desculpas por misturar o lado profissional na descrição da matéria com o pessoal, mas é impossível deixar de citar um pouco dos bons momentos vividos por ela junto à sua família e amigos.

A Polícia Científica esteve no local e realizou a perícia. O cabo Torryan e soldados Coutinho, Marcos Antônio e Dosvaldo preservaram o local e registraram o fato trágico.
Com certeza, ela tem cadeira cativa ao lado de Deus.

[Redacted]
Gostou? ▾ 3 Citar

Responder ver todos os tópicos primeira < anterior 2 de 4 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar cancelar

21/12/12

orkut - † Meryene Davassi † Suicídio

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Noticias Gmail Disco Mais ▾

proglhof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

† Meryene Davassi † Suicídio - 40 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 3 de 4 próxima > última

X [redacted] - 10 de set
eu consegui ver o link ... que pena dessa moça Maria Cristina também :(

Gostou? ▾ 1 Citar

X [redacted] - 10 de set
DEP

Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 10 de set
Corajosas!!! 😊

Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 11 de set
Caramba, quantas pessoas voltaram do Umbral?
Como podem afirmar q realmente existe?
DEP, Deus é pai misericordioso, não deixaria um filho seu sofrendo nas "trevas".

Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 11 de set
ela fez o certo mesmo , depois de perder a coisa mais preciosa e q ela amava , qual o sentido de continuar a viver ? um vazio tao grande , nao havia mais nada e nenhuma motivo p ela lutar e continuar vivendo , nada nessa bosta mundo odiavel vale a pena tirando as pessoas q gente ama . se tem uma coisa q ainda me segura p nao cometer esse ato sao as poucas q ainda valem a pena , mas se elas nao estiverei p nao terei mais nenhum motivo p viver essa droga de vids nesse mundo asqueroso e nojento

CONCORDO

Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 11 de set
DEP

Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 11 de set
Já imaginaram se ela sobrevive e fica paraplégica? la ficar em uma cadeira de rodas sem poder se mover...ia sofrer dobrado. Se é para se matar, que o suicídio seja certo. Ficar com sequelas é sofrer mais. Lembrar que você foi o causador de sua própria tragédia. Que ela um dia encontre a luz...

POIS EHHH.....O PERIGO DO ENFORCAMENTO EH ESSE : AO INVÉS DE MORRER ESTÁ ARRISCADO VC FICAR EH PARAPLÉGICOOOOO...AEEEE, FUD... !!!

Gostou? ▾ Citar

X [redacted] - 11 de set
<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=52327&tid=5786604671160433633>

Gostou? ▾ Citar

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

Responder

ver todos os tópicos

primeira < anterior 3 de 4 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar

cancelar

acesse orkut.com | sobre o orkut | blog | desenvolvedores | central de segurança | privacidade | termos de uso | anunciar | ajuda desenvolvido por Google

www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=122228887&tid=5785795056442189313&na=3&npr=3&...

1/1

21/12/12

orkut - † Meryene Davassi † Suicídio

+Você Pesquisar Mapas Play YouTube Notícias Gmail Disco Mais ▾

proghof@gmail.com | configurações | sair

orkut

Home Perfil scraps Comunidades

buscar

buscar



Profiles de Gente Morta

1.366 membros

comunidade



membros

Ações

Deixar comunidade

Seguir comunidade

Criar tópico

Criar enquete

Denunciar abuso

† Meryene Davassi † Suicídio - 40 respostas.

Denunciar spam

Responder

primeira < anterior 4 de 4 próxima > última

- X** [redacted] 12 de set
Estou a princípio apagando alguns comentários feitos aqui...
Por favor... sigam as regras... proibido ofensas...
- Se continuar sera BAN
- ▼ Mylla Vanessa Mts. Srf
Gostou? 2 Citar
-
- X** [redacted] - 12 de set
Gostou? Citar
-
- X** [redacted] - 12 de set
Isso tudo é muito triste...semana passado um rapaz suicidou-se aqui perto...casado, trabalhava, tinha filhos...Peço a Deus pra se algum caso de depressão acontecer perto de mim em alguém da familia eu saiba detectar e ajudar antes que seja tarde...
Uma menina tão linda, com tanta coisa ainda pra viver...
DEP pra moça.
Gostou? Citar
-
- X** [redacted] 12 de set
Meu pai suicidou-se a 5 anos... Se enforcou...Ele perdeu o emprego e sua ex-mulher(que não é a minha mãe) sabendo da situação dele ainda entrou na justiça pedindo pensão,depois q ele foi preso e ficou 1 mes na cadeia saiu depressivo, mas não demonstrava e assim fic ou difícil para nós detectar a depressão.No domingo ele saiu se despediu de todos os amigos e na segunda se enforcou...Foi e ainda é difícil pra mim e para minha avó e avó....='(
- Cachorro loks ▼ Mylla Vanessa Mts. Srf s2 x anye s2 mostrar mais
Gostou? 7 Citar
-
- X** [redacted] 13 de set
DEP
Gostou? Citar
-
- X** [redacted] 13 de set
DEP
Gostou? Citar
-
- X** [redacted] - 14 de set
DEP
Gostou? Citar
-
- X** [redacted] - 27 de set
formspring
<http://www.formspring.me/themeryene>
- twitter
<http://twitter.com/themeryene>
Gostou? Citar
-
- X** [redacted] 27 de set
∩ credits by me
Gostou? Citar

Responder ver todos os tópicos

primeira < anterior 4 de 4 próxima > última

Você tem sugestões ou comentários? Escreva aqui.

postar cancelar

acesse orkut.com | sobre o orkut | blog | desenvolvedores | central de segurança | privacidade | termos de uso | anunciar | ajuda desenvolvido por Google